



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE**  
**CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO - CAC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO - MDU**

**KARLA VICTÓRIA NUNES DA SILVA**

**PELAS RUAS DA CIDADE: A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO NA  
EXPERIÊNCIA DO CAMINHAR – UMA ANÁLISE EM MANAÍRA, JOÃO PESSOA-PB**

**RECIFE**  
**2023**

KARLA VICTÓRIA NUNES DA SILVA

**PELAS RUAS DA CIDADE: A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO NA  
EXPERIÊNCIA DO CAMINHAR – UMA ANÁLISE EM MANAÍRA, JOÃO PESSOA-PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra. Área de concentração: Desenvolvimento Urbano.

Orientadora: Profa. Dra. Julieta Maria de Vasconcelos Leite

Recife

2023

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

S586p Silva, Karla Victória Nunes da  
Pelas ruas da cidade: a influência do ambiente construído na  
experiência do caminhar – uma análise em Manaíra, João Pessoa-PB /  
Karla Victória Nunes da Silva. – Recife, 2023.  
229f.: il., fig.

Sob orientação de Julieta Maria de Vasconcelos Leite.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro  
de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Urbano, 2023.

Inclui referências e apêndices.

1. Ambiente construído urbano. 2. Experiência do caminhar. 3.  
Afetações. 4. João Pessoa. I. Leite, Julieta Maria de Vasconcelos.  
(Orientação). II. Título.

711.4 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-205)



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano  
Universidade Federal de Pernambuco

**Karla Victoria Nunes da Silva**

**“PELAS RUAS DA CIDADE: A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO  
NA EXPERIÊNCIA DO CAMINHAR - UMA ANÁLISE EM MANAÍRA, JOÃO  
PESSOA-PB”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 22/08/2023.

**Banca Examinadora**

Participação via Videoconferência

---

Profa. Julieta Maria de Vasconcelos Leite (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

---

Profa. Maria de Jesus de Britto Leite (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

---

Profa. Gleice Virginia Medeiros de Azambuja Elali (Examinadora Externa)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Participação via Videoconferência

---

Profa. Ethel Pinheiro Santana (Examinadora Externa)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

“Ai, ai, que bom  
Que bom, que bom que é  
Uma estrada e uma cabocla  
Cum a gente andando a pé  
Ai, ai, que bom  
Que bom, que bom que é  
Uma estrada e a lua branca  
No sertão de Canindé  
Artomove lá nem sabe se é home ou se é muié  
Quem é rico anda em burrico  
Quem é pobre anda a pé  
Mas o pobre vê nas estrada  
O orvaio beijando as flô  
Vê de perto o galo campina  
Que quando canta muda de cor  
Vai moiando os pés nos riacho  
Que água fresca, nosso Senhor  
Vai oiando coisa a grané  
Coisas qui, pra mode vê  
O cristão tem que andar a pé”

Estrada de Canindé  
(Gonzaga, 2017)

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a construção deste trabalho, seja ativamente com sugestões e guias para o caminhar, ou indiretamente, com apoio emocional e suporte na vida. Obrigada por oferecerem o que tinham para me ajudar a seguir e a chegar até aqui.

Agradeço a minha Mãe, Maria Osete, por ter me dado suporte do início ao fim, e por ter me amado todos os dias. Seu cuidado, amor e atenção me ajudam a ir longe, Mãe! Obrigada por tudo, você é minha base.

Às mulheres que o mestrado me apresentou, que me ajudaram a encontrar caminho no meio do caos. A Julieta Leite, minha orientadora, que nunca soltou minha mão e me ajudou até o fim, até quando eu via o caminho e não sabia como caminhar. A você devo minha admiração e respeito, obrigada por ser mais do que uma orientadora. A Marília Cavalcante e Rafaela Teti, que, além de colegas de mesma orientadora, se tornaram amigas e me deram apoio para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada por estarem abertas para que eu pudesse ser parte. Agradeço a Maya, Luiza e Lahys, pelas trocas nos encontros: elas também me ajudaram a trilhar meu caminho.

Aos voluntários e voluntárias desta pesquisa, por terem-na tornado possível e por terem me proporcionado um dos melhores momentos vividos enquanto conduzia esta investigação. A participação de cada um de vocês me fez feliz e me mostrou, com ainda mais clareza, a beleza de apreciar o caminho.

A Gleice Elali, Ethel Pinheiro e Maria de Jesus, que me acompanham desde a defesa do projeto e contribuíram, nela e na qualificação, para a construção desta pesquisa. Obrigada por todo conhecimento compartilhado e pela delicadeza e maestria com que o fazem.

Agradeço a Felipe, meu companheiro, por todo suporte e clarificação de visão, quando eu achei que não ia conseguir. Obrigada por me lembrar o que é importante, de que às vezes esqueço. À minha amiga Ana Carla, por ter atendido meus chamados por ajuda e ser alguém com quem posso contar. Seu apoio e o seu “ser casa” me aterram e me ajudam a caminhar.

Agradeço à minha família, por ter sido abrigo e me dado alegria nos momentos em que precisei. Em especial a Benício, por me desligar de qualquer pensamento negativo e me mostrar só o que há de bom no mundo. Ajudas que vêm de maneira indireta são importantes para nos manter firmes no caminhar. Por fim, agradeço também à CAPES, pelos dois anos de bolsa de mestrado, que me ajudaram a conduzir esta pesquisa.

## RESUMO

As várias configurações do ambiente construído em que vivemos estão constantemente a influenciar-nos, seja afetando nosso conforto físico ou nosso bem-estar psicológico. Esse entendimento foi responsável pela inquietação primeira que deu origem a esta pesquisa. O ambiente construído de interesse para esta investigação é o urbano, mais especificamente o da rua, pois me interessa a sua influência sobre os afetos despertados no sujeito durante a experiência da caminhada. Como guia para condução da pesquisa, estive a intenção de responder à seguinte pergunta: como as características espaciais do ambiente da rua, configuradoras de suas ambiências, influenciam as escolhas de percurso na prática do caminhar? Para sua construção, a pesquisa se apoiou nos conceitos de ambiente construído, ambiência, deriva e experiência, na perspectiva de Goldhagen (2017), Thibaud (2018), Careri (2013, 2017) e Tuan (2013), respectivamente. Por meio deles, empreendi análises da experiência do sujeito com o objetivo de identificar elementos do ambiente construído urbano que são capazes de gerar afetações no indivíduo e que ditam seus modos de caminhar, bem como suas escolhas de trajeto. Dessa maneira, o objetivo geral deste estudo consiste em identificar elementos e características do ambiente que influenciam as escolhas do sujeito ao caminhar nas ruas. Com a valorização da percepção através dos sentidos, fez-se uso da análise da ação do sujeito e da qualidade desta ação, como meio de acessar suas afetações, entendendo o ambiente como estímulo. Para tanto foi estudado um recorte do bairro de Manaíra, em João Pessoa, por meio de caminhadas sensíveis do tipo deriva, realizadas por 10 sujeitos voluntários da pesquisa. Para registro da narrativa dos sujeitos, foram realizadas as derivas dos participantes, que aconteciam de acordo com as solicitações do corpo dos sujeitos e eram acompanhadas por mim para fins de observação; houve também a elaboração de mapas mentais para registro da experiência, feitos por mim e pelos participantes e entrevistas/conversas sobre o que eles(as) haviam experienciado, usando o seu mapa mental como guia do diálogo. A análise desenvolvida neste trabalho traz resultados extraídos dessas experiências, na forma da relação entre os principais elementos da afetação identificados no ambiente estudado e seus afetos resultantes, nomeando os afetos e destacando quais elementos do espaço foram responsáveis por suscitá-los. Esta pesquisa tem como interesse, por fim, vislumbrar formas de projetar cidades mais confortáveis psicologicamente para os sujeitos que as praticam.

**Palavras-chave:** Ambiente construído urbano; Experiência do caminhar; Afetações; João Pessoa.

## ABSTRACT

The various configurations of the built environment in which we live are constantly influencing us, affecting our physical comfort or our psychological well-being. This understanding was responsible for the first disquietude that originated this research. The built environment of interest to this investigation is the urban environment, to be more specifically, the streets, because I am interested in its influence on the affections awakened in the subject during the walking experience. The search for the answer of a specific question worked as a guide for conducting the research, and that question was: how do the spatial characteristics of the street environment, which shape its ambiance, influence route choices when walking? For its construction, the research was based on the concepts of built environment, ambiance, drift and experience, from the perspective of Goldhagen (2017), Thibaud (2018), Careri (2013, 2017) and Tuan (2013), respectively. Through them, I undertook analyzes of the subject's experience with the aim of identifying elements of the urban built environment that are capable of generating affects on the individual and that dictate their ways of walking, as well as their route choices. Therefore, the general objective of this study is to identify elements and characteristics of the built environment that influence the subject's choices when walking on the streets. With the valuation of perception through the senses, analysis of the individual's action and the quality of its action was used as a way of accessing their affects, understanding the environment as a stimulus. To this end, a section of the Manaíra neighborhood, in João Pessoa, was studied through sensitive drift walks, carried out by 10 research volunteers. To record the subjects' narrative, the participants' drifts were carried out, which took place according to the requests of their bodies and were accompanied by me for observation purposes; there was also the creation of mental maps to record the experience, made by me and the participants and interviews/conversations about what they had experienced, using their mental map as a guide for the dialogue. The analysis developed in this work brings results extracted from these experiences, in the form of the relationship between the main elements of affectation identified in the studied environment and their resulting affects, naming the affects and highlighting which elements of the space were responsible for eliciting them. That said, this research is ultimately interested in glimpse ways to design cities that are more psychologically comfortable for the people who experience them.

**Keywords:** Urban built environment; Walking experience; Affectations; João Pessoa.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Metáfora sobre o que seria o ambiente construído e a ambiência.....	15
Figura 2 –	Acesso ao Mag Shopping pela Rua Dr. Seixas Maia.....	21
Figura 3 –	Cruzamento das Avenidas Gen. Edson Ramalho e Euzely Fabrício de Souza.....	21
Figura 4 –	Vista para a Av. Euzely Fabrício de Souza na direção oeste.....	22
Figura 5 –	Vista para a Av. Guarabira.....	22
Figura 6 –	Localização de João Pessoa no Brasil e de Manaíra em João Pessoa.....	23
Figura 7 –	Desenho do problema.....	24
Figura 8 –	Definição de Experiência de Yi-Fu Tuan.....	28
Figura 9 –	(a) Sensory homunculus. (b) Motor homunculus.....	32
Figura 10 –	Quadro epistemológico.....	36
Figura 11 –	Síntese das categorias da pesquisa, com destaque para as que permaneceram.....	44
Figura 12 –	Quadro teórico-analítico.....	45
Figura 13 –	a) Dispositivo de Bio Mapping; b)"Tipo de visualização dos dados do Bio Mapping no Google Earth. A altura da faixa indica a excitação fisiológica nesse ponto. A anotação foi feita pelo participante.".....	47
Figura 14 –	a) Mapa #deriva3; b) Croqui Cinelândia; c) Croqui Rua da Alfândega...	49
Figura 15 –	Cartografia #entrevista2.....	50
Figura 16 –	Modos de caminhar na praça da Convention.....	52
Figura 17 –	Relação entre a teoria e a metodologia da pesquisa.....	55
Figura 18 –	Nomes que João Pessoa já teve.....	58
Figura 19 –	Evolução urbana de João Pessoa, com demarcação de sua área urbana em diversos períodos até 2016. Destaque feito pela autora.....	59
Figura 20 –	João Pessoa e seus cinco principais eixos de desenvolvimento urbano...	61
Figura 21 –	Setorização das zonas de João Pessoa por classes sociais, de acordo com o modelo de Hoyt.....	62

Figura 22 –	Mapa com o trajeto da Estrada de Tambaú após expansão em 1907.....	63
Figura 23 –	Destaque para a ocupação da região de Cabo Branco, após a abertura da Av. Epitácio Pessoa.....	64
Figura 24 –	Fotografia aérea das Avenidas Ruy Carneiro e Epitácio Pessoa datada de 1955.....	64
Figura 25 –	Encontro da Av. Ruy Carneiro com a Av. Epitácio Pessoa em 2023.....	65
Figura 26 –	Início da construção do Hotel Tambaú.....	67
Figura 27 –	Vista do Hotel Tambaú para o sentido sul de João Pessoa.....	67
Figura 28 –	Mapa topográfico e de limites compartilhados entre Manaíra e bairros adjacentes.....	68
Figura 29 –	Vista aérea do bairro São José e do bairro de Manaíra.....	69
Figura 30 –	Esquema demonstrativo da distância utilizada para o cálculo da altura das edificações.....	70
Figura 31 –	Vista aérea de Manaíra em 2010. Ao centro da imagem encontra-se o Hardman Hotel (edificação marrom na beira-mar).....	71
Figura 32 –	Vista aérea de Manaíra em 2010.....	71
Figura 33 –	Vista aérea de Manaíra em 2022.....	72
Figura 34 –	Esquema demonstrativo da ventilação e insolação em uma verticalização do tipo escalonada, seguido de em uma verticalização não escalonada próximas à orla.....	72
Figura 35 –	Bairro de Manaíra em imagens.....	73
Figura 36 –	Mapa de gabarito.....	75
Figura 37 –	Mapa de vias com maior escolha global.....	76
Figura 38 –	Mapa de densidade acessível por walking distance em trajetos de 1500m.....	77
Figura 39 –	Mapa de número de lotes acessíveis por walking distance, com 500m, 800m e 1km de distância de caminhabilidade da esquerda para a direita	77
Figura 40 –	Gráfico de tipo de uso do recuo por número de lotes.....	79
Figura 41 –	Gráfico de número de lotes com e sem recuo por uso do solo.....	79

Figura 42 – Mapa de população residente por setor censitário.....	80
Figura 43 – Mapa de média de renda por setor censitário.....	80
Figura 44 – Mapa de tamanho de lotes em metros quadrados.....	81
Figura 45 – Exemplos de cartografias do sensível imediatas produzidas na vivência corpo-rota.....	85
Figura 46 – Esquema comparativo entre possibilidades de caminho a partir da Praça Robson Duarte Spinola e um cruzamento comum.....	91
Figura 47 – Área objeto de estudo no bairro de Manaíra, com destaque para o ponto de partida das caminhadas, a Praça Robson Duarte Spinola.....	93
Figura 48 – Mapa mental da caminhada sensível de Bernardo.....	97
Figura 49 – Mapa mental da caminhada sensível de Yuna.....	98
Figura 50 – Mapas do processo de produção de resultados.....	103
Figura 51 – Categorias destacadas no primeiro mapa da figura anterior.....	104
Figura 52 – Bairro de Manaíra com destaque para a área objeto de estudo da pesquisa.....	107
Figura 53 – Locais de afetação e/ou menção no texto. Os sublinhados foram apenas mencionados por mim como ponto de referência.....	108
Figura 54 – Mapa mental sobre a caminhada de Clara.....	111
Figura 55 – Mapa mental de Clara.....	113
Figura 56 – Mapa mental sobre a caminhada de Yuna.....	118
Figura 57 – Mapa mental de Yuna.....	121
Figura 58 – Mapa mental sobre a caminhada de João.....	128
Figura 59 – Mapa mental de João.....	130
Figura 60 – Exemplo de fachada de interface aberta.....	137
Figura 61 – Exemplo de fachada de interface semi-aberta.....	137
Figura 62 – Exemplo de fachada de interface fechada.....	138
Figura 63 – Variação de tipo de fachada, com troca entre público e privado acontecendo entre rua e primeiro andar da edificação.....	138

Figura 64 – Exemplo de calçada de boa qualidade.....	140
Figura 65 – Exemplo de calçada de qualidade mediana.....	140
Figura 66 – Exemplo de calçada de má qualidade.....	141
Figura 67 – Mapa físico-espacial-sensível da área objeto de estudo.....	142
Figura 68 – Mapa afetivo da área objeto de estudo.....	145
Figura 69 – Ambiente construído em frente ao prédio da porção sul da Praça Robson Duarte Spinola.....	147
Figura 70 – Recorte que inclui as Avenidas Pombal e Umbuzeiro, e dá destaque à região.....	148
Figura 71 – Imagens ilustrativas do ambiente construído do recorte da Av. Pombal..	151
Figura 72 – Recorte Av. Euzely Fabrício de Souza.....	153
Figura 73 – Imagens ilustrativas do ambiente construído do recorte da Av. Euzely Fabrício de Souza.....	156
Figura 74 – Elementos que cada participante é sensível positivamente.....	162
Figura 75 – Elementos que cada participante é sensível negativamente.....	164
Figura 76 – Elementos da afetação e seus afetos resultantes.....	167
Figura 77 – Calçada nas imediações do Mag Shopping.....	172
Figura 78 – Calçada da praia, na Av. João Maurício, próximo ao Mag Shopping.....	172
Figura 79 – Calçada da praia, na Av. João Maurício, em frente ao Mag Shopping.....	173
Figura 80 – Ambiente próximo à casa desocupada da Av. Euzely Fabrício de Souza.	175

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>CORPO E CIDADE, UMA RELAÇÃO SINESTÉSICA.....</b>	<b>26</b>
2.1	A CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO URBANO A experiência do caminhar entre afetação e ação.....	26
2.2	AQUILO DO ESPAÇO QUE AFETA AS FORMAS DE AGIR.....	37
2.3	ENCURTANDO CAMINHOS REFERENCIAIS.....	43
2.4	INSPIRAÇÕES/REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	46
2.5	TEORIA E SEUS ENTRELAÇAMENTOS COM A METODOLOGIA..	54
<b>3</b>	<b>ONDE “O SOL NASCE PRIMEIRO E TÃO DESINIBIDO”.....</b>	<b>57</b>
3.1	CIDADE DE QUATRO SÉCULOS CRESCIDA EM UM: O século XX e o grande desenvolvimento de João Pessoa.....	59
<b>3.1.1</b>	<b>DO RIO ATÉ O MAR: A Avenida Epitácio Pessoa possibilitando a urbanização da orla marítima.....</b>	<b>62</b>
3.2	MANÁIRA HOJE: O bairro dono das ruas de que esse trabalho se ocupa	68
<b>3.2.1</b>	<b>Caracterização morfológica.....</b>	<b>75</b>
<b>4</b>	<b>SENSIBILIDADES NO URBANO ENTENDENDO A RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE.....</b>	<b>83</b>
4.1	CAMINHADA SENSÍVEL: Antes, durante e depois.....	89
4.2	LEVANTAMENTO SENSÍVEL DE DADOS ESPACIAIS.....	103
<b>5</b>	<b>AFETO E AMBIENTE CONSTRUÍDO URBANO UMA LEITURA DA RESPOSTA SENSÍVEL DO CORPO AO AMBIENTE CONSTRUÍDO URBANO REVELADA PELA EXPERIÊNCIA DO</b>	

	<b>SUJEITO.....</b>	<b>107</b>
5.1	AQUILO QUE O OUTRO ME DIZ: Registro e análise da experiência do pesquisar com o outro.....	110
5.2	ÁREA OBJETO DE ESTUDO EM TERMOS FÍSICO ESPACIAIS.....	135
5.3	RELAÇÃO DE AFETAÇÃO ENTRE PESSOA E AMBIENTE CONSTRUÍDO URBANO NA ÁREA ESTUDADA.....	143
5.4	ELEMENTOS DA AFETAÇÃO E SEUS AFETOS RESULTANTES.....	161
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>177</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>187</b>
	<b>APÊNDICE A - MAPAS MENTAIS.....</b>	<b>190</b>
	<b>APÊNDICE B - TABELA DE SENSIBILIDADES.....</b>	<b>197</b>
	<b>APÊNDICE C - TABELA DE RESPOSTA SENSÍVEL AO AMBIENTE.....</b>	<b>202</b>
	<b>APÊNDICE D - ENTREVISTAS E REGISTROS SOBRE CAMINHADAS.....</b>	<b>204</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta investigação consiste em um esforço de traçar um caminho teórico-metodológico para o estudo da relação entre o bem-estar psicológico das pessoas e o ambiente construído urbano. Mais precisamente, trata da influência que a estrutura formal e espacial urbana possui sobre o sujeito enquanto este encontra-se em contato direto com o meio que o circunda.

Essa pesquisa parte de uma curiosidade e de reflexões de cunho bastante pessoal, e seu tema tem muito a ver com quem eu sou e com minha personalidade. Sou uma pessoa que sente muito, e ser sensível ao mundo e ao outro é parte de mim. Por isso era natural que eu também fosse sensível às cidades, ao ambiente que me envolve, seja ele um ambiente construído a nível de arquitetura da edificação ou do urbano.

As inquietações surgidas por esse sentir me fizeram perceber em meu dia a dia que os ambientes em que eu me inseria influenciavam a maneira como eu me sentia ao utilizá-los. Tais inquietações foram reforçadas quando, em uma discussão em sala de aula, na disciplina de Qualidade e Avaliação de Sistemas Urbanos e Edificados, que paguei como aluna especial na Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPB, uma outra pessoa, comparando experiências vividas no Brasil e na França, relatou que se sentia mais ansiosa ao caminhar em ruas e espaços urbanos brasileiros.

As anotações feitas no meu caderno nesse dia, em 2019, continham um tema e uma descrição do que trataria o estudo. O tema era a qualidade do ambiente urbano e seu impacto na saúde física e mental do pedestre. Essas anotações continham algumas questões que me despertaram curiosidade, tais interrogações indagavam se áreas com mais espaços livres de qualidade seriam: áreas com maiores índices de qualidade de saúde pública? de menor nível de ansiedade da população? de maior bem-estar? As ideias contidas nessas anotações foram o ponto de partida que deu origem ao projeto de pesquisa submetido ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, da UFPE.

Sabe-se que dentro dessa comparação por este aluno existem grandes diferenças, desde diferenças culturais, até diferenças com relação ao próprio o espaço urbano desses dois países. Apesar disso, essa fala, combinada com a minha curiosidade anterior, despertou o interesse em entender quais são as influências do espaço urbano, de suas ruas, no bem-estar psicológico de seus usuários.

Incomodava-me ler que determinadas características formais afetam, prejudicam e/ou interferem naquilo que é vivido nas ruas, mas não saber de maneira mais clara o que elas

causavam nas pessoas. E perguntas do tipo “como?”, “o que essa influência causa no sujeito?”, “quais são esses afetos?” eram algumas que frequentemente me ocorriam e cujas respostas eu gostaria de saber. Então fui procurá-las.

Será que o que eu sinto é parecido com o que as outras pessoas sentem? Será que o ambiente construído largamente produzido na contemporaneidade no Brasil é capaz de contribuir negativamente para o bem-estar psicológico das pessoas? Será que pessoas com ansiedade têm seu quadro agravado também por conta do ambiente construído em que vivem diariamente? Adianto que não respondi essas últimas perguntas, elas são grandes demais e podem servir para uma pesquisa maior do que o tempo do mestrado pode permitir. Meu trabalho, então, buscou responder perguntas menores.

Entende-se que existem diversos fatores que influenciam a maneira como as pessoas se sentem ao utilizarem o ambiente urbano, tais como infraestrutura disponível, experiências individuais passadas, entre outros. Porém o espaço em si e sua ambiência têm importante influência nesse aspecto também. Surgiu então a intenção de explorar os aspectos físicos do ambiente construído urbano causadores dessas sensações, considerando a perspectiva de diferentes sujeitos para a realização deste estudo.

A figura 1 a seguir traz uma analogia que ajuda a deixar claro o que se entende por ambiente construído e ambiência neste trabalho, bem como onde se localiza o sujeito na interação entre esses dois conceitos. Vamos pensar o ambiente construído como o copo e a ambiência como o fluido que ocupa o espaço definido por ele. É nesse espaço, definido e influenciado pelo ambiente construído (o copo) que o sujeito se insere, envolto pela ambiência que tal ambiente conforma.

**Figura 1:** Metáfora sobre o que seria o ambiente construído e a ambiência.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Por estar mergulhado na ambiência desse lugar, o sujeito percebe o mundo de acordo com a ambiência em que está inserido. Além disso, essa percepção será também influenciada pela sua própria história, ou seja, quem esse sujeito é, como foi constituído como pessoa, e quais são suas necessidades. Seus afetos se darão em função daquilo que o sujeito precisa, no sentido de atendimento de suas necessidades. Desta maneira, a experiência do sujeito no urbano vai estar diretamente relacionada à forma e qualidade do ambiente construído que conforma o espaço, à ambiência presente neste lugar, bem como ao seu próprio eu.

Mas o que seria ambiente construído urbano? Ambiente construído é toda a “casca” que define o vazio. É o piso, parede e teto que configura o espaço. Mas no caso desta pesquisa é especificamente o ambiente construído urbano, aquele que configura o espaço externo às edificações, aquilo que conforma a rua.

Ambiente construído urbano é calçada, fachada, é a via, são as edificações, é a vegetação e também a arborização. Pode parecer estranho incluir elementos naturais no conceito de ambiente construído, mas a partir do momento em que tal elemento é pensado em projeto para constituir ambiente, ou é incorporado nele, ele passa a ser ambiente construído também. Até mesmo novas árvores que nascem espontaneamente em uma praça passam a ser parte constituinte do ambiente construído, pois elas compõem um ambiente que já não é mais natural, que foi construído/elaborado pelos agentes produtores do espaço.

Além do próprio ambiente construído urbano, interessa também a este trabalho a qualidade dos elementos que o constituem. Interessa: a largura da calçada; o tipo de pavimentação; o seu estado de conservação; o tipo de edificação ali existente; como se configura a sua fachada; se existe comunicação visual entre interior e exterior do lote; se há vegetação; como essa vegetação/arborização interage com os demais elementos do local onde foi inserida (se ela foi adequadamente escolhida para a composição do espaço ou se ela está causando algum dano aos demais elementos constituintes do ambiente construído). Tudo isso também é algo que influencia a ambiência dos lugares. O ambiente construído desempenha um papel importante na formação das ambiências dos lugares, tal como o copo define a forma da água que o ocupa.

Para finalizar e recapitular a intenção da analogia do copo, o ambiente construído urbano é toda a casca material que define o vazio; a ambiência é aquilo que está presente neste vazio, preenchendo-o, e é formada tanto pela influência exercida por essa casca, quanto pela influência exercida pelo clima e horário do dia do local onde se encontra; e o sujeito se

localiza dentro desse ambiente de influência e interação entre o material e o imaterial, e percebe o mundo de acordo com a ambiência em que está inserido.

De acordo com Holanda (2013), “a arquitetura tem efeitos sobre o meio ambiente natural e nas pessoas. Ela resulta nisso”. O sociólogo francês Thibaud (*apud* Santos; Trigueiro, 2016), no mesmo sentido, ressaltou que “o cidadão está sempre a reagir a diversos estímulos enquanto caminha pela cidade, caracterizando um processo constante de interação, no qual a pessoa reage ao espaço e, simultaneamente, acaba por também agir sobre seu entorno, transformando-o”. Em uma perspectiva semelhante às dessas afirmações, diversas autoras e autores apontam que há uma influência da forma das edificações, que constituem a rua na intensidade de uso dela, na sensação de segurança vivenciada, e até mesmo da forma urbana no tipo de uso das edificações ali presentes (Jacobs, 2011; Leitão, 2009; Hillier, 1993; Careri, 2013).

Careri (2013) defende que o espaço urbano não se resume a uma matéria sem vida, incapaz de trazer consequências para aquilo que é vivido nele, ou para aquele que age sobre ele, sendo hábil a interferir, assim, na subjetividade desse sujeito que atua. O autor explica que:

O espaço apresenta-se como um sujeito ativo e pulsante, um produtor autônomo de afetos e de relações. É um organismo vivente, com um caráter próprio, um interlocutor que tem repentes de humor e que pode ser frequentado para instaurar um intercâmbio recíproco. O percurso desenvolve-se entre insídias e perigos, provocando em quem caminha um forte estado de *apreensão*, nos dois significados, de sentir medo e de apreender (Careri, 2013, p. 78-80, grifos do autor).

Ainda sobre a influência que o ambiente construído tem sobre as pessoas, Sarah Williams Goldhagen aponta que ele:

nos afeta a todo tempo, não apenas quando nós escolhemos prestar atenção nele. Além disso, o ambiente construído molda nossas vidas e as escolhas que fazemos em todas as formas que essas outras artes fazem — combinadas. Afeta nosso humor e emoções, nossa percepção de nossos corpos no espaço e em movimento. Ele molda profundamente as narrativas que contamos a nós mesmos e construímos em nossa vida diária (Goldhagen, 2017, p. xiv, tradução nossa).

Em seu livro *Welcome to Your World: How the Built Environment Shapes Our Lives* (Bem-vindo ao seu mundo: como o ambiente construído molda nossas vidas), Goldhagen tem o seguinte questionamento como principal guia de sua fala:

De que forma, em que circunstâncias uma sala, um edifício, uma praça da cidade ou qualquer ambiente construído nos afeta? O que há no lugar que nos atrai ou nos repele, que fica na nossa memória ou não consegue ser registrado, que pode levar alguém às lágrimas ou deixá-la gelada? (Goldhagen, 2017, p. xiii, tradução nossa).

Concordando com o que diz Goldhagen e Careri, Vihanninjoki acredita, assim como eu, que “os lugares de nossas vidas cotidianas não são, no entanto, meros objetos de

experiência perceptíveis e gerenciáveis, mas constituem uma condição mais fundamental para a sensibilidade e o significado de nossa experiência” (Vihanninjoki, 2020, traduzido pela autora). Considerando que o espaço influencia a maneira como as pessoas se sentem, conseqüentemente ele possui interferência também sobre nosso modo de agir, sobre as nossas escolhas ao caminhar e sobre a maneira como executamos nossas ações, no sentido de dar um certo caráter a elas através de nossas emoções e expressão corporal.

A influência do espaço sobre as pessoas depende também do meio utilizado por elas para a experiência do lugar. O meio de transporte que utilizamos altera a nossa experiência e modifica aquilo que chega até nós vindo do espaço. A experiência da caminhada é aquela que permite uma maior afetação do sujeito, pela inserção do ser vivente no espaço e o contato direto possibilitado entre pessoa e ambiente. Logo, prezando pela maior probabilidade de afetação possível, a experiência de que este trabalho faz uso para acessar a sensibilidade do sujeito é a da caminhada.

Existem várias formas de se realizar uma caminhada exploratória. Elas podem ser feitas através de percursos pré-estabelecidos; com o auxílio e uso de mapas; em grupo com guias ou apenas se lançando no espaço. Os situacionistas, por meio das derivas, procuraram realizar um tipo de exploração que atendia às solicitações do terreno, deixando os praticantes desse tipo de exploração livres para construções aleatórias de percursos na cidade (Careri, 2013). De acordo com Guy Debord, a deriva se define como algo “indissolúvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica<sup>1</sup> e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que, de todos os pontos de vista, se opõe às normas clássicas de viagem e passeio” (Debord, 1956 *apud* Careri, 2013, p. 88).

Careri define a deriva como "um dispositivo que não se opõe ao devir, mas o deixa acontecer e desdobrar-se, acompanhando-o para seus próprios fins: atravessar o mar, um território fluido em perpétuo movimento – e, portanto, um território do 'aqui e agora', como tantas vezes são os fenômenos urbanos" (Careri, 2017, p. 32). Além disso, o mesmo autor destaca o caráter ambíguo da deriva, que reside na vontade de explorar o ambiente com a intenção de perder-se. Ele afirma que a deriva é

capaz de expressar a ambigüidade do perder-se conscientemente, procurando dosar o desejo e o acaso, o racional e o irracional, o projeto e o antiprojeto. A deriva, com efeito, é um termo duplo: uma palavra que carrega consigo a ideia surrealista do acaso e do navegar ao sabor das correntezas, como um veleiro que se move sem vento e sem mapa, e que vai – portanto – “à deriva” (Careri, 2017, p. 31).

---

<sup>1</sup> Psicogeografia: “estudo dos efeitos precisos do meio geográfico, conscientemente organizado ou não, que atuam diretamente no comportamento afetivo dos indivíduos” (Anônimo *apud* Careri, 2013, p. 90).

A exploração, ou experiência, que se pretende empreender neste trabalho se assemelha à da deriva, ou ao que Bárbara Nascimento (2019) chama de errâncias sensíveis, pois será realizada de maneira livre pelos sujeitos e sem o auxílio de equipamentos ou utensílios para a orientação.

As avaliações que esta pesquisa realizou consideram as afetações e experiências dos sujeitos participantes como fonte primária de dados. Como destaca Sarah Williams Goldhagen (2017, p. 46, traduzido pela autora), “é a nossa cognição – o que inclui nossas emoções – sobre eventos que constituem nossa experiência vivida”. Logo, as emoções dos sujeitos, moduladas pelo ambiente construído, também é objeto de interesse desta pesquisa, assim como as ações resultantes dos afetos. Os estudos e aferições aqui realizados têm o ambiente construído urbano como estímulo por considerar que os

Espaços urbanos, paisagens e edifícios - mesmo aqueles pequenos e modestos - influenciam profundamente as vidas humanas. Eles moldam nossas cognições, emoções e ações e até influenciam poderosamente nosso bem-estar. Na verdade, eles ajudam a constituir nosso próprio senso de nós mesmos, nosso senso de identidade. (Goldhagen, 2017. p. xxiii, tradução nossa).

Considerando a influência dos ambientes nos quais estamos inseridos sobre o nosso bem-estar, tanto físico como também psicológico, e o fato de que “um ambiente bem projetado e adequadamente construído afeta e apoia nossa saúde, cognições e relações sociais” (Goldhagen, 2017, p. xxiv, tradução nossa), faz-se necessário entender que atributos e características urbanas contribuem para a constituição de um ambiente que fomente o bem-estar de seus usuários.

Afetação e afeto são palavras que aparecem com frequência neste texto. Por isso é importante deixar claro logo no início a que me refiro quando as uso, para não abrir margem para outros entendimentos. A afetação neste trabalho se refere ao processo de afetar ou ser afetado por. É a influência exercida por algo que, por sua vez, gera o afeto. Já o afeto se refere ao resultado dessa afetação, dessa influência. É o sentimento, a emoção, o resultado subjetivo no corpo causado pela afetação por algo ou alguém. Interessa aqui principalmente o afeto gerado pelo ambiente construído, através da identificação dos elementos e locais de afetação. Afeto neste trabalho nada tem a ver com o ter afeto por algo ou algum lugar no sentido de afeição ou bem querer. Não é do afeto no sentido de afeição e ou apego que este trabalho se ocupa, mas sim ao afeto como resultado sensitivo/perceptivo, com o intuito de nomeá-lo e relacioná-lo com os elementos responsáveis pela geração deste afeto, os chamados elementos da afetação.

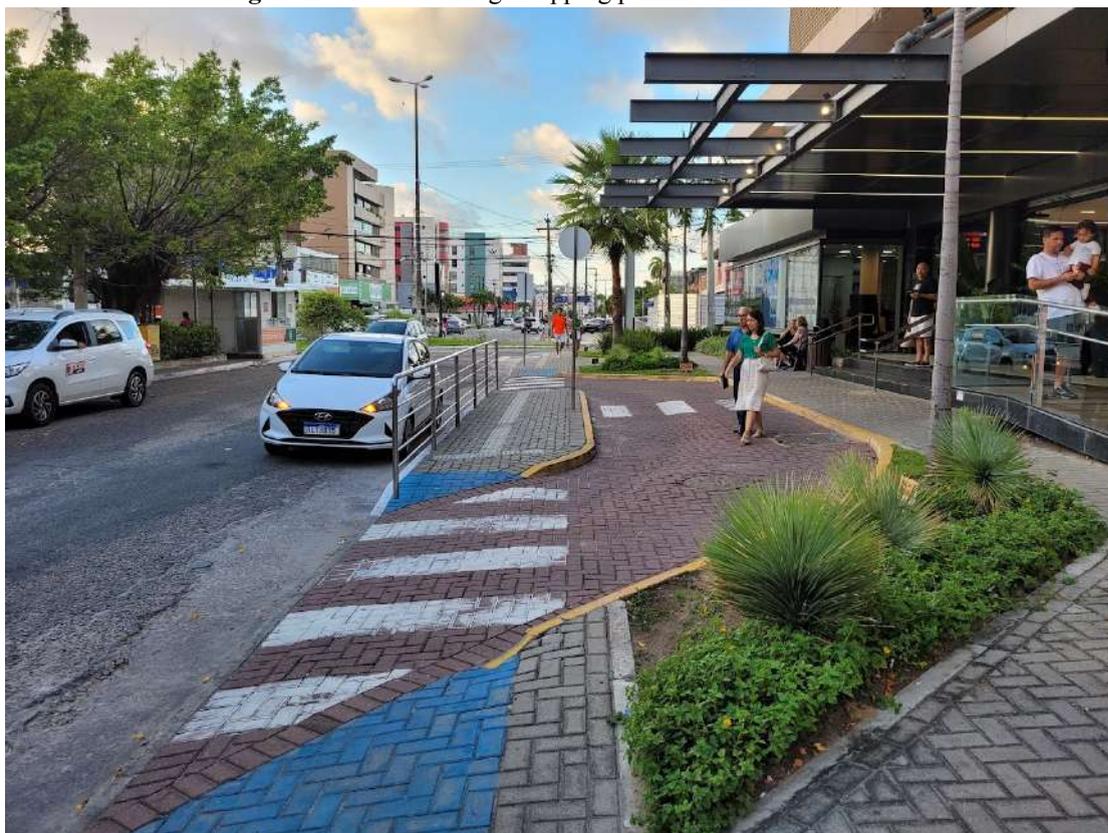
Não procuro o afeto no sentido de topofilia, que segundo Yi-Fu Tuan (2012, p. 19) “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico.”, mas sim o afeto causado por este lugar nas pessoas. É por isso que um dos critérios de seleção de voluntários para a pesquisa era o de o (a) participante não conhecer demais ou ter relações afetivas com o ambiente que seria estudado. Assim seria mais fácil evitar o enviesamento dos resultados e poder focar nos afetos gerados no sujeito pela influência exercida pelo ambiente em que o sujeito estivesse inserido, da maneira mais nova possível.

A Psicologia Ambiental foi escolhida para dar suporte à empreitada de encontrar afetos e elementos responsáveis pela sua geração por ser uma “área ou campo do conhecimento [...] voltado para o estudo das relações recíprocas entre pessoa e ambiente”, e por colocar em foco “as relações entre os comportamentos socioespaciais humanos (de territorialidade, privacidade, apropriação, aglomeração, etc.) e os diversos processos psicossociais (percepção, cognição, representações e simbolizações) nos quais se baseiam nosso comportamento.” (Cavalcante; Elali, 2011, p. 14).

Como conceitos que vieram da Psicologia Ambiental, e que alimentam este trabalho com sua carga teórica, podem ser citados os conceitos de ambiência, de Jean Paul Thibaud (2018), e o conceito de experiência, de Yi-Fu Tuan (2013).

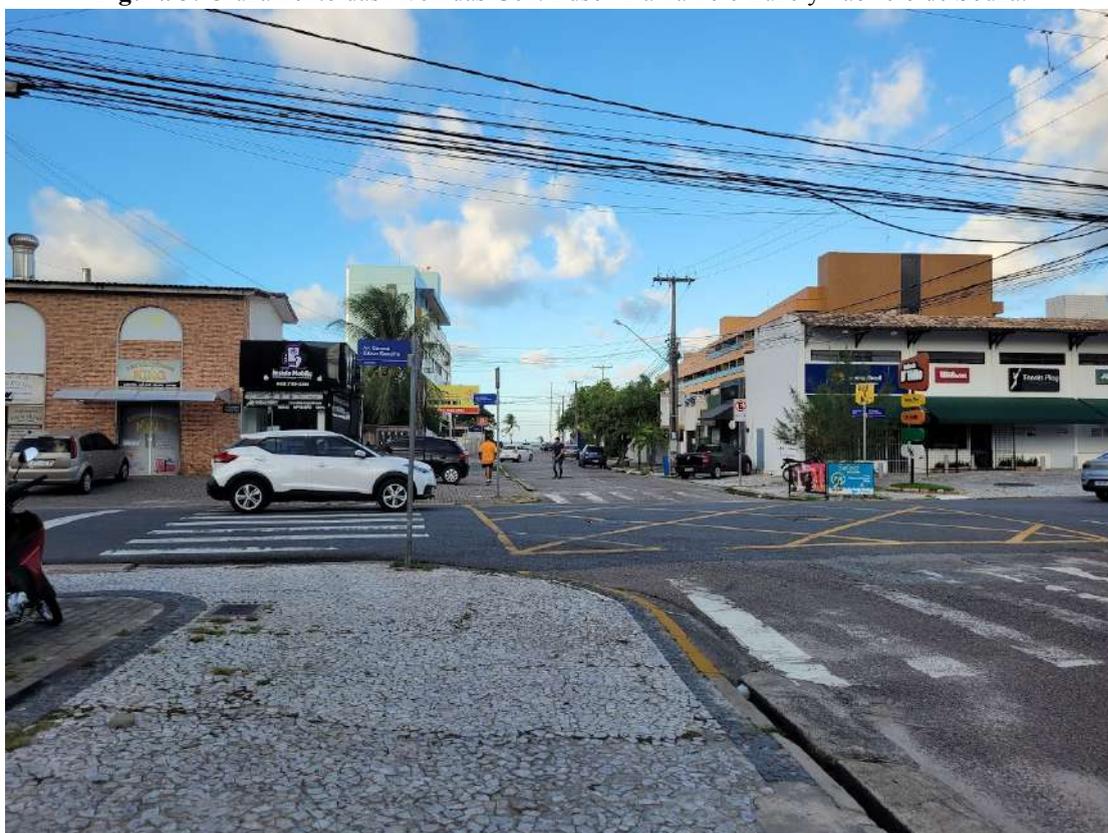
O bairro de Manaíra foi escolhido como área objeto de estudo para a realização desta investigação por, tal como foi visto na tese de doutorado de Alonso (2021), ser um bairro em João Pessoa que oferece maior possibilidade de diversidade de uso e por possuir lotes maiores e mais densos em relação a outros bairros da cidade, o que oferece maior possibilidade de diversidade construtiva. Tal característica aumenta a possibilidade de contato dos sujeitos com diferentes tipos de configurações do ambiente construído, o que favorece a pesquisa. Além disso, o bairro de Manaíra possui um ambiente que se assemelha a áreas de características socioeconômicas similares em cidades de porte equivalente ao de João Pessoa no Nordeste brasileiro. As figuras 2, 3, 4 e 5 retratam um pouco do que é o bairro de Manaíra. Já a localização de João Pessoa no Brasil, bem como do bairro de Manaíra na cidade em questão, pode ser visualizada na Figura 6.

**Figura 2:** Acesso ao Mag Shopping pela Rua Dr. Seixas Maia.



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 3:** Cruzamento das Avenidas Gen. Edson Ramalho e Euzely Fabrício de Souza.



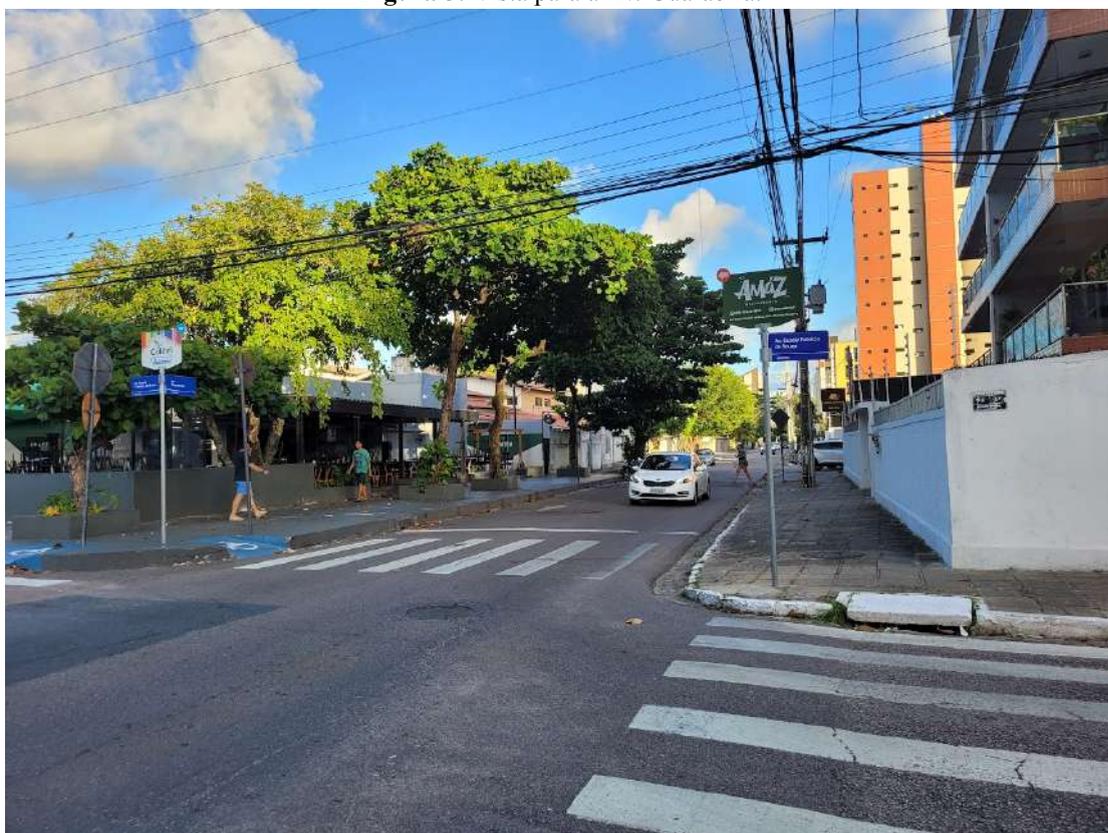
Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 4:** Vista para a Av. Euzely Fabrício de Souza na direção oeste.



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Figura 5:** Vista para a Av. Guarabira.



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Figura 6:** Localização de João Pessoa no Brasil e de Manaíra em João Pessoa.



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de IBGE e Filipéia mapas da cidade.

Eu quis estudar a influência do ambiente construído urbano, produzido na contemporaneidade, sobre os afetos do sujeito, e chegar a quais afetos ele é capaz de gerar, nomeando-os. Saber o que o ambiente pode causar nas pessoas é importante para respondermos à pergunta "queremos continuar construindo assim ou temos que mudar?". Isso serve até mesmo para a forma que dispomos nossas obras no espaço, enquanto elas ainda estão em processo de construção.

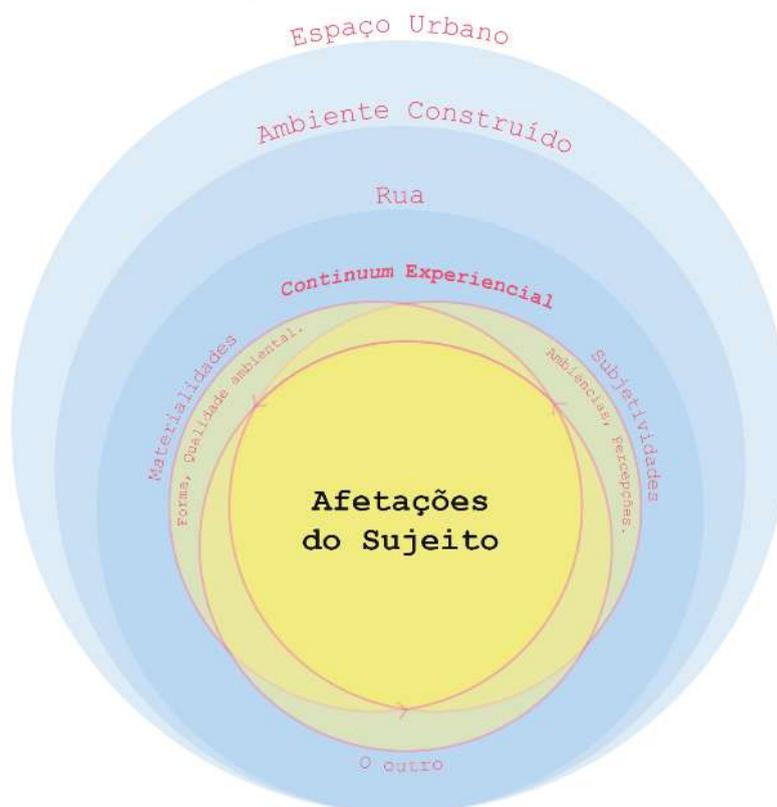
A partir da **premissa** de que **os atributos das ruas das cidades, e a qualidade desses ambientes, podem interferir no modo que seus usuários se sentem ao utilizá-las, influenciando no seu comportamento e nas escolhas de trajeto**, algumas dúvidas se apresentam como questões a serem respondidas. Que atributos espaciais das formas que emolduram ruas das cidades causam sensações positivas ou de bem-estar em seus usuários? Quais formas causam sensações de repulsa e interferem negativamente na maneira como o usuário se sente, em se tratando do seu bem-estar psicológico? Que outros fatores do ambiente urbano, vistos de maneira associada à estrutura espacial das ruas, podem interferir na construção dos trajetos pelos sujeitos?

Esses questionamentos gerais deram origem ao problema de pesquisa, posto de maneira mais ampla por meio da principal pergunta que este trabalho procurou responder: **como as características espaciais do ambiente da rua, configuradoras de suas ambiências, influenciam as escolhas de percurso na prática do caminhar?**

Com o foco no sujeito e em suas afetações durante a experiência da caminhada, é importante destacar quais os aspectos que interferem nessa experiência que são considerados aqui, bem como em que meio se situa a experiência em questão. O espaço urbano é a categoria espacial em que se insere esta pesquisa, mas dentro dessa classificação se enquadram diferentes ambientes. O ambiente que será analisado aqui, o qual é considerado como fonte de estímulo, é o ambiente construído. Dentro dessa classificação, também existe uma ampla gama de possibilidades de ambientes em que experiências podem ser analisadas, logo faz-se necessário destacar a rua como ambiente construído de interesse para minha pesquisa.

Dentro desse afunilamento de categorias de interesse é que se dá o *continuum experiencial* que concentra o foco desta pesquisa. Esse *continuum* envolve três importantes aspectos: a materialidade do lugar, a subjetividade do sujeito e a influência do outro sobre sua experiência. As materialidades referem-se à forma urbana e à qualidade ambiental dos lugares; as subjetividades estão atreladas às ambiências e percepções do sujeito da experiência; e a influência do corpo do outro relaciona-se com as presenças, ausências, ações e reflexos dos aspectos citados sobre a experiência vivida do sujeito. A Figura 7 sintetiza o objeto-problema da pesquisa:

**Figura 7:** Desenho do problema.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

## Objetivos

Para prosseguir com a exploração do que foi apresentado anteriormente, esta pesquisa tem como objetivo geral identificar elementos e características do ambiente que influenciam as escolhas do sujeito ao caminhar nas ruas.

Para tanto, procura-se:

- Identificar o rebatimento da estrutura espacial de Manaíra nas experiências do caminhar dos voluntários;
- Relacionar os resultados das experiências do caminhar dos voluntários, em termos de afetos, com a estrutura espacial de Manaíra;

Uma vez apresentados brevemente, o problema estudado, bem como os objetivos gerais e específicos da pesquisa, esta dissertação se estrutura em 4 capítulos. O capítulo 1 apresenta o *background* teórico e metodológico em que o estudo se apoia para a sua realização. O capítulo 2 caracteriza o bairro dono das ruas de que este estudo se ocupou, Manaíra, localizado na cidade de João Pessoa. Já o capítulo 3 traz a metodologia utilizada para atingir os resultados da pesquisa, a qual fez uso de caminhadas sensíveis, do tipo deriva; registro da experiência na forma de mapas mentais e levantamentos de dados físicos/espaciais/sensíveis *in loco*. O capítulo 4 apresenta os resultados obtidos na pesquisa, fazendo relação entre os elementos identificados como geradores de afetações e seus afetos resultantes.

Os resultados encontrados na pesquisa fortalecem a tese de que o ambiente que nos envolve nos afeta durante nossas vivências, influenciando aquilo que por nós é sentido no ambiente urbano. Tais resultados nomeiam os afetos encontrados, relacionam tais afetos com os elementos do ambiente construído responsáveis por gerá-los e destaca quais elementos são mais recorrentes como causadores de afetos nos sujeitos. Como principais elementos causadores de afetos positivos encontrados, estão: a arborização, a vegetação, a qualidade das calçadas, a presença de pessoas e o mar, apresentados de acordo com a qualidade de afetos variados que causam. Seguindo a mesma lógica anterior, os elementos que mais causam afetos negativos nos sujeitos são: o alto fluxo de carros, o barulho gerado por eles, a proximidade do corpo com o fluxo de veículos, a exposição ao sol e a má qualidade das calçadas. Todos os afetos causados por estes elementos encontram-se nomeados no capítulo de resultados, e todos os afetos e demais elementos da afetação identificados na pesquisa encontram-se no Apêndice C deste documento.

## 2. CORPO E CIDADE, UMA RELAÇÃO SINESTÉSICA

Neste capítulo serão apresentados os caminhos teóricos e metodológicos por onde andei, trazendo conceitos e investigações que me chamaram a atenção. Junto dos caminhos teóricos possíveis de abordagem do tema, trago também os conceitos escolhidos para a minha pesquisa, os quais servem de referência para a minha investigação e embasam os métodos de investigação escolhidos/desenvolvidos.

### 2.1 A CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO URBANO A experiência do caminhar entre afetação e ação

Antes de formular o primeiro parágrafo desta pesquisa, sabia que o que pretendia avaliar era o que acontece com o usuário quando ele vivencia a cidade, em termos sensitivos, perceptivos e emocionais. E essa intenção persistiu, por muito tempo, sem que soubesse nomear exatamente o que pretendia explorar. Foi então que comecei as discussões e leituras sobre a subjetividade, as quais abriram caminhos extremamente interessantes para a pesquisa. Mas não era só isso, era isto também: envolvia emoção, sensações, elaborações do pensamento, subjetividade, percepção, cognição e, principalmente, bem-estar psicológico. Tanta coisa que era difícil caber em um conceito só. Foi então que a subjetividade me levou à Psicologia Ambiental, e, dentro dela, à experiência. Foi nesse ponto que a pesquisa se encontrou num campo que envolve pessoa, ambiente, suas interações e, sobretudo, a experiência vivida no ambiente construído.

Além dessa descoberta da ligação e da intenção de explorar a experiência, em minha trajetória pessoal me deparei com a Sintaxe Espacial, na forma da intervisibilidade, que consiste na possibilidade de visão entre pontos no espaço, seja da relação entre público e privado, seja conexões visuais dentro de apenas uma dessas esferas. Em minha trajetória percebi o potencial de contribuição que a Sintaxe tem para análises que consideram a experiência do sujeito. Mas apesar de não tê-la usado neste trabalho, o conhecimento sobre a Sintaxe Espacial me levou à consideração do conceito de intervisibilidade na definição de uma das categorias de análise da pesquisa, a interface das fachadas.

A Psicologia Ambiental tem contribuições para este trabalho que saíram desde os textos que fomentaram suas origens, até conceitos contemporâneos que podem dar suporte e traduzir as intenções desta pesquisa. Ela floresceu nos Estados Unidos e na Europa em

meados do século XX, tendo como novidade "a ênfase no espaço físico para o interior do campo psicológico sem, entretanto, deixar de considerar as dimensões sociais, econômicas e culturais dos diversos contextos" (Cavalcante; Elali, 2011, p. 15).

O interesse desse campo torna o mundo, de acordo com Cavalcante e Elali (2011), um ambiente privilegiado de pesquisa, visto que ele propicia investigações que envolvem prioritariamente os locais de vida diária, os locais do cotidiano das pessoas. Tal característica desse campo se encaixa com a intenção desta pesquisa de investigar experiências em ambientes comuns da cidade, em áreas de miolo de malha urbana, aquelas áreas em que as pessoas caminham diariamente e que são tidas como "normais", sem nada de especial.

A tradução e publicação de alguns livros editados no exterior deram combustível para o despoite da Psicologia Ambiental (PA) no Brasil por volta do início da década de 1970. Dentre eles estão os livros do geógrafo Yi-Fu Tuan, *Topofilia* (2012) e *Espaço e lugar* (2013), que servem também de referência para essa pesquisa.

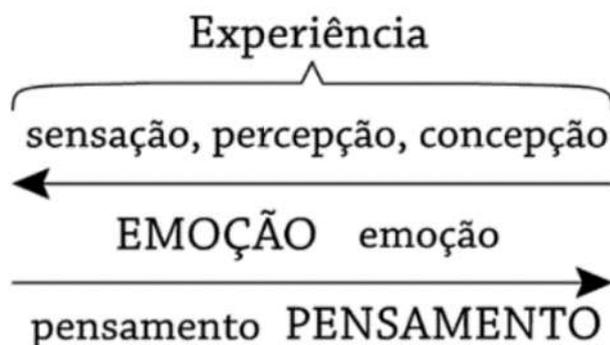
Desde então diversos estudiosos têm se apoiado na PA e construído novos conceitos que embasam diferentes estudos com o foco na interação pessoa-ambiente. As análises da PA podem contribuir com conhecimentos gerados para várias áreas, tais como a gestão de espaços, o planejamento urbano e as mudanças climáticas. Tendo em vista o seu caráter arquitetônico e urbanístico, este trabalho busca contribuir, principalmente, para o planejamento e desenvolvimento urbano, assim como para os meios de gestão de ambientes urbanos já existentes.

Fazendo uma elucidação sobre a que se propõe a Psicologia Ambiental, Günther (2011, p. 21) explica que ela precisa responder a duas perguntas: "Como é que o comportamento impacta o ambiente? Como é que o ambiente impacta o comportamento?". Entende-se que a relação pessoa-ambiente se dá em dois sentidos, em que um interfere e altera o outro, mesmo que em proporções temporais distintas. Considerando o caráter de imediatez que esta pesquisa assume, as explorações e análises aqui desenvolvidas estão centradas na segunda pergunta a que a Psicologia Ambiental busca responder, explorando o impacto do ambiente no comportamento e afetações do sujeito.

Como mencionado, os escritos de Yi-fu Tuan foram produções que auxiliaram a Psicologia Ambiental e ainda hoje são importantes para trabalhos inscritos neste campo. Uma importante contribuição deste autor foi o conceito de experiência, que ele define, em seu livro *Espaço e lugar*, como um grupo de acontecimentos no interior do ser, indo da primeira

sensação até a elaboração ou concepção do pensamento. A figura 8 ilustra a fala de Tuan e deixa clara sua definição de experiência:

**Figura 8:** Definição de Experiência de Yi-Fu Tuan.



**Fonte:** Tuan (2013, p. 17).

Para Tuan (2013, p. 19) “a experiência é constituída de sentimento e pensamento”, sendo os dois partes de um todo que não se separa. Estão misturados em um só processo e fazem parte de um *continuum* experiencial. Para o autor, e para este trabalho, tanto o sentimento quanto o pensamento são formas de conhecer o mundo e reagir a ele. Entende-se por sentimento aquilo que se sente ao viver o espaço, nossas sensações e emoções. Para Tuan, o sentimento, tratado dentro da sua definição de experiência, é a parte que toca mais fortemente a emoção. Dentro do que se entende por experiência neste trabalho, estão nossas sensações, nossos pensamentos, nossas emoções, ou seja, nossas afetações. Para Tuan, experiência é:

um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (Tuan, 2013, p. 17).

Considerando a formulação anterior, entende-se que as experiências dos sujeitos na cidade serão as mais variadas possíveis, visto que cada ser possui sua forma de perceber e simbolizar aquilo que vive, sendo cada sujeito afetado de acordo com o que lhe constitui como pessoa. Essas experiências vão variar a depender do corpo que percebe, do seu gênero, da sua cultura. Ou seja, da pessoa que vive e do que foi vivido por ela anteriormente. Como afirma Sarah Williams Goldhagen:

Nossa experiência está baseada nas nossas percepções sensoriais e em nosso mundo interior, nossos pensamentos, que juntos governam como entendemos as informações que chegam até nós por estarmos no mundo. Quando alguma coisa acontece no mundo ou em nossa mente, essa “coisa” está sempre situada, em nossos corpos, em um determinado momento e em um lugar (Goldhagen, 2017, p. 45, tradução nossa).

Apesar de a experiência possuir um caráter de individualidade, pensando-se de maneira geral, existem afinidades perceptivas que nos unem, por pertencermos a uma mesma espécie animal. De acordo com Yi-Fu Tuan (2013), os órgãos sensoriais e experienciais (assim nomeados por ele) que permitem aos seres humanos terem sentimentos intensos pelo espaço, e pelas qualidades espaciais, são a visão, o tato e a cinestesia. Além dos citados por Tuan, cabe acrescentar também a esse patamar de importância o olfato e a audição, visto que cheiros e sons podem nos remeter a lugares específicos, assim como aguçar nossa percepção acerca de acontecimentos ao nosso redor.

Além das afinidades que nos unem por possuímos corpos humanos, existem outras afinidades extracorpóreas que também nos colocam em grupos que experienciam a cidade de formas semelhantes. Esses grupos são definidos por costumes perpetuados nas sociedades, e variam de acordo com a cultura da sociedade a que os sujeitos da experiência pertencem ou em que se inserem. No Brasil fatores como gênero e orientação sexual interferem nas experiências vividas nas cidades. Grandes grupos como mulheres, pessoas trans e, de maneira mais geral, pessoas LGBTQIAPN+, podem ser citados como exemplo de coletividades diversas e dentro de cada uma delas podem ser encontradas experiências semelhantes. Mulheres experienciam a cidade de forma diferente da que os homens o fazem, principalmente quando se trata de homens cis. Dentro do grupo de pessoas LGBTQIAPN+ também existe uma gama de experiências compartilhadas por diversas pessoas de maneira semelhante, a maioria advinda de crenças e costumes cristalizados ao longo dos anos em nossa sociedade. Tais experiências podem abrir um leque enorme de pesquisas baseadas em diferenças de percepções e formas de experienciar a cidade.

De acordo com Merleau-Ponty (1999), a percepção situa-se num estado pré-reflexivo, antes de qualquer elaboração do pensamento, sendo uma visão do que se experiencia no momento em que se é experienciado. Assim, como fala Silva (2017), “a percepção não é uma construção”, ela é “um modo de sentir o mundo”, ou seja, é primária, originária, primordial na nossa relação com as coisas, com outras pessoas e com nós mesmos.

De acordo com Tuan, as emoções e o pensamento colorem toda a experiência humana, das sensações primárias até os níveis mais elevados do pensamento. Em nossa experiência, “a sensação é rapidamente qualificada pelo pensamento em um tipo especial. O calor é sufocante ou ardente; a dor, aguda ou fraca; uma provocação irritante, ou uma força brutal” (Tuan, 2013, p. 17). Assim como nossas emoções interferem no tipo de experiência que teremos na cidade, a própria experiência também influencia nossas emoções.

Apesar de as emoções serem comumente associadas ao sistema intuitivo, o reconhecimento delas orienta o raciocínio e, por consequência, a tomada de decisão. A construção da experiência compreende sensações, emoções, percepções dentro de um agir corpóreo no espaço urbano. Segundo Kahnman, a quem recorrem Bomfim, Delabrida e Ferreira (2018), as tomadas de decisão podem ser entendidas através de dois sistemas de pensamento, o sistema rápido e o sistema lento. Os dois sistemas se complementam e organizam as nossas reações e comportamentos. As autoras recorreram às explicações de Kahnman sobre o assunto quando explanaram sobre a afetividade ambiental.

O sistema rápido (ou quente), que Kahnman nomeia de Sistema 1, é aquele que opera automaticamente, sem esforço ou controle do sujeito, de maneira intuitiva. Nesse sistema a emoção tem papel preponderante. Esse sistema se baseia nas informações mais salientes presentes no ambiente, reagindo de maneira rápida, e formando nossas impressões e sensações imediatas. Sua característica de agilidade pode favorecer erros de julgamento, visto que nem sempre as informações mais rapidamente identificadas permitem uma avaliação correta para uma boa tomada de decisão.

Já o Sistema 2, designado lento ou frio, é mais ligado ao raciocínio, e exige uma atitude voluntária do sujeito, de raciocínio e deliberação. Funciona como uma espécie de monitorador de nossas ações e baliza-as de acordo com exigências sociais e do próprio sujeito. É um regulador do Sistema 1, principalmente em situações que necessitam de alguma avaliação menos imediata (Bonfim; Delabrida; Ferreira, 2018).

Esses dois sistemas de pensamento têm semelhanças com o que trata Merleau Ponty quando fala da percepção e elaboração do pensamento. A percepção remete ao caráter da imediatez mais acentuado, e a elaboração do pensamento remete a uma espécie de processamento das informações, após o primeiro impacto, que seria o da percepção. Resumidamente, as autoras destacam que “o Sistema Rápido é fortemente baseado nas emoções, fazendo com que ajamos e depois tenhamos consciência, enquanto o Sistema Lento permite que tenhamos consciência antes de agir, auxiliando na modulação das emoções.” (Bonfim; Delabrida; Ferreira, 2018. p. 62).

Os sistemas de pensamento, a experiência, a percepção nos remetem a afetos. A afetação do sujeito pelo ambiente em que se insere acontece a todo momento e de várias maneiras. Sentimento e pensamento existem de maneira indissociável, e os afetos englobam as influências que o espaço urbano possui sobre os sujeitos que o habitam. Bomfim, Delabrida e Ferreira definem afeto da seguinte forma:

Os afetos são compreendidos aqui como a junção de todos os sentimentos e emoções que antecedem a ação. Diante de uma determinada experiência, antes que se estabeleça o pensamento, somos tomados por um afeto que nos estimula a agir de uma determinada maneira em relação a uma situação, pessoa ou lugar. Assim, a afetividade se encontra na base de todas as ações humanas (Bonfim; Delabrida; Ferreira, 2018, p. 67).

Estando na base das ações humanas, os afetos são mobilizadores do ser. O corpo responde às afetações experienciadas nas nossas vivências. Ele é o nosso maior instrumento de conhecimento do mundo. É por esse motivo que esta pesquisa pretende observar o agir como meio de acessar as sensações e emoções do sujeito afetado. Esse viés de análise do agir será seguido através da análise do caminhar, consistindo em uma tentativa de interpretação dos afetos resultantes dos estímulos vindos do espaço urbano. Sarah Williams Goldhagen discorre da seguinte forma sobre a relação entre o corpo e aquilo que sentimos:

O corpo não é apenas um receptáculo passivo para as sensações do ambiente, que a mente então interpreta de uma forma um tanto ordenada. Em vez disso, nossas mentes e corpos — ativamente, constantemente e em vários níveis — se envolvem de maneira ativa e interativa, consciente e inconsciente em um processamento de nosso ambiente interno e externo (Goldhagen, 2017, p. 47, tradução nossa).

Desta forma destaca-se a interação incessante entre mente e corpo. Não há separação entre corpo e mente, mas sim um conjunto que envolve anatomia e sentidos completamente interligados, e tudo isso compõe o sujeito. Juntos, mente e corpo conformam e moldam nossas experiências vividas nos lugares de vida diária, o que corrobora o pensamento de Goldhagen, quando ela postula que muita coisa está acontecendo dentro de nós enquanto nada parece acontecer. Ainda segundo a mesma autora, a cognição não linguística inclui uma grande diversidade de acontecimentos internos, os quais vão desde o nosso estado de apreensão acerca de alguma coisa ou lugar, passando pela sensação de uma brisa em um determinado ambiente, até o conjunto completo de nossas emoções, sentimentos e/ou sensações.

Dentro desse conjunto, estão incluídos padrões de associação, chamados *schemas*, os quais construímos ao longo da nossa vida, a partir das nossas experiências durante nosso desenvolvimento, tanto no mundo quanto no nosso corpo (Goldhagen, 2017). Esses padrões de associação constituem um depósito de informações que utilizamos diariamente e que é diferente para cada um. Um taxista possui *schemas* distintos de uma bailarina, que, por sua vez, possui *schemas* diferentes de um corredor:

É com esse depósito que contamos, rapidamente e sem esforço consciente, para navegar, interpretar e dar sentido ao nosso ambiente físico e aos objetos que ele contém. Cognições não-verbais, incluindo *schemas*, chegam até nós inconscientemente, pelo menos a princípio, transpirando sob o monólogo verbal em curso dentro de nossas cabeças. [...] O termo “inconsciente” como o usamos aqui, então, não significa “não verbalizável”; significa simplesmente “não em palavras, pensadas ou faladas” (Goldhagen, 2017, p. 50-51, tradução nossa).

Cabe ressaltar que cognições não linguísticas e não verbais correspondem à mesma coisa. Ambas referem-se à cognição que não é elaborada em palavras, sejam elas pensadas ou verbalizadas. Então é uma cognição do inconsciente, que não aparece tanto no meio daquelas mais sobressalentes e mais perceptíveis ao sujeito. Essas permanecem fluindo sob o chamado monólogo infinito que Goldhagen menciona, o qual consiste na nossa fala dentro de nossa cabeça.

Corroborando a fala de Goldhagen, cientistas cognitivos, incluindo linguistas contemporâneos, defendem que grande parte daquilo que é pensado por nós, para dar sentido às sensações que experienciamos, as quais usamos posteriormente para entender conceitos mais complexos e abstratos, são não verbais e até mesmo pré-linguísticos. Daí advém a dificuldade existente em expressar determinados afetos.

Para tornar possível a visualização de como experienciamos nosso corpo internamente e, sobretudo, inconscientemente, foram criados os *homunculus* – ou “*little men*” –, figuras que representam nossas faculdades sensoriais e motoras, ou seja, nossos *schemas* corporais. Bastante familiar aos cientistas cognitivos, os *Sensory homunculus* e *Motor homunculus* (Figura 9) são uma representação topográfica da nossa estação central de processamento de estímulos, o córtex sensorial e o córtex motor.

Combinadas, essas duas figuras, que representam nossas faculdades sensoriais e habilidades motoras, demonstram como nós experienciamos nosso corpo e o mundo a partir dele. Os *homunculus* funcionam como mapas tridimensionais que elucidam quais partes do corpo possuem mais ou menos peso perceptivo em nossas experiências corpóreas e de mundo. Sendo assim, eles ilustram a importância dada a cada parte do nosso corpo por nossa mente em nossas experiências no ambiente construído urbano.

**Figura 9:** (a) *Sensory homunculus*. (b) *Motor homunculus*.



(a)



(b)

**Fonte:** Goldhagen, 2017.

As figuras dos *homunculus*<sup>2</sup> traduzem uma visão egocêntrica de nossas experiências, uma visão de dentro, individual, como cada um de nós percebe o mundo, dando importância ao que percebemos de maneira proporcional aos tamanhos das partes do corpo representadas nele – não confundir aqui a visão egocêntrica com uma visão narcisista. O *Sensory homunculus* refere-se a uma relação do nosso corpo com ele mesmo, enquanto o *Motor homunculus* diz respeito a uma relação do nosso corpo com o mundo. Quando observamos o outro, seus corpos no espaço, e tentamos entender suas vivências, estamos falando de uma visão allocêntrica do ser. Sobre a nossa experiência corporal do mundo, Sarah Williams Goldhagen diz:

Então, dentro de nossos corpos de Adão e Eva de proporções convencionais, nós vivemos nossos dias majoritariamente como *homunculus* cognitivos, dedicando muito mais atenção às informações coletadas pelas partes maiores do *homunculi*. Elas contêm a maior concentração de terminações nervosas. Nossos olhos e ouvidos fornecem às nossas mentes muito mais informações sobre o mundo do que nossas canelas o fazem. Nossa sensibilidade à estímulos a partir das partes que são maiores no *homunculus* são tão requintadas que, comparativamente, suas partes menores são pequenos insensatos – é por isso que o pequeno corte de papel que tanto incomoda seu dedo mal seria notado em sua coxa (Goldhagen, 2017, p. 95, tradução nossa).

Destaca-se então a existência de duas visões sobre o corpo, a egocêntrica e a allocêntrica; a primeira visão diz respeito à experiência individual de corpo no espaço, e a segunda se refere àquilo que enxergamos no outro enquanto o observamos durante sua experiência, bem como o que ele é capaz de nos traduzir e informar (verbalmente ou por sua expressão corporal).

Na pesquisa que aqui se apresenta, interessam as duas visões. A primeira por possibilitar uma interpretação mais próxima da experiência no espaço, uma experiência de dentro, de um corpo feminino, mais precisamente o meu, que procura explorar o ambiente urbano. E a segunda, por se julgar importante verificar as semelhanças existentes naquilo que é sentido quando pessoas distintas experienciam livremente uma mesma região. Com isso, tem-se a intenção de, considerando os pontos de vista tanto egocêntrico – por ser meu corpo participante da pesquisa – quanto o allocêntrico – por ter o corpo do outro também como importante parte da pesquisa –, verificar as semelhanças e diferenças das impressões tidas do espaço, e das expressões corpóreas postas nele imediatamente por meio da ação gerada pelo afeto. Tal ação refere-se à caminhada, à maneira como essa caminhada é realizada e às escolhas durante o traçar dos caminhos feitos pelos sujeitos.

---

<sup>2</sup> Informação nova surgida na banca de defesa da dissertação: Pesquisas mais recentes apontam que alguns fenômenos da percepção não são atrelados a áreas específicas do cérebro mas eles acionam várias áreas do cérebro, e por isso a figura do *homunculos* pode ser vista como algo problemático.

Ao nos lançarmos no espaço, captamos dele impressões que nos ajudam a escolher determinados caminhos, a tomar determinadas decisões. Essas impressões são afetos, leituras e percepções que são geradas em nós e por nós, de maneira consciente ou inconsciente. Estamos constantemente a agir no espaço e a reagir a ele. Durante o processo de navegabilidade espacial, essas afetações funcionam como guias das nossas maneiras de realização de movimento. Essa navegabilidade é chamada por Elali e Pinheiro (2018) de *wayfinding*, e acontece a todo momento quando nos lançamos no espaço. Estamos sempre a procurar traçar/orientar o nosso caminho, estando em ambientes conhecidos ou não. Fazemos isso com o auxílio de ferramentas como mapas ou GPS, mas também o fazemos sem o auxílio de ferramenta alguma além do nosso próprio corpo e de tudo que ele nos possibilita. Para melhor entendimento do que se trata o *wayfinding*, Elali e Pinheiro apresentam a seguinte explicação:

Grande parte das informações que temos sobre o ambiente é obtida ao nos movimentarmos através dele, o que exige a definição de estratégias de ação nem sempre conscientes para nos deslocarmos de um ponto a outro, correspondendo a um processo conhecido como *wayfinding*, em português também traduzido como navegabilidade. Além das características (perceptivas, cognitivas e comportamentais) do indivíduo, essa movimentação está diretamente ligada às características do ambiente (social e físico) em que se insere e, mais do que isso, depende fortemente da relação que se estabelece entre ambos (pessoa e ambiente) (Elali; Pinheiro, 2018, p. 252)

Trabalhos como os de Carpmann e Grant (2002) sintetizam o processo de *wayfinding* da seguinte forma: “orientação (consciência de posicionamento do indivíduo); escolha de rota (definição do caminho); observação da rota (contínua análise do caminho durante a locomoção); Reconhecimento do destino” (Elali; Pinheiro, 2018, p. 254). Ainda que o reconhecimento do destino seja considerado parte do processo do *wayfinding*, caminhadas livres, como errâncias, ainda podem se encaixar como esse tipo de navegação pelo espaço.

Considerando que este trabalho trata da experiência da caminhada, da afetação do usuário durante suas vivências urbanas e, conseqüentemente, da tomada de decisões durante essa caminhada, cabe pensar na presença do outro nesses momentos. Ao estar presente no espaço da rua, dentro desse vazio conformado por fachadas, piso e todas as qualidades desses elementos (como seus estados de conservação, suas configurações morfológicas, suas tonalidades), os corpos dos sujeitos modificam esse vazio. Logo, a interação acontecida durante uma experiência de caminhada se dá entre o espaço, o corpo do indivíduo e o corpo do outro, pois ambos perturbam esse vazio ao se colocarem nele. Ou seja, o eu sofrerá a influência do edificado que define o vazio e do corpo do outro que também está modificando esse espaço vazio.

Levando em consideração mais essa influência sofrida pelo sujeito, a do outro sobre o seu ser, cabe citar o conceito de apinhamento de Yi-Fu Tuan. O autor destaca que pessoas podem se sentir apinhadas por outras dentro de uma multidão, ou na presença de uma outra pessoa no mesmo ambiente. Sentir-se apinhado é se saber observado, na maioria das vezes não de uma forma agradável. Discorrendo sobre o tema, Tuan diz:

A companhia de seres humanos – mesmo de uma única pessoa – produz uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade. Por outro lado, à medida que as pessoas penetram no espaço, para cada uma chega um ponto em que a sensação de espaciosidade passa ao seu oposto – apinhamento. O que é apinhamento? podemos dizer que uma floresta está apinhada de árvores e um quarto está apinhado de bugigangas. Mas são basicamente as pessoas que nos apinham; elas, mais do que as coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar de espaço (Tuan, 2013, p. 78).

Considerando o trecho apresentado, percebe-se o destaque que o autor dá para a individualidade do sujeito, quando destaca “Para cada pessoa”. Dessa forma enfatiza que esse apinhamento experienciado por cada pessoa se dará de maneira diferente. O conceito é o mesmo, a sensação pode ser a mesma, mas cada um terá o seu limite quanto à presença de pessoas no mesmo lugar, seja ele pequeno demais ou não.

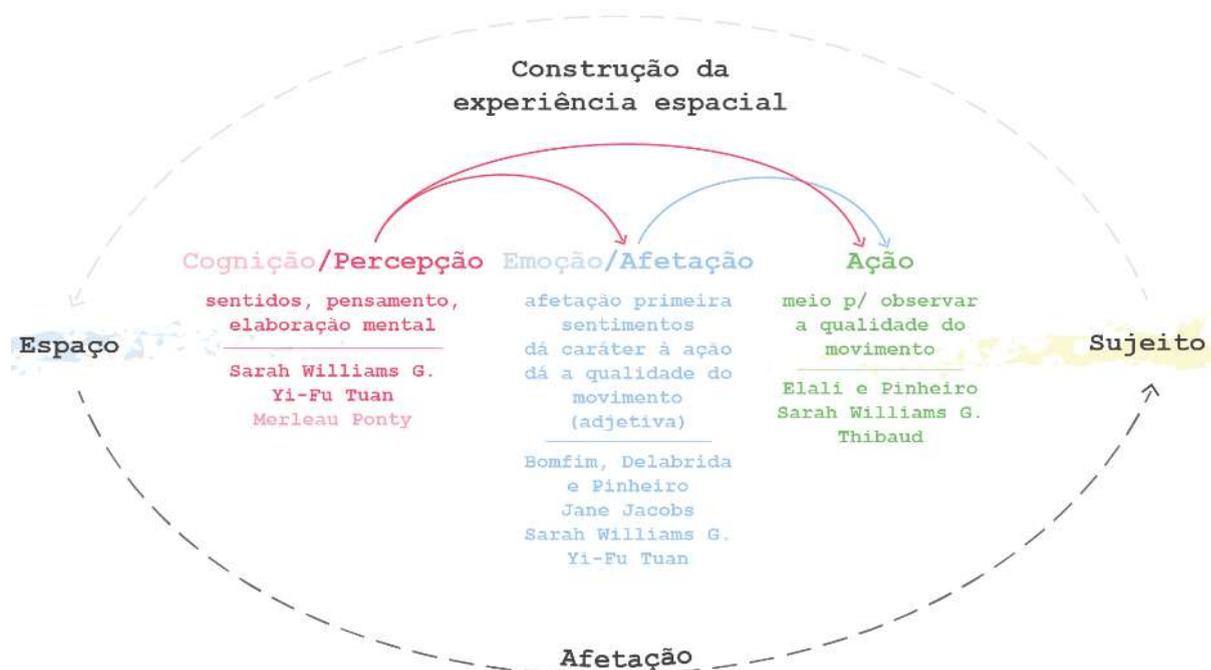
Desta forma a experiência no ambiente construído urbano e a afetação da pessoa por ele terá diversas variáveis importantes, dentre elas estão, por exemplo: a sua construção pessoal, o seu corpo, seus *schemas*, sua cultura, seu gênero, o ambiente construído em que se insere, a qualidade desse ambiente, a presença do outro, suas capacidades sensoriomotoras e sua habilidade de orientação no espaço.

Os fluxos, que podem ser potencializados pela forma urbana, possuem relação também com o uso do solo urbano. Sobre o uso do solo urbano, Hillier (1996 *apud* Saboya, 2007), em sua teoria do movimento natural, explica que usos que precisam de uma certa quantidade de pessoas para sobreviver acabam se estabelecendo em lugares da malha urbana que já possuem uma certa tendência a fluxos elevados. Sendo assim, segundo essa teoria, “os usos seguem a configuração, e não o contrário” (Saboya, 2007). Dessa forma, uso, fluxo e forma urbana possuem influências diversas sobre a ação do sujeito, visto que a presença de pessoas, a quantidade de pessoas e a relação permitida entre elas pela forma urbana – seja através da composição da fachada ou da própria malha urbana, permitindo um maior número de encontros ou não – são aspectos que sabidamente interferem em nossas escolhas, ações e maneiras de realização dessas ações no ambiente urbano.

Entendendo que a construção da experiência espacial passa por diversos aspectos, internos e externos ao sujeito, o esquema a seguir apresenta uma síntese epistemológica dessa

construção (Figura 10). Entende-se que, dentro da relação pessoa-ambiente, o espaço afeta o sujeito e o sujeito afeta o espaço. Porém a relação de afetação que mais interessa a esta pesquisa é aquela sofrida pelo sujeito por influência do espaço, e o modo como, a partir disso, este sujeito age no espaço de acordo com o processo de construção da sua experiência. Essa experiência passa por um encadeamento de acontecimentos internos, que não se dissociam, e é refletido no ambiente através da ação do sujeito da experiência.

**Figura 10:** Quadro epistemológico.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

O esquema da figura acima apresenta um resumo dos aspectos que são caros a esta pesquisa. É nessa construção da experiência que irei me debruçar, com o objetivo de mapear as formas de agir, procurando exemplos de fatores espaciais que interferem na qualidade do movimento (considerando o espaço como estímulo), através da geração de afetações e sensações. Por entender que a ação é ilustrada e colorida pelas emoções do sujeito, espero acessar as emoções através da interpretação das ações dos sujeitos e assim poder nomear os afetos por eles sentidos, provenientes dos estímulos advindos do ambiente construído que os envolve.

## 2.2 AQUILO DO ESPAÇO QUE AFETA AS FORMAS DE AGIR

Antes de falar sobre aquilo que emana do ambiente em que nos inserimos, se faz pertinente defini-lo. Quando usamos a palavra ambiente, muitas vezes o pensamento é direcionado para o significado dessa palavra, que remete à natureza:

mas a palavra "ambiente" refere-se simplesmente aos lugares, circunstâncias, objetos ou condições que nos rodeiam. Um ambiente pode ser ecológico, social, virtual ou construído. Seus elementos podem ser grama e árvores, carne e sangue, palavras e imagens, tinta e *bytes*, ou podem ser tijolos, asfalto e aço (Goldhagen, 2017, p. xxiii, tradução nossa).

No caso desta pesquisa, o ambiente que estará em foco é o ambiente construído, mais especificamente, o ambiente construído urbano. Dentro dessa classificação, e considerando que a experiência a ser observada aqui é a experiência da caminhada, os ambientes explorados serão aqueles pertencentes aos espaços de movimento, logo o espaço de interesse do ambiente construído urbano, para este trabalho, é a rua. Para Tuan (2013, p. 22), o espaço "é dado pela capacidade de mover-se", e "os movimentos frequentemente são dirigidos para, ou repelidos por, objetos e lugares". Lugares, para o mesmo autor, são espaços aos quais nós damos significado, então cada parada no espaço é uma oportunidade de transformá-lo em lugar.

Para esse trabalho, o que mais interessa da rua é a sua forma. Entende-se por forma a moldura que define o vazio, ou seja, as fachadas, o plano horizontal da rua e seus elementos característicos: como calçada, vegetação, tipos de fachada e tipos de interface entre público e privado. Além do próprio espaço, da sua dimensão material, interessa-me também a dinâmica que esse espaço suporta, no sentido de dar suporte às diferentes atividades e/ou ações. Os tipos de apropriações e formas de uso sustentados por ele, a presença de pessoas, os sujeitos encontrados no espaço, quem são esses sujeitos, se são homens, se são mulheres, se são crianças. É importante estar atento a quem utiliza os espaços que observamos, pois os sujeitos encontrados nos ambientes nos dizem um pouco sobre ele, assim como também nos fala sobre o espaço a ausência de outros grupos de sujeitos que ali não são encontrados.

Ainda que inerte, parado e aparentemente imutável no momento da percepção, considerando-se a sua materialidade estática, o ambiente para o ser que nele vive funciona também como estímulo. Günther (2011), ao falar do ambiente como origem, como fonte do que virá a ser percebido por nós, utiliza a expressão "estímulo ambiente" para deixar claro que ele participa como modulador e estimulador das experiências humanas.

O conceito de ambiência de Thibaud (2018) tem afinidade com a expressão estímulo ambiente de Günther. Para Thibaud a ambiência interfere na nossa capacidade de agir e pode

qualificar os nossos movimentos. Qualificar, neste caso, seria no sentido de adjetivar. Ao percebermos as ambiências que nos envolvem, agimos de acordo com elas. Nesse sentido Thibaud (2018, p. 21) afirma que “perceber não pode ser reduzido a uma simples contemplação do mundo, é mais precisamente movimentar-se de certa maneira”.

Mas o que é ambiência? Originário do latim *ambire*, o termo ambiência significa circundar, contornar (Thibaud, 2018), ou seja, a ambiência é aquilo que envolve o observador, que é da ordem do sentimento imediato e que estará sempre revestida de emoção e sensibilidade. Estando o usuário em determinado espaço, estará inserido na ambiência gerada por ele, e desta maneira perceberá o seu entorno a partir dela. Mas essa ambiência é também gerada pelo sujeito, quando em contato com o ambiente.

Esta definição de Minkowski sinaliza o caráter envolvente da ambiência e da necessidade do sujeito para acontecer: “A ambiência, em suas particularidades, não é coisa feita; ela se faz no contato com o homem, tal como este se faz consigo. Originalmente, a ambiência é um oceano movediço. Ela é tornar-se” (Minkowski, 2002 p. 71 *apud* Thibaud, 2013 p. 103).

De acordo com Thibaud (2018, p. 22), “nós não percebemos a ambiência, nós percebemos segundo a ambiência”, e o sujeito também é produtor das ambiências no instante da percepção. O autor discorre sobre características de ambiências da seguinte forma:

Diz-se de uma ambiência que ela é alegre ou triste, angustiante ou prazerosa, agradável ou deprimente. Ambiência não se reduz em nenhum caso a uma soma de objetos pontuais, de sinais discretos, de sensações sucessivas ou de comportamentos individuais; ela unifica e especifica a situação colorindo a totalidade do entorno. (Thibaud, 2018, p. 22).

As ambiências possuem o que Thibaud (2018) chama de qualidade difusa, uma qualidade que é captada em sua imediatez, ou seja, que, antes de ser pensada ou analisada, é sentida. Tal qualidade, assim como a percepção, convoca a dimensão pré-reflexiva da experiência, algo situado antes da elaboração pelo intelecto, operando aquém da linguagem articulada, resultando mais da compreensão que da interpretação; em outras palavras, mais da percepção ou captação primária na forma de afeto que da elaboração posterior.

Segundo Thibaud (2018, p. 19), a ambiência está diretamente ligada àquilo que sentimos, assim como “também faz apelo ao plano do movimento”. Dessa forma a ambiência dos lugares tem implicações diretas na nossa maneira de agir e de nos comportamos nos espaços. As várias abordagens do conceito de ambiência supõem (a sua maneira) que a percepção é estreitamente ligada à ação e que ela mobiliza as propriedades do ambiente, ou seja, que ela tem consequências sobre a conduta do usuário e seu estado corporal, podendo

estimulá-lo ou relaxá-lo, sendo algo que “pode nos ‘captar’ ou nos ‘impelir’, nos ‘transportar’ ou nos ‘paralisar’” (Thibaud, 2018, p. 19). O sujeito dá corpo ao lugar com base nos afetos.

Sendo assim, cada espaço, tendo sua ambiência própria, mesmo esta podendo variar com o tempo (ambiências diurnas ou noturnas, por exemplo), possuiria a capacidade de nos mobilizar, aumentando ou diminuindo a nossa capacidade de agir no momento, colocando-nos em certa disposição afetiva e corporal. A percepção gerada através da ambiência não estaria reduzida apenas a um estado passivo de contemplação, mas se constituiria como um ato mobilizador de ações.

As diferentes qualidades do urbano, os diferentes componentes que o constituem, proporcionam a constituição de ambiências diversas, pela articulação de objetos em conjuntos, os quais não deixam inalterados os meios sensíveis nos quais estão inscritos, e irradiam suas qualidades, ou defeitos, para seu entorno. Fazendo uma síntese do que se entende por ambiência, Thibaud sublinha:

Para resumir, essa abordagem fenomenológica da percepção nos conduz enfim a definir a ambiência como um fundo sensível que especifica a cada vez as condições de emergência e de aparição dos fenômenos. Desse modo, perceber não consiste somente em distinguir os objetos do ambiente, mas é também experienciar o estado de um meio em um momento dado (Thibaud, 2018).

Considerando que as ambiências transmitem informações que podem caracterizar a nossa maneira de agir, Thibaud situa a forma de agir em um nível local e coletivo, levantando a hipótese de que:

a cada ambiência corresponde um estilo de motricidade, e que esse estilo é compartilhado pelo conjunto dos participantes engajados nessa ambiência. Nossas maneiras de nos movimentarmos seriam assim informadas pelo lugar no qual elas se atualizam. Elas exprimiriam não somente uma maneira de ser em um ambiente, mas também uma maneira de estar junto (Merleau-Ponty, 1964). Evidentemente, isso não significa que as diferenças individuais sejam apagadas ou neutralizadas, mas, antes, que elas participam de um movimento de conjunto que não pode ser reduzido à soma de seus componentes. O gesto e a ambiência seriam consubstanciais na medida em que ambos conferem uma forma definida à ação em curso. Em síntese, procedem de uma articulação entre o eu, o mundo ambiental e o outro (Thibaud, 2018, p. 21).

Dessa forma o perceber e o agir estão intrinsecamente conectados. E principalmente o perceber e a maneira de agir. A percepção das ambiências, ou as próprias ambiências, tem influência sobre nossas condutas e nosso estado corporal. Dito de outra forma, a sensibilidade e a motricidade são, indissociavelmente, constituintes de um mesmo fenômeno. Nesse sentido, a Teoria do Campo Sensorio-Tônico de Goldsteins (*apud* Thibaud, 2018) defende que impressões sensoriais corresponderão a uma determinada tensão da musculatura. Goldsteins denomina essa resposta corporal às impressões do sujeito de fenômenos tônicos. Considerando que nossas impressões são influenciadas pelas ambiências dos espaços,

Thibaud as trata como “um sistema energético que se manifesta, ao mesmo tempo, no âmbito dos sinais físicos enviados pelo ambiente e no âmbito do tônus do ser vivente. Desse ponto de vista, não existe corte radical entre ser vivente e seu meio” (Thibaud, 2018, p. 19-20).

A sensibilidade e a motricidade não são coisas que acontecem de maneira sequenciada, primeiro uma depois a outra. Nossas impressões sobre o espaço e nossa expressão corporal daquilo que foi percebido é algo que acontece de maneira imediata, sendo as duas frutos de um misto de acontecimentos internos, cognitivos e subjetivos. O corpo exprime suas atitudes situacionais a partir das impressões tidas acerca do espaço em que se inscreve. Considerando o ambiente como estímulo de nossas impressões e expressões, e as ambiências como esse campo influenciador de maneiras de agir, Thibaud (2018, p. 20) destaca que “uma ambiência pode aumentar ou reduzir nossa capacidade de agir, nos colocando em certa disposição corporal e afetiva”.

Essa disposição corporal e afetiva é originária da modulação das formas de agir promovida pelas ambiências. A maneira como a ação é realizada é um dos objetos de interesse desta pesquisa. A maneira como as pessoas andam, se apreensivas ou não, suas escolhas ao caminhar ou as motivações que as levam a caminhar de certo modo. A ambiência, além de pôr nosso corpo em certo estado de tensão, “dá a medida a nossos movimentos” e “convoca a ação em seu nível mais elementar, a saber, aquele do gesto” (Thibaud, 2018, p. 20). Desta maneira, as ambiências afetam os sujeitos e dão a medida de sua ação, como destaca o mesmo autor:

Com efeito, o gesto é, ao mesmo tempo, da ordem da função (ação) e da forma (expressão). Ele permite não apenas realizar uma ação, ele a realiza de certo modo. Por exemplo, a ação de andar se faz de mil e uma maneiras: pode-se andar de forma lenta ou rápida, fluida ou agitada etc. Essas qualidades do movimento não são, todavia, próprias dessa ação, elas podem também se atualizar em todas as outras atividades (abrir uma porta, descer escadas...). Uma mesma ação pode tomar formas diferentes, bem como ações diferentes podem ter qualidades de movimentos idênticos” (Thibaud, 2018, p. 20-21).

Thibaud relaciona o conceito da ambiência com um outro conceito que se articula ao ambiente construído, o da *affordance*. Ao falar de ambiência modulada, o autor se utiliza da ideia de *affordance* de Gibson para falar do surgimento da ambiência a partir das reações perceptivas do sujeito, que se dão através de fenômenos da percepção que variam de acordo com a atividade realizada. Algo relacionado com a ecologia da percepção, no sentido de uma percepção contextualizada, na qual a *affordance* das partes que compõem o espaço tem certa participação.

*Affordance* é mais um conceito que se refere a algo que vem do ambiente construído. Nesse caso, algo que o espaço possui. Não o espaço como um todo, mas suas partes. Os objetos da *affordance*, ou elementos da *affordance*, são aqueles que informam ao sujeito aquilo que eles podem oferecer, ou melhor, aquilo que eles suportam, no sentido de dar suporte a algo ou a alguma atividade. Enquanto a ambiência é algo gerado pelo espaço, em que nós nos inserimos, a *affordance* é algo que pertence ao espaço, que está sempre lá, esperando para ser percebida. Uma característica mais permanente que a ambiência, a qual se altera a depender do horário do dia e dos sujeitos presentes (ou não) nelas.

Palavra criada pelo psicólogo James Gibson, que se dedicou ao estudo da percepção visual, a *affordance* designa os diversos estímulos oferecidos pelo ambiente ao sujeito que o experiencia: “Ao referir-se tanto ao ambiente quanto ao organismo – animal, pessoa – o conceito de *affordance* implica o entendimento da relação recíproca entre eles, ressaltando a complementaridade” (Günther, 2011, p. 21). Conceito nascido dentro da psicologia ambiental, a *affordance* trata da relação recíproca entre espaço e sujeito, constituindo uma ponte entre o espaço e o comportamento por meio da percepção. É o elemento intermediador que une pessoa e ambiente. A *affordance* é tanto “física e objetiva quanto subjetiva e psicológica, superando a dicotomia entre o objetivo e o subjetivo na medida em que aponta tanto para o ambiente quanto para o observador” (Günther, 2011, p. 25).

Günther (2011) trata do ambiente como estímulo também por meio de um outro conceito, esse conceito é nomeado por ele de valência. Ao falar de valência, o autor explica que aquele que experiencia o espaço está sujeito a forças que possuem a característica de instigar, convidar ou repelir:

Do ponto de vista da teoria do campo, a criança (e, por extensão, qualquer pessoa) se encontra num campo de forças no qual é atraída ou repelida pelos objetos presentes em seu espaço vital. O fenômeno que atrai teria um *Aufforderungscharakter* ou valência positiva; o fenômeno que repele, uma valência negativa. Lück (2001) ressaltou, ainda, que o que importa não são as características físicas dos objetos, mas as possibilidades funcionais dos mesmos (Günther, 2011, p. 23).

Essas possibilidades funcionais interessam tanto quanto as valências positivas e negativas dos espaços. O conceito de valência tem afinidade com o de ambiência. Considerando essas proximidades e semelhanças, cabe dizer que a este trabalho interessa o mapeamento e a identificação de espaços e/ou ambiências capazes de repelir ou atrair o sujeito. Ao longo das caminhadas será possível perceber essas valências positivas ou negativas dos espaços e associá-las às ambiências urbanas.

A *affordance* abarca duas partes importantes que este trabalho busca explorar: o sujeito que habita o espaço e o próprio espaço e as possibilidades funcionais de suas partes. Os ambientes em que vivemos estão sempre a servir de estímulo para nossas decisões de ações e formas de agir, pois “Os lugares de nossas vidas cotidianas não são, no entanto, meros objetos de experiência perceptíveis e gerenciáveis, mas constituem uma condição mais fundamental para a sensibilidade e o significado de nossa experiência” (Vihanninjoki, 2020, traduzido pela autora). Como condição fundamental de nossa sensibilidade, ao funcionar como estímulo, o espaço é simbolizado por nós e ações nossas podem ser associadas a seus componentes, por funcionarem como motor desta ação. Ao visualizarmos esses componentes, estes podem desencadear decisões subsequentes ao momento da percepção. Tais componentes, associados aos significados e ações atribuídos a eles, podem ser chamados de *primes*.

Termo utilizado por psicólogos sociais, o *prime* é um estímulo ambiental percebido inconscientemente, o qual influencia nossos pensamentos e decisões posteriores à sua percepção. Possui uma certa afinidade com a *affordance*, porém não se refere apenas a aspectos materiais do espaço. Sua influência também ocorre sobre nossos sentimentos e respostas, através da ativação de emoções, memórias e vários outros tipos de associações cognitivas (Goldhagen, 2017).

*Primes* podem ser objetos, materiais, cheiros, sons. Elementos que nos fazem reagir de certa maneira e/ou nos fazem decidir realizar alguma atividade ou movimentação influenciados por aquilo que vemos ou sentimos/ouvimos. Resumidamente, são *primes* elementos que podem ser percebidos pelos sentidos e que nos direcionam a tomar decisões imediatas a respeito de como agir (Goldhagen, 2017).

Fazendo uma síntese, em ambiências nós nos inserimos e percebemos o mundo segundo elas. A *affordance* das diversas partes componentes do espaço nos informa as suas possibilidades e aquilo a que essas partes são capazes de dar suporte. Os *primes* são elementos, palpáveis ou não, que são percebidos inconscientemente por sentidos variados e nos impelem à tomada de decisões sobre as formas de reação aos materiais dos objetos, bem como as formas de reação aos objetos em si.

As *affordances*, as ambiências e os *primes* influenciam os processos de *wayfinding* do sujeito. Tais conceitos podem ajudar a iluminar quais fatos, fatores ou características do ambiente construído da rua são responsáveis por moldar nossas emoções, nossas ações e escolhas durante as experiências vividas. A identificação das *affordances*, ou daquilo que as

partes componentes do espaço permitem ou não, ajudam a iluminar as origens das decisões dos sujeitos, que elementos os fizeram realizar determinada ação. A percepção das ambiências pode auxiliar o entendimento do porquê tal ação foi realizada de tal modo, com tal qualidade (no sentido da adjetivação). Os *primes* são mais difíceis de se apontar, mas servem como explicação para a origem primeira da tomada de decisão. É mais fácil de ser identificado internamente pelo sujeito da experiência do que por um outro que experiencia o lugar a partir de um outro corpo.

Os conceitos da Psicologia Ambiental caros a este trabalho podem ser associados a questões mais objetivas e concretas do lugar — como sua morfologia, sua intervisibilidade e uso do solo urbano — com o intuito maior de estudar o ambiente construído numa perspectiva da relação do sujeito com o espaço, uma relação pessoa-ambiente, procurando iluminar os fatos ou características espaciais responsáveis pelo bem estar psicológico das pessoas nas cidades durante suas experiências vividas nesse tipo de ambiente construído, o urbano.

### 2.3 ENCURTANDO CAMINHOS REFERENCIAIS

A partir desta apresentação de conceitos, trago um quadro-síntese das categorias apresentadas até então. Tal quadro representa a força que cada conceito tem na análise desenvolvida na pesquisa através da intensidade da sua cor (Figura 11). Esse quadro consiste em um panorama-síntese do *background* teórico estudado durante a pesquisa. Em fundo azul, estão os conceitos pertencentes e afins à Psicologia Ambiental. Os conceitos destacados em amarelo não se enquadram na categoria da Psicologia Ambiental e dizem respeito à experiência corpórea do ser humano, consciente e inconsciente, em sua relação com o ambiente construído.

**Figura 11:** Síntese das categorias da pesquisa, com destaque para as que permaneceram.

Conceito	Autor (a)
Experiência	Tuan
Percepção	Tuan; Ponty
Ambiência	Thibaud
Affordance	Günther
Valência	Günther
Emoção, afetação e ação	Tuan; Goldhagen; Thibaud
Wayfinding	Elali e Pinheiro
Deriva, Errância	Careri
Apinhamento	Tuan
Cognição	Goldhagen
Schemas	Goldhagen
Prime	Goldhagen
Ambiente Construído	Goldhagen

Fonte: Elaborado pela autora

Pensando nas relações que se dão dentro dos processos de percepção, emoção e ação dos sujeitos na cidade, de maneira direta ou indireta, destacam-se diferentes aspectos ou variáveis. São eles os sentidos, principalmente a visão, a audição, o olfato e o tato, assim como a cinestesia; a forma urbana, considerando-se a qualidade do ambiente construído e suas ambiências; as *affordances*; os fluxos e as dinâmicas urbanas. Existem diversos entrelaçamentos entre as variáveis citadas. Esses entrelaçamentos são o que estruturam esta pesquisa e justificam os usos dessas categorias nas análises ora desenvolvidas.

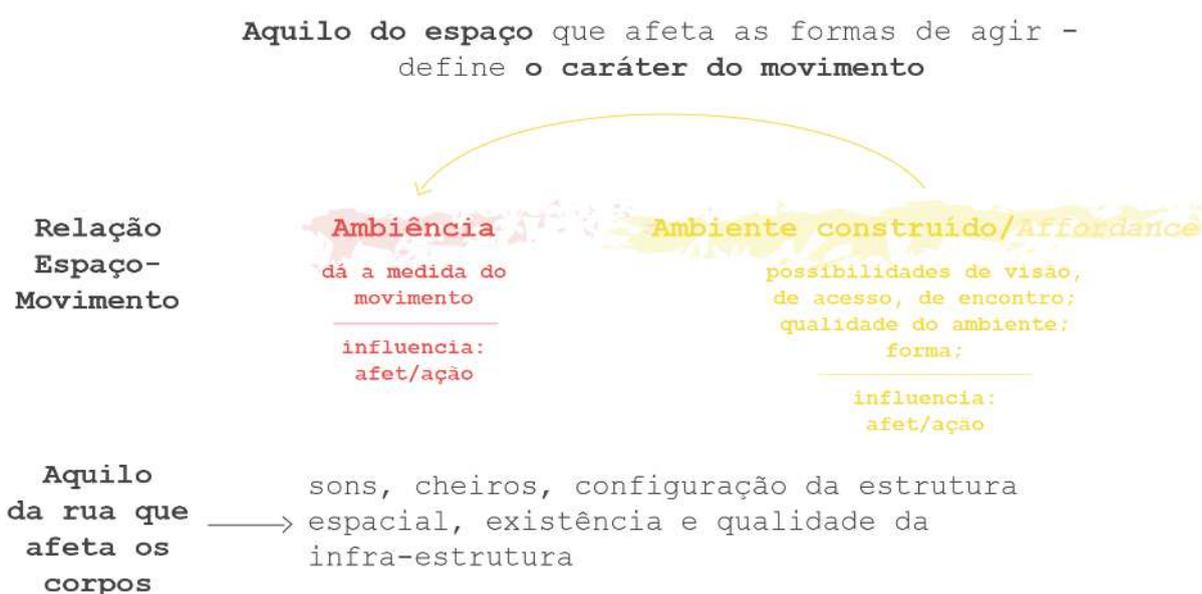
A forma urbana constitui o ambiente das vivências e gera linhas de visão específicas, a depender da configuração espacial que essa forma gera. Por conta disso, ela possui uma relação com a ação, pelo fato de estar diretamente ligada a um importante meio de apreensão da cidade para esse trabalho, a visão. Os fluxos gerados pela estrutura urbana e seus usos também possuem alguma relação com os processos geradores da ação do sujeito.

Tudo o que foi citado se relaciona de alguma forma com os processos de percepção, emoção e ação dos sujeitos, e interfere diretamente em nossas escolhas durante a realização de nossos trajetos. Por assim ser, a forma urbana — malha urbana e configuração de fachadas —,

a troca entre público e privado possibilitada por ela, o uso do solo urbano e a qualidade do ambiente construído serão algumas das categorias de análise que essa pesquisa buscou explorar, sempre com o foco do olhar voltado para os impactos que essas variáveis causam no sujeito.

Falando sobre os aspectos teóricos presentes no processo analítico empreendido neste trabalho, é possível citar principalmente os que são expostos no esquema da Figura 12. Tais categorias teórico-analíticas são os principais guias das análises desenvolvidas e iluminaram as reflexões da pesquisa.

**Figura 12:** Quadro teórico-analítico.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

As ambiências fazem parte da construção da experiência espacial, logo ela se apresenta como uma importante categoria, por se configurar como uma variável que interfere nas nossas percepções, emoções e, por consequência, nas nossas ações. Mesmo sendo difícil de registrá-las, foi empreendido um mapeamento das ambiências das áreas exploradas. Esse mapeamento se configura como uma camada de conhecimento do espaço, como algo que teve origem a partir das experiências vividas nas ruas da área de estudo.

As *affordances* se referem ao que os componentes dos espaços, os elementos do ambiente construído, são capazes de dar suporte. Tais componentes podem ser as calçadas, o mobiliário urbano, os elementos desses mobiliários, entre outras coisas. As *affordances* também têm relação com a qualidade do ambiente construído, no que concerne à qualidade das infraestruturas, pois, além da sua existência, importa também o seu estado de

conservação, seus materiais, suas formas, suas cores e a possibilidade de identificação desses elementos da *affordance*.

Existe uma relação entre *affordance* e ambiência. Quando penso em *affordance* e ambiência, penso em uma dentro da outra. Ambiência se refere ao campo que engloba o vazio e tudo o que ele comporta — inclusive nós — e a *affordance* a uma propriedade que pode ser identificada nesses elementos que estão inseridos e/ou fazem parte da moldura que conforma o vazio. A palavra *affordance* aparece mais clara neste esquema devido à queda da sua importância no trabalho, quando voltei meu olhar para mais para os elementos geradores de afetos e para a relação entre eles e seus afetos resultantes. Mas o entendimento do conceito de *affordance* ajudou na construção da pesquisa. A próxima seção traz três pesquisas que serviram de inspiração para a construção da minha e iluminaram o processo de produção de informação e conhecimento.

## 2.4 INSPIRAÇÕES/REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

No caminho de construção da pesquisa, conheci o trabalho do artista, designer e pesquisador Christian Nold. Nold desenvolveu um projeto chamado *Bio Mapping*, que aconteceu em mais de 16 países e que consiste na exploração das implicações políticas, sociais e culturais da visualização de dados íntimos – emocionais e biométricos – com o uso da tecnologia. Esse projeto investiga as respostas emocionais do sujeito ao ambiente em que caminha, através de sua medição feita por meio de um dispositivo que, “vestido” nos dedos dos participantes (Figura 13a), capta a resposta galvânica do corpo<sup>3</sup> do usuário, e espacializa tais dados através da associação deles a um sistema georreferenciado com o uso do GPS. A resposta galvânica consiste na medição da atividade elétrica das glândulas produtoras de suor e foi utilizada no dispositivo de Nold por ser mais sensível a emoções e pensamentos. Logo, tal dispositivo mede as mudanças nos níveis de suor dos dedos daqueles que os usam.

Funcionando dessa forma, o dispositivo criado por Nold permite a gravação das mudanças emocionais do sujeito identificando onde elas aconteceram (Figura 13b). A ferramenta do *Bio Mapping* é, portanto:

um dispositivo único que une o pessoal e o íntimo com o espaço exterior dos satélites que orbitam ao redor da Terra. O dispositivo parece oferecer a

---

<sup>3</sup> A resposta galvânica da pele (GSR) mede a atividade elétrica das glândulas que produzem suor nas palmas das mãos e pontas dos dedos, mais sensíveis às emoções e pensamentos. O GSR é muito usado na aprendizagem do relaxamento em geral e para ajudar a identificar as situações que causam stress e ansiedade (Clínica de Stress e Biofeedback).

extraordinária possibilidade de registrar o estado emocional de uma pessoa em qualquer lugar do mundo, na forma de um “Mapa Emocional” (Nold, 2009, p. 4, traduzido pela autora).

**Figura 13:** a) Dispositivo de *Bio Mapping*; b) Tipo de visualização dos dados do Bio Mapping no Google Earth. A altura da faixa indica a excitação fisiológica nesse ponto. A anotação foi feita pelo participante."



**Fonte:** Nold, 2009, a) p. 2; b) p. 13, traduzido pela autora.

Os dados sensíveis do projeto *Bio Mapping* são gerados através de caminhadas feitas livremente pelos participantes. Posteriormente Nold notou a riqueza de detalhes que poderiam ser acrescentados através de conversas com os participantes sobre seus próprios mapas. Todo esse trabalho me despertou interesse, mas a possibilidade de leitura do mapa junto de seu dono ou sua dona me pareceu algo ainda mais interessante do que o próprio mapa, pois assim a pesquisa poderia unir os dados que podem ser visualizados quantitativamente na tela com os acontecimentos e subjetividades dos sujeitos que os geraram. Muito provavelmente foi esse trecho do trabalho que me levou à decisão de iniciar a conversa com os voluntários através de seus próprios mapas mentais.

Como eu não poderia ter acesso ao dispositivo, eu precisei encontrar outras formas de registrar emoções/afetações/sensibilidades com os recursos que possuía. E é por isso que trago o trabalho de Christian Nold como inspiração para a exploração desenvolvida aqui. As soluções por mim encontradas também conseguiram iluminar quais são os lugares mais pulsantes do recorte da pesquisa, o que pôde ser identificado através das reações e falas dos sujeitos participantes.

Então isso entra também na parte sobre como esse corpo era lido, porque, já que eu não poderia ter acesso a esse tipo de equipamento, me restava então a observação e leitura do

corpo do outro, pois somente a fala e a expressão corporal dos sujeitos podia me dar acesso ao que se passava em seu interior.

Ainda no processo de construção da investigação, fui apresentada ao trabalho de Fernanda Pacheco (2020). A autora faz uso do método de análise chamado de micro-histórias urbanas para avaliar afetos dos sujeitos no Rio de Janeiro, e tem como objetivo geral de sua pesquisa “compreender como a cidade pode afetar as subjetividades das pessoas e como as pessoas podem afetar a produção da cidade” (Pacheco, 2020, p. 3).

Assim como na minha pesquisa, na de Fernanda Pacheco o corpo é instrumento e objeto de investigação. E esse corpo é o do outro, mas também é o corpo pesquisador(a), que igualmente reage ao espaço e age nele. Em minha pesquisa, a interpretação do modo de caminhar do outro tem peso e importância para chegar à possibilidade de nomeação dos afetos, então essa leitura dos modos do caminhar funciona também como meio de identificação, seja como fonte propriamente dita, seja como modo de acessar o afeto a partir da menção dessa forma de caminhar com o sujeito, permitindo que ele elabore o que a justifica e assim me ofereça informações sobre este afeto.

Fernanda Pacheco estudou o bairro do centro da cidade do Rio de Janeiro. Realizou algo que chamou de entrevista-caminhada, que era composta por uma entrevista semiestruturada, acontecida durante a caminhada dos participantes, fazendo uso tanto das falas, quanto de seus próprios percursos. Como mencionado, ela fez o uso do método de investigação denominado micro-histórias, que a autora define como “a costura de narrativas sobre cidade, afeto e caminhar. São as experiências e olhares de um determinado grupo de pessoas sobre um contexto urbano específico” (Pacheco, 2020, p. 6). Essa micro-história inclui particularidades do que é visto, sentido e do que gera afetação nos corpos da pesquisa, o seu próprio e o do outro.

A autora realizou derivas individuais na sua área objeto de estudo, nutrindo um caderno de campo com mapas (Figura 14) e produzindo textos sobre o que havia visto/percebido. A partir das derivas realizadas, ela classificou os locais por onde passou em um mapa com quatro categorias: alerta, na cor vermelha; vitalidade, em amarelo; tranquilo, destacado em azul; e neutro, marcado em cinza. Como componentes de seu caderno de campo, aparecem croquis, que também são ilustrados e coloridos com o aspecto que cada ambiente retratado possuía para ela. Dessa forma a autora ilustra, às vezes em um mesmo croqui, ambientes de vitalidade, de alerta e de tranquilidade.

**Figura 14:** a) Mapa #deriva3; b) Croqui Cinelândia; c) Croqui Rua da Alfândega.



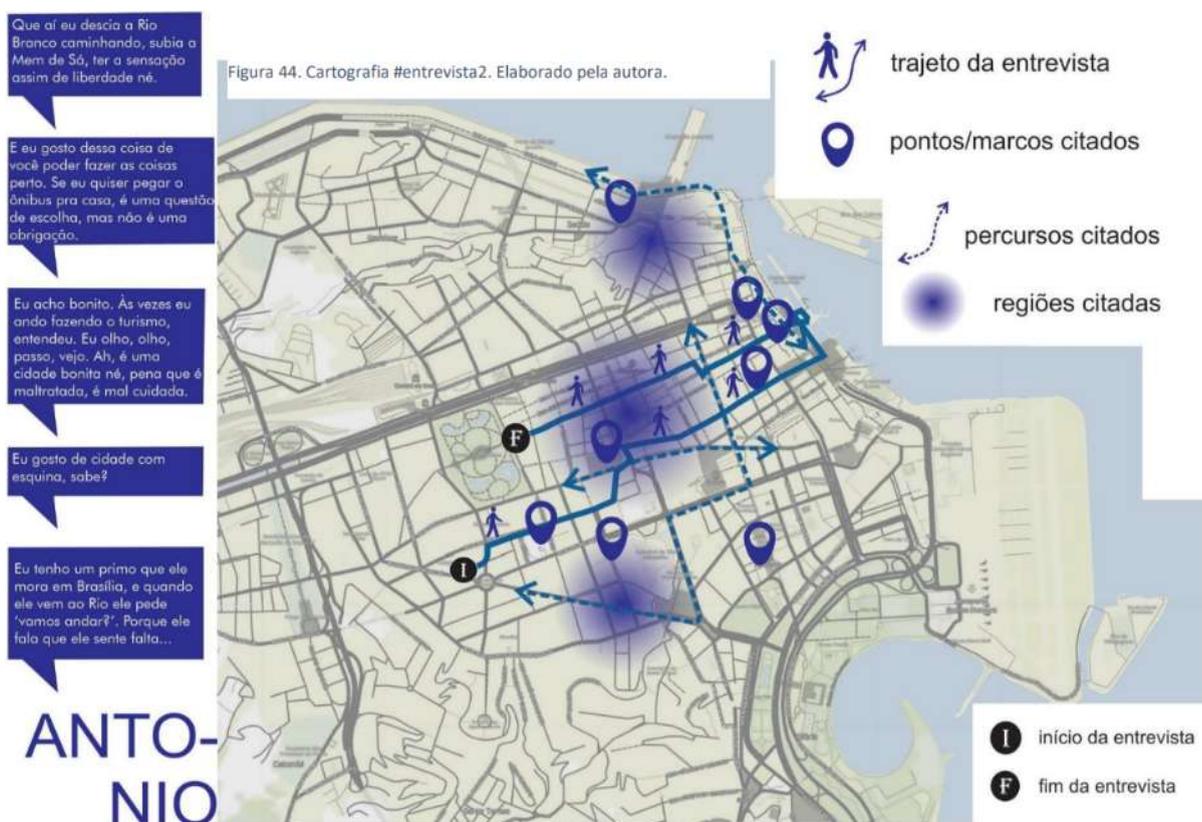
**Fonte:** (Pacheco, 2020, a) p. 63; b) p. 83; c) 89).

A autora estuda em sua pesquisa como as pessoas afetam a cidade e também como a cidade afeta as pessoas. Minha pesquisa se concentra na segunda parte da intenção de Pacheco. Através da experiência que ela vive com o outro, ela avalia essa troca, avalia os afetos que vão no sentido das pessoas até a cidade, assim como no sentido contrário. Em sua conclusão, ela apresenta um dos entendimentos atingidos em sua pesquisa, que, como diz, é um nó, ou uma pausa, de onde se pode continuar outros caminhos. Tal entendimento pode ser visto no trecho a seguir:

Parece óbvio, mas é preciso deixar claro. Aos homens os espaços de sociabilidade são comuns. Às mulheres, não. Se pudéssemos dividir o caminhar e o parar por gênero, às mulheres caberia o caminhar, aos homens o parar. É bem nítido o quanto a cidade afeta as escolhas dessas mulheres. Em quais ruas elas vão caminhar, se vão estar sozinhas ou acompanhadas, quais os horários, e, se vão parar em algum momento. O que não está claro é o quanto a cidade é afetada por essas mulheres. Existe um planejamento urbano pensado em suprir as necessidades desse grupo? Ou a cidade ainda é pensada a partir de suas falsas homogeneidades? (Pacheco, 2020, p. 112).

No seu processo, a autora avalia o Centro do Rio de Janeiro contando uma história, que contém a relação das pessoas com o bairro, os pontos por elas mencionados, as regiões a que fazem referência, o trajeto da entrevista-caminhada, outros percursos citados, as falas dos sujeitos. Isso tudo contém a experiência vivida naquele momento, assim como quem a pessoa é e aquilo que viveu naquele espaço anteriormente. Um exemplo de uma outra forma de registro dos dados da sua pesquisa é apresentado na Figura 15 a seguir:

Figura 15: Cartografia #entrevista2.



Fonte: (Pacheco, 2020, p. 100).

Ela destaca meios pelos quais as pessoas e as novas dinâmicas criadas por elas afetam as cidades, quando, por exemplo, aponta que “O movimento intenso de pedestres atrai o comércio informal. O comércio informal, por sua vez, atrai as lojas e os restaurantes. E isso atrai mais pessoas” (Pacheco, 2020, p. 112-113).

Fernanda Pacheco acredita que se o caminhar foi uma espécie de revolução utópica no final da década de 1960, com os situacionistas, que o consagraram como um ato político, a nossa utopia na atualidade é o afeto. A preocupação da autora em sua pesquisa, ao analisar os afetos dos seus voluntários, e os seus próprios, e como esses afetos tocam a cidade, parece ser a mesma que a minha, pois ela destaca que depois de tudo “o fato é que carregamos um sonho de uma cidade mais afetuosa. Uma cidade que uma vez cuidada, significará que nós também fomos cuidados” (Pacheco, 2020, p. 111).

No texto “Ambiências de passagem - figuras, condutas, medidas”, Thibaud (2013) estuda modos de caminhar realizados na praça da Convention, em Paris, e suscitados por ela. Neste trabalho ele explora a seguinte pergunta: “Mas se de fato estamos lidando com uma praça relativamente viva e animada, em que o movimento dos passantes participa de sua

ambiência e de sua dinâmica?”. Ele diz que “ao formular tal questão, trata-se de aproximar a ambiência em termos de fluxo mais do que de lugar” (Thibaud, 2013, p. 101).

Esse trabalho se aproxima do desenvolvido por mim em termos de crença na ressonância da ambiência de onde o transeunte passa, no corpo. É um trabalho experimental que teve a intenção de investigar “como uma ambiência urbana se encarna em condutas corporais e percursos usuais” (Thibaud, 2013, p. 124).

O caminhar na cidade foi o meio utilizado para que o autor chegasse a resultados sobre as diferentes maneiras de se relacionar com uma ambiência, o qual relaciona com as **figuras** do caminhar identificadas por ele; os modos de caracterizar a ambiência do lugar à luz das tendências motoras que ele convoca, o que associa às **condutas** do caminhar encontradas; e, por fim, meios de evidenciar três ordens de apropriação, ou graus de intensidade, de uma ambiência, o que o autor associa à parte que ele chama de **medidas** das ambiências.

O autor procura estudar o “tornar-se do ambiente”, no sentido de que o transeunte se torna parte do lugar por onde passa. Sobre este ponto, ele destaca: “caminhando pela praça da Convention, os passantes incorporam sua ambiência, ao mesmo tempo que a encarnam; eles a expressam ao mesmo tempo que a retomam, em poucas palavras, eles lhe dão corpo” (Thibaud, 2013, p. 102-103). E eles lhe dão corpo em forma de expressão corporal.

O autor leu a ambiência através do corpo e sobre o corpo. Em minha pesquisa, faço algo parecido, quando estudo o espaço através do que me revela a expressão corporal do sujeito, do que me revela a experiência do sujeito. No trabalho de Thibaud, analisa-se o espaço e classificam-se os modos do caminhar, observando como agem/reagem os corpos, sem falar com as pessoas. Eu procurei ter acesso às narrativas do sujeito para conseguir nomear os afetos despertados nele pelo espaço. Sobre o que lhe interessa neste trabalho, o autor discorre: “eu me interesso pela maneira como os percursos são afetados, ou seja, se mostram sensíveis às contingências da praça, ao mesmo tempo que dotados de valores emocionais” (Thibaud, 2013, p. 104). É o mesmo interesse que o meu expresso em meios de investigação distintos.

O autor procurou mostrar como as maneiras que os transeuntes passam pelo espaço suscitam dele (o espaço) diferentes versões de si enquanto contexto espacial. Por exemplo, atender um celular, esperar um ônibus, caminhar apressado, caminhar observando evocam diferentes expressões do contexto, diferentes versões dele. É como se o espaço detivesse várias facetas que se expressam de acordo com as atividades que tomam lugar nele.

Nesse sentido, o autor investigou 25 caminhadas e, a partir delas, chegou a uma classificação dos modos do caminhar, encontrando padrões entre as caminhadas observadas. A tipificação dos modos do caminhar pelas aproximações dos padrões entre as caminhadas observadas, encontrando diferentes **figuras** de percurso suscitados naquele espaço. A Figura 16 a seguir demonstra os tipos de caminhar identificados pelo autor.

**Figura 16:** Modos de caminhar na praça da Convention.

Figuras de percurso	Tipos de presença	Dinâmica dos fluxos	Representações
Avanço rápido	Fluidez	Grande movimento do conjunto	
Trânsito curto	Polarização	Ligação entre dois corredores	
O eixo do trajeto	Ancoragem	A partir de um ponto de orientação	
Território de espera	Ociosidade	Ocupação ampla	
Progressão casual	Desenvoltura	Avanço lento e flutuante	
De pausa em pausa	Moderação	Aproximação por etapas	
Curiosidade na passagem	Disponibilidade	Passagem ornada de atrativos	
Corrida de obstáculos	Prova	Múltiplas rupturas dos ritmos e modos de andar	

**Fonte:** (Thibaud, 2013. p. 109).

O autor destaca os indícios comportamentais que caracterizam cada modo do caminhar mostrado na figura anterior. Esses modos são modelos do caminhar que este ambiente é capaz de suscitar, ou de reverberar, como origem, nos jeitos de caminhar dos sujeitos, a depender da atividade desempenhada por eles.

O modo de caminhar que mais se aproxima da caminhada desempenhada pelos voluntários da minha pesquisa – o que não significa dizer que todas foram iguais – foi o da curiosidade na passagem, pela descrição que o autor faz. Sobre esse modo, o autor destaca:

Sempre prosseguindo em seu caminho, o passante se deixa apanhar por alguns signos ou sinais da praça. O deslocamento aqui, portanto, é fonte de surpresa ou, ao menos, de interesse. Lidamos com uma *passagem ornada de atrativos* que qualificam o percurso e o tornam mais cativante. A relação mantida pelos passantes com a praça se efetua sob o *modo da disponibilidade* (Thibaud, 2013, p. 115-116).

A disponibilidade desta descrição se aproxima da disponibilidade dos sujeitos da minha pesquisa, pois eles tinham um tempo determinado para ir aonde quisessem, cada um no seu ritmo. Explicando melhor esta conduta do caminhar, o autor segue:

Essa conduta se manifesta, em particular, em algumas condutas e orientações visuais observáveis. Terraços e vitrines de cafés ou algumas lojas que contornam a praça atraem o olhar dos passantes e, às vezes, causam um verdadeiro fenômeno de tropismo. Ver por outra, os passantes não se limitam a olhar de relance ou a virar a cabeça; eles também desaceleram o passo e levam um pouco mais de tempo. Nuanças muito finas modulam o ritmo do caminhante e traduzir a conjunção que se dá, algumas vezes, entre a disponibilidade e as oportunidades oferecidas pela praça (Thibaud, 2013, p. 116).

Esse tipo de desaceleração pelo interesse de olhar algo se dá também em frente a edificações de interface aberta, sendo elas lojas ou não, por permitirem a visualização do interior do lote a partir da rua.

Foram identificadas quatro condutas do caminhar que atendem às tendências motoras da praça – que são ritmos e posturas do caminhar. Essas condutas foram encontradas pela condensação dos "fenômenos motores de base que intervêm na maioria dos percursos" como forma de "concentrá-los, reduzi-los a esquemas elementares constitutivos da coreografia da praça" (Thibaud, 2013, p. 118-119). Essas quatro tendências motoras são denominadas de: pequenos ajustes; sobressaltos; séries rítmicas e condutas diferenciais.

Os pequenos ajustes são ajustes de caminhos, pela presença de obstáculos na praça, que pode ser tanto da ordem do seu mobiliário, quanto daquilo que as pessoas carregam. E aí o caminhar se vê na necessidade de realizar ajustes, evitando encontros com esses sólidos.

Os sobressaltos surgem principalmente em momentos de espera, que às vezes são carregados de alguma tensão. Seguem uma sequência do tipo "tensão-impulso-resolução", que intervêm pontualmente no percurso. Sobre essa sequência, o autor afirma:

A fase de tensão convoca inúmeros pequenos gestos e micromovimentos, que se encadeiam [...]. A fase do impulso se apresenta como um clímax de curta duração (...), converge para a fugacidade da partida. Por sua vez, a fase da resolução pode ser traduzida por um relaxamento ou por um novo ímpeto, conforme o passante ponha fim à tensão inicial ou a utilize para se apressar e prosseguir em seu trajeto, mantendo o passo (Thibaud, 2013, p. 120).

As séries rítmicas envolvem diversas expressões ou fenômenos motores. Têm uma característica de repetição, talvez por isso a denominação "rítmicas". Tendem a se repetir em um mesmo trajeto, pontuando diversas vezes em sequência. Foram três as séries rítmicas

identificadas pelo autor: encadeamento de pausas; sucessivas rupturas de ritmo e modo de caminhar e espiadas repetidas. Toda série se passa "como se a praça da Convention funcionasse como um espaço estriado, formando uma trama composta de zonas de pausa, ambientes de fixação e pontos de impulsão ou de focalização" (Thibaud, 2013, p. 121).

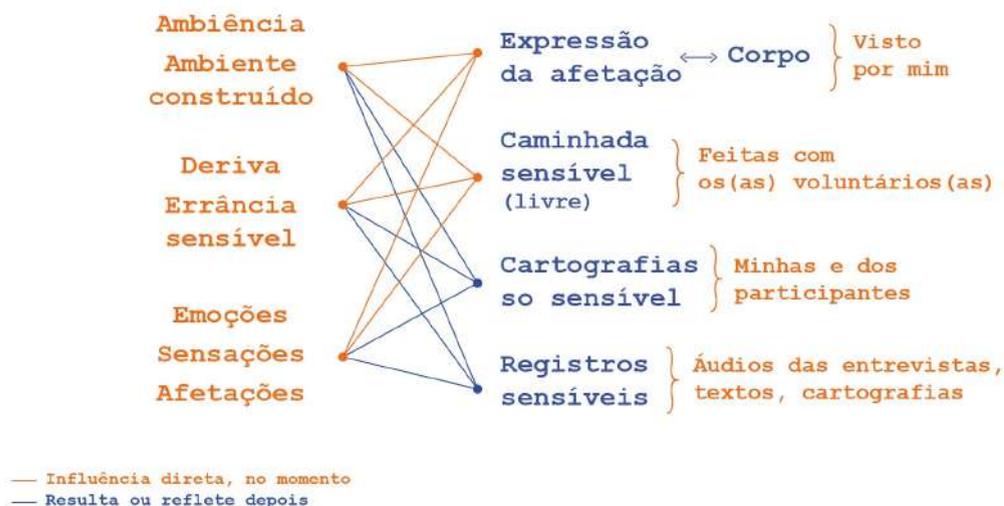
As condutas diferenciais são condutas adotadas de maneira diferente por pessoas que caminham é um fluxo coletivo em uma mesma direção. Podem ser de 3 modos: ultrapassar o companheiro ou companheira; deixar passar o fluxo de pedestre ou distender o grupo. Após realizar a identificação das figuras de percurso e das condutas de caminhar na praça, o autor mergulha nas medidas da ambiência, as quais referem-se aos seus graus de intensidade. As três medidas destacadas pelo autor são: a injunção, o convite e a impregnação.

Injunções consistem em coisas que obrigam o pedestre a parar ou a mudar o modo do caminhar, como uma regra. Exemplo disso é um sinal de trânsito. Convites referem-se aos convites enviados pelo espaço no sentido de oferecimento de possibilidades de uso, algo que tem origem no sentido de *affordance* de Gibson. Impregnações referem-se àquilo do espaço que impregnou o caminhar e o faz se dar de determinada maneira, como um pequeno desnível que obriga o sujeito a desacelerar o passo qual uma calçada que o faz redirecionar o caminho.

## 2.5 TEORIA E SEUS ENTRELAÇAMENTOS COM A METODOLOGIA

Em uma tentativa de deixar mais clara a relação do *background* teórico com a metodologia desenvolvida, a figura 17 sintetiza as ligações existentes entre os conceitos escolhidos com os meios de produção dos dados da pesquisa adotados. É evidente que as ligações são mais fluidas do que as apresentadas, pois todos os conceitos se misturam em cada parte da metodologia, permeando cada decisão e cada passo dado.

**Figura 17:** Relação entre a teoria e a metodologia da pesquisa.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

O ambiente construído (Goldhagen, 2017) e suas ambiências (Thibaud, 2018) afetam nossa forma de agir, por interferirem diretamente naquilo que é sentido por nós; logo, estão diretamente ligados com a maneira como o corpo se expressa. Além disso, o próprio caminho construído pelas sensibilidades é fruto dos diferentes estímulos oferecidos pelos ambientes e suas ambiências, através da sua influência sobre as maneiras como nos sentimos e a consequente escolha tomada a partir disso.

Por a caminhada sensível – método escolhido para a produção de dados para este trabalho – ser desenvolvida de maneira livre, ela tem influência direta dos conceitos de Deriva e Errância (Careri, 2013; 2017). Além da característica de não ter roteiro, ela se relaciona com esses conceitos por se desenvolver atendendo às solicitações do corpo e daquilo que o sujeito sente no momento da caminhada. Tal caminhada se diferencia da deriva e da errância por possuir diferentes regras e um limite predeterminado de tempo e espaço relativamente pequeno, quando comparados aos que costumavam ser considerados quando da realização dessas práticas. Portanto, foi por esses motivos que decidimos denominar a experiência espacial desenvolvida neste trabalho de caminhada sensível. O resultado desse processo aparece nas cartografias do sensível, como processo de documentação, por isso os conceitos de errância e deriva estão também relacionados a essa forma de registro da experiência.

As afetações permeiam todas as fases do processo. Estão presentes na maneira como o corpo reage ao ambiente e nos modos do caminhar; aparecem como guia para o desenvolvimento das caminhadas sensíveis; são expressas tanto nas cartografias do sensível quanto nos registros sensíveis realizados por mim, após a caminhada, na forma de textos, ou

até mesmo no momento da entrevista com os(as) voluntários(as). As sensações e afetações do outro, que se enquadram no grupo que Tuan (2013) denomina de emoções, são formas de afetações que, através de sua identificação, possibilitaram o relacionamento daquilo que é sentido com as fontes dos estímulos.

### 3. ONDE “O SOL NASCE PRIMEIRO E TÃO DESINIBIDO”

"Aqui o sol nasce primeiro  
E tão desinibido  
E a lua exhibe um estrelado  
Com tanta beleza  
Que até o algodão se empolga  
E já vem colorido  
Exibições inexplicáveis  
Da mãe natureza"

Paraíba Joia Rara  
(Ton Oliveira, 2021)

Localizada no ponto mais oriental das américas (Figura 6), João Pessoa, capital da Paraíba, é classificada pelo IBGE na hierarquia urbana como Capital Regional<sup>4</sup> pela sua centralidade, influência e atração exercidas sobre a população de outros centros urbanos. Com área de unidade territorial de 210,044 km<sup>2</sup>, área urbanizada de 110,82 km<sup>2</sup> e população estimada para o ano de 2021 de 825.796 pessoas (IBGE), João Pessoa possui malha urbana marcada por seus diversos ciclos de desenvolvimento e, por consequência, ambientes construídos urbanos que refletem seu tempo de produção, que por sua vez impactam os sujeitos de maneiras diferentes de acordo com suas características.

Dentre seus vários tempos registrados em sua estrutura pelo seu processo de urbanização, a produção contemporânea dos últimos cinquenta anos, em João Pessoa, é a que fornece o ambiente construído urbano de interesse deste trabalho. Dentro da contemporaneidade, o ambiente comum, sem algo que lhe especifique de maneira muito forte (tal como um centro histórico ou uma zona especial de interesse social, por exemplo), é o que serve de objeto para esta investigação. Tal tipo de ambiente reflete o contexto em que é produzido, mas pode ter semelhanças de constituição espacial em outras cidades e, por conseguinte, possuir elementos que podem vir a causar afetações semelhantes nos diferentes sujeitos, mesmo ao experienciarem cidades distintas.

João Pessoa foi escolhida para a realização da pesquisa empírica empreendida neste trabalho por dois principais motivos: por possuir áreas que se enquadram no padrão de

---

<sup>4</sup> A hierarquia urbana indica a centralidade da Cidade de acordo com a atração que exerce a populações de outros centros urbanos para acesso a bens e serviços e o nível de articulação territorial que a Cidade possui por estar inserida em atividades de gestão pública e empresarial. São cinco níveis hierárquicos, com onze subdivisões: Metrôpoles (1A, 1B e 1C), Capitais Regionais (2A, 2B e 2C), Centros Sub-Regionais (3A e 3B), Centros de Zona (4A e 4B) e Centros Locais (5) (IBGE).

interesse da pesquisa (de produção contemporânea, comum, banal) e por possibilitar maior facilidade de produção e levantamento de dados para a condução desta investigação, uma vez que eu morava na cidade.

João Pessoa foi fundada em 05 de agosto de 1585, nomeada Nossa Senhora das Neves em homenagem à Santa do dia de sua criação. Ainda em 1585, mais precisamente em 29 de outubro, teve seu nome alterado para Filipeia de Nossa Senhora das Neves, quando da queda de Portugal pelo domínio espanhol. Tal nome foi dado em homenagem ao rei da Espanha, D. Felipe II. Permaneceu então como Filipeia até o ano de 1634, quando, conquistada pelos holandeses, teve seu nome novamente alterado, desta vez para Frederica, em 26 de dezembro daquele ano, em homenagem ao Príncipe Frederico Henrique. Com o retorno do domínio português, passou a ser chamada, em primeiro de fevereiro de 1654, de Parahyba, mesmo nome dado à capitania, depois à província e, por último, ao estado (Menezes; Rodriguez, 1985). E assim permaneceu até o ano de 1930, quando, por demanda popular, passou a ser chamada de João Pessoa, em homenagem ao ex-presidente<sup>5</sup> do estado, assassinado em Recife no mesmo ano (Leitão; Rodrigues, 1985). O diagrama da figura 18, apresentado anteriormente, sintetiza todas as trocas de nomes da cidade, bem como especifica o período em que elas aconteceram.

**Figura 18:** Nomes que João Pessoa já teve.

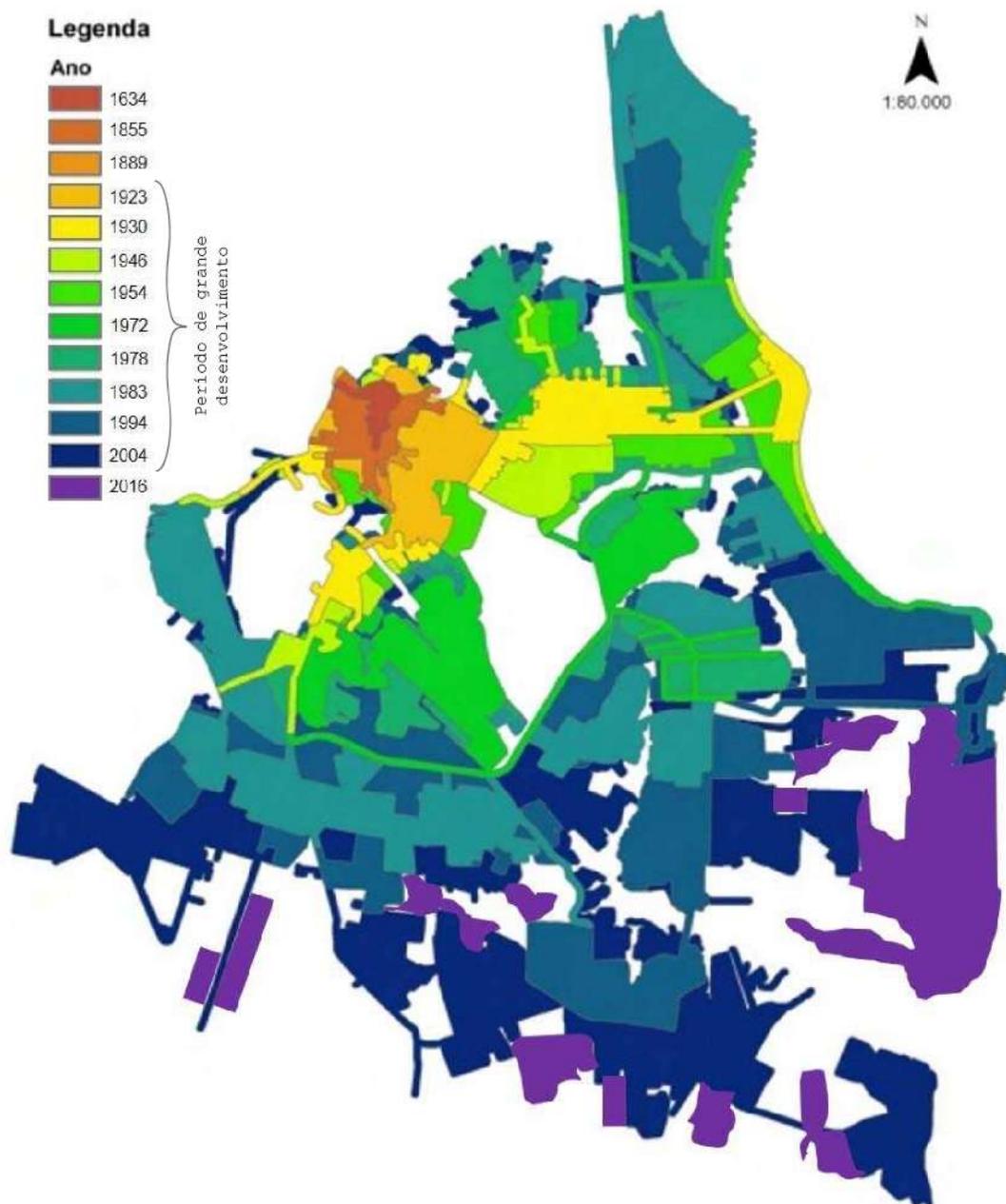


**Fonte:** Elaborado pela autora.

<sup>5</sup> Nomenclatura do período que equivale hoje ao título de Governador(a).

### 3.1 CIDADE DE QUATRO SÉCULOS CRESCIDA EM UM: O século XX e o grande desenvolvimento de João Pessoa

**Figura 19:** Evolução urbana de João Pessoa, com demarcação de sua área urbana em diversos períodos até 2016. Destaque feito pela autora.

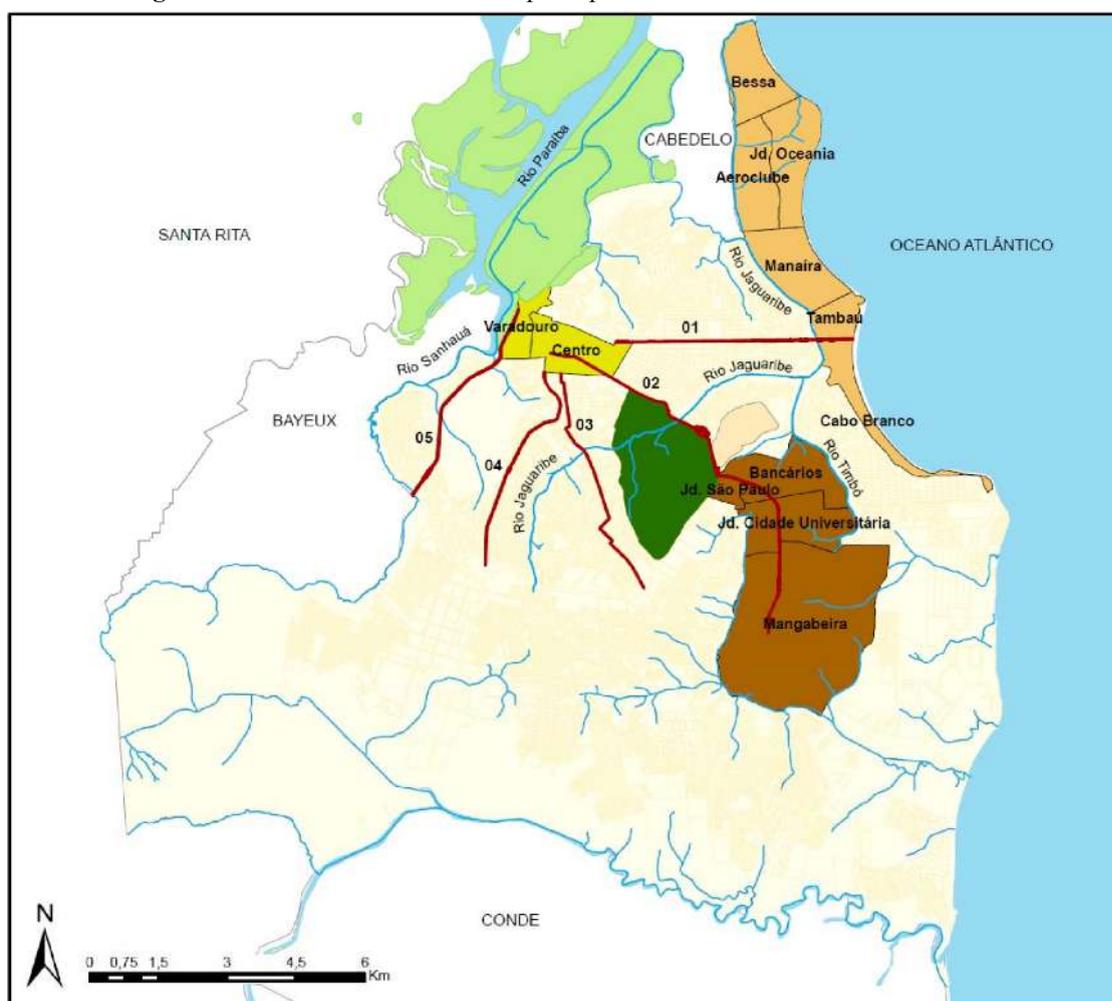


Fonte: Alonso, 2021, p. 173.

Durante seus três primeiros séculos de história, João Pessoa conservou seus limites nas proximidades de seu núcleo urbano original, localizado nas proximidades do Rio Sanhauá, acesso que propiciou a sua criação neste sítio. Passando por um *boom* desenvolvimentista no seu quarto século de história, João Pessoa viveu uma expansão de proporções nunca vistas.

Durante o seu processo evolutivo, João Pessoa teve sua expansão guiada por cinco principais eixos de crescimento, a saber: o primeiro, e um dos principais eixos de desenvolvimento urbano da cidade, a Avenida Epitácio Pessoa, que levou a cidade a expandir-se em direção ao leste, bem como ao norte, posteriormente; o eixo da Avenida Dom Pedro II, expandindo a cidade a sudeste; eixo da Avenida Dois de Fevereiro, levando o crescimento urbano para sul e sudeste; eixo da Avenida Cruz das Armas, expandindo a malha ao sul; e o eixo do acesso oeste da cidade. João Pessoa continuou a não ter grandes zonas de expansão na direção noroeste, devido ao limite imposto pelo Rio Sanhauá, que continuou como entrave a não ser transposto, tanto pelo interesse de expansão urbana em direção ao mar, quanto pela própria dificuldade de transpô-lo (Alonso, 2021).

**Figura 20:** João Pessoa e seus cinco principais eixos de desenvolvimento urbano.



### Legenda

- |                                 |   |
|---------------------------------|---|
| — 01 Eixo av. Epitácio Pessoa   | ■ Mata do Buraquinho                              |
| — 02 Eixo av. Dom Pedro II      | ■ UFPB Campus I                                   |
| — 03 Eixo av. Dois de Fevereiro | ■ Centro tradicional (bairros Varadouro e Centro) |
| — 04 Eixo av. Cruz das Armas    | ■ Subcentro litorâneo de média-alta renda         |
| — 05 Eixo Acesso Oeste          | ■ Subcentro sudeste de média-baixa renda          |
| — Rios                          | ■ Delimitação de João Pessoa                      |
| ■ Manguezais                    | ■ Municípios vizinhos                             |

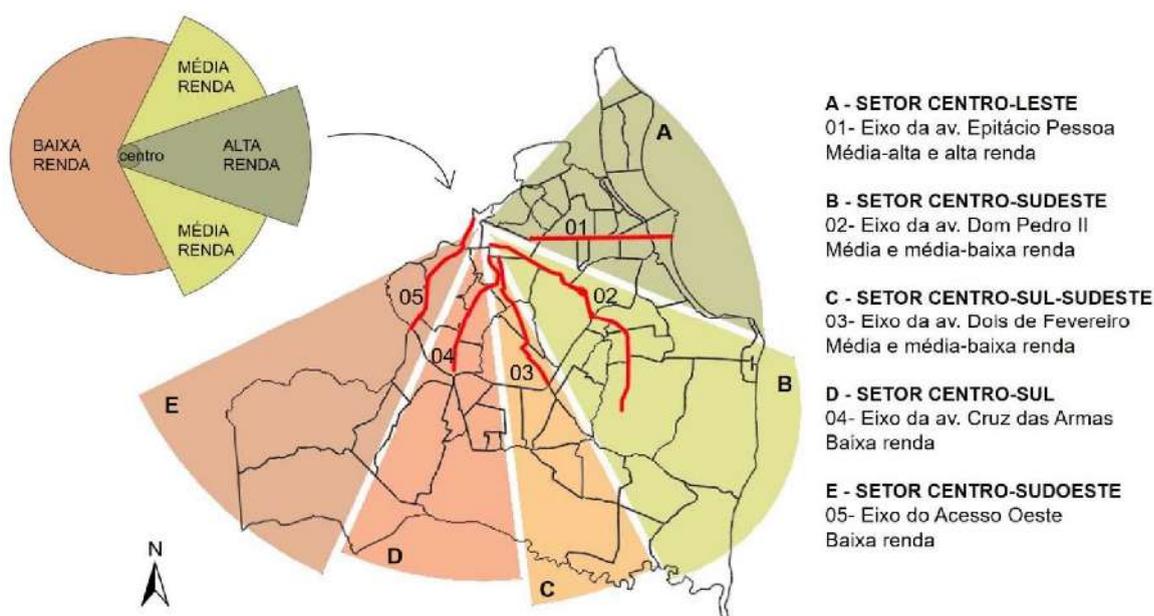
Fonte: Alonso, 2021.

Com a intenção de caracterizar brevemente a ocupação da cidade de João Pessoa pela ótica da renda, a Figura 20, produzida por Alonso (2021), de acordo com o modelo de Hoyt, ilustra em que zonas estão localizadas, majoritariamente, as classes de alta, média e baixa renda. O modelo de Hoyt exprime um modo de expansão urbana que se dá em conformidade com importantes eixos de circulação. Nesse modelo os setores urbanos desenvolvem-se radialmente. Nele as áreas residenciais de alta renda, que tendem a localizar-se em zonas com maior infraestrutura de maneira geral, são posteriormente cercadas por setores de população

de média renda e se opõem, espacialmente, aos setores de baixa renda. A lógica deste modelo reside na tendência autoss segregativa da população de alta renda, feita de maneira voluntária, acontecida por meio da expansão urbana ao longo e/ou por meio de um importante eixo de movimento (Alonso, 2021). Tal tipo de expansão se deu em João Pessoa através da pavimentação da Avenida Epitácio Pessoa, que possibilitou a ocupação da orla marítima pessoense pela população de alta renda. A Figura 21 esquematiza a estrutura de João Pessoa por meio de setores, em que:

- 1) a zona habitacional das classes mais altas (média-alta e alta) cresceu predominantemente na direção centro-leste, orientada pela avenida Presidente Epitácio Pessoa;
- 2) a ocupação das classes de média a média-baixa renda prevaleceu no setor centro-sudeste, guiado pelo corredor da avenida Dom Pedro II e suas extensões, e no setor centro-sul-sudeste, orientado pelo corredor da avenida Dois de Fevereiro e seus prolongamentos;
- 3) e a classe baixa ocupou com preponderância o setor centro-sul, guiado pela avenida Cruz das Armas (eixo da antiga estrada para Recife), e o setor centro-sudoeste, orientado pelo Acesso Oeste (...). Obviamente, existem níveis de mistura e diversificação na distribuição espacial das classes sociais, mas, de maneira geral, prevalece a setorização (Alonso, 2021, p. 178).

**Figura 21:** Setorização das zonas de João Pessoa por classes sociais, de acordo com o modelo de Hoyt.



Fonte: Alonso, 2021.

### 3.1.1 DO RIO ATÉ O MAR: A Avenida Epitácio Pessoa possibilitando a urbanização da orla marítima

Em 1920, no governo de Camilo de Holanda, se deu a abertura da Avenida Epitácio Pessoa, via que liga o Centro à Praia de Tambaú. Tal avenida carrega o nome do único paraibano que chegou a ocupar o cargo de presidente da república. Desde a sua abertura até o

momento de tornar-se área nobre da cidade, foi percorrido um longo percurso (Cruz e Silva, 2013).

A conexão entre núcleo urbanizado e área litorânea, que era antes feita pela antiga e sinuosa estrada de Tambaú (Figura 22), se dá agora de maneira mais direta, permitida pela retificação dessa antiga estrada, o que consiste na Avenida Eptácio Pessoa (Figura 23), setor centro-leste eixo 1. Isso possibilitou o início do que seria a ocupação da orla marítima, visto que esse processo só viria a ser acelerado após a sua pavimentação em 1952 (Mello, 1985; Silva, 2020).

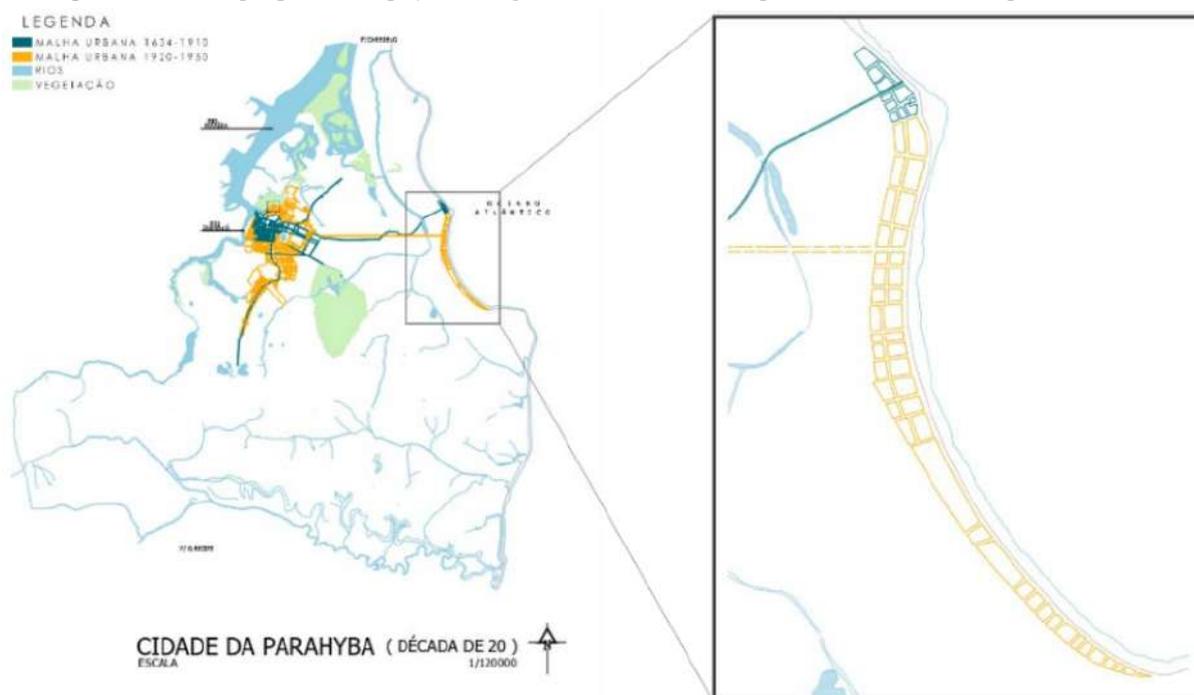
O trecho da antiga estrada de Tambaú mais próximo do litoral converteu-se no que se tem hoje como a Avenida Ruy Carneiro, que toca a Eptácio Pessoa e chega ao ponto das primeiras ocupações da orla, correspondendo à região em que se encontra hoje o Hotel Tambaú (Alonso, 2021). A figura 24 apresenta o encontro das avenidas Ruy Carneiro e Eptácio Pessoa no ano de 1955, e a figura 25 apresenta a atual configuração dessas avenidas a partir do ponto onde se encontram. A primeira leva ao Largo da Gameleira, espaço livre público ao lado do Hotel Tambaú, e a segunda ao ponto onde se encontra o busto do Marquês de Tamandaré:

**Figura 22:** Mapa com o trajeto da Estrada de Tambaú após expansão em 1907.



Fonte: Silva, 2020, p. 7.

**Figura 23:** Destaque para a ocupação da região de Cabo Branco, após a abertura da Av. Epitácio Pessoa.



**Fonte:** SILVA, 2020, p. 13.

**Figura 24:** Fotografia aérea das Avenidas Ruy Carneiro e Epitácio Pessoa datada de 1955.



**Fonte:** NÓBREGA, 2011, p. 65.

**Figura 25:** Encontro da Av. Ruy Carneiro com a Av. Epiácio Pessoa em 2023.



**Fonte:** Acervo pessoal.

Por volta de 1930, Tambaú tinha como ambiente construído poucas e modestas casas (Costa, 1985), ainda não era saneada e permanecia com aparência semelhante a uma aldeia de pescadores; era lugar onde apenas pessoas mais abastadas veraneavam (Octávio, 1985). “Na velha Tambaú abundavam os cajueiros, mesmo em locais no centro da praia” (Costa, 1985, p. 204). Para caracterizar um pouco mais o que era a praia de Tambaú enquanto sua ocupação ainda era incipiente, o trecho abaixo de Almeida (1985) carrega um pouco da imagem do lugar em algumas palavras:

Nesse tempo dançava-se o côco, famílias e mais famílias batendo palmas e cantando ao som dos maracás. [...] Estamos em TAMBAÚ, topônimo que quer dizer: ‘onde se apanha ostras ou conchas’, a praia de mais luxo e movimento. A enseada é um encanto. O mar muda de côr ostentando [...] ao mesmo tempo, duas faixas, uma verde e outra azul. Quando ocorrem enxurradas, intervém uma terceira, cor de barro. O coqueiral intacto compõe a paisagem e as ruas têm outra *personalidade*” (Almeida, 1985, p. 165, grifo nosso).

Após a criação da Av. Epiácio Pessoa, a ocupação da orla marítima passou a se expandir para sul e para norte. Para o norte, antes da consolidação do que viria a ser Manaíra, existiam ruínas de uma antiga Escola de Marinheiros. A Manaíra de outrora era um ambiente

de natureza abundante, onde os cajueiros eram muito comuns e sua praia era um lugar de liberdade absoluta (Duarte, 1985). Tal região era visitada justamente pela sua riqueza de belezas naturais, e o próprio trajeto do núcleo urbano até lá era algo a ser apreciado, como destaca Duarte na passagem a seguir:

Os que não procuravam uma aventura amorosa longe dos olhares dos cidadãos, faziam-na como rotina em busca de passarinhos, de cajus, de guajirús e algumas pescarias furtivas. Era um verdadeiro paraíso, sem qualquer intervenção de possíveis proprietários ou mesmo do Governo. Nessa fase fazia-se o trajeto a pé e na velha gasolina, que voltava de onde hoje fica o Elite-bar. Mais tarde veio o bonde, trazendo alguns afortunados que dispunham de dinheiro. Maioria vinha mesmo era a pé, catando cajus, chupando mangas, colhendo mangabas, atirando de baladeira em pássaros, em Tejuassús, em preás etc. Da antiga empresa de luz da Cruz do Peixe (*atual usina cultural energisa*) até à praia, raramente se via uma casa. Era um deserto absoluto. A natureza era plena (Duarte, 1985, p. 245).

Antes da pavimentação da Avenida Epitácio Pessoa, fez-se uso de um transporte denominado *gasolina*, como mencionado na passagem anterior. Tal transporte tinha semelhança com um jipe, era adaptado de um caminhão, possuía rodas de ferro e andava sobre trilhos (Nóbrega, 2011). Fez-se uso também do bonde elétrico e do trem (Duarte; Costa, 1985). A corrida para o mar somente teria início na década de 1950, tanto pela pavimentação da Avenida Epitácio Pessoa, quanto pela construção do Jardim Miramar, durante o governo de José Américo, acontecido de 1951 até 1956 (Octávio, 1985).

Nessa mesma década, houve significativas melhorias de infraestrutura e acessibilidade da região litorânea, tanto na já mais consolidada orla leste, quanto na nova e crescente orla norte, onde se encontra o bairro de Manaíra. Essa expansão foi diretamente impulsionada pela pavimentação da Avenida Epitácio Pessoa (Alonso, 2021). Ao longo da Av. Epitácio, a cidade passou a avançar em direção norte e sul até encontrar obstáculos topográficos que impusessem limites a essa expansão (Almeida, 1985).

Manaíra, junto com Tambaú e Cabo Branco, foi antes ocupada por pescadores (Cruz e Silva, 2013), assim como Penha (Aguiar, 1985). Como é possível observar no mapa de evolução urbana de João Pessoa (Figura 19), o bairro de Manaíra começa a surgir por volta do final da década de 1940, expandindo-se ao longo das décadas de 1950, 1960 e início da década de 1970. Sendo ocupada inicialmente por casas de veraneio, Manaíra tem a ocupação do solo para fins de moradia firmada pelo Loteamento Jardim Panamérica, juntamente com o conjunto habitacional Jardim Manaíra (Aguiar e Octávio, 1985; Alonso, 2021).

É no período de consolidação do conjunto Jardim Manaíra que se dá a construção do Hotel Tambaú. Tal hotel foi construído na faixa de areia da Praia de Tambaú, em frente ao primeiro edifício de apartamentos da área litorânea, o Edifício Santo Antônio. Sua construção

foi iniciada no final da década de 1960 e finalizada em 1972. A Figura 26 apresenta a área no início da construção do Hotel e a figura 27 mostra o Hotel Tambaú nos dias atuais.

**Figura 26:** Início da construção do Hotel Tambaú.



**Fonte:** Nóbrega, 2011, p. 63.

**Figura 27:** Vista do Hotel Tambaú para o sentido sul de João Pessoa.



**Fonte:** Tácio, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2aFiejDwF98>

### 3.2 MANAÍRA HOJE: O bairro dono das ruas de que esse trabalho se ocupa

Ao todo Manaíra compartilha limites com quatro bairros; são eles Aeroclub e Jardim Oceania ao norte, Tambaú ao sul e São José a oeste. Além disso, dois grandes elementos naturais participam da definição da forma do bairro, o mar a leste e o Rio Jaguaribe a oeste. Sua topografia é quase inteiramente plana, estando todo o bairro poucos metros acima do nível do mar, em uma cota de oito metros, com pequena variação em determinadas áreas, que podem chegar a 10 e 11 metros (Figura 28). Durante o processo de expansão de João Pessoa, obstáculos naturais foram transpostos e, por vezes, ocupados. Como é o exemplo do Rio Jaguaribe, que teve seus vales ocupados e permanecem assim até hoje. É no vale deste rio que se encontra o Bairro São José, que aparece em destaque na Figura 29.

**Figura 28:** Mapa topográfico e de limites compartilhados entre Manaíra e bairros adjacentes.



**Fonte:** topographic-map, modificado pela autora. Disponível em: <https://pt-br.topographic-map.com/>

**Figura 29:** Vista aérea do bairro São José e do bairro de Manaíra.



**Fonte:** Nóbrega, 2010.

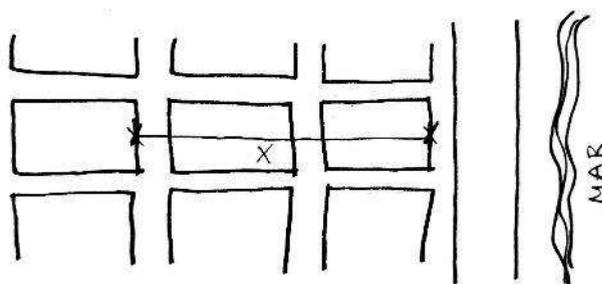
O fato de Manaíra ter parte da sua forma definida pela presença do mar acarreta a necessidade de obediência a aspectos de legislação, provenientes dessa proximidade com este elemento natural. Toda e qualquer edificação construída no bairro deve estar de acordo com os artigos 229, da Constituição Estadual da Paraíba, e 25, do Plano Diretor de João Pessoa. A obediência a essa legislação gera o padrão de verticalização de Manaíra, o qual será apresentado a seguir. Mas, antes, uma breve explicação sobre o que dizem esses artigos é necessária, para assim ser possível interpretar sua influência no padrão morfológico do bairro, visto nas imagens.

O artigo 229 da Constituição Estadual da Paraíba define a zona costeira do estado como patrimônio ambiental, cultural, paisagístico, histórico e ecológico, em uma faixa de quinhentos metros de largura, a partir do que é chamado de preamar de sizígia, em direção ao interior do continente. Tal artigo prevê que cada município legislará sobre como deverão ser feitos os cálculos das alturas das edificações, mas já prevê um escalonamento a partir de doze metros em áreas já urbanizadas, que poderá atingir trinta e cinco metros de altura.

O mesmo artigo estabelece também que a primeira quadra de frente para o mar deve estar distante 150 metros da maré de sizígia, que consiste na maré mais alta existente, a qual acontece quando terra, sol e lua estão alinhados, e assim há a sobreposição de marés lunares e solares. É crime de responsabilidade conceder licença para construção ou até mesmo reforma de edificações que tenham projetos em desacordo com o que prevê esse artigo. Além disso, essas edificações devem obedecer a critérios que garantam ao ambiente urbano condições para aeração, iluminação e existência de infraestrutura adequadas.

O artigo 25 do Plano Diretor de João Pessoa regulamenta o artigo 229 da Constituição Estadual. Consistindo em uma restrição adicional ao artigo da constituição estadual, prevê que dentro da faixa de 500 metros ao longo da orla, a altura máxima da edificação será de 12,90 metros somados à  $\text{dist.} \times 0,0442$ , em que  $\text{dist.}$  corresponde à distância entre o meio fio da quadra onde a edificação será construída até o meio fio da quadra mais próxima do mar (Figura 30).

**Figura 30:** Esquema demonstrativo da distância utilizada para o cálculo da altura das edificações.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Logo, é devido a este par de artigos que a distribuição dos gabaritos encontrados em Manaíra se apresenta de maneira escalonada, como é possível observar nas Figuras 31, 32 e 33. Este escalonamento permite que as edificações não se configurem como grandes barreiras à ventilação, permitindo que os ventos trazidos do oceano não precisem fazer um longo caminho para voltar às cotas mais baixas depois de passar por essas edificações (Figura 34).

Além disso, essa restrição de altura fortalece a orla como ambiente de turismo e prática de esportes, pois a ausência de edificações elevadas nas imediações da orla marítima permite que a praia permaneça ensolarada ao longo da tarde por muito mais tempo. Esse padrão se repete também em Tambaú. Fazendo fronteira com este que é um dos bairros mais turísticos de João Pessoa, Manaíra tanto tem a oferecer um serviço de hotelaria que abriga pessoas que têm o bairro como foco de realização de atividades, quanto dá suporte aos bairros vizinhos com as opções que oferece.

**Figura 31:** Vista aérea de Manaíra em 2010. Ao centro da imagem encontra-se o Hardman Hotel (edificação marrom na beira-mar).



**Fonte:** Férias Brasil. Disponível em: <https://www.feriasbrasil.com.br/pb/joaopessoa/manaira.cfm>

**Figura 32:** Vista aérea de Manaíra em 2010.



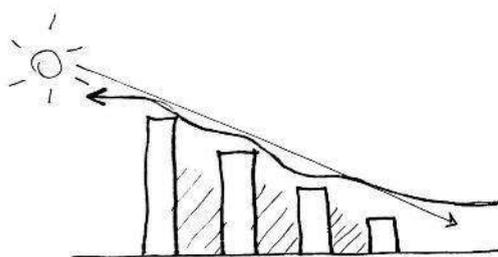
**Fonte:** Nóbrega, 2010.

**Figura 33:** Vista aérea de Manaíra em 2022.



**Fonte:** MANAÍRA VISTO DE CIMA - Um bairro verticalizado e com muita opção em JOÃO PESSOA - PB, 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=GRRvcl0\\_BRA](https://www.youtube.com/watch?v=GRRvcl0_BRA). Acesso em: 02 de junho de 2023.

**Figura 34:** Esquema demonstrativo da ventilação e insolação em uma verticalização do tipo escalonada, seguido de em uma verticalização não escalonada próximas à orla.



**Fonte:** Produzido pela autora.

Manaíra é um dos bairros mais verticalizados da cidade de João Pessoa. Com muitos serviços e comércio voltados para pessoas de média a alta renda, com escolas em sua maioria direcionadas para o ensino infantil, e dispondo de diversas opções de bares e restaurantes, Manaíra compõe o subcentro litorâneo norte da cidade de João Pessoa.

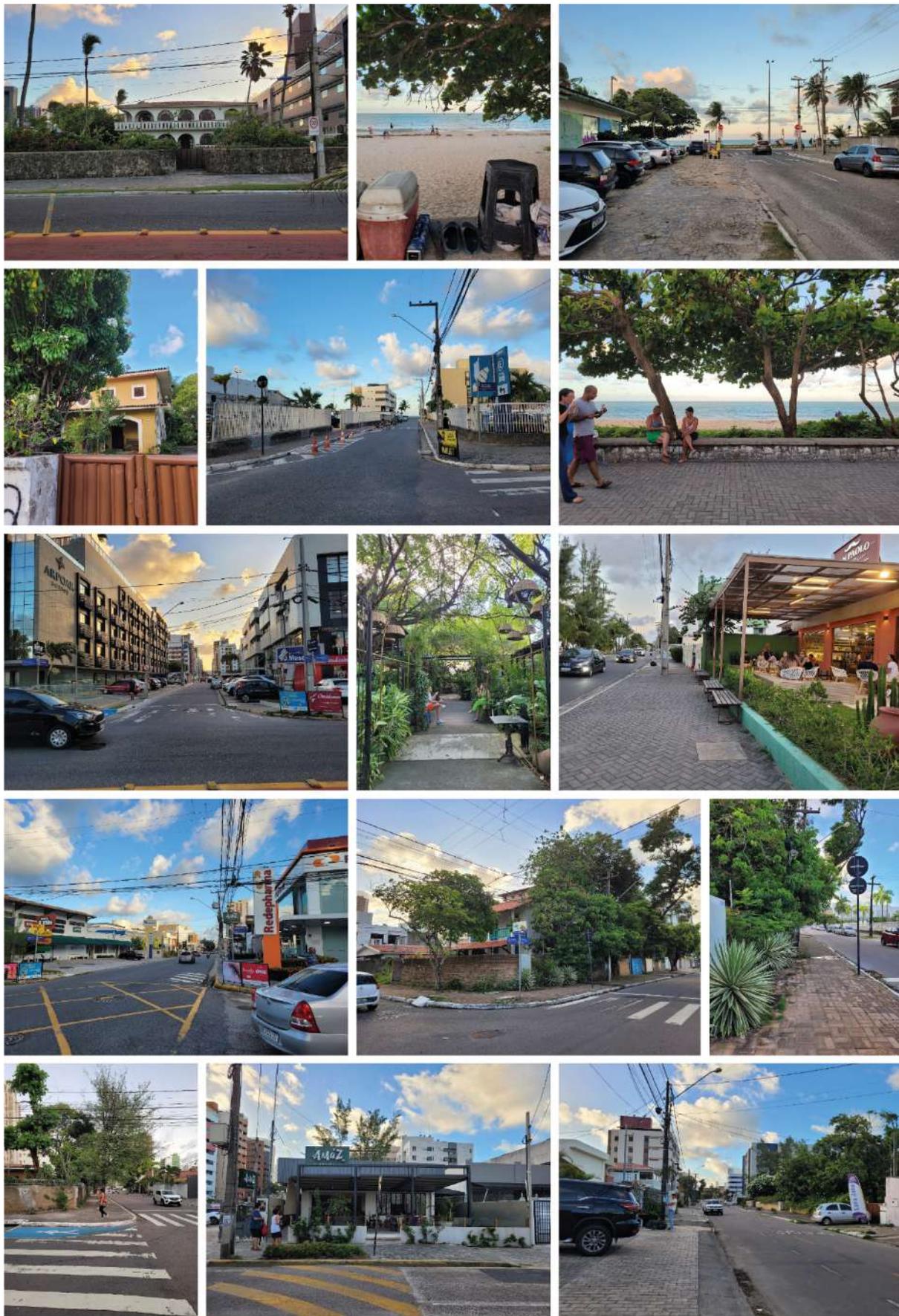
A economia de João Pessoa tem como forte o setor terciário, como as atividades de comércio, serviço e turismo, e Manaíra tem grande participação nisso, pela sua alta concentração de opções de lojas, grande variedade de restaurantes e forte presença do setor hoteleiro. Dessa forma contribui para a influência que a cidade exerce sobre a região, bem como emprega um alto número de pessoas.

Além de ser um subcentro pelo que oferece à população, Manaíra é também um local de passagem, o que faz com que pessoas de diferentes áreas da cidade transitem pelo bairro

diariamente. Considerando o fato de ser um bairro que oferece uma alta gama de variedade de comércio e serviço, Manaíra tem um índice elevado de população flutuante, ao mesmo tempo em que detém um alto índice de população residente, por sua característica de também ser bastante residencial e verticalizado. Possui orla propícia para a prática de atividades físicas e passeios turísticos, com rede de comércio e serviço voltada para o atendimento de necessidades locais e turísticas. As imagens a seguir demonstram um pouco do que é o bairro de Manaíra.

**Figura 35:** Bairro de Manaíra em imagens.





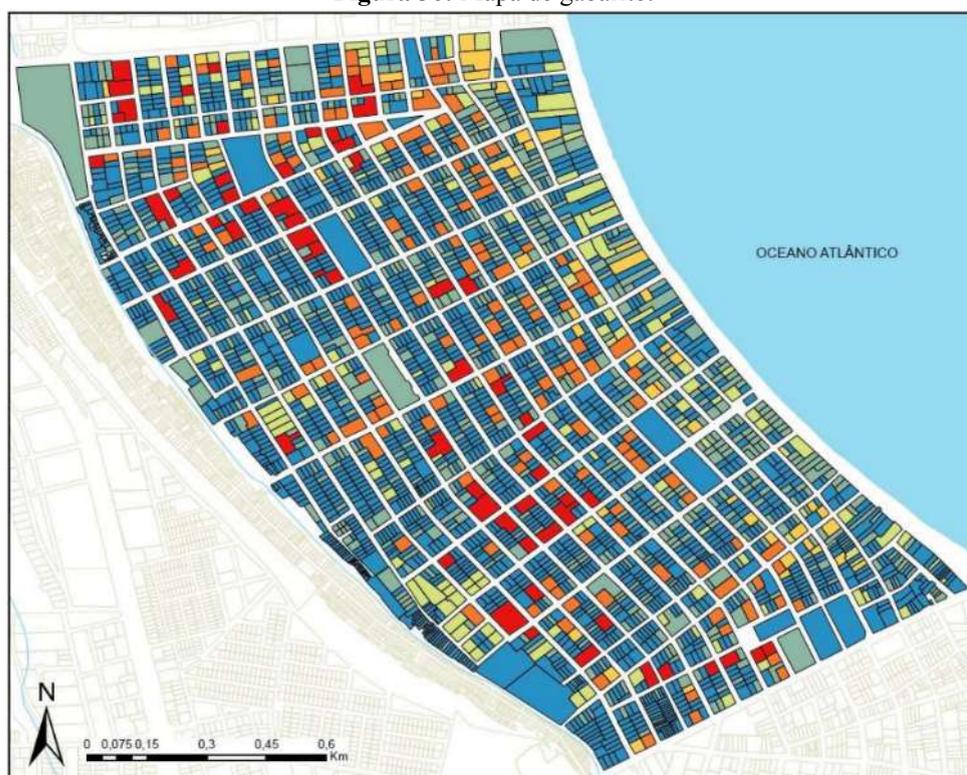
Fonte: Acervo pessoal.

### 3.2.1 Caracterização morfológica

Observando-se o mapa abaixo, produzido por Alonso (2021), percebe-se que ele reflete o escalonamento visto nas Figuras 31, 32, e 33. Nele é possível perceber que as edificações mais altas só começam a aparecer a partir da quinta faixa de quadras. Essa distância é de aproximadamente 450 metros a partir da avenida João Maurício.

No que se refere à relação de Manaíra com a cidade como um todo, o mapa da figura 37 ilustra uma análise realizada por Alonso (2021), que destaca os segmentos com maior escolha global do bairro, ou seja, as ruas ou avenidas com maior possibilidade de escolha, pelo transporte motorizado, quando relacionadas com o todo da malha urbana pessoense. Segundo observado na nossa pesquisa, tais segmentos destacados coincidem também com as avenidas identificadas como de maior fluxo de automóveis nas caminhadas realizadas. Esses segmentos são também os mais evitados pelos voluntários participantes da investigação. Quando não evitados, causavam sensações de desconforto que serão mais exploradas no capítulo de resultados.

**Figura 36:** Mapa de gabarito.



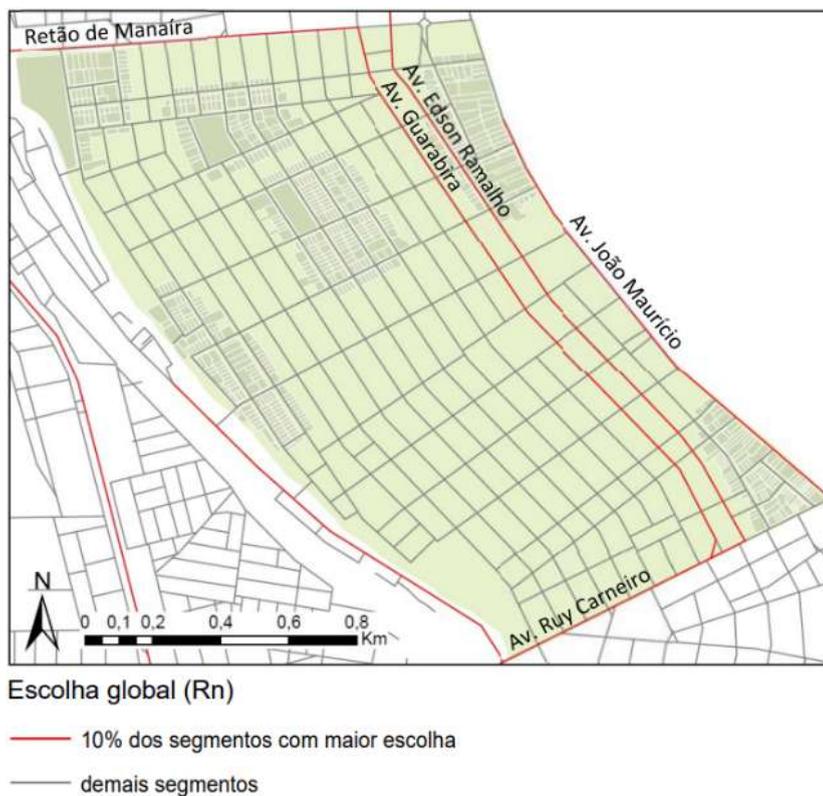
#### Legenda

Número de pavimentos:

<span style="color: blue;">■</span> 0 - 1	<span style="color: lightgreen;">■</span> 4 - 6	<span style="color: orange;">■</span> 10 - 19
<span style="color: green;">■</span> 2 - 3	<span style="color: yellow;">■</span> 7 - 9	<span style="color: red;">■</span> 20 - 41

**Fonte:** Alonso, 2021.

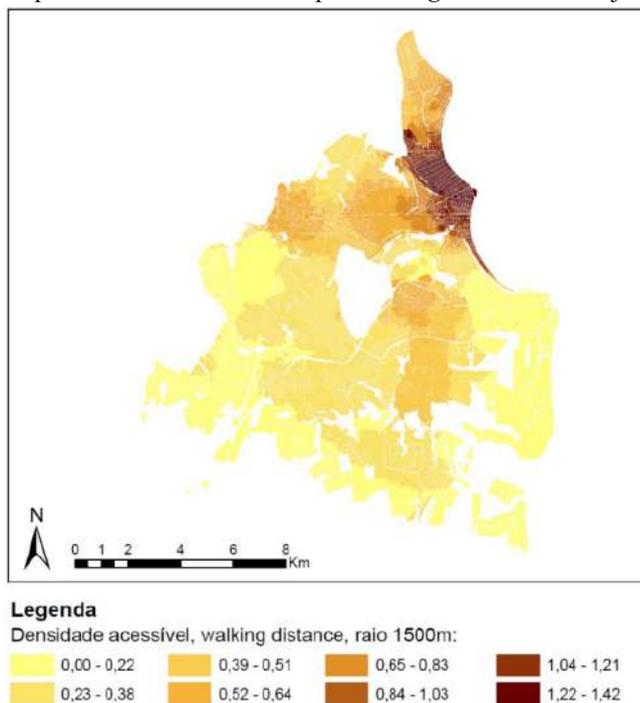
**Figura 37:** Mapa de vias com maior escolha global.



**Fonte:** Alonso, 2021.

Manaíra é um dos bairros mais densos da cidade de João Pessoa. O mapa da Figura 38 demonstra a densidade acessível por *walking distance* em toda a cidade, considerando trajetos de até 1500 metros. Nele pode-se perceber que o bairro de Manaíra é um dos que aparecem com os maiores índices de densidade acessível. Isso significa dizer que com trajetos do mesmo tamanho realizados em vários pontos da cidade, é na região em que Manaíra se encontra que é possível alcançar uma maior densidade construída.

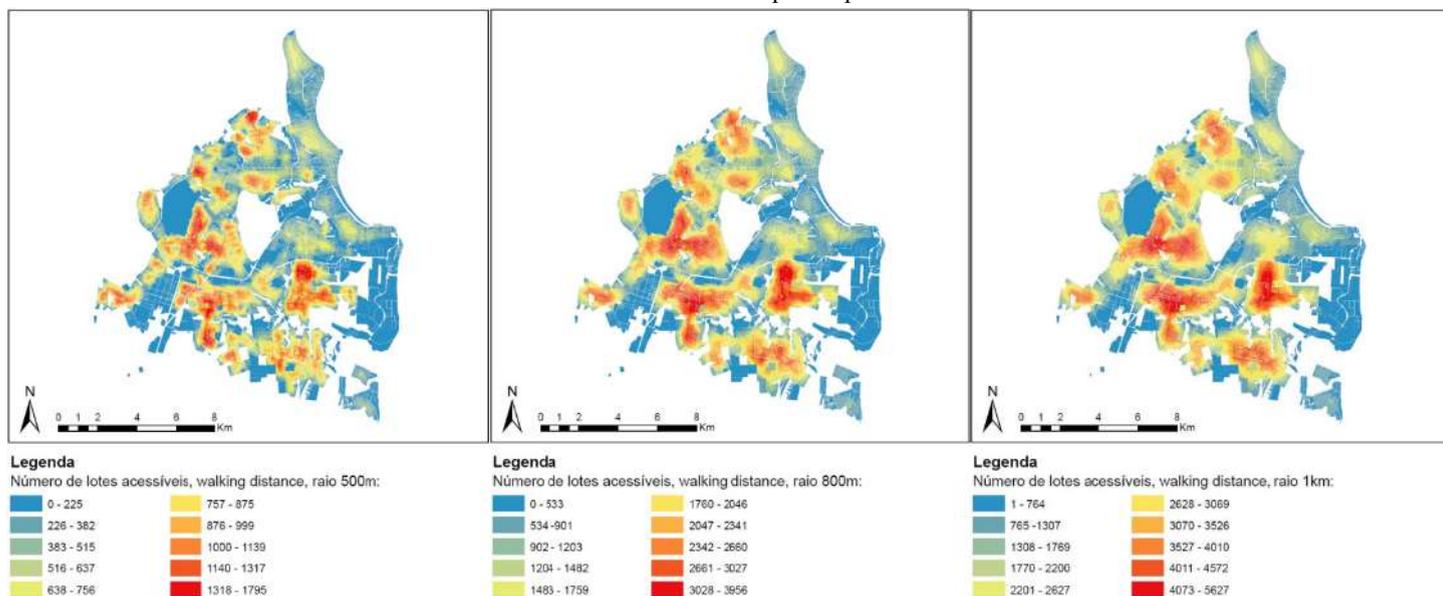
**Figura 38:** Mapa de densidade acessível por *walking distance* em trajetos de 1500m.



Fonte: Alonso, 2021.

Os mapas da Figura 39 trazem um dado também interessante para a caracterização de como é Manaíra morfologicamente, um índice de número de lotes acessíveis em *walking distance*, processados com distâncias de caminhabilidade de 500, 800 e 1000 metros, respectivamente. Em relação às áreas que aparecem nesse mapa em tons mais quentes, Manaíra tem uma menor quantidade de lotes acessíveis a pequenas distâncias. Entenda-se acessíveis aqui no sentido de ser possível alcançar, não de ser possível adentrar sem impedimentos.

**Figura 39:** Mapa de número de lotes acessíveis por walking distance, com 500m, 800m e 1km de distância de caminhabilidade da esquerda para a direita.



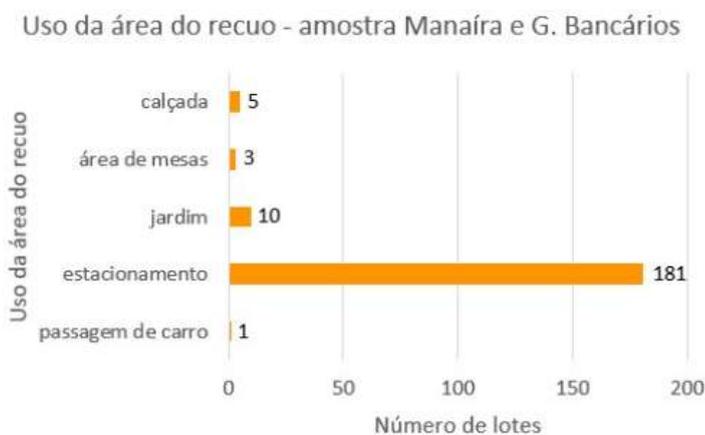
**Fonte:** Alonso, 2021.

Associando as informações dos mapas de densidade acessível por *walking distance* com o de número de lotes acessíveis por *walking distance*, apresentado na Figura 39, entende-se que o bairro de Manaíra possui lotes maiores e mais densos que outras partes da cidade. Ou seja, no ato de caminhar é possível acessar uma maior quantidade de volume construído em uma menor quantidade de lotes em que se alcança no comprimento da caminhada, seja este volume residencial, comercial ou de serviço. Aspecto que também justifica a escolha do bairro como área objeto de estudo para a pesquisa.

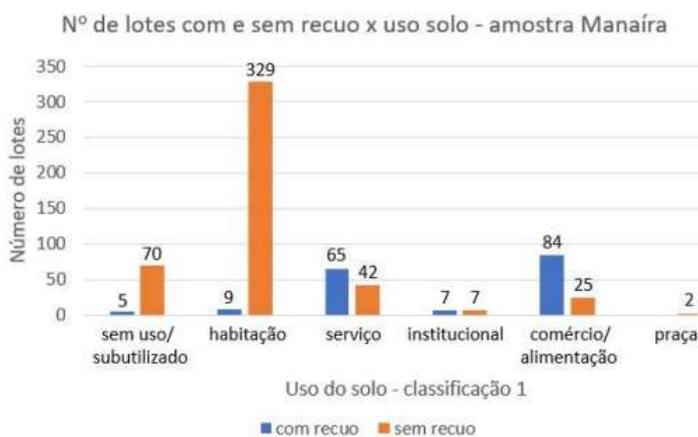
O lote é uma unidade de parcelamento espacial que tem grande papel na definição do ambiente construído. A maneira como seu fechamento é feito, se há recuos ou não, como esses recuos são utilizados (se existentes), são aspectos que influenciam os tipos de afetos ou impactos gerados nos sujeitos que passam por suas imediações.

Em sua análise, Alonso (2021) classificou os lotes pertencentes às suas áreas objeto de estudo com um índice de permeabilidade visual que vai de zero a um. Dos 645 lotes estudados pela autora, 61% possuem pouca ou nenhuma permeabilidade à visão (0,00 - 0,20); 17% têm configuração que permite a troca entre público e privado (0,81 - 1,00), e os outros 22% se distribuem entre essas faixas de valores. As seis áreas estudadas por Alonso dão um certo panorama do que é o bairro de Manaíra em seu todo. Um bairro com pouca interface entre público e privado, o que significa pouca troca entre o ambiente intra lote e extra lote, com predominância de fachadas que não oferecem grandes oportunidades de troca entre quem está dentro do lote e quem passa por ou está fora dele.

Em Manaíra, nas áreas estudadas por Alonso (2021), 475 lotes não possuem recuo frontal, o que corresponde a 73% do total. Em grande parte do bairro, o espaço de recuo dos lotes é utilizado como estacionamento (Figura 40), muitas vezes confundindo o que seria calçada e o que é recuo capaz de comportar um carro. A maioria dos lotes que possuem recuo são do tipo comércio (do ramo alimentício ou não) e serviço. O gráfico da figura 41 apresenta um pouco da imagem sobre como se distribuem os lotes com recuo e sem recuo em Manaíra de acordo com os usos do solo, dando um panorama do total de lotes das amostras de Alonso.

**Figura 40:** Gráfico de tipo de uso do recuo por número de lotes.

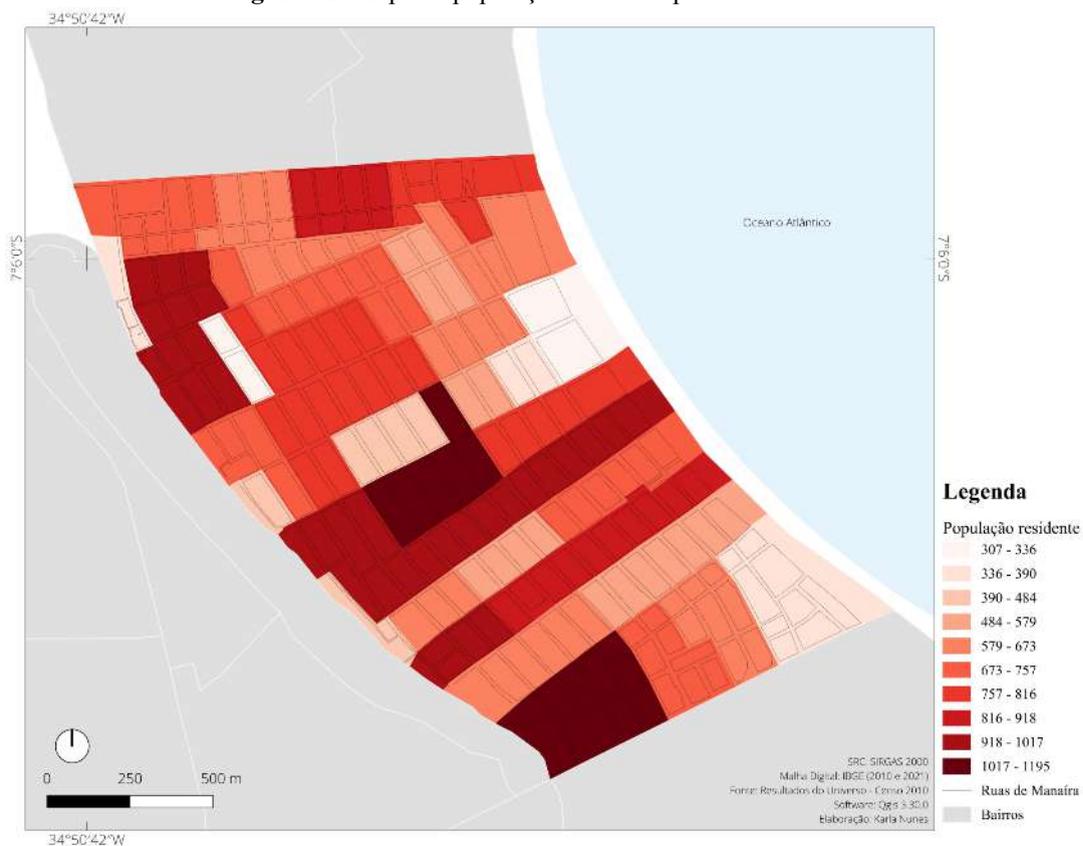
Fonte: Alonso, 2021.

**Figura 41:** Gráfico de número de lotes com e sem recuo por uso do solo.

Fonte: Alonso, 2021.

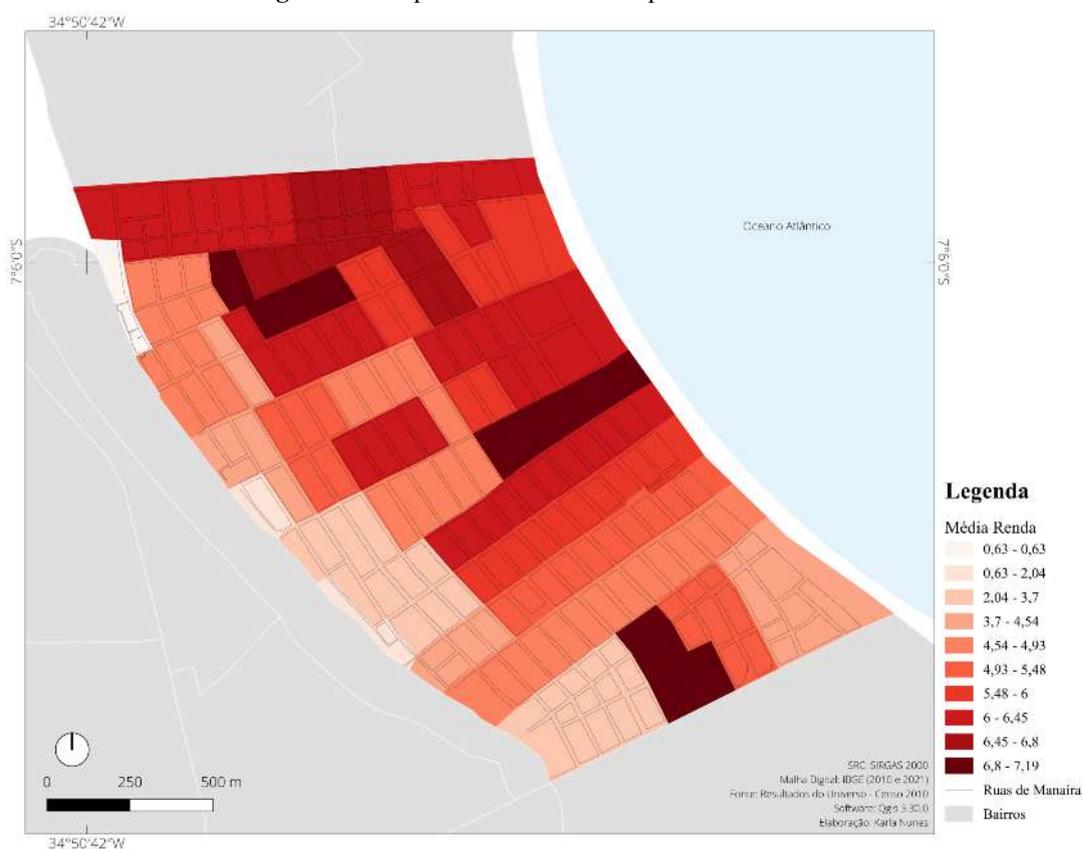
O mapa da figura 42, que traz dados de população residente por setor censitário, demonstra que o lado leste do bairro, onde se concentraram as análises desta pesquisa, é menos denso populadamente que o lado oeste. Isso provavelmente acontece pelo fato de que nas proximidades da orla existem mais opções de comércio, serviço de hotelaria e aluguel por temporada, mais opções de cafés e restaurantes, que ocupam esses lotes diminuindo a probabilidade destes serem usados para fins de moradia. Além disso, nessa faixa não se pode aumentar a densidade construtiva por meio da verticalização, o que, somado ao fato de essa área possuir lotes maiores, diminui a possibilidade de muitas pessoas habitarem uma mesma quadra.

**Figura 42:** Mapa de população residente por setor censitário.



Fonte: Censo do IBGE, 2010, elaborado pela autora.

**Figura 43:** Mapa de média de renda por setor censitário.



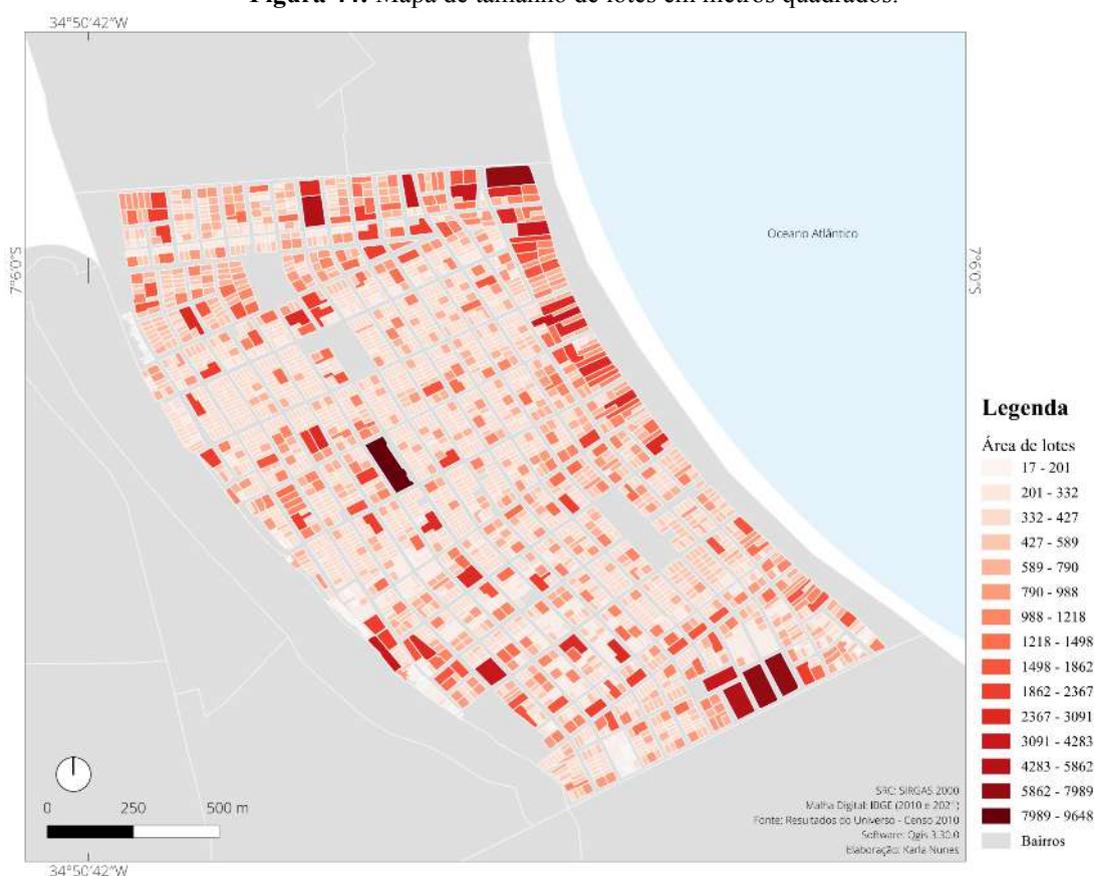
Fonte: Censo do IBGE, 2010, elaborado pela autora.

A variedade de tamanho de lotes abre a possibilidade de maior diversidade de sujeitos residindo em um mesmo bairro. Assim como acontece com edificações – em uma outra escala –, em que a variação de tamanhos de unidades habitacionais permite que sujeitos de diferentes poderes econômicos habitem em um mesmo edifício. Mas Manaíra tem áreas com predominância de tamanho de lotes, o que acaba separando classes dentro do bairro. O mapa de áreas da figura 44 ilustra essa diferenciação.

Existe uma predominância de lotes grandes perto da orla, mais na porção norte, nas quadras que se aproximam do Mag Shopping, assim como nas imediações da Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, que é conhecida popularmente como Retão de Manaíra. Na porção central do bairro, misturam-se lotes médios a grandes.

O tamanho dos lotes influencia a forma e os tipos de edificações nele construídos, assim como o remembramento deles permite o aumento do volume construído e/ou maior diferenciação de tipologias edilícias. Manaíra, além de ter lotes maiores que outros bairros da cidade, também possui pontos de remembramento, o que permitiu a construção de edifícios altos em maior número no bairro.

**Figura 44:** Mapa de tamanho de lotes em metros quadrados.



**Fonte:** Censo do IBGE 2010 e Filipéia mapas da cidade de João Pessoa. Produzido pela autora.

Sendo um bairro bastante verticalizado, com muita diversidade de uso e uma grande variedade de qualidade de ambientes construídos, Manaíra se justifica como um bairro interessante para a realização desta pesquisa por oferecer estímulos diversos aos sujeitos que por ele transitam. Além de ter configuração socioespacial comum, que possui semelhanças com outras áreas de aspectos socioeconômicos semelhantes em cidades de porte equivalente no Nordeste brasileiro.

#### 4. SENSIBILIDADES NO URBANO

##### ENTENDENDO A RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE

##### PROCESSO DE FORMAÇÃO METODOLÓGICA

##### Aspectos que me sensibilizaram para sua construção

Antes de apresentar a metodologia desta pesquisa de fato, gostaria de apresentar um breve histórico do processo de sua criação, apresentando os principais fatores que contribuíram para sua construção. Para isso, a pergunta **“o que construiu essa metodologia?”** servirá como ponto de partida para a elaboração de uma narrativa sobre esse desenvolvimento.

Entendo a investigação prática e ativa desta pesquisa como um grande processo de participação e observação incorporada. Eu estou dentro da pesquisa. Meu corpo pesquisador percebe e constrói a pesquisa de perto e de dentro. Experiências particulares foram fundamentais para a construção do conjunto de procedimentos metodológicos que a constituíram, desde decisões sobre como as caminhadas aconteceriam, passando por seu tempo de duração, até chegar ao meio de registro e documentação das experiências.

Alguns acontecimentos funcionaram como marcos constituintes desta metodologia. São eles: a vivência corpo-rota, realizada no Poço da Panela, em Recife; minhas caminhadas experimentais nos bairros de Mangabeira e Manaíra, em João Pessoa; a qualificação da pesquisa e a pandemia de Covid-19.

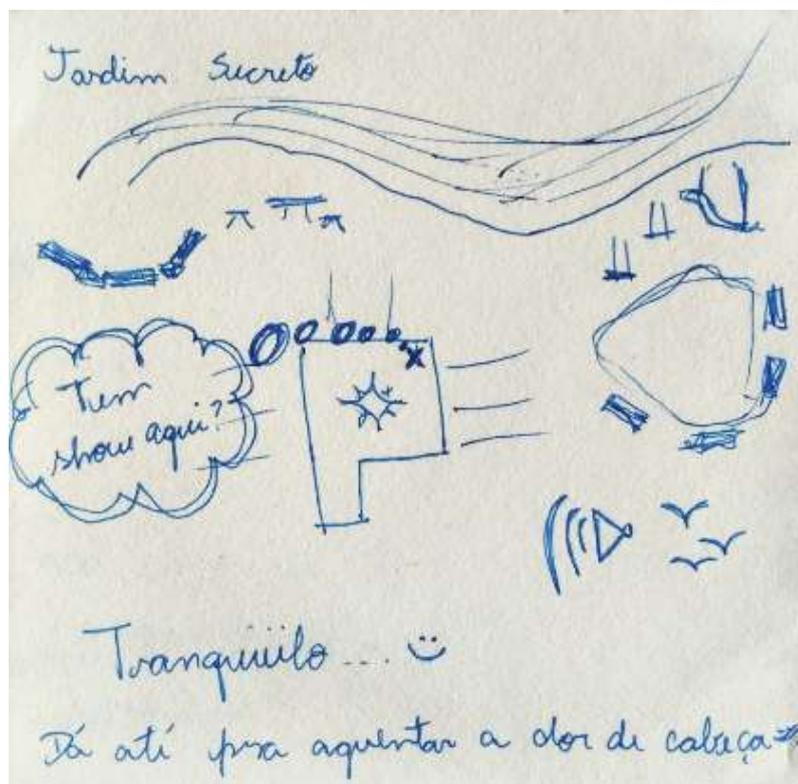
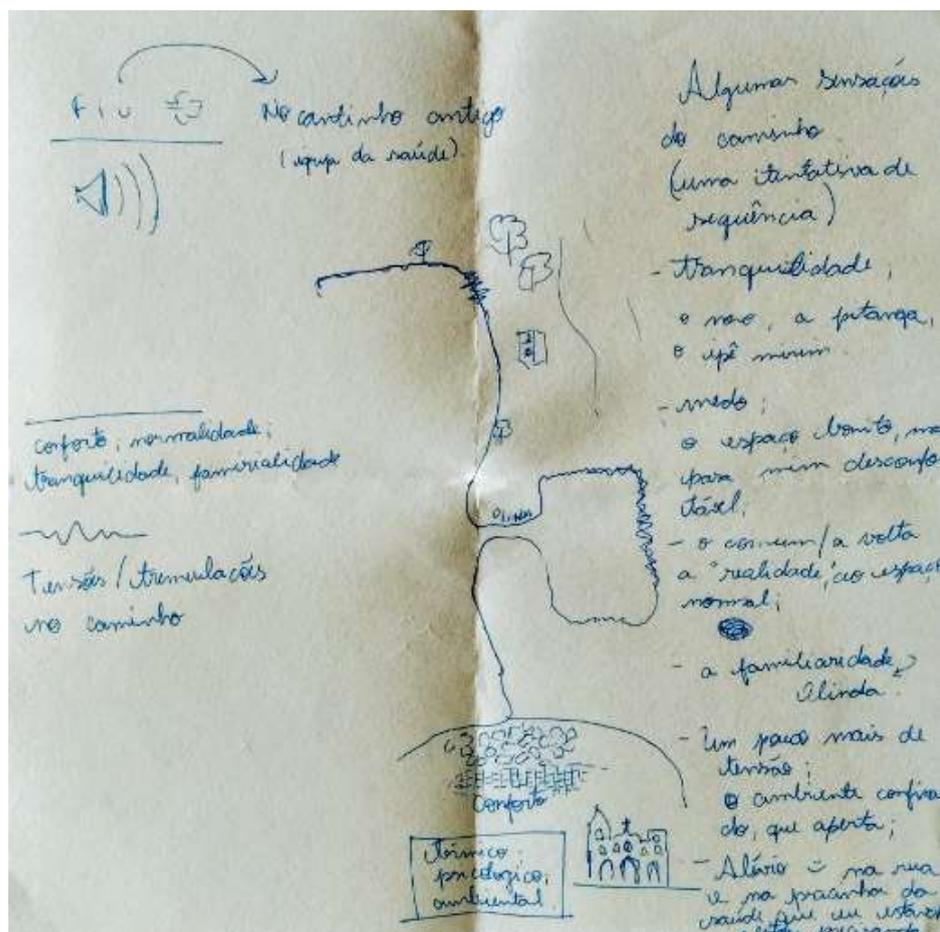
A vivência corpo-rota consistiu em uma prática de caminhada sensitiva no Poço da Panela, guiada pelo artista e arte-educador recifense Guilherme Allain, que está dentro de um processo artístico nomeado por ele como casa-daninha. Esta vivência aconteceu nas proximidades do Rio Capibaribe, em Recife - PE, e foi por ele descrita da seguinte maneira: “corpo-rota é experimentar um estado de corpo que se cria no caminhar com os lugares. o caminhar aqui exercita a disponibilidade ao encontro, ao não-saber e propõe uma forma sensitiva e experiencial de se relacionar com a cidade e seus afetos”. Tal experiência tinha como objetivo convidar os participantes a entender o gesto cotidiano do caminhar “como potência de criação de um novo corpo”; creio eu, do corpo que percebe com mais clareza aquilo que vivencia e procura entender as conexões entre o que se sente e o ambiente que o rodeia.

Tal vivência, acontecida em fevereiro de 2021, me guiou nas decisões de como registrar minhas futuras caminhadas e de como essas caminhadas poderiam ser realizadas pelos voluntários. "Corpo-rota" foi experienciada através de uma rota pré-definida por Guilherme, em que eu, como participante, fui convidada a caminhar e parar, junto com ele, por ambientes naturais e construídos, traçando um caminho que transitava entre os ambientes de caráter mais natural próximos ao Rio Capibaribe e os de caráter urbano das ruas próximas a ele.

Essa experiência me ajudou a encontrar maneiras de registrar afetos através de cartografias, algo que ainda aparecia como uma espécie de preocupação quando pensava sobre a documentação dos dados sensíveis da pesquisa. Em determinados momentos da vivência, fui convidada a parar e Guilherme me deixou livre para registrar, ou não, qualquer coisa que eu quisesse. Em frente à Igreja da Saúde, ele me entregou uma folha em branco e não me indicou nada que deveria ser colocado ali. E foi nela que eu vi a necessidade de espacializar alguns afetos (Figura 45). Esse registro ficou guardado comigo, a pedido meu, por ter percebido ali alguma possibilidade de alimentação da minha pesquisa que ainda estava aos poucos se construindo.

Foi também essa vivência que me direcionou à decisão de não pedir, na minha pesquisa, que mulheres caminhassem sozinhas com homens. Eu não sabia ainda como as caminhadas iriam acontecer, mas existia antes uma vaga intenção de pedir aos voluntários que caminhassem juntos livremente na cidade, em pequenos grupos, para uma posterior conversa comigo (algo que, felizmente, não aconteceu assim). Por ter caminhado sozinha por uma área desconhecida com uma pessoa desconhecida, alguns medos construídos por uma vida em uma sociedade machista vieram à tona e atrapalharam a percepção dos afetos gerados pelo espaço em alguns momentos durante a caminhada. Vale ressaltar que tal medo experienciado por mim foi fruto única e exclusivamente de coisas que já haviam sido entranhadas em mim, enquanto bagagem social, e nada veio da pessoa de Guilherme. Isso me fez tentar evitar, na minha pesquisa, possíveis situações com potencial de geração de desconforto. Minha intenção era a de que todos os voluntários tivessem maiores chances de observar suas afetações durante suas caminhadas, com a menor interferência possível de fatores geradores de sentimentos negativos, para além da própria experiência do ambiente.

**Figura 45:** Exemplos de cartografias do sensível imediatas produzidas na vivência corpo-rola.



Fonte: Elaborado pela autora.

Meses depois realizei as minhas primeiras caminhadas experimentais. Já em João Pessoa, os bairros nos quais eu tinha a intenção de realizar a pesquisa empírica eram os de Mangabeira e Manaíra, para fazer uma análise comparativa entre eles, por possuírem perfis socioespaciais diferentes entre si. Essas caminhadas aconteceram de maneira completamente livre. Livre de roteiro, livre de limitações de tempo, livre de limitação espacial — a não ser os próprios limites dos bairros. As únicas coisas que as caminhadas tinham em comum eram os pontos de partida. As de Mangabeira começaram sempre a partir da minha casa, e as de Manaíra partiram sempre da então casa do meu companheiro. Como meio de me lançar no espaço e pensar a pesquisa em movimento, elas me deram noção de temporalidade e de abrangência espacial, e isso me ajudou a visualizar possíveis limites para realização da pesquisa com os voluntários que se mostraram necessários.

Meu interesse pela influência do ambiente construído comum, possível de ser reproduzido de maneira semelhante em vários lugares, sobre os afetos que eles podem gerar nos sujeitos, me guiou na escolha inicial dos dois bairros citados. Manaíra, com um caráter mais verticalizado, com padrões construtivos mais bem estruturados, e com uma produção espacial semelhante a áreas de padrão socioeconômico similar em outras cidades. Mangabeira, com um perfil mais horizontalizado do conjunto de edificações, subcentro comercial da cidade, com caráter majoritariamente residencial, exceto nas avenidas principais.

Mas ao longo da pesquisa, e do desenho da metodologia, pude perceber que a riqueza da minha pesquisa não residia na comparação entre dois bairros, mas sim no que ela poderia trazer de novo para o campo das afetações geradas pelo ambiente construído urbano. Nesse caso, o que trago como questão mais importante neste trabalho são os achados sobre: (1) os produtos afetivos identificados a partir das experiências vividas com os voluntários, (2) a relação desses produtos (achados) com as características do ambiente construído onde a experiência aconteceu, bem como o modo como se encontram tais ambientes.

Foi a partir das minhas caminhadas que percebi que era mais interessante que não houvesse um ponto final pré-determinado para as caminhadas dos voluntários. Elas poderiam acabar onde quisessem, não seria necessário voltar ao início. Foi com elas também que entendi que seria preciso determinar um limite de tempo, pois caminhadas muito demoradas poderiam comprometer a troca entre mim e o voluntário/caminhante, que se pretendia que acontecesse logo em seguida, através das conversas/entrevistas. Isso foi entendido quando percebi que caminhadas muito longas, feitas por mim desta maneira pelo interesse do

momento, me deixavam com pouca disposição de alimentar os meus diários do campo em seguida – que se constituem por mapas mentais e registros na forma de texto e/ou desenhos.

Tal entendimento, somado aos comentários da banca de qualificação, me ajudaram a definir um limite de 30 minutos para as caminhadas, podendo elas acabarem antes, por decisão do voluntário ou voluntária; bem como de definir apenas o ponto inicial, levando-os à possibilidade de caminhar sempre pelo novo. Além dessas questões, o momento da qualificação me ajudou também a recortar a pesquisa com foco nas afetações do sujeito, guiando assim a pesquisa cada vez mais para o âmbito qualitativo e subjetivo dos estudos sobre e com o ambiente construído urbano.

Inicialmente havia também a intenção de separar o discurso sobre as caminhadas em dois momentos, um chamado de Visão Egocêntrica e outro denominado de Visão Alocêntrica. Esses dois momentos consistiriam em análises feitas com base na minha experiência do ambiente construído, na minha visão sobre o que foi vivido (a egocêntrica), e a minha visão sobre a experiência do outro (a alocêntrica). Porém, aos poucos, o entendimento sobre o grande entrelaçamento entre o outro e o eu, enquanto pesquisadora, não permitiria um discurso separado. Não existiu uma separação clara, e dessa forma não fazia mais sentido seguir com a ideia de construir esses dois momentos separadamente no documento final da dissertação.

Existe uma fluidez entre o eu, pesquisadora, e o outro, voluntário(a). Eu pensava em separar completamente a fala, mas percebi que, quando construo algo sobre o outro, meus dados não dizem respeito somente ao outro. Eu estou ali também, sentindo, interpretando, percebendo, observando. É um **pesquisar com** que não separa completamente o pesquisador do sujeito que se pesquisa. Então essa ambivalência foi abandonada enquanto ideia de separação, mas está presente por entremear minha visão do que percebo (a egocêntrica) e minha visão **sobre o** e **do** outro (a alocêntrica), as duas juntas em um só texto, em um só conjunto de dados.

O último marco, nítido e latente, de construção da pesquisa na forma que ela se constituiu, foi a pandemia da Covid-19. O projeto de pesquisa aprovado para ingresso no PPG foi idealizado antes da pandemia. Logo, tal projeto não pressupunha a adequação da pesquisa às limitações impostas por este período.

O processo de realização da pesquisa se deu em contexto de pandemia. Desta forma a pesquisa foi inteiramente afetada pelas restrições e efeitos que esse momento impôs e gerou. Logo, todo o pensamento metodológico teve de se moldar à nova realidade que se instalou

repentinamente e pesadamente, com a incerteza de quanto tempo ia durar e se seria possível ir a campo.

Restrições sobre como sair e com quantas pessoas sair foram questões muito preocupantes para a elaboração da pesquisa empírica e, por vezes, paralisantes. A pandemia limitou a minha saída ao campo, no sentido de me obrigar a postergá-la e também de me colocar em situação de apreensão e medo/cuidado. Por limitar também a relação com o outro, o momento de levantamento de dados junto com os voluntários teve de ser meticulosamente estruturado, de forma que não os colocasse em risco e nem me colocasse em risco. Isso, claro, quando esse encontro se tornou possível e mais seguro, com a chegada da vacina para parte da população, e à minha faixa etária em agosto de 2021.

Foi então que a decisão de realizar as caminhadas com um voluntário ou voluntária por vez me colocou na posição de pesquisar com, um ato de pesquisar junto com o outro, e não apenas sobre, construindo junto com os sujeitos participantes os dados que alimentariam a pesquisa, através de uma observação incorporada do momento enquanto ele acontecia, entendendo meu corpo entremeado na pesquisa e em contato interpretativo com o outro.

A vacina foi uma das possibilitadoras da pesquisa segura, juntamente com os cuidados que ainda se faziam necessários mesmo depois dela, e deveriam ser apresentados ao comitê de ética como soluções aos riscos de participação da pesquisa. As soluções encontradas foram: a restrição do número de participantes por caminhada, que se reduziu a um(a) por vez; a disponibilização de máscaras KN95 para os(as) voluntários(as); e a disponibilização de uma garrafinha de 60ml de álcool em gel 70% para cada participante.

A restrição imposta à quantidade de pessoas por caminhada me levou também a estabelecer um número-limite de experiências a serem realizadas, um total de 10, com a previsão inicial de que seria suficiente e esperando a confirmação de que assim seria, algo que se confirmou; esse número de participantes se mostrou suficiente, tanto pela quantidade de dados sensíveis gerados, quanto pelo fato de as caminhadas terem começado a repetir um certo padrão de trajetos, gerando uma sobreposição de caminhos, mesmo sem os participantes terem conhecimento de que outros já haviam passado pelos mesmos lugares.

Desta forma, resumidamente, respondendo à pergunta “**o que mudou?**”, podem ser listadas as seguintes alterações ocorridas durante esse processo de construção: alterou-se a maneira como as caminhadas aconteceriam, não mais em pequenos grupos, mas sim com um(a) voluntário(a) por vez, acompanhado(a) por mim; o tempo de caminhada, que passou a ser limitado; a escolha do bairro de Manaíra como único ambiente construído urbano onde se

realizaria a pesquisa empírica; o maior foco dado às subjetividades; a limitação do número de participantes a 10; e o abandono da separação entre a visão egocêntrica (a minha) e a aloccêntrica (a minha sobre o outro). A seguir apresento o que construímos a partir dessas decisões.

#### 4.1 CAMINHADA SENSÍVEL: Antes, durante e depois

Antes de prosseguir para o detalhamento de como aconteceram as caminhadas sensíveis, é importante dar ênfase a algumas questões. Para isso, apresento agora **algumas coisas que precisam ser ditas:**

##### Antes.

*Como se deu o recrutamento dos(as) voluntários(as)?*

Todas as pessoas que participaram da pesquisa são amigas ou conhecidas minhas. Tomei a decisão de convidá-las por julgar ser mais fácil conseguir voluntários(as) desta maneira. Após estabelecido que o(a) participante ideal da pesquisa seria aquele(a) que não conhecesse o bairro de Manaira, eu iniciei o contato com participantes em potencial via *Whatsapp*, enviando-lhes um breve texto falando sobre a pesquisa e o(a) convidando para participar como voluntário(a) dela. Por serem pessoas conhecidas, eu já possuía os contatos de cada um com quem conversei, exceto um, que foi indicado por um participante em potencial, sendo o único que eu não conhecia anteriormente.

Considerando o não ter profundo conhecimento do bairro como sendo o único critério de inclusão, e a condição de ter disponibilidade para realizar a caminhada durante o dia, exceto no domingo, não haveria problemas em convidar pessoas que não pertenciam a um grupo/recorte específico para participarem da pesquisa. Ao final do recrutamento, percebi que um recorte acabou se formando, sendo ele o recorte da idade. As pessoas que contribuíram com a pesquisa têm idade entre 28 e 33 anos. Aqueles(as) que aceitaram participar foram convidados(as) a informar o dia da semana e horário de preferência para a realização da caminhada, aquele que mais se adequasse a sua agenda. Como nenhuma destas pessoas serão identificadas aqui, foram usados pseudônimos para o uso dos dados da pesquisa como referência. As pessoas participantes da pesquisa não possuem deficiências sensoriais ou motoras.

A respeito dos resultados aqui atingidos, é importante pontuar que há uma certa homogeneidade entre os participantes da pesquisa. Apesar de diferirem em gênero, experiências passadas, personalidade e locais onde viveram, possuem uma semelhança que os aproximam, que é a semelhança de classe. Todos os participantes são de classe média, mesmo que haja uma diferença dentro desta mesma classificação.

*Como aconteceu a organização dos horários das caminhadas?*

Para a viabilização da organização dos dias e horários das caminhadas sensíveis com os voluntários, de forma que eles soubessem quais dias ainda estavam disponíveis, e em quais horários já havia alguma caminhada programada, eu criei uma tabela de horários na Planilhas do Google e compartilhei com cada um(a), para que cada pessoa inserisse o seu próprio nome no horário que mais lhe conviesse.

*Por que as caminhadas aconteceram somente durante o dia?*

Vários motivos me levaram à decisão de realizar as caminhadas sensíveis apenas durante o dia. A questão da segurança, minha e dos voluntários, foi um dos aspectos mais importantes. Experiências de pesquisas passadas em que eu me coloquei em posição de vulnerabilidade me levaram a não repetir tal ponto nesta pesquisa, tanto para me proteger quanto pelo fato de eu estar agora lidando diretamente com o outro, o que me coloca também responsável pela integridade daquele(a) que da pesquisa participa.

Entendo que as ambiências variam e são diferentes do dia para a noite, mas neste trabalho não era uma opção analisar caminhadas acontecidas à noite. Talvez em algum outro trabalho com o apoio de um grupo de pesquisa algo do tipo possa ser viabilizado.

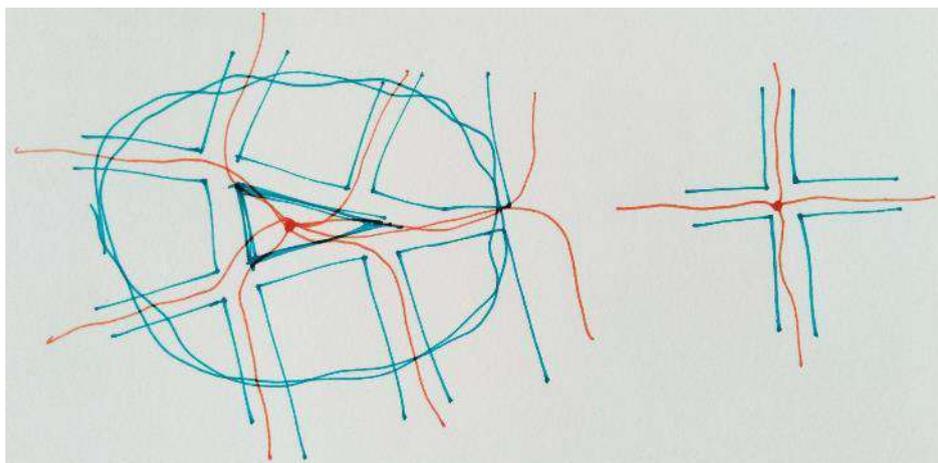
Durante.

*De onde partiram, por onde aconteceram, para onde foram?*

Após a decisão de estabelecer o bairro de Manaíra como o recorte espacial mais amplo da pesquisa, eu precisava estabelecer o ponto inicial **de onde** todas as caminhadas sensíveis partiriam. Ainda que elas fossem acontecer de maneira livre, elas não poderiam começar em qualquer lugar do bairro, devido a minha intenção de poder investigar o ambiente à luz das escolhas dos voluntários (e vice-versa), o que eles sentiam, e o ambiente construído por onde passavam. Deveria haver então ao menos uma possibilidade de coincidência de escolhas, sobre o passar e o não passar, sobre o ir ou não ir, o entrar ou não entrar.

A determinação de um único ponto de partida ofereceria as mesmas possibilidades de escolha inicial de caminhos para os(as) voluntários(as). Após o período de reconhecimento da área e maior aproximação minha com o bairro, decidi então estabelecer a Praça Robson Duarte Spinola como ponto de partida para as caminhadas sensíveis, devido ao fato de ela oferecer muito mais possibilidades de inícios de caminho do que um simples cruzamento, como pode ser visto no esquema da figura 46 – ver localização da Praça na figura 47. Somado a isso, a praça tem uma escala pequena o suficiente para que todas as possibilidades de inícios de caminho pudessem ser visualizadas com facilidade pelos voluntários, com pouca necessidade de deslocamento. Além disso, a praça encontra-se localizada estrategicamente entre dois recortes da pesquisa de Patrícia Alonso.

**Figura 46:** Esquema comparativo entre possibilidades de caminho a partir da Praça Robson Duarte Spinola e um cruzamento comum.



**Fonte:** Produzido pela autora.

Como apenas o ponto inicial das caminhadas sensíveis havia sido estabelecido, **por onde** os voluntários iriam caminhar seria uma decisão deles. Havia apenas uma regra para essa parte: não sair do bairro de Manáira. Alguns não conheciam o limite do Bairro, o que foi interessante, pois algumas caminhadas aconteceram nesse limite, e acabaram voltando para o interior do bairro por interesse e não por obrigação.

No início da caminhada, durante o momento introdutório em que eu falava um pouco sobre a experiência que viria a ser vivenciada, eu pedi a cada voluntário para não traçar objetivos para sua caminhada, que a fizesse de acordo com que sentisse ao longo do seu desenvolvimento, de acordo com as suas vontades naquele momento. O não estabelecer objetivos diz respeito ao não escolher um ponto determinado **para onde** ir.

Essa decisão de deixar mais claro esse ponto foi tomada já durante o levantamento de dados com os sujeitos, ainda nas duas primeiras caminhadas sensíveis, quando eu percebi que os voluntários haviam traçado o objetivo de ir para a praia, de ver o mar. Durante essas caminhadas eu expliquei que eles não precisariam traçar um objetivo, e a partir desse momento passei a reforçar isso no primeiro instante do encontro com o outro. Dessa forma eu deixei claras as únicas regras existentes para caminhada, que foram: não sair do bairro de Manaíra; não traçar objetivos para caminhada; e realizá-la de maneira livre de acordo com a solicitação do seu corpo e daquilo que for sentido/experimentado durante o processo.

#### *Como se definiu o recorte espacial da pesquisa?*

O primeiro recorte espacial estabelecido para a pesquisa foi o bairro de Manaíra. Após esse estabelecimento e a determinação do ponto de partida para as caminhadas como a Praça Robson Duarte Spinola, o recorte final utilizado para análise de dados seria o resultado das caminhadas de todos os voluntários. Dessa forma a área para aprofundamento das investigações não foi escolhida por mim, mas sim foi resultado das sensibilidades dos sujeitos participantes da pesquisa, expressas através de suas escolhas e caminhos finais. Logo, o recorte final da área objeto de estudo da pesquisa equivale ao somatório de todas as caminhadas sensíveis sobrepostas, englobando os lotes das ruas onde aconteceram as caminhadas. A figura 47 a seguir demonstra o recorte resultante utilizado para pesquisa espacial. Em todos os trajetos realizados, houve momentos ou ambientes com experiências boas ou ruins, o que me forneceu dados para trabalhar tanto a afetação positiva quanto a negativa.

**Figura 47:** Área objeto de estudo no bairro de Manaíra, com destaque para o ponto de partida das caminhadas, a Praça Robson Duarte Spinola.



**Fonte:** Produzido pela autora.

Isso posto, o método escolhido para a exploração da experiência de troca entre corpo e espaço, a **caminhada sensível**, aconteceu da seguinte forma:

Inicialmente, em cada encontro, acontecia um momento introdutório, durante o qual eu explicava brevemente de que se tratava a pesquisa e o que eu esperava do voluntário naquele momento. Minha intenção com isso era a de abrir caminhos para o que Goldhagen (2017) afirma sobre a capacidade de leitura de nossas percepções sobre nós e sobre o espaço, tentando deixar o(a) voluntário(a) mais atento(a) a essa possibilidade. Então eu pedi a cada voluntário(a) que conduzisse seu caminho atendendo às solicitações do seu corpo e daquilo que estivesse sentindo ao longo do trajeto, bem como que tentasse perceber melhor o que acontecia em seu interior, no que diz respeito às sensações e afetações despertadas. Além disso, eu explicava que a pesquisa havia passado pelo comitê de ética e, devido à pandemia da Covid-19, estavam sendo também oferecidas máscaras KN95 e álcool em gel 70%, para a minimização dos riscos de participar dela.

Após este momento de conversa e de eventuais resoluções de dúvidas, era solicitado ao participante que se mantivesse atento às suas respostas sensíveis ao ambiente, ou seja, ao que o espaço lhe causava, como uma tentativa de deixá-lo(a) mais atento(a) aos seus acontecimentos internos, mesmo que fossem difíceis de entender. Algumas vezes essas respostas sensíveis eram expressas ao longo da caminhada, seja pela fala do sujeito seja pelo seu corpo. Porém, a fala sobre a caminhada, enquanto ela acontecia, não era colocada como uma obrigação, visto que haveria o momento de troca ao final de cada experiência.

Decidi pela caminhada desenvolvida de maneira livre pelo interesse em ter a própria caminhada como expressão das afetações do sujeito, algo que é passível de leitura através das escolhas feitas no caminho e pela forma do seu caminhar. Deste modo, o outro estaria livre de amarras pré-determinadas por mim que limitassem suas escolhas, tornando a construção do seu caminho e do seu caminhar um resultado de suas afetações e das solicitações do seu próprio corpo. Entendo a diferença entre caminho e caminhar desta maneira: caminho é o resultado das escolhas, fruto daquilo que foi sentido ao longo do trajeto; caminhar é como esse ato é conduzido, são os modos do caminhar, como essa ação é expressa pelo corpo, pois essa expressão é também objeto de interesse quando passível de leitura/identificação.

Caso as caminhadas fossem pré-determinadas através de um roteiro, a escolha feita pelo(a) voluntário(a) não seria uma opção, e eu não teria a possibilidade de considerar seu trajeto como um fruto de suas afetações. Considero para minha pesquisa a liberdade de escolha do sujeito como mais um dado enriquecedor a respeito da influência ambiental sobre o seu caminhar. Desta forma, as informações sensíveis expressas no ato da caminhada, bem como as fornecidas no momento de troca após a experiência, são frutos diretos das escolhas dos voluntários, das afetações e emoções que eles experimentaram. Essa possibilidade de livre escolha levou cada caminhada a acontecer por um trajeto diferente, mas alguns trajetos passaram a coincidir em determinados trechos, o que deu a entender que as 10 caminhadas realizadas estavam se mostrando suficientes.

O que viria a acontecer durante os 30 minutos de experiência era sempre uma surpresa. Se para quem estava participando iria ser uma experiência interessante, boa, ruim, ou em que medida isso iria se misturar, eu não sabia. Então o que acontecia durante esse tempo era sempre um resultado de uma equação em que estavam presentes as vontades de quem criava essa caminhada, do que essa pessoa sentia naquele dia, naquele momento, entre outros fatores.

Para registrar por onde as caminhadas se desenvolveram, e realizar a espacialização das informações sensíveis de meus mapas mentais, todas as caminhadas foram realizadas com

uso do GPS, mediante a utilização de um aplicativo de corrida. Esse registro possibilitou a sobreposição das informações das cartografias do sensível dentro do recorte.

Ao longo da caminhada sensível, o voluntário estava livre para conversar, inclusive sobre a experiência, ou não conversar. Independentemente do que era dito, meu olhar estava atento ao modo como esse caminhar se desenvolvia. Se rápido, devagar, se cautelosamente, se incomodado, tranquilo, entre outras qualidades. Quando alguma alteração era perceptível, esta era registrada no momento de produção cartográfica imediatamente após a experiência, assim como na forma de texto, em um registro feito depois do momento de troca com o voluntário.

### Leitura do corpo do outro

O corpo do outro também se constitui como fonte de dados da pesquisa. É importante para mim como esse corpo se expressa, se comporta e reage ao ambiente. Em uma tentativa de deixar mais claro como ele me fornecia informações, tentarei responder à pergunta “**como esse corpo era lido?**”. Essa leitura do outro era feita a partir dos seus gestos, de seus modos de caminhar. Thibaud (2013) comenta sobre uma certa capacidade informativa de um modo de agir que as ambiências podem ter. Sendo a ambiência um resultado de uma equação da qual o ambiente construído faz parte e tem grande peso, podemos assim associar esses modos de caminhar ao ambiente construído no qual o sujeito (re)age.

O corpo era lido, quando possível — no sentido de identificação de distinções dos modos de caminhar — através da velocidade em que o caminhar acontecia, de tensões percebidas no corpo, nos desvios, ao evitar determinadas áreas, nas trocas de calçada por algum motivo contido no espaço, apreensões, ou alívios lidos, por exemplo, no relaxamento dos ombros, no soltar dos braços e do pescoço. Esse corpo era lido também pelas suas expressões faciais, pelas curiosidades demonstradas através do olhar, o olhar para dentro de algum lote, por exemplo, ou o modo de olhar para algo, a tranquilidade ou tensão da parada, as expressões de sorriso ou seriedade durante algum comentário. Todas essas informações acabavam contidas nas minhas impressões sobre o outro em determinado espaço, em determinado momento. Algumas destas informações compõem o que denominei de camada do corpo, pois, apesar de não ter sido colocada pelo voluntário no momento da entrevista, ela foi expressa pelo seu corpo no desenrolar do caminhar.

Não existe um compilado de dados exclusivamente do corpo feito de maneira separada. Essas informações estão como parte de todos os dados produzidos, sejam nos meus

mapas mentais, em minhas anotações sobre as caminhadas, ou nas respostas sensíveis ao ambiente registradas em tabelas durante a organização e análise de dados. O que quero dizer é que essa observação e leitura do corpo do outro aparece como um ingrediente de um todo, em que não se pode distinguir facilmente dentro do resultado final, onde se encontram uma grande variedade de fatores que estão presentes na relação entre o sujeito e o espaço da experiência, em uma grande mistura, mas que é parte constituinte e contribui, por exemplo, para a escolha das formas de representação adotadas nos meus mapas mentais.

### Depois.

#### MOMENTO PÓS-CAMINHADA

As caminhadas se encerravam ao final dos 30 minutos acordados com os voluntários, ou antes, caso o(a) voluntário(a) assim o desejasse. Ao encerrar as caminhadas, eram colocadas algumas breves explicações sobre o que aconteceria a seguir.

O momento após a caminhada se dividia em dois instantes: primeiro, um momento de registros pessoais da experiência, feitos através da produção de mapas mentais, tanto por mim, quanto pelo(a) voluntário(a), individualmente; em seguida, um momento de conversa/entrevista sobre a experiência do(a) voluntário(a). Esses dois momentos se encadeavam muito bem e um chamava o outro naturalmente.

O voluntário tinha a opção de escolher onde concluir essa fase da pesquisa, seja onde havíamos terminado a caminhada seja em algum outro ponto. Se, por acaso, a caminhada fosse finalizada próximo ao prédio para onde eu retornaria, eu dava a opção de realizarmos esse momento de troca nas áreas comuns do prédio, onde teríamos sombra e mais conforto.

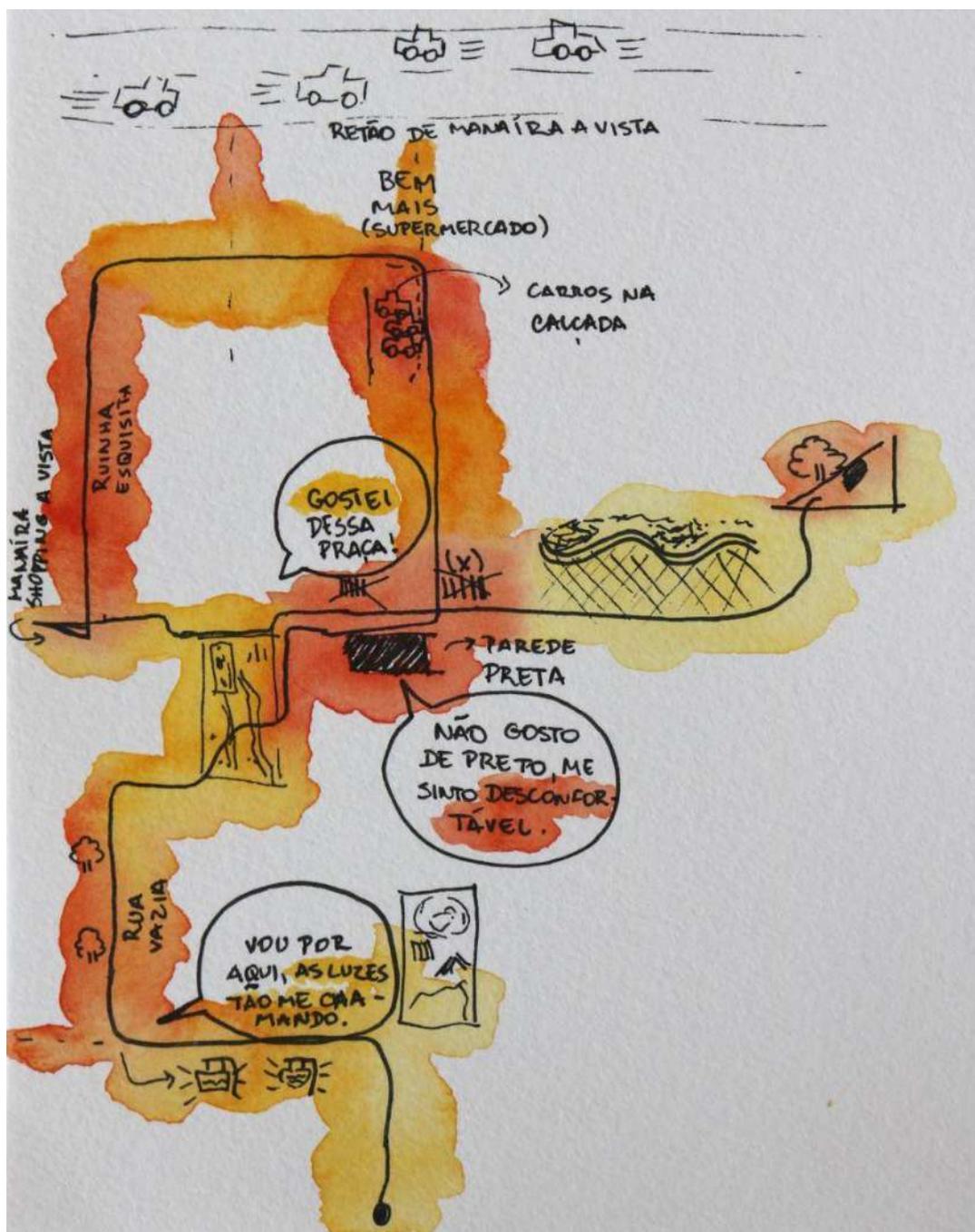
Na documentação da experiência na forma de mapa mental, dois mapas eram produzidos: um por mim, e outro pelo(a) voluntário(a). Cada um deles consistiu em formas distintas de cartografia do sensível. O meu mapa mental (Figura 48), registrou a experiência do outro, mas também com o outro, pois no momento da minha leitura do outro inevitavelmente havia uma incorporação do eu no registro dessa vivência.

O segundo mapa mental era produzido por cada participante, que estava livre para registrar tudo que ficou gravado na memória, ou até mesmo apontar momentos de esquecimento do que ocorreu na caminhada (Figura 49). Por ser um instrumento de documentação baseado na memória, naturalmente o mapa mental indica momentos de afetação. Se determinado lugar tornou-se memorável na experiência, saindo então do fluxo

imperceptível da cognição, ele provavelmente causou algum impacto mais audível à cognição a ponto de ser lembrado. Logo, os mapas mentais dos voluntários apontam espaços de maior intensidade afetiva.

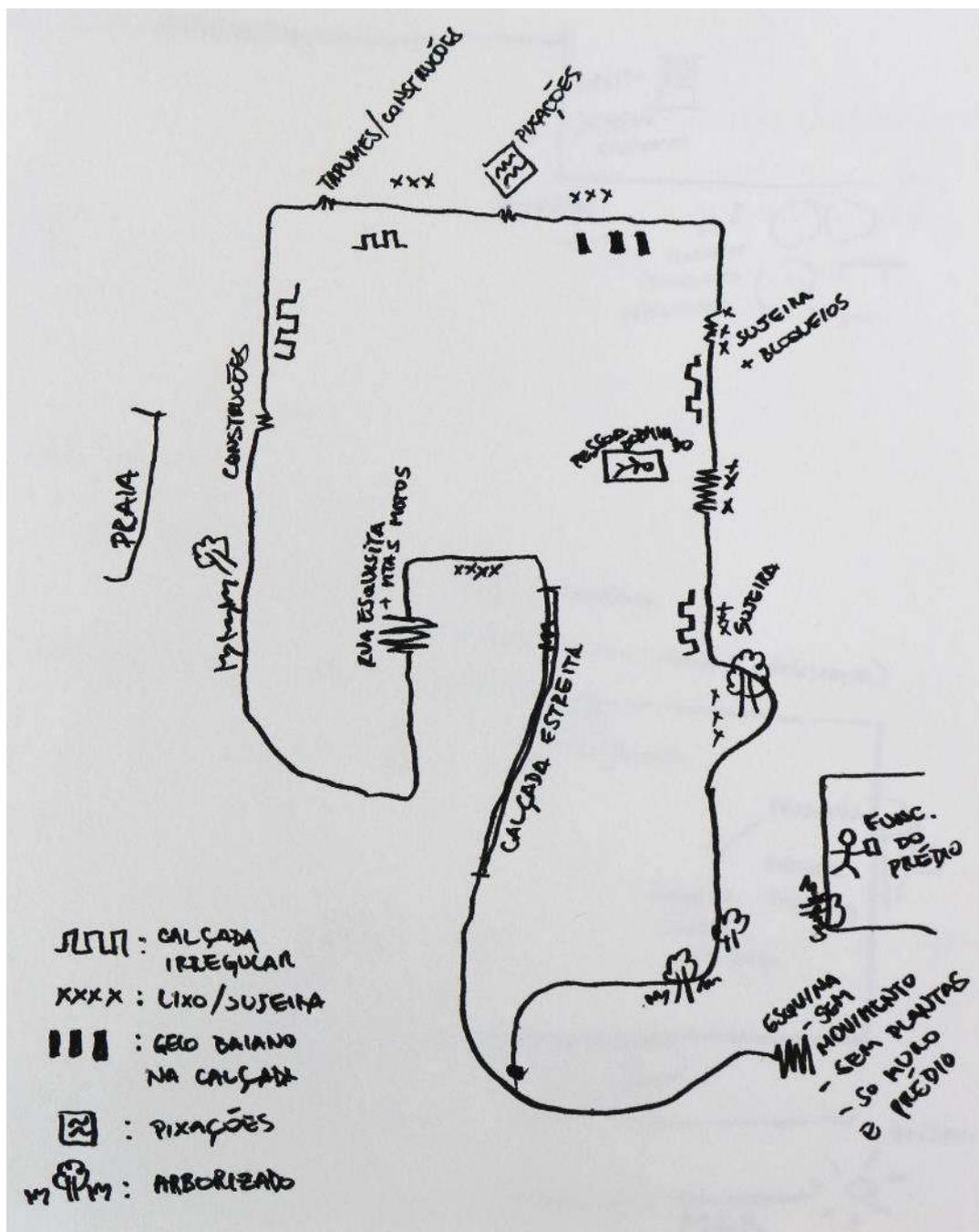
Tanto os meus mapas mentais, quanto os mapas mentais dos voluntários eram feitos antes que nós trocássemos qualquer palavra sobre a experiência, logo após o seu fim. Dessa forma meus mapas contêm minhas impressões sobre o outro e com o outro, sem que antes ele ou ela me contasse o que havia acontecido.

**Figura 48:** Mapa mental da caminhada sensível de Bernardo.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 49: Mapa mental da caminhada sensível de Yuna.



Fonte: Produzido por Yuna.

Nos mapas mentais produzidos por mim, os confortos e desconfortos eram majoritariamente representados por cores. Com o uso da técnica de aquarela, a intensidade dos desconfortos foi expressa pela intensidade da cor. Tais mapas foram elaborados no mesmo momento em que o voluntário produzia o seu próprio, sem que um visse o que o outro estava fazendo. A cor vermelha representa ambientes onde foi percebido algo negativo experimentado pelo outro e às vezes por mim também. A cor amarela era/foi utilizada fazendo

referência a espaços onde boas experiências foram vivenciadas, e também quando existia um aparente contentamento com o ambiente, sem expressões negativas, mas também sem grandes expressões positivas sobre a experiência ou sobre o ambiente. Não chamo de neutralidade devido ao fato de que, mesmo quando não percebemos sua influência, o ambiente não é neutro. O ato de **pesquisar com** está fortemente representado nesses mapas, pois é expressa nele a minha percepção junto com a leitura da experiência do outro.

Nesses mapas foram registrados quesitos marcantes que me ajudaram a identificar os elementos e/ou características geradoras de afetação, e posteriormente me permitiram relacioná-las às respostas sensíveis ao ambiente. Foi registrado também em que lado da rua o sujeito caminhava, notação importante para o posterior cruzamento de dados. Em cores foram expressas principalmente sensações, um entrelaçamento entre o que eu percebia do outro e do que eu vivenciava junto com ele.

Naturalmente existem algumas áreas de transição entre boas e más sensações, e, em alguns pontos, uma verdadeira mistura representada pela cor laranja, resultado da mescla entre o vermelho e o amarelo. Eram aspectos influenciadores de qual cor seria escolhida, no momento do levantamento de dados, para representar cada trecho do mapa, os seguintes quesitos: a qualidade do lugar; o conforto ou desconforto térmico, físico, acústico e olfativo; a vulnerabilidade do corpo, exposto ou não à proximidade com o fluxo de carros; a curiosidade proporcionada por fachadas ativas; a velocidade com que o sujeito caminhava; a relação dele ou dela com os componentes dos lugares, com o mar (quando era o caso), com as plantas, com as calçadas, com as ruas; além de comentários propriamente feitos através do uso da fala.

O método de registro da experiência escolhido foi o mapa mental, por permitir que o sujeito expresse aquilo que mais lhe marcou de uma maneira simples, intuitiva e rápida. Além disso, eles funcionam como uma espécie de narrativa da experiência, ajudando o sujeito a lembrar de aspectos vividos, seja no momento da produção do mapa, seja no momento da explicação do que ele representa.

Para a produção dos mapas mentais pelos voluntários, eu explicava para cada um, de maneira breve, que um mapa mental consistia em um registro da experiência vivida, feito através da documentação de aspectos importantes da experiência e produzido com base na memória. A memória é importante aqui por mostrar aquilo que mais os afetou, sendo uma memória sensível composta por afetações. Muitos se preocuparam com o fato de provavelmente não conseguirem reproduzir com fidelidade o trajeto realizado, e com o esquecimento de partes dele, porém eu destacava que isso não seria um problema e que era

parte do processo. Neste momento eu os deixava livres para produzirem a cartografia da maneira que quisessem, pedia apenas para que registrassem desconfortos com o uso de uma linha trêmula e sugeria que essa tremulação refletisse a intensidade desse desconforto. Esta solução foi adotada por considerar que eles talvez pudessem enfrentar alguma dificuldade na representação gráfica desses desconfortos e assim seria possível fornecer uma espécie de guia para a produção deles, o que também poderia facilitar a minha leitura, possibilitando relacionar mais adiante resposta sensível e ambiente construído.

A produção desses mapas pelos(as) voluntários(as) facilitou a conversa entre pesquisadora e participante após as caminhadas. Esses mapas mentais serviam como guia do discurso e meio facilitador da expressão de informações sensíveis através da linguagem falada. Vale ressaltar que o meu mapa mental não era mostrado ao voluntário ou voluntária antes ou durante a nossa conversa, apenas ao final dela, caso ele ou ela tivesse interesse em vê-lo.

Tal ferramenta serviu como meio de aproximação minha da experiência do outro, e esse momento introdutório da fala do(a) voluntário(a) me permitia entender o que havia sido registrado ali, e o que cada componente do mapa representava. Tal momento era importante justamente por não haver um padrão de representação imposto aos(as) voluntários(as), logo a posterior visitação de cada mapa mental para a leitura do que ali havia sido documentado foi facilitada pelo momento explicativo conduzido pelo(a) voluntário(a).

Neste momento o participante me explicava não só o mapa mental, mas como havia sido essa experiência para ele. Sua fala ia desde a clarificação do que havia sido registrado no papel, até sentimentos, impressões e momentos específicos vividos ao longo da caminhada. Muitas vezes vários temas que seriam abordados através das perguntas da entrevista semiestruturada já eram tratados durante esse primeiro momento, enriquecendo as informações fornecidas pelo livre expressar das subjetividades, como por exemplo os ambientes que mais haviam lhe atraído e os tipos de sentimentos que tais ambientes despertaram. Entonações da voz demonstravam ou fortaleciam sentimentos, confortos ou desconfortos expressos em palavras, e por isso foi importante para mim que esse momento de conversa pós-caminhada acontecesse e fosse gravado.

Todos os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido – conforme projeto aprovado pelo CEP-UFPE através do parecer de nº 5.325.882 –, em que registravam a sua concordância em participar da pesquisa e o consentimento com a gravação

do momento de troca. Assim a gravação era iniciada por mim a partir do momento em que a produção dos mapas mentais era finalizada e a conversa iria ser iniciada.

Ao final da fala do(a) voluntário(a) sobre o mapa que havia produzido, eu dava início à conversa, que seria guiada por algumas perguntas pré-estabelecidas, numa espécie de entrevista semiestruturada (ver tabela 1 a seguir). Algumas perguntas acabavam não sendo feitas quando as falas dos voluntários já as contemplavam.

As perguntas-guia para a conversa foram pré-estabelecidas com a intenção de identificar aspectos que dizem respeito aos lugares de afetação, às características ou elementos causadores de afetação e à afetação propriamente dita. Dessa forma as perguntas pré-estabelecidas tinham a intenção de abordar o assunto de uma maneira mais ampla até chegar a questões mais específicas de afetação do sujeito, tocando primeiro no assunto da identificação dos lugares de afetação, passando para a tentativa de identificação do que esses lugares causavam nos sujeitos, em termos de afetação e sensibilidades e emoções, e quais elementos ou características espaciais foram responsáveis por causar essa afetação no sujeito.

Assim, as perguntas passavam pelo **onde**, pelo **o que** causaram e por **qual** elemento ou característica teria sido o responsável por essa afetação. Tenho ciência de que muitas vezes é difícil identificar isso, entendo também que as afetações são fruto de um amplo conjunto de elementos de estímulo, algumas vezes, inclusive, essa identificação pelo(a) voluntário(a) não aconteceu, mas a tentativa não poderia deixar de ser feita. Foi através dela que algumas respostas foram encontradas, mostrando que valeu a pena tentar explorar essas possibilidades. A tabela a seguir aponta a relação entre as perguntas guia elaboradas para a condução da conversa/entrevista e o tipo de informação que eu busquei atingir com cada uma delas.

**Tabela 1:** Perguntas guia e sua relação com as informações almejadas.

<b>Perguntas guia</b>	<b>Informação almejada</b>
1) De maneira geral, como foi essa experiência para você?	Impressão geral
2) Quais foram os lugares em que você se sentiu melhor durante a caminhada?	Locais de afetação
3) Você consegue descrever aquilo que você sentiu nesses lugares?	Resposta sensível

4) Você consegue dizer o que causou essa sensação em você?	Elemento da afetação
5) Em que lugares você se sentiu mal durante a caminhada?	Locais de afetação
6) Você consegue descrever o que você sentiu de ruim nesses lugares?	Resposta sensível
7) Você consegue dizer o que causou essa sensação em você?	Elemento da afetação
8) Quais ruas te repeliram?	Locais de afetação
9) Que ruas te convidaram para entrar?	Locais de afetação
10) O que essas ruas te fizeram sentir para que fosse considerado por você como um convite a caminhar por elas?	Resposta sensível
11) A presença de outras pessoas nas ruas influenciou suas sensações? De que maneira? ?	Resposta sensível
12) Quais foram os lugares que mais te atraíram nesta caminhada? Por quê?	Locais de afetação
	Elemento da afetação
13) Quais foram os lugares que mais te repeliram nesta caminhada? Por quê?	Locais de afetação
	Elemento da afetação
14) Você se sentiria mais ou menos confortável em fazer essa caminhada sozinho(a)? Por quê?	Resposta sensível

**Fonte:** Elaborado pela autora.

A conversa se desenrolava de acordo com o que havia sido experienciado por cada voluntário, mas a estratégia pensada para a ordem das perguntas era sempre a mesma: fazer os(as) voluntários(as) pensarem na experiência para depois pensarem no que sentiram. Intentei com isso facilitar o caminho para descrição ou nomeação daquilo que foi sentido.

Todas as entrevistas foram transcritas posteriormente e encontram-se ao final Apêndice D da pesquisa. Junto de cada transcrição, estão presentes os trajetos reais marcados pelo GPS e breves textos de documentação das minhas impressões sobre as caminhadas de cada participante.

#### 4.2 LEVANTAMENTO SENSÍVEL DE DADOS ESPACIAIS

Assim como os dados registrados referentes a caminhadas sensíveis, os dados físicos-espaciais do recorte de Manaíra têm o meu eu pesquisadora incorporado. A classificação das categorias em mapa como foi feita tem implicação direta nas minhas afetações ao experienciar o espaço e classificá-lo de tal maneira.

Estabeleci previamente as categorias de interesse e me lancei no espaço para caracterizar a área objeto de estudo. Qualidade das calçadas, interface entre público e privado, presença de vegetação, ventos, cheiros, vazios urbanos, aspectos de abandono; todas essas são questões observadas durante os levantamentos. Por serem questões de observação e classificação feitas de maneira qualitativa, o meu julgamento e a minha afetação na situação estão imbricados no resultado final dos mapas de caracterização espacial do recorte estudado. Dessa forma, a pesquisa incorporada aconteceu desde as caminhadas sensíveis até os levantamentos de campo realizados após o pesquisar com os voluntários.

**Figura 50:** Mapas do processo de produção de resultados.



**Fonte:** Produzido pela autora, e o segundo em parceria com a orientadora da pesquisa.

As categorias que foram observadas no levantamento sensível dos dados espaciais foram escolhidas pelo fato de eu considerá-las como quesitos com alta capacidade de influência da experiência do caminhar, e estão destacadas na figura 51. São questões que atuam diretamente no caminhar como uma espécie de modeladoras da experiência, por serem questões experienciadas de maneira mais nítida pelo corpo que moldam o caminhar pelos confortos e desconfortos gerados física e psicologicamente. Quando tiverem relação com algum(a) autor(a) do meu referencial teórico, estes serão destacados no final de cada parágrafo seguinte.

**Figura 51:** Categorias destacadas no primeiro mapa da figura anterior.



Fonte: Produzido pela autora.

Para a explicação de cada ponto aqui listado, foram respondidas as seguintes perguntas: por que este quesito foi escolhido? Por que ele é importante? Qual a sua relação com o caminhar? Ele tem desdobramentos? Outras categorias se relacionam com essa?

O quesito **qualidade das calçadas** foi escolhido por ser a calçada o espaço responsável por abrigar o(a) transeunte em segurança e, de preferência, oferecer uma opção confortável para chegarem aonde quiserem ir. Essa categoria se desdobra e tem questões diversas que influenciam sua classificação. São aspectos que cabem no quesito qualidade das calçadas as seguintes: bloqueios; desníveis; obstruções; inclinações e qualidade da pavimentação. Todas essas questões influenciam na classificação final de cada trecho de calçadas. A classificação dessa categoria sofre influência também da relação entre público e privado exercida pela edificação adjacente, bem como da presença ou não de vegetação e sombreamento, tendo relação então com as categorias de vegetação e interface das fachadas. A relação dessa categoria com o caminhar se dá de maneira direta, pois interfere desde a forma com que os pés tocam o chão, se de maneira segura, estável e limpa, ou não, até a

relação do corpo com a rua, com o outro e o fluxo de carros. Essa categoria se relaciona com o que traz Goldhagen, entra na questão da ambiência de Thibaud, pela noção de *affordance* de Günter, e interfere na experiência, onde entra Tuan.

A **interface das fachadas** surge como aspecto importante para o caminhar por tocar em questões de possibilidade da experiência da copresença e por determinar a relação entre público e privado. Por oferecer, ou não, possibilidade de diferenciação espacial, contribuindo para a não monotonia dos ambientes urbanos e as sensações de se estar só nele. As interfaces das fachadas foram classificadas em: fechada; aberta e semiaberta. Além dessas três classificações, existe também uma variação da interface semiaberta, que é a que se refere à possibilidade de troca visual entre níveis diferentes de altura do observador, como aquelas fachadas em que existe pouca ou nenhuma troca no nível térreo, mas esta é possível entre o nível da rua e o primeiro andar das edificações, ou alguns níveis acima, ainda próximos ao ambiente urbano. A interface da fachada deriva da noção de intervisibilidade, contida na Sintaxe Espacial.

A **vegetação** é um aspecto que não poderia deixar de ser observado e levantado, por ser responsável pelo arrefecimento das temperaturas no ambiente urbano, gerando microclimas agradáveis e proporcionando sombreamento do passeio público, importantes para áreas quentes da região nordeste. Cheiros, temperaturas, experiências estéticas e embelezamento espacial são aspectos que interagem com o caminhar do sujeito por áreas com presença de vegetação. Esse quesito se desdobra no mapeamento da vegetação, bem como das áreas com tratamento paisagístico nas fachadas. Além disso, nesse ponto são incluídas também a vegetação, que aparece como obstáculos na calçada, seja pela sua presença e/ou pela sua interferência na integridade da calçada. A consideração do ponto vegetação se deve ao fato de os sujeitos participantes da pesquisa serem muito sensíveis a esse quesito, então as observações de campo foram responsáveis por voltar meu olhar para essa categoria.

Foi necessário observar a presença de **carros** nos ambientes, devido ao fato de eles interferirem na qualidade da experiência do caminhar de diferentes formas, a depender do seu posicionamento. Esse aspecto foi observado porque na pesquisa identifiquei que ele possui muita interferência na qualidade do caminhar do sujeito; por isso foi considerado relevante, mesmo não vindo de um autor específico do meu referencial teórico. Carros influenciam também a experiência vivida quando em movimento, porém nesse momento do levantamento foram observados os seus posicionamentos nas ruas quando parados. Tal ponto é importante para a pesquisa para fortalecer a relação dos dados espaciais com os da qualidade da

caminhada. Era necessário identificar se os carros estão normalmente posicionados nas calçadas ou nos recuos. Logo, sua presença se relaciona com a categoria qualidade das calçadas, visto que se esta acomoda bem os carros que nelas estão estacionados, a caminhada nessas calçadas é menos prejudicada, no quesito execução. Desta forma, a identificação da presença de carros em mapa se deu de duas formas: c.c. – carro na calçada; c.r. – carro no recuo. A primeira se refere a carros que atrapalham diretamente o caminhar, obrigando o pedestre a andar muito perto da rua, ou até mesmo nela; e a segunda refere-se a carros que, pela configuração da calçada, podem ser estacionados de maneira que não obstrua o espaço de circulação do pedestre.

Foram também levantadas **edificações altas**, os prédios, pois as relações entre o público e o privado e de visibilidade se dão de maneira diferente em relação àquelas construções térreas. Ademais, essas têm mais potencial de possuírem calçadas com tratamento paisagístico. Além das edificações altas, foram também levantadas as **edificações abandonadas**, pelo fato de alterarem os afetos gerados pelo ambiente construído nos sujeitos. Dessa forma, essas duas categorias relacionam-se também com a de qualidade das calçadas, visto que o tipo de fachada e seu estado de conservação interferem na classificação das calçadas. Do mesmo modo que as edificações abandonadas, os **vazios urbanos**, na forma de **terrenos baldios**, também influenciam a percepção do transeunte no ato da caminhada, e por isso também foram levantados. Essas categorias se relacionam com a qualidade do ambiente construído e com suas ambiências, logo, vem de Goldhagen e Thibaud.

Além de todas as questões concretas e palpáveis destacadas como constituintes dos dados levantados acerca do espaço de Manaira, foram também registrados quesitos mais livres, porém derivados do ambiente. São eles as **visadas interessantes**, com potencial de atração dos sujeitos pela não monotonia do espaço e riqueza de elementos causadores de bons afetos (como vegetação, arborização, riqueza de variedade formal); a **direção dos ventos**, que, ao gerar brisas que melhoram a experiência vivida em determinadas ruas, se faz digna de notação; e **cheiros incômodos**, que, ao contrário dos ventos, acabam por interferir negativamente no caminhar e possuem potencial de alteração dos modos do caminhar, mudando a relação do sujeito com o ponto específico.

Algumas questões foram por mim definidas previamente como quesitos a serem observados em campo, e outras apareceram como algo a ser registrado durante a execução do levantamento sensível, por aparecerem como aspectos influenciadores da experiência percebidos pelo corpo.

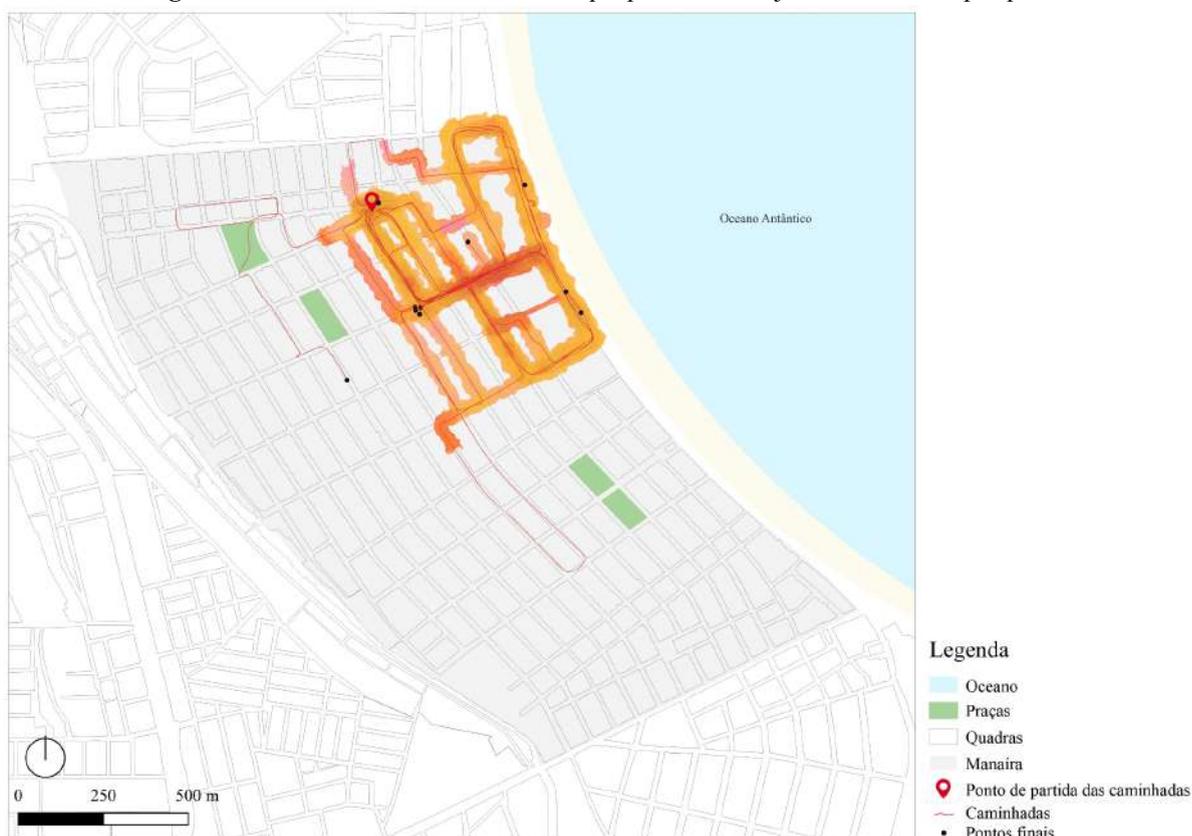
## 5. AFETO E AMBIENTE CONSTRUÍDO URBANO

### UMA LEITURA DA RESPOSTA SENSÍVEL DO CORPO AO AMBIENTE CONSTRUÍDO URBANO REVELADA PELA EXPERIÊNCIA DO SUJEITO

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos na pesquisa, explorando as conexões encontradas entre os elementos do ambiente construído urbano, enquanto estímulo da afetação, e suas respectivas respostas sensíveis expressas no sujeito e na sua narrativa.

Para tanto, será feita uma caracterização da área de estudo, que corresponde àquela por onde os voluntários escolheram caminhar (Figura 52) e dos afetos experienciados nela pelos voluntários da pesquisa. Tal exploração da área se deu através da análise das 10 caminhadas realizadas na pesquisa. A área objeto de estudo foi definida pelo resultado da sobreposição das caminhadas acontecidas, destacadas na figura a seguir. Tal área consiste não em um polígono, mas sim nas ruas em que os voluntários caminharam. Duas caminhadas se prolongaram para zonas mais distantes desse núcleo onde a maioria se concentrou, uma na direção sudeste e outra na direção sudoeste. Porém tais caminhadas foram retiradas da composição da área objeto de estudo por alargarem demais o total de área a ser analisada, mas são igualmente importantes para a composição dos dados sensíveis gerais.

**Figura 52:** Bairro de Manaíra com destaque para a área objeto de estudo da pesquisa.



**Fonte:** Filipéia mapas da cidade, produzido pela autora.

Antes de seguir para as análises, é necessário apontar lugares que serão mencionados posteriormente, para que o(a) leitor(a) possa se localizar e entender a que ponto da área objeto de estudo a análise está se referindo. No mapa da figura 53 a seguir, aparecem os ambientes mencionados pelos voluntários, como locais de afetação positiva e locais de afetação negativa. Aparecem também as vias identificadas como geradoras de afetos positivos e as responsáveis por gerar afetos negativos.

**Figura 53:** Locais de afetação e/ou menção no texto. Os sublinhados foram apenas mencionados por mim como ponto de referência.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Alguns aspectos da constituição espacial de Manáira explicam a concentração destes caminhos na área destacada. O primeiro deles é a localização das vias de alto fluxo, como as Avenidas Gov. Flávio Ribeiro Coutinho e Esperança – a primeira conhecida popularmente como Retão de Manáira, que limita o bairro ao norte, e a segunda é a avenida da esquerda da área objeto de estudo. A presença dessas avenidas nesses pontos e o fluxo intenso que elas têm justificam a intenção das pessoas de realizarem seu caminho voltadas para dentro dessa

malha que se tornou a área objeto de estudo. Isso pela intenção de querer fugir dos estímulos negativos que esses dois ambientes oferecem.

O segundo motivo são as ambiências convidativas da porção sul da praça ponto de partida, para onde todas as caminhadas se direcionaram. Uma das mais influentes é a do entorno do prédio que se localiza nessa porção, número 4 do mapa de locais de afetação (Figura 62). Somadas à ambiência da rua que leva ao Reserve Garden, ponto 5 destacado na mesma figura, e ao próprio ambiente ao redor deste restaurante, que se mostrou como ponto de maior atração das caminhadas dos voluntários. Essa área teve vários caminhos passando por esse mesmo trecho.

Outro motivo que explica essa concentração é o mar. Muitas pessoas não sabiam em que direção estavam indo, porém, quando avistavam o mar, tinham o interesse despertado de ir até ele. Algumas vezes, mesmo envolvidos na intenção despertada de seguir até o mar, esse desejo se alterava pela aparição de algum outro ambiente que lhes despertava curiosidade, fazendo-os mudar de escolha e seguir por um outro caminho. Isso mantinha os participantes da pesquisa ainda dentro da malha dessa área e eventualmente os levava para a orla pelo ressurgimento da intenção.

Além dos quesitos apresentados, ao norte da Praça do início das caminhadas, havia uma grande obra, que, apesar de não possuir entorno com tapumes, ocupados por materiais, ou até mesmo sujos, não ganhava como área de interesse para direcionamento do caminhar dos(as) voluntários(as). Mas a observação do efeito que esse tipo de obra é capaz de causar é interessante. Houve um tratamento do ambiente no entorno desta obra no nível do pedestre – calçada e muro. Fizeram o uso de plantas ao redor dela, ao lado da calçada, como um leve tratamento paisagístico. Isso amenizou um pouco a aparência ruim que obras normalmente geram na cidade. Então cuidar do entorno da obra como uma das primeiras coisas a serem realizadas pode ajudar a melhorar as respostas sensíveis no corpo dos sujeitos ao longo da elaboração de uma obra.

Considerando então os ambientes que convidaram os sujeitos e outros que não ofereceram estímulos bons o suficiente para atraí-los, entende-se que a área objeto de estudo foi definida pelas atrações e repulsas geradas no sujeito pelo ambiente que os envolvia.

## 5.1 AQUILO QUE O OUTRO ME DIZ

### Registro e análise da experiência do pesquisar com o outro

Nesta seção são apresentados registros de três caminhadas realizadas na pesquisa, juntamente com a análise desenvolvida sobre elas, apresentada de maneira detalhada. As três experiências destacadas foram escolhidas por fornecerem uma riqueza de detalhes sobre as sensibilidades dos sujeitos e tiveram boa variedade de respostas sensíveis ao ambiente, bem como de reconhecimento dos inputs ambientais geradores de tais afetos. Os registros das demais experiências encontram-se nos apêndices deste trabalho e podem ser conferidos na íntegra, assim como a transcrição de todas as entrevistas.

Os registros foram feitos por meio do trajeto real da caminhada marcado em mapa, texto que é registro da experiência do caminhar do outro e com o outro, meus mapas mentais e os dos voluntários. A análise aqui empreendida se dá através da narrativa do sujeito, acessada por meio de sua fala, de seu corpo e de seu desenho. Tanto meus mapas mentais quanto os dos voluntários foram elaborados através da síntese da experiência do caminhar extraída da memória, e os mapas dos voluntários serviam como guias da conversa acontecida após a experiência do caminhar.

Como exemplo do auxílio dado pela elaboração dos mapas mentais pelos voluntários e o uso deles como guia da nossa conversa, temos a fala de Helena, quando ela comenta sobre um trecho do seu caminho com um terreno baldio e acaba lembrando de outro detalhe do trajeto: “Do outro lado da rua, não era do lado que a gente tava passando. Inclusive aqui eram os bouganvilles, hahaaa!”. Logo, os mapas mentais servem como auxílio para a expressão da experiência através da memória. Além disso funcionam como registro dos afetos mais pulsantes, pois aquilo que mais marcou o sujeito é o que foi registrado neles.

As experiências descritas aqui se conectam com o tópico seguinte, de detalhamento dos afetos ligados aos elementos da afetação. Os dois tópicos compõem o que pode ser encontrado na palavra afetação (afeto + ação). O atual traz principalmente as ações resultantes dos afetos, e o seguinte destaca os afetos resultantes da ação do caminhar em contato com os elementos fonte dos estímulos. A seguir são apresentadas as experiências de Clara, Yuna e João.

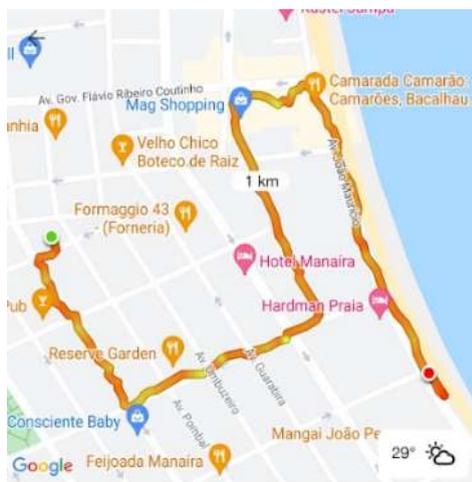
## Clara

28/04/2022 - 08:30h

Figura 54: Mapa mental sobre a caminhada de Clara.



Fonte: Produzido pela autora.



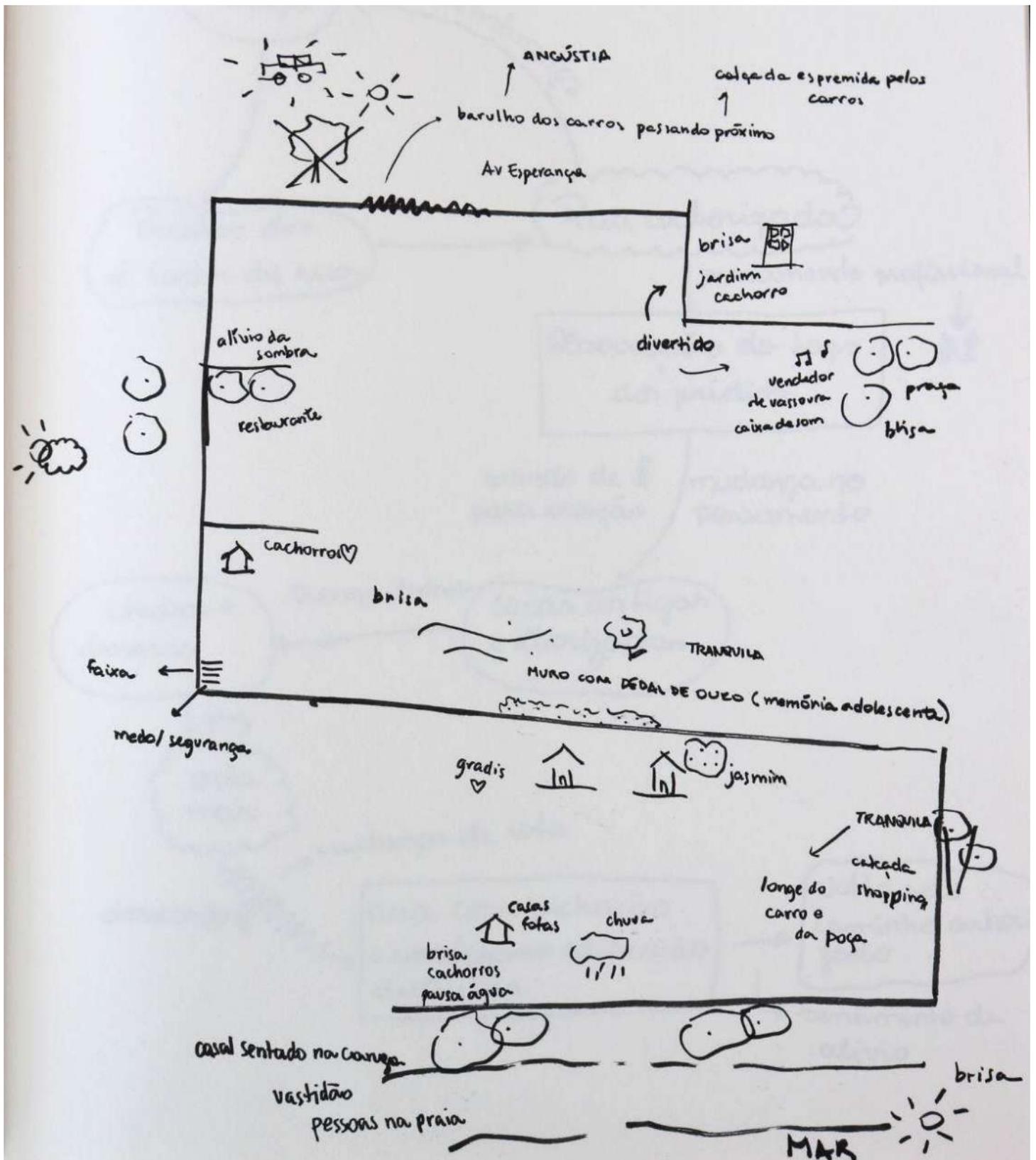
No mapa que fiz sobre a caminhada de Clara (Figura 54), foram registrados quatro momentos de desconforto e um momento de aceleração do caminhar. Os momentos de desconforto registrados referem-se às vivências na 1º Av. Esperança; 2º na calçada depois do Restaurante Garden juntamente com o cruzamento que Clara registrou medo de atravessar; 3º na rua evitada entre os estacionamentos do Mag Shopping; e 4º na rua em que ela cogitou entrar no final da caminhada, mas que foi preterida pela calçada da orla, a mais perto do mar. O momento de aceleração da caminhada foi registrado, mas inicialmente eu não entendi bem o motivo. Após a nossa conversa, entendi que foi pela presença de homens juntos sentados à sombra de uma árvore, lugar onde ela pararia para tomar água, mas, por não se sentir à vontade, decidiu seguir e parar na próxima sombra à frente.

Os ambientes de boas vivências destacados nesse mapa incluem: 1º a própria praça de onde partimos; 2º a calçada larga e bem cuidada por onde ela decidiu seguir; 3º o grande alívio, perceptível em sua expressão corporal, quando chegamos ao ambiente que envolve o Restaurante Garden, 4º todo o trecho que engloba o trajeto que foi das casas com dedal de ouro, passando pela casa que nos lembrou o filme Encanto, da Disney, a área ao redor do Mag Shopping e a orla marítima. Sobre a experiência do caminhar livre, Clara fala:

*Foi uma experiência boa, é... só que é inegável imaginar, de acordo como o espaço tá, como ele tem um peso na minha tomada de decisão, no meu caminho, que às vezes eu percebo que... tá tão automatizado que provavelmente eu possa fazer trajetos mais longos, justamente por conta desse desconforto, seja climático, ou dessa angústia, por exemplo, da proximidade do carro, ou... até desse recorte, né, de ser mulher na cidade.<sup>6</sup>*

<sup>6</sup> O destaque em itálico em citações recuadas não é previsto pela ABNT, porém a opinião dos voluntários sobre a experiência do caminhar livre está aqui destacada desta maneira para ser diferenciada de suas demais falas trazidas no texto.

Figura 55: Mapa mental de Clara.



Fonte: Produzido pela voluntária.

Lendo o mapa de Clara (Figura 55), é quase possível sentir o que ela sentiu durante sua experiência. A sua caminhada começou tranquila, ela olhou em volta e escolheu seguir por uma calçada larga, à esquerda da praça. Essa era uma calçada com desenho de piso com muita área em cores claras, tratamento paisagístico e pouco obstáculo ao caminhar, possuindo apenas quatro marcações que indicam o acesso à garagem do prédio. Em nossa conversa, Clara mencionou que tem uma tendência a ir para ruas mais movimentadas, seja por carro ou por pessoas, e foi isso que ela acabou fazendo no início da experiência, quando seguiu para a Av. Esperança. Porém, como ela destacou, esse foi o trecho que mais lhe causou incômodos:

A gente tava no mesmo sentido que os carros, né, e como a calçada tava, apesar de larga, tava preenchida de mais carros, a gente tava andando na beira, e aquele ruído, assim perto do ouvido, do carro começou a me... Mais uma angústia, você ter que calcular o passo, de olhar, e... O sol tava forte, não tinha, sei lá, proteção.

Esse momento de angústia vivido nesta avenida se deve tanto ao barulho dos carros passando muito próximos do corpo, quanto ao que ela chamou de “calçada espremida pelos carros” (destaque no mapa mental da voluntária), pois em alguns trechos da Av. Esperança carros são estacionados em um espaço de recuo que não os comporta completamente, levando o pedestre a caminhar em área remanescente de calçada, que o aproxima cada vez mais do fluxo de veículos. Além disso, no dia estava fazendo 29°, o que também se torna um fator de desconforto quando o ambiente construído não oferece sombras, seja das edificações ou da vegetação; essa área da avenida era uma região que não as oferecia, pelo menos não com porte suficiente para gerar sombra.

Aos poucos a experiência de Clara foi se transformando em algo leve novamente, que pode ser lido em seu mapa pelas árvores, flores, brisas e casas que se mostram para a rua. As tomadas de decisões de Clara eram muito guiadas pela presença de sombra e na maioria das vezes essa sombra era garantida pela existência de árvores. Seu mapa me permite reviver um pouco o que foi a caminhada com Clara, percebendo novamente o que a marcou positivamente e negativamente.

Como quesitos que marcaram o mapa de Clara de maneira positiva, aparecem: sensações térmicas amenas, o que inclui a brisa; a presença de faixas de pedestre; flores; casas “que se deixam ver”, ou seja, de interface aberta ou semiaberta; qualidade da calçada (mais especificamente a do Mag Shopping); a presença de pessoas passeando e cachorros. Já aquilo que marcou negativamente o seu mapa foi: ausência de arborização; a presença de carros; o barulho causado por eles em vias de alto fluxo; a qualidade das calçadas (que neste caso seria daquelas que forçam o pedestre a caminhar perto da Av. Esperança).

Clara se sentiu aliviada ao passar pela região do restaurante Reserve Garden e foi a percepção da massa arbórea desse lugar que a fez seguir nessa direção, após a experiência ruim passada na Av. Esperança. Ela menciona que as árvores daquele lugar se abraçam, por estarem presentes dos dois lados da rua e suas copas se encontrarem, formando um arco verde, e que isso lhe transmitiu uma sensação de aconchego. Sobre essa área, ela comenta:

Eu marquei mais ou menos o meio aqui desse quarteirão que é o quarteirão daquele restaurante (*Reserve Garden*), que foi notável trocar de calçada *\*já começando a falar com um alívio na voz\** e sentir é... aquela b... sei lá, não tava nem ventando, era mais a sombra, é, ver... eu amo olhar essas coisas, de ver as árvores lá dentro do restaurante, as mesas, perceber, continuar a calçada, eu andei até mais devagar pra poder aproveitar *\*risos\**.

Percebe-se que o conforto proporcionado pelo espaço ao corpo abre espaço para a apreciação. Seguindo a análise do mapa de Clara, é possível perceber que ela destaca a presença de faixa de pedestre como algo que lhe transmite segurança, mas que ainda não faz desaparecer por completo o medo de atravessar uma rua com fluxo elevado (neste caso ela se referiu à Av. General Edson Ramalho). Com relação a esse assunto, ela relata:

Muitas vezes, mesmo quando eu tô na faixa, eu sinto que eu preciso ter a responsabilidade que o carro não tá tendo, então eu fico meio... me deixa um pouco angustiada.

É por este motivo que ela escreve medo/segurança em seu mapa, pela suposta segurança oferecida pela sinalização/infraestrutura e o medo do possível não respeito a ela.

É interessante poder perceber que existe uma grande diferença entre o que se é possível pensar e experienciar mental e corporalmente em um ambiente caótico e em um ambiente tranquilo. Os momentos em que Clara teve contato com vias de alto fluxo de maneira que lhe fez se sentir vulnerável se contrapõem aos ambientes que possuem elementos que lhe proporcionaram experiências positivas, quando observamos o resultado sensível experienciado pelo corpo e a forma como ela descreve a experiência, como pode ser observado a seguir.

Clara avistou o mar e se sentiu convidada a conduzir seu caminho até ele, mas, ao ver uma casa com o muro cheio de uma planta chamada dedal-de-ouro, mudou o seu caminho e seguiu então por essa nova rua que se apresentou. Nela, Clara se sentiu tranquila e me contou que havia feito um trabalho sobre aquela flor na adolescência. Neste ponto ela pôde admirar a casa que ali se permitia ser vista e observou os gradis presentes em uma das edificações no interior desse lote. Ela descreve este momento da seguinte maneira:

Era uma rua mais calma, e com as calçadas mais largas, tranquila, quando a gente passou do lado daquelas duas casas, né, no lote, aí tinha o muro de dedal de outro, tava uma brisa, e me ativou essa memória meio de adolescente, de ter estudado essa planta na escola, e de, como o muro era baixo, de por segundos tentar imaginar

como é que vivia lá dentro, o pé de jasmim amarrado, e... foi a parte acho que mais me evocou coisas, assim, não foi tão... A parte mais ativa digamos.

Pode-se perceber que existe menos espaço para a liberdade do pensamento em ambientes caóticos, em relação ao que acontece em ambientes tranquilos, que permitem que a pessoa possa viajar nos pensamentos e resgatar outras lembranças na memória. Quando ela fala que essa foi “a parte mais ativa”, ela se refere à atividade mental, de criação, de lembranças, não à atividade física, deixando claro que em ambientes caóticos toda a atenção está forçadamente naquilo que lhe causa estresse, deixando a mente em estado de alerta excessivo.

Fazendo uma ligação com o que foi registrado no meu mapa mental sobre a experiência com Clara, logo ao lado desse ponto da citação anterior, ela viu uma casa fechada, mas que não tinha muros na frente e assim permitia uma acessibilidade visual à edificação. O conjunto composto por natureza e casa, que, mesmo desocupada e com aspecto de abandono, ainda continha beleza, trouxe uma certa tristeza momentânea, que foi expressa na maneira que ela falou “tão bonita, né?”, que foi dita carregada da pena que sentiu por a casa se encontrar em estado de abandono. Seguimos seu caminho e mais à frente uma outra casa lhe despertou sentimento de alegria (registro em meu mapa mental), uma que nos lembrou a casa do filme Encanto da Disney, por suas cores e materiais que lhe conferem um certo ar de rusticidade e por estar rodeada de vegetação.

Após esse ponto, Clara teve vontade de retomar a intenção inicial de ir à praia, da qual se havia desviado na rua do dedal de ouro, pois sabia que o mar encontrava-se a um quarteirão à direita. Só que essa intenção teve de ser novamente postergada, pois a rua que ela viu disponível para isso era uma rua com estacionamento dos dois lados, lugar em que ela não se sentiu à vontade para acessar, e seguiu sua caminhada.

Em seguida, Clara destaca que se sentiu tranquila ao passar pela calçada do Mag Shopping, onde, em certo trecho, o desenho da própria calçada afasta o corpo da Av. Governador Flávio Ribeiro Coutinho, conhecida como Retão de Manaíra; ela destaca que ficou “longe do carro e da poça”, sendo esta calçada responsável por diminuir a sensação de vulnerabilidade que poderia ser vivenciada se ela fosse constituída de outra forma. Sobre isso ela fala:

E, de novo, aqui é outro trecho que teria mais movimento de carro, mas, diferente daquela outra rua, ele tinha... o desenho da calçada tinha uma distância do jardim entre o carro, e as poças, então era como se eu pudesse focar no meu caminho e não estar preocupada se o carro tava muito perto, se aquilo ia me deixar desconfortável.

A vida acontecida na orla de Manaíra é registrada também no mapa de Clara, assim como uma outra casa observada por ela, que também só pôde ser registrada como “casas fofas” por possuírem uma interface aberta, o que permitia que ela as visse e assim as classificasse. A possibilidade de pausa neste lugar, seja para se abrigar da chuva seja do sol, é proporcionada pela presença das grandes árvores do tipo castanholas que se encontram na orla de Manaíra, presença esta que se estende a uma faixa que compreende o trecho que vai do Mag Shopping até a sorveteria San Paolo. O abrigo neste dia se fez importante por ter sido um dia em que o clima variou bastante, indo de momentos ensolarados e um pouco mais quentes, até momentos de chuva. Clara fala sobre o momento em que transitamos pela orla de Manaíra da seguinte maneira:

Conseguir pausar, beber água, de ver o casal lá na canga, sentados (...), os ninhos de tartaruga, e essa sensação que... essa calçada e essa extensão que o mar dá, dessa vastidão, traz uma tranquilidade assim, é, por mais que você se sente pequeno, não me dá uma sensação que eu tô só, na verdade, não sei explicar. Me traz tranquilidade, assim, essa prolongação do meu olhar.

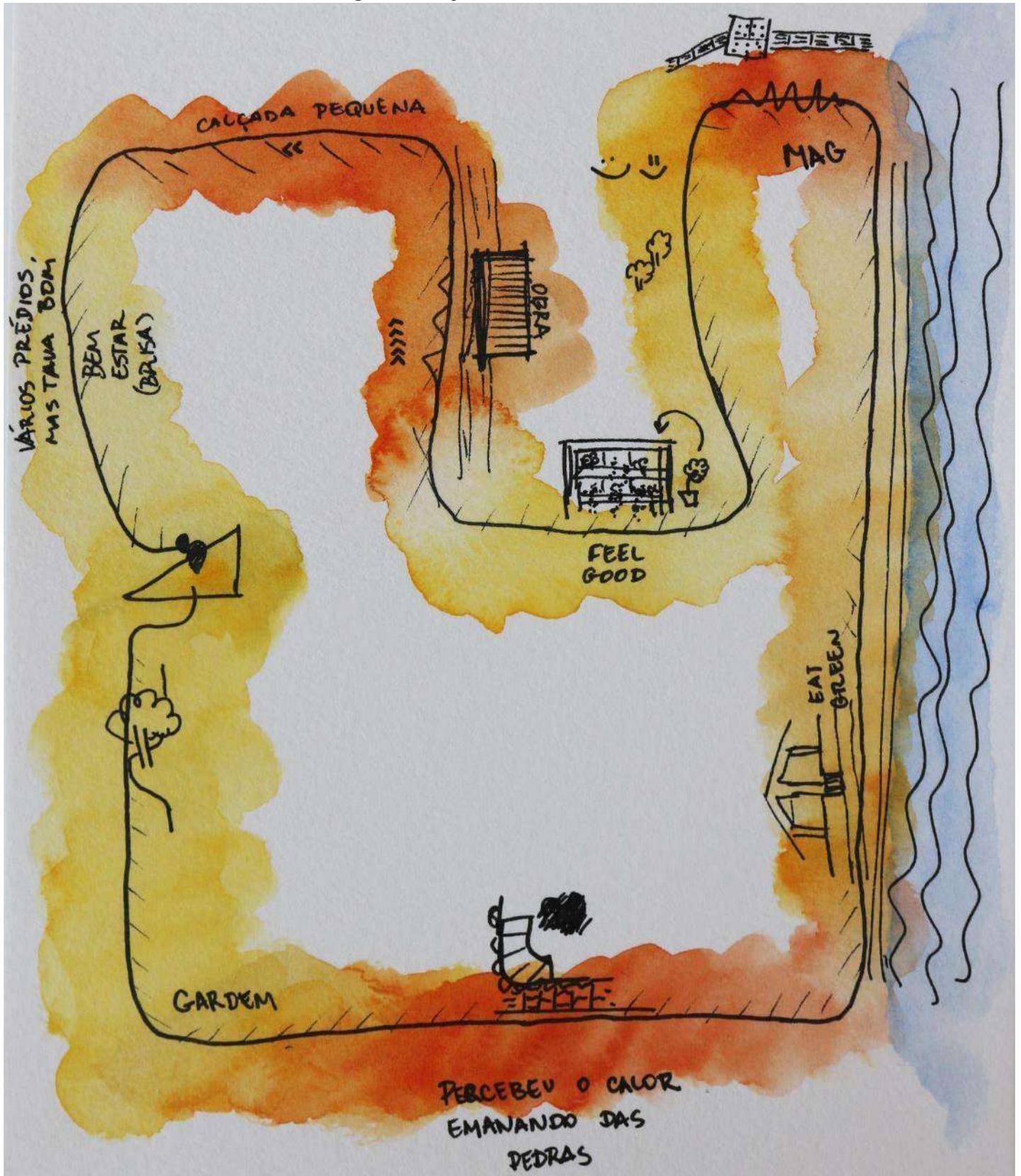
Ambientes que possibilitaram a passagem de brisas e que sombras possibilitaram a criação de um microclima ameno foram áreas que a fizeram se sentir melhor também, assim como a possibilidade de visualização do interior do lote, que despertava uma espécie de criatividade nela, no sentido de criar possíveis histórias na sua cabeça sobre as vivências que ali aconteciam.

Quando perguntada se ela seria capaz de identificar o que do espaço, enquanto estímulo, foi capaz de causar as sensações percebidas por ela, Clara fala de vários elementos do ambiente construído, tais como a vegetação; a possibilidade de visualização de alguém dentro do lote, que era permitida por um muro baixo; calçadas largas; o distanciamento ou proteção do corpo contra o fluxo intenso de carros são citados como fatores favoráveis à construção de boas afetações na vivência urbana, que lhe davam “uma sensação de casa, de pertencimento”. A saída do automatismo, pela intenção de perceber os afetos, conseguindo assim acessar sua subjetividade e o fato de poder se sentir leve foram coisas que chamaram sua atenção nessa experiência vivida do caminhar livre.

## Yuna

22/04/2022 - 15:27h

Figura 56: Mapa mental sobre a caminhada de Yuna.



Fonte: Produzido pela autora.



O meu mapa mental da caminhada de Yuna (Figura 56) carrega em si três trechos destacados como ambientes causadores de desconforto – um deles inclui dois momentos de aceleração do caminhar –, e três outros de bem-estar. As três áreas marcadas como geradoras de afetações negativas (em vermelho) são: 1º o trecho do quarteirão após o restaurante Garden, onde ela passou por uma área com calçada e muro de pedra, sem sombras, em um dia em que fazia 30º; 2º um pequeno trecho na lateral do Mag Shopping; 3º e

uma área que engloba um trecho que vai de um momento em que passamos por uma obra, passa por uma região com pouco movimento ao lado de outro estacionamento, que tinha também tapumes do outro lado da rua no momento, e chega até uma parte da caminhada que seguimos no Retão de Manaíra.

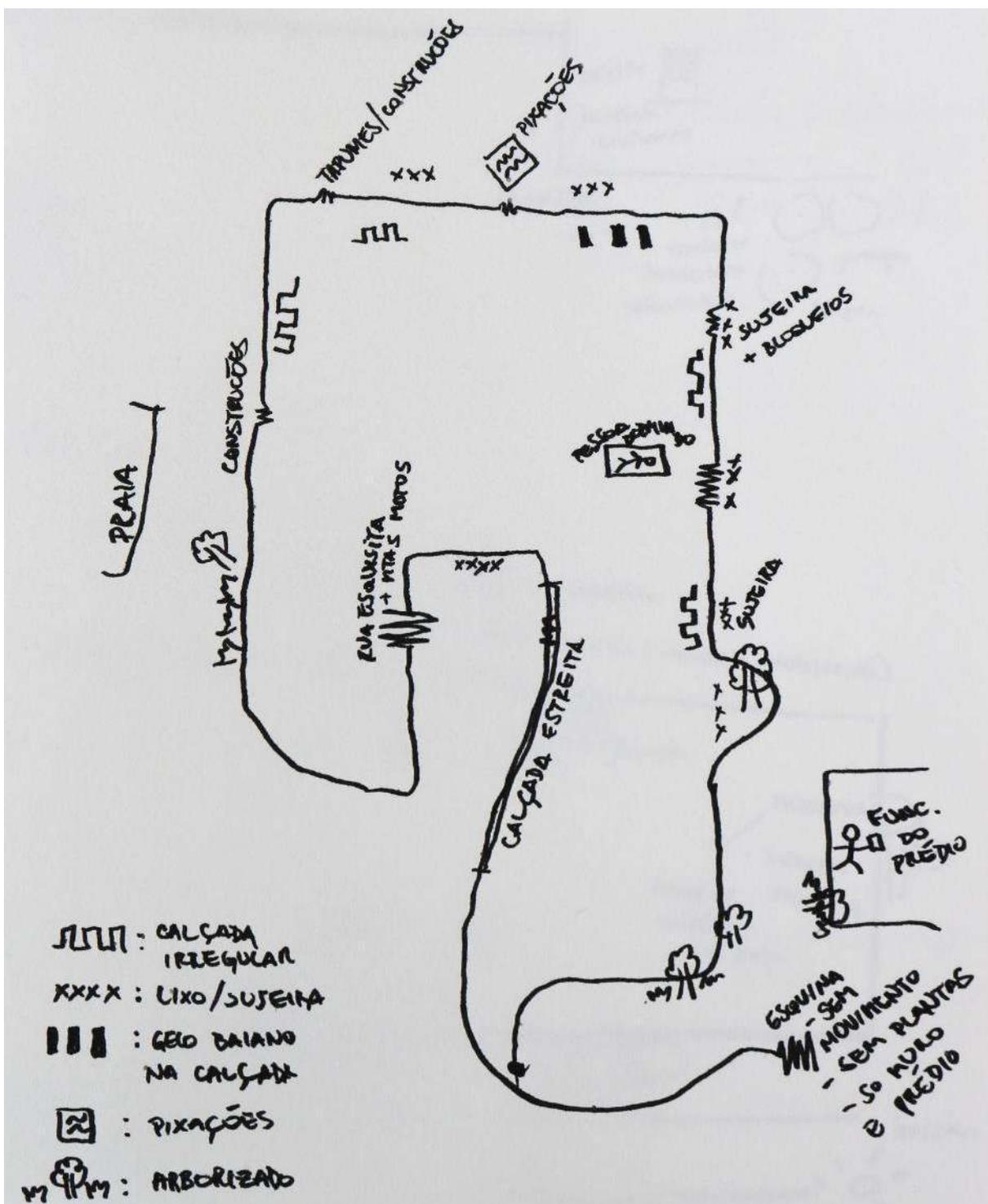
É este último trecho que contém os dois momentos de aceleração do caminhar. O primeiro, ocorrido pelo incômodo com a obra do outro lado da rua, que ocupava parte da calçada com um tapume, somado ao incômodo de passar por uma parada de ônibus com muita gente, que a obrigou a desviar o caminho entre as pessoas; e o segundo, já no Retão de Manaíra, onde ela caminhou mais rápido, penso que por conta da calçada que era um pouco pequena e também pelo estímulo que vem do fluxo intenso dos carros. Porém essa questão não foi comentada por ela durante a entrevista, me foi informada apenas por seu corpo durante a caminhada. Uma sequência de estímulos ruins na cidade pode agravar ou atrapalhar o que pode ser sentido em seguida, piorando uma nova experiência ruim ou podendo o potencial de um estímulo positivo.

As áreas marcadas no mesmo mapa como sendo de experiências positivas (em amarelo) são: 1º o primeiro trecho, que vai da praça do início da caminhada até o restaurante Garden, porém parte desta rua foi depois mencionada por ela como de experiência ruim em nossa conversa, devido à presença de sujeira e de desníveis e obstruções na calçada; 2º o trecho em que ela caminhou pela orla; 3º uma parte após passarmos pelas áreas de estacionamento do Mag Shopping, em que ela visualizou um prédio que tinha muitas plantas visíveis na fachada e o achou bonito, que está destacada por “feel good” no mapa; 4º e o fim da caminhada, após o Retão de Manaíra, quando ela voltou a caminhar de maneira mais lenta, mesmo em uma rua por onde não passava muita gente, por ser uma rua com muitos prédios.

Os vários prédios presentes nessa rua geram sombra no ambiente público, pois o sol se põe a oeste e essa rua possui orientação no sentido norte-sul. Isso pode ter influenciado o ritmo da caminhada de Yuna, pelo fato de o dia estar quente, pois ela comentou nesse momento da caminhada que esse trecho tinha vários prédios, mas ainda estava bom. O final desse comentário me leva a pensar que ele se refere à sensação térmica criada pelo ambiente devido à sombra e à brisa que passava por lá, tendo Yuna caminhado há pouco por ambiente de bastante incidência solar. A respeito da experiência do caminhar livre, de maneira geral, Yuna elucida:

*Foi interessante, apesar de ter tanta coisa negativa pra mim, foi prazeroso porque por um lado eu tava conhecendo a minha cidade, e eu diria que o fato de ter a parte arborizada pelo caminho salvou bastante o caminho que eu escolhi \*risos\*. Porque essa questão de planta me deixa muito mais confortável, mais amigável a cidade, não é só o concreto, concreto, concreto.*

Figura 57: Mapa mental de Yuna.



Fonte: Produzido pela voluntária.

O mapa produzido por Yuna permite a leitura, principalmente, daquilo que a incomodou e que atrapalhou de alguma forma o seu caminhar, interferindo negativamente na sua experiência. Mas também é possível identificar momentos de boas coisas destacadas,

consistindo principalmente na presença de vegetação-arborização, pessoas trabalhando e a própria região da praia. Sobre a influência da vegetação naquilo que ela sente, Yuna diz:

eu fico mais impaciente, mais cansada [*quando não há vegetação-arborização*]. E a questão de ter plantas meio que acalma, né, dá uma suavizada na cidade

Yuna teve o cuidado de explicar na forma de legenda os símbolos por ela utilizados no mapa. Ela destaca cinco, que significam calçada irregular; lixo/sujeira; gelo baiano na calçada (que são blocos de concreto); pichações e arborização. Quatro deles são responsáveis por causar algum tipo de incômodo quando presentes no ambiente e um é responsável pela geração de afetos positivos. Assim Yuna já responde ao ponto sobre o que marcou o seu mapa, e aos quesitos citados se soma a descrição dos momentos de tensão registrados nas tremulações da linha. São aspectos geradores de tensão na experiência de Yuna: pichações, tapumes, construções em andamento, calçadas estreitas, baixo movimento de pessoas, ausência de plantas e edificações de interface fechada entre público e privado.

Yuna desenha em seu mapa a esquina mais escolhida pelos voluntários para dar início ao seu caminho. Toda a faixa desta quadra, que está voltada para a praça de onde iniciamos a caminhada, é de um lote só e comporta um mesmo prédio. Este prédio possui fachada com generoso tratamento paisagístico, que é bem cuidado e possui variadas espécies de plantas. A esquina destacada por Yuna, além de possuir essas características, oferece uma visada com mais vegetação adiante e esse conjunto de aspectos explica a escolha recorrente deste início do caminhar pelos voluntários.

Como a presença de pessoas é um fator importante para uma experiência mais livre e mais tranquila para Yuna, os aspectos citados neste ponto se somam à presença de um funcionário trabalhando no prédio do outro lado da rua, neste mesmo cruzamento, e esse conjunto a convidou para seguir seu caminho neste sentido, como ela destaca em sua narrativa:

O que me fez seguir, inicialmente, por essa esquina, foi a questão de ver plantas, árvores, é... ser mais arborizado – e como eu gosto mais de coisa arborizada, me passa uma paz – em relação a outras esquinas, então eu escolhi ir por aqui. E um outro fato também foi que em um prédio tinha um funcionário limpando fachada, então isso me daria uma certa segurança, assim, se alguma coisa acontecer, se fosse assim uma rua esquisita, tinha alguém ali né.

Esta rua é a que leva ao restaurante Reserve Garden, e a região do restaurante consiste em um ambiente citado com frequência pelos outros voluntários. Mas Yuna não repetiu esse padrão. Sua experiência nessa rua começou de maneira leve, com risada, quando comentou sobre a árvore do meio da rua, reagindo a uma surpresa inusitada, pelo fato de esta árvore encontrar-se naquele local. Apesar de estar “no meio da rua”, a estrutura do ambiente a

incorporou, fazendo com que a rua lhe contorne, não a deixando de fato no meio da rua. Mas sua posição neste espaço a deixaria no meio do espaço, se estivesse em uma rua comum.

Apesar desse início leve, a presença de lixo/sujeira após esse ponto, principalmente proveniente da vegetação, que não havia sido recolhido, somada à presença de uma pessoa em situação de rua, impactaram bastante a experiência de Yuna nesse trecho. A presença daquela pessoa naquele lugar lhe despertou tristeza e ela destacou que aquele não seria um lugar para uma pessoa estar/ficar, no sentido de permanecer, de “morar”. A afetação desse conjunto de estímulos gerada em Yuna foi tão negativa que a impediu de perceber o que as outras pessoas geralmente sentem nesse mesmo trecho. Isso ofuscou completamente a recordação das árvores dessa rua após esses pontos de incômodo, fazendo-a não registrá-las no seu mapa. A afetação negativa de Yuna pelo espaço não permitiu que ela gravasse uma das áreas mais frescas e arborizadas do seu trajeto, como se pode perceber nesta fala:

Continuando nessa mesma rua, calçada irregular e sujeira, e muito bloqueio na calçada, isso me incomodou bastante. Eu não consigo nem lembrar, já nesse ponto, se tinha alguma árvore, alguma coisa, pra pelo menos amenizar a sensação, mas... só o que vem é a questão de sujeira.

O trecho após o Garden no sentido orla também foi marcado por experiências negativas. Neste trecho aparecem destacados dois momentos de tensão expressos no traçado do seu mapa, assim como aspectos que comprometem a qualidade das calçadas, como obstáculos, desníveis, pichações e a presença de sujeira. Yuna seguiu por esse caminho por ter avistado o mar mais à frente e ter se sentido convidada a ver a praia, mas por essa atração teve de se submeter aos desconfortos que essa rua traz. É tanto que ela fala da seguinte forma,

nessa rua o alívio que dá é quando você tá seguindo... eu comecei a seguir em direção à praia, assim, porque essa questão de natureza passa mais um conforto, [...] eu preferi seguir, então a gente dobrou na avenida da praia.

Essa colocação deixa claro que o alívio sentido era o de saber que ela estava se aproximando do objetivo daquele momento, mas não algo proporcionado pela qualidade do ambiente.

O trecho em que caminhamos pela avenida da praia – Av. João Maurício – pareceu ser tranquilo para ela em sua maior parte. Nesta avenida Yuna caminhou pela calçada ao lado dos lotes, o que a fez perceber mais de perto algumas questões, como desníveis na calçada, e se incomodar com a presença de outra obra. A calçada deste lado da avenida é boa, mas tem qualidade inferior à que se encontra mais próxima à praia, que é mais larga, raramente apresenta algum desnível e não possui nenhum obstáculo. Yuna destaca como se sente com relação a calçadas irregulares de maneira geral, quando diz que o receio de andar em uma

calçada com desníveis ou obstáculos lhe tira a possibilidade de aproveitar o caminho e a vista, por lhe colocar em uma espécie de atenção obrigatória e deixá-la preocupada e com cuidado com o local onde põe os pés.

Ao chegar perto do Mag Shopping, ela começou a perceber as mudanças na qualidade da calçada, isso devido a sua pavimentação, sua largura, seu tratamento paisagístico e uso de sinalização, a qual facilita a acessibilidade para cegos. Ela até comentou que era o único lugar que tinha. Por ter uma característica de personalidade de quem se preocupa bastante com o outro, pensar na experiência de uma outra pessoa que precise desse tipo de sinalização a fez se sentir bem naquele momento, pela simples presença da sinalização. Sendo assim, o espaço nos afeta não só pelo benefício que ele nos traz, mas também pelo benefício identificado por nós que pode proporcionar algum bem a outra pessoa.

Nessa mesma região, e pelo mesmo motivo, Yuna apresentou um pouco de desconforto, dessa vez por percebermos juntas que a forma como o piso tátil havia sido colocado estava errada. Algum padrão havia sido usado no momento errado, creio que o de mudança de direção. Isso, mais uma vez, não impacta diretamente na utilização do ambiente por Yuna, mas lhe causou uma afetação negativa por pensar no outro.

Foi interessante também quando comentamos sobre a experiência nesse lugar, porque no início da caminhada eu havia lhe dito as regras do caminhar, e uma delas era a de manter o trajeto dentro dos limites do bairro. Quando chegamos a esse ponto, Yuna seguiu seu caminho pela calçada do Mag e eu imaginei que ela estava apenas seguindo a regra, mas em nossa conversa ela relatou que seguiu seu caminho por ali simplesmente porque o espaço lhe atraiu, e eu achei isso interessante, pois o ambiente foi o responsável por essa escolha, não o respeito à regra. A seguir trago o trecho da conversa em que isso surge, quando a perguntei sobre os lugares que mais lhe fizeram bem:

**Yuna:** É. Eu diria que a primeira esquina; onde a gente dobrou na orla, ali na avenida de frente pra praia; e preferi seguir arrodando o Mag Shopping, né, porque como o Mag Shopping tava passando paz, então, ao invés de seguir direto, eu preferi meio que contornar ele pra ver se seguia a, a... \*pensando\*.

**Karla:** Então tu seguiu ao redor do Mag porque aquele espaço te atraiu, e não porque era o limite de Manaíra?

**Y:** Não, é porque me atraiu \*risos\*.

**K:** Tu nem sabia que era o limite de Manaíra ali?

**Y:** Não.

**K:** Pois era ali.

**Y:** Ah é?!

**K:** O retão de Manaíra é o limite.

**Y:** Ah, essa eu não sabia.

**K:** Ah, que bom!

**Y:** Eu segui porque gostei dali!

Na área por trás do Mag Shopping, onde há muitas árvores e grande movimento de pessoas, percebi que Yuna se sentia bem e, como eu também me sentia, acabei não observando o que ela relatou em nossa conversa depois. Ela relatou que um pouco mais à frente, onde havia muitas motos estacionadas, já perto da rua dos estacionamentos em que Clara decidiu não entrar, Yuna se sentiu incomodada, pela presença excessiva dessas motos, pela ausência de faixa de pedestres e pela sensação de “bagunça” que o ambiente lhe passava.

Sobre esse trecho, ela fala:

dá um misto de medo, insegurança, e meio que bagunça. Porque vê muita coisa estacionada ali, perto da calçada, e não tem uma faixa de pedestre, você meio que se você for seguir você anda muito mais.

Essa fala também indica uma decisão que ela tomou depois, a de atravessar a rua mesmo que num local sem faixa de pedestre, por perceber que andaria muito mais para poder atravessar em um ponto que tivesse. Nesse momento as duas decisões lhe trariam desconforto, uma por lhe obrigar a andar demais para atravessar em segurança, e outra porque faria ela se submeter a um momento de insegurança para poder seguir sua linha de desejo – em outro momento ela já havia destacado que não se sentia à vontade em caminhar pela rua em vez de pela calçada. Sobre esse mesmo trecho, ela destaca:

Fiquei incomodada, né. Mesmo quando eu passo de carro ali, eu fico bastante incomodada, a pé então!

Esta fala evidencia que a experiência do caminhar traz sensações mais intensas, com relação às trocas com a cidade, do que a de fazer o mesmo trajeto de carro. Passado este momento, nós seguimos pela calçada que ela desejava atingir. Dela Yuna avistou um prédio a distância que tinha muitas plantas nas varandas. As varandas eram compridas e todas cheias de vegetação em vários andares. Essa percepção desse edifício de longe lhe chamou a atenção e a fez se sentir bem, mesmo que esse contato tenha sido apenas visual.

Apesar de não ter mencionado este ponto em nossa conversa, e em vez disso ter pontuado que a calçada desse trecho apresentava irregularidades, a vivência durante a caminhada demonstrou que aquilo que se vê, mesmo quando não se está exatamente no lugar onde o que é visto se encontra, também é capaz de nos fazer bem, e isso se mostrou também em outras caminhadas, quando massas arbóreas vistas a distância eram capazes de mudar intenções de caminhos dos voluntários – algo que aconteceu também nas caminhadas de Clara, Theo e João.

Foi depois desse trecho que a caminhada de Yuna seguiu por uma rua que leva de volta ao Retão de Manaíra, e nela havia uma obra que a fez atravessar a rua quando a viu, e

uma parada de ônibus com várias pessoas à espera do outro lado da rua, para onde fomos. Nesse ponto a calçada se fez estreita e pareceu ser ainda menor pela quantidade de pessoas. Essa combinação causou desconforto em Yuna.

Além dessas características da calçada, o contato que tínhamos com a edificação adjacente era com um muro alto, o que passa uma sensação de confinamento, por não permitir amplitude visual no espaço. A calçada por que nós passamos não foi a que tinha o tapume da obra tomando parte dela, mas em sua fala Yuna se expressa como se tivesse sido. Ou seja, só a percepção da calçada do outro lado da rua foi o suficiente para gerar desconforto, apenas por imaginar como seria passar por ali, ou pensar em outras pessoas passando por lá.

Depois disso, passamos pelo estacionamento do Bradesco e, já no Retão de Manaíra, percebi que Yuna andava rápido, acredito que pela junção de tudo que havia sido experienciado. Aproximava-se do fim do tempo da caminhada e ela direcionou seu caminho para dentro do bairro novamente. Neste momento não houve grandes acontecimentos, e Yuna apontou:

*O resto desse caminho não marcou tanto porque tava bem mais confortável, porque tipo, era movimentado, o fluxo de pessoas... e sentir essa segurança acabou que eu nem percebi muito se tava sujo, se a calçada tava mais irregular, e como não tinha tanta construção, ficou menos... visualmente poluído, pra mim.*

Esse trecho mostra como experiências boas às vezes não são tão latentes quanto experiências ruins, mas elas estão ali, mesmo que passem despercebidas no momento da narrativa, na forma do desenho ou da fala. E isso concorda com o que diz Sarah Williams Goldhagen (2017), quando a autora afirma que não existe ambiente neutro, o ambiente em que estamos ou nos ajuda ou nos faz algum mal.

Ao fim do seu relato sobre a caminhada, Yuna destaca que só voltou a se incomodar na esquina final; a respeito dela, diz:

*me incomodou porque era uma esquina que tava com pouco movimento, não tinha planta nenhuma, era praticamente só muro, prédio, uma calçada, tipo, num era confortável de tá ali, não tinha segurança.*

Interessante perceber a relação que Yuna faz entre as características por ela citadas com a ausência de segurança no espaço, e como tais aspectos, da maneira como estão, podem contribuir para a construção de uma sensação de desamparo e vulnerabilidade, ao contrário do possível acolhimento que uma rua com características contrárias é capaz de trazer.

Sujeira na calçada, pichações, tapumes e construções aparecem como coisas que incomodam Yuna, mas, pela intensidade colocada por ela nas tremulações da linha em seu mapa, nada disso chega a incomodar mais do que a ausência de pessoas e a baixa

possibilidade de presença delas dada pela configuração das edificações de interface fechada. Os dois lugares com as tremulações mais intensas eram lugares com pouca possibilidade de encontro. Um atrás do Mag, perto dos estacionamentos, onde eu também tive a sensação de solidão em outros momentos, e o outro, que era uma rua sem elementos de afetação positiva, sem movimento e apenas prédios.

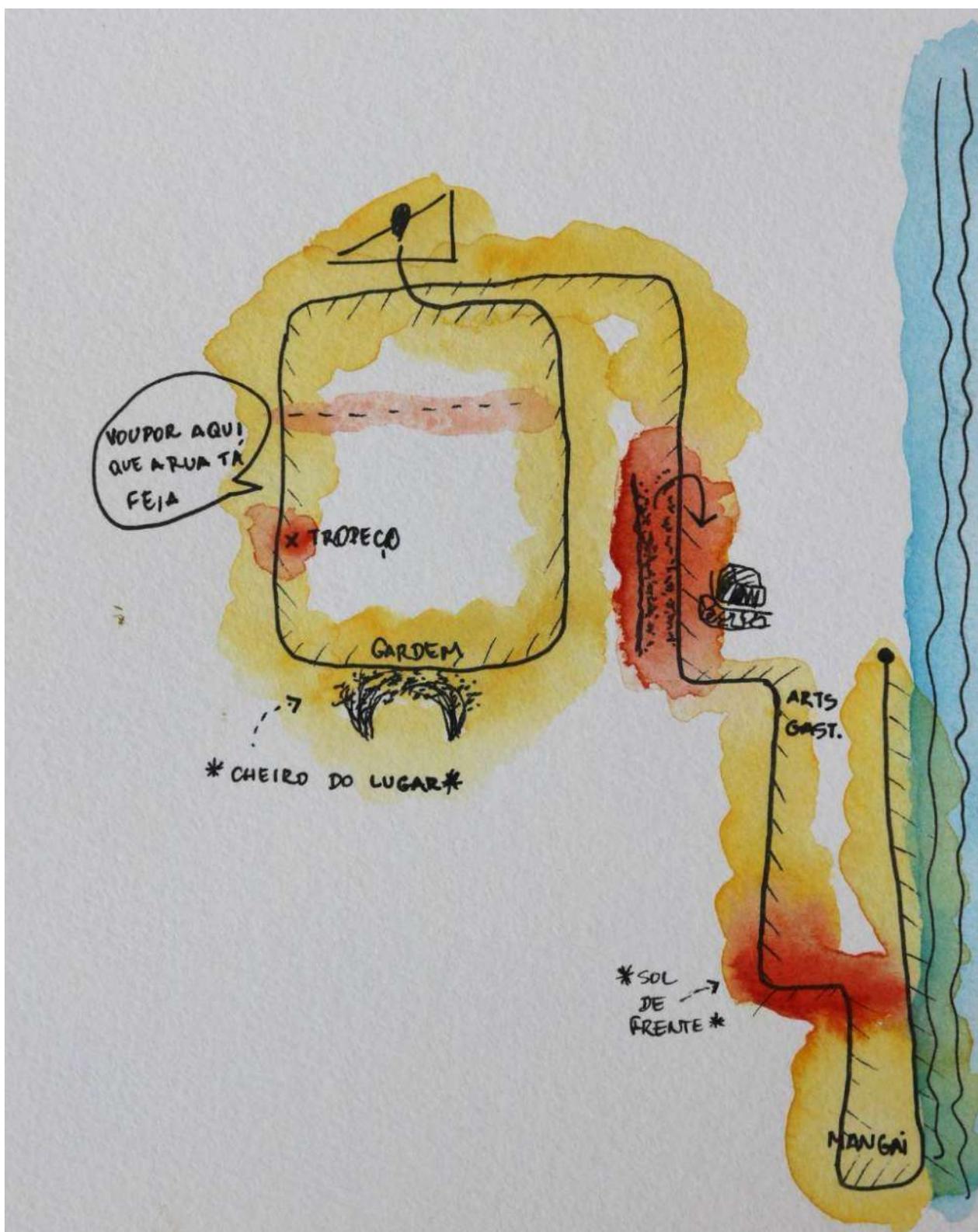
Então uma boa experiência vivida por Yuna depende diretamente da configuração da interface das edificações e da sua própria configuração física. Edificações com interfaces que permitem troca entre interior e exterior do lote e que possibilitam uma proximidade entre pessoas, como, por exemplo, a proximidade entre porteiro(a) e pedestre, para Yuna, é algo que lhe garante um pouco mais de bem-estar em seu caminhar.

A partir do apresentado, é interessante perceber como alguns confortos e desconfortos são capazes de nos fazer passar por cima de outras coisas, sejam elas boas ou ruins. Na experiência de Yuna, é possível perceber momentos em que o bom é capaz de deixar o ruim em segundo plano. O contrário também é verdadeiro, como a experiência vivida na rua do Garden, onde o ruim deixou o bom em segundo plano.

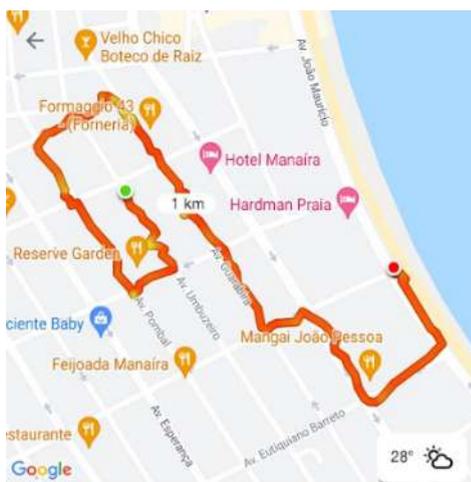
## João

02/05/2022 - 08:12h

Figura 58: Mapa mental sobre a caminhada de João.



Fonte: Produzido pela autora.

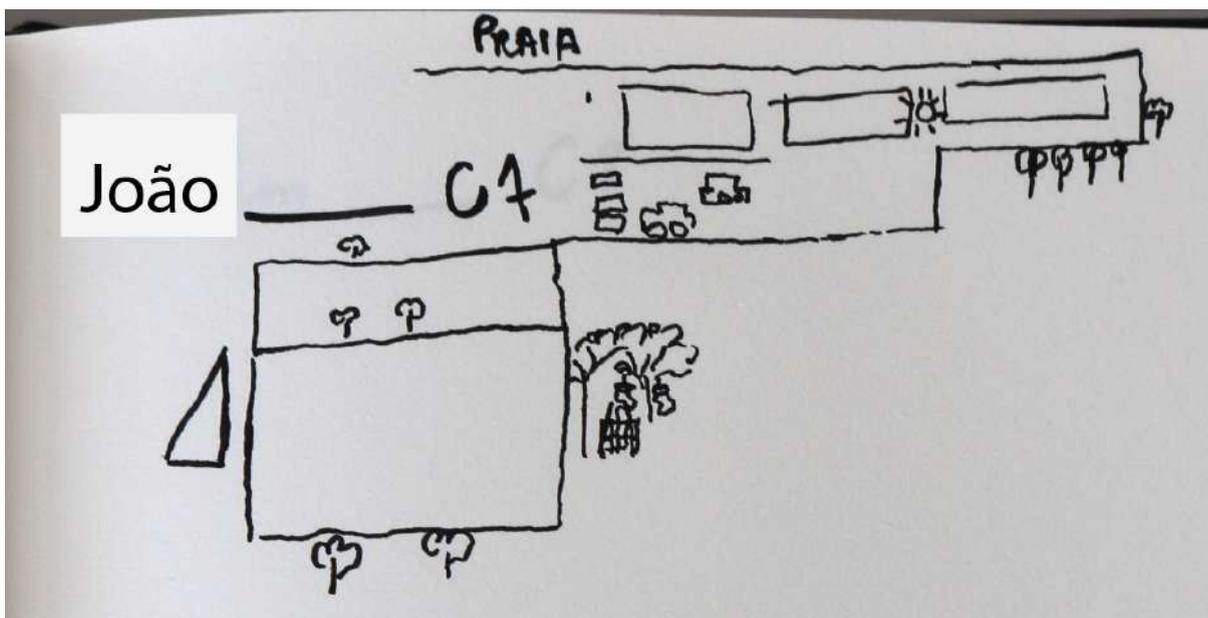


Meu mapa mental sobre a caminhada com João (Figura 58) traz quatro momentos de desconforto destacados, os quais aconteceram de maneira bem pontual. Três deles são de experiência direta e um de experiência imaginada. 1º um tropeço acontecido na calçada da lateral do Garden, onde árvores estão situadas na calçada, o que atrapalha um pouco o caminhar, tanto pelas suas raízes, quanto pelos pequenos canteiros construídos para elas; 2º uma rua que ele olhou e escolheu não entrar, dizendo a seguinte frase: “vou por aqui que a rua tá feia”; 3º uma calçada situada na Av. Guarabira, que por seu estado de conservação ruim, somado ao fato de ser estreita o de estar ao lado de um tapume, nos repeliu para fora dela, nos fazendo atravessar a rua; e, por fim, 4º uma rua árida, sem possibilidade de geração de sombras, em que João tinha a intenção de seguir, mas acabou desistindo, devido ao sol intenso vindo de frente, somado à necessidade de atravessar uma Avenida larga e de fluxo intenso, fazendo o uso apenas de faixa de pedestre.

Os demais momentos foram marcados por experiências mais tranquilas e leves. João traçou seu caminho prezando pelo seu bem-estar físico e psicológico, evitando grandes avenidas de alto fluxo, como o Retão de Manaíra. A caminhada com João aconteceu em um ritmo lento, estando ele atento àquilo que estava sentindo. João me contou que é uma pessoa que observa muito o que acontece consigo mesmo. Contou que observa suas sensações no dia a dia, e comentou que faz disso um meio para se conhecer, seja com relação a sintomas físicos, seja no que concerne a sensações subjetivas e psicológicas. Isso me parece ser uma coisa que o torna mais sensível ao que acontece consigo mesmo e mais ciente daquilo que lhe atravessa. Seu corpo e sua fala são capazes de transmitir isso. Sobre a experiência do caminhar livre, João comenta:

*Foi boa, me senti bem à vontade, tranquilo. Foi uma perspectiva diferente em relação à rotina, né, porque a gente anda com um objetivo. Tava mais livre e... a interpretar o caminho que eu iria seguir, em relação a me sentir bem, né, em relação ao ambiente. Isso me fez tomar algumas decisões diferentes do que eu tomaria no cotidiano, que provavelmente eu iria procurar mais eficiência em chegar em algum local, ou iria procurar uma rota mais segura, em relação a trânsito ou até assalto, alguma coisa assim.*

Figura 59: Mapa mental de João.



Fonte: Produzido pelo voluntário.

No seu mapa (Figura 59) João registra intensidades diferentes de presença de vegetação – expressa pelo tamanho e quantidade de árvores presentes nos segmentos –, sendo este um fator que aparece frequentemente em sua narrativa como influenciador das suas tomadas de decisões, seja pela sua presença ou pela sua ausência. O início da sua caminhada revela a preferência do ambiente do interior da malha urbana em detrimento de áreas de maior estímulo sonoro, quando João prefere seguir por ruas mais tranquilas; sobre isso ele destaca: “aqui, os prédios fechavam um pouco, mas aqui dava pra pegar a visão que eu estaria quase na principal de Manaíra, aí eu digo ‘velho, se eu tô querendo um ambiente pra eu me sentir bem, eu num vou querer pegar uma principal com muito trânsito’, tá entendendo?”. Esse trecho da narrativa aponta mais uma vez o Retão de Manaíra como uma área evitada pelos voluntários, algo que aconteceu também com Bernardo, quando viu que esta avenida estava próxima e decidiu distanciar o seu caminho dela.

O Garden foi algo que influenciou diretamente o caminho de João. Ele comenta em nossa conversa que gostou muito daquela área e disse: “a gente voltou né, por causa dela”, informando que voltamos pra praça do início da caminhada por influência direta do Reserve Garden, que tornou o ambiente mais convidativo e a opção de trajeto preferida dentre as disponíveis.

Em seu mapa, João faz destaque para o Garden, com as árvores que se encontram na parte superior. Quanto mais detalhes são colocados em mapa pelos voluntários, fazendo referência a um determinado trecho da caminhada, mais fortes parecem ser as afetações que

aquele ambiente foi capaz de lhes causar, pois eles foram capazes de marcar de maneira ainda mais clara a sua experiência. A memória, nesses momentos, se mostra de modo mais rico. Isso funciona para as ambiências de afetações positivas e também para as de afetações negativas.

É possível ler momentos de maiores afetações no mapa mental produzido por João, e em destaque aparecem a área do restaurante Garden; um ponto na Avenida Guarabira, que ele teve a intenção de atravessar, mas acabou desistindo, por conta do sol; a área próxima ao restaurante Mangai, pela área ao redor do próprio restaurante, que possui vegetação na calçada e árvore que promove boa sombra.

Foi próximo ao Garden que João andou ainda mais lentamente, comentou sobre o cheiro do lugar e sobre o microclima agradável que ali foi gerado, ambos provenientes da vegetação presente no local. Fazia 28° graus, e, dentro do período da nossa caminhada, houve espaço para momentos nublados, de chuva e também de sol intenso.

Quando perguntado sobre os lugares de que mais gostou, em que mais se sentiu bem na caminhada, João aponta os dois ambientes dos restaurantes mencionados por ele, o do Reserve Garden e o do Mangai. Ambos possuem vegetação em suas calçadas, que oferecem um caminhar tranquilo, pelo menos na testada frontal do lote. Quando fala especificamente sobre a calçada do Mangai, João destaca que ela não era tão ampla, e que, provavelmente se referindo à parte de sua lateral, nós precisamos nos apertar um pouquinho para poder dar certo passar. Apesar disso, ele disse que compensou passar por esse ambiente, por ter árvores e sombra, o que o deixou mais confortável.

Ele menciona brevemente a praia como algo bom, mas revela que os dois ambientes citados anteriormente foram ainda mais significativos. De maneira mais geral, ele destaca:

me senti melhor nos caminhos que tava mais arborizado, senti um clima melhor, mais fresco, e sombra né, e a praia né. Acredito que a praia por causa do, de todo efeito que a praia traz né, o som, a vista.

João explica que a presença mais intensa de árvores, formando um caminho em que a cobertura arbórea se prolonga, proporcionando um contato mais duradouro com a vegetação, aumentam a intensidade dos afetos positivos; ainda sobre isso ele diz:

Esse sentimento foi mais forte, nesses dois caminhos né *\*do Garden e do Mangai\**, que teve mais sombra, mais... o clima mais fresco, tal. Deu pra até curtir mais.

É também nesses ambientes que João faz do seu caminhar algo mais demorado, destacando que o faz “ou pra refrescar mais ou pra aproveitar mesmo o bem-estar que ele causa”. Destaca também que até o modo de respirar é diferente, diz que não sabe se é algo intuitivo pelo que se experiencia no momento, ou se é de fato algo bom que o espaço lhe traz.

Seja intuitivo ou não, no sentido de ser algo proveniente de intuição subjetiva, o bem que um espaço com essas condições lhe traz está presente, isso é inegável.

Cheiro de plantas, a presença de vegetação e arborização, principalmente de maneira contínua, sons amenos, como o do mar e sensações térmicas amenas foram coisas que afetaram João positivamente. Já os afetos negativos vieram a partir da exposição demasiada ao sol e, relacionado a isso, a ausência de árvores, o alto fluxo de carros e o barulho que eles geram. Os parágrafos seguintes detalham um pouco os momentos de experiências negativas vividas por João em nosso caminhar livre.

O ponto mais citado por João como gerador de afetos negativos é o quarto ponto destacado em vermelho no meu mapa mental, onde há uma anotação contendo “sol de frente”. Neste ponto houve duas grandes coisas que lhe incomodaram: uma foi a travessia da Avenida Guarabira em um ponto onde não havia semáforo, apenas faixa de pedestre; a segunda coisa foi o sol intenso no nosso rosto, em uma área sem arborização e proteção promovida pelas edificações – estávamos caminhando no sentido leste, de manhã, em uma rua de mesma orientação, o que nos coloca em uma posição desconfortável por receber o sol de maneira direta nos olhos.

No mapa de João há um desvio, como se esses dois momentos tivessem acontecido em dois pontos diferentes. Talvez assim tenha sido registrado em sua memória, como dois incômodos distintos em pontos diferentes. Mas, ao observarmos o mapa do trajeto real da caminhada, podemos perceber que os dois aconteceram em uma mesma rua. Viramos à esquerda, em direção ao mar, e neste momento já se deu o primeiro incômodo, aquele proveniente do sol. João queria seguir para a praia, mas isso o repeliu. Em seguida, a Av. Guarabira aparece como um realçador de vulnerabilidade, fazendo com que João fortaleça a decisão de não seguir por aquela rua que já havia se mostrado desconfortável devido à exposição demasiada ao sol.

Sobre esse trecho, ele comenta diversas coisas; primeiro ele diz que poderia ter ido diretamente para a praia, mas em seguida diz que preferiu seguir o caminho pela Av. Guarabira e fala sobre a rua que o fez mudar de decisão da seguinte forma: “não era uma rua agradável, tava sol e preferi seguir um caminho de sombra com árvores também, até chegar uma opção que não tava tanto sol pra gente enfrentar, e chegar até a praia”. Apesar de em sua narrativa em forma de desenho apontar esses dois espaços de maneira separada, e às vezes se referir a eles de maneira separada também através da fala, este trecho da narrativa explica bem o que aconteceu neste momento:

Acho que só a questão que, nesse ponto que tinha a faixa de pedestre, o espaço até chegar à praia, que era o objetivo que eu tava querendo chegar quando eu tive essa visão de praia, foi tipo, tava muito sol e eu não vi tanta sombra, tal, e acho que foi até, além de procurar uma melhor forma de passar, quando o fluxo tivesse reduzido, foi ter visto esse ambiente aqui que tava com as árvores *\*parte referente ao Mangai\**, é tanto que aqui a gente passou por uma rua que poderia ter entrado logo pra praia, mas eu preferi não entrar também, se não me falha a memória, por causa do sol. Eu preferi continuar aqui na sombra, e quando eu olhei a esquerda e vi que, pelo menos metade do caminho, tava sombra *\*agora na esquina do Mangai\**, eu digo “não, vou por aqui”, e o resto do caminho, que eu acho que era até uma conveniência aqui e tal, que não tinha sombra e tal, mas já tava curto pra chegar na praia. Então eu preferi encarar isso.

Percebe-se que há desconforto na fala de João quando se refere à área depois do Mangai, que não tem proteção contra o sol, o trecho da conveniência citada. Mas o nível de desconforto sentido nesse ponto foi menor que o do conjunto anterior e, neste caso, suficientemente aceitável a ponto de ele decidir enfrentá-lo.

O caminho que João passou a seguir a partir desse momento anterior de maior intensidade de afetações negativas foi escolhido a fim de desviar dos desconfortos sentidos. Pela eficiência do caminho, no sentido de chegar mais rápido a um destino, esse não seria o trajeto escolhido, por ter se tornado mais longo, mas, como esta caminhada estava sendo empreendida por João de uma maneira que prezava pelo seu bem-estar desde o começo, ele decidiu mudar sua intenção inicial. Apesar de nesse trecho existir faixa de pedestre, ela por si só não foi suficiente para lhe deixar confortável, devido ao fluxo elevado de carros. Também por este motivo ele preferiu continuar andando, mesmo não achando esse novo ambiente da avenida agradável visualmente, mas era um ambiente mais seguro. A seguir trago um trecho do nosso diálogo para ilustrar um pouco o que foi sentido por João nesse momento de conjunto de desconfortos:

**K:** Uhum. Aí, esse lugar que tu se sentiu desconfortável, tu consegue descrever o que esse desconforto causou internamente, o que esse desconforto te fez sentir? Além de só desconfortável, tipo, não precisa ser um conceito fechado.

**J:** Acho que só essa questão de segurança, né, não confiar no motorista brasileiro *\*risos\**.

**K:** E de sensação?

**J:** Tipo, acho que essa sensação não aflorou mais porque eu tomei uma decisão de não enfrentá-la, tá ligado? Eu tomei uma decisão de procurar outra rota, e esperar não ter fluxo de carro, né, que a gente não passou no menor fluxo, a gente passou praticamente não tinha fluxo de carro, tava vindo uma moto lá, mas a gente vê que dava pra passar tranquilo. Mas essa sensação não ficou mais, tipo, chata, porque eu não quis... Com certeza se eu tivesse ficado lá, a gente “ah, bora manter essa rota porque eu escolhi um ambiente”, acho que teria sido mais estressante, ficar lá tendo que, sei lá, acho que no mundo de hoje a gente gosta de ser muito eficiente, né, querer fazer alguma coisa rápido tal, por isso que eu não me sinto confortável, num me sinto seguro, sei lá. E dependendo do conceito que a gente acha do que é uma faixa de pedestre, e não bater com o do cara que tá dirigindo, de respeitar esse conceito, podia até trazer um sentimento de raiva, tá entendendo, aí eu prefiro evitar essas coisas, ao ponto de pegar outra rota, né.

Percebe-se que João imagina que o desconforto de permanecer na decisão de seguir em um lugar que já lhe causava repulsa seria ainda maior. Esse entendimento e essa projeção contribuíram para a decisão de evitar esse ponto. Isso deixa claro que, mesmo que não tenha sido verbalizado por ele nessas palavras, esse ambiente lhe repeliu e funcionou como agente gerador de afetações ruins. Nesse ponto João não quis alimentar a possibilidade de construção ainda maior de um afeto negativo, procurando amenizar a situação, seguindo por um caminho que para ele seria mais sustentável no que concerne ao seu bem-estar psicológico. A capacidade de percepção do potencial de afetação de um local foi importante para a prevenção de um estado de estresse mais elevado.

Na sua narrativa, João fala sobre a diferença existente entre a realização de um trajeto a pé, de moto ou de carro. Menciona que com o uso de veículos é possível perceber as diferenças entre as experiências vividas em áreas arborizadas e não arborizadas, porém destaca que andando as pessoas têm mais tempo para apreciar o lugar, sentir seu cheiro, passar mais devagar e sentir de fato essa mudança no corpo. Com esse comentário, João traduz justamente a intenção desta pesquisa, a de colocar o corpo, o sujeito, no contato mais próximo possível com a fonte do estímulo, fazendo do caminhar livre o método de leitura de afetações mais adequado para essa empreitada.

Retomando o que foi analisado nas outras duas caminhadas, Clara avistou a rua do dedal de ouro e isso lhe atraiu a ponto de lhe fazer mudar de ideia sobre ir em direção ao mar naquele momento. Ela também escolheu não passar na rua por entre os estacionamentos do Mag Shopping, em que, além da presença dos estacionamentos, e pelo fato de, por si só, já ser mais deserta, havia vários caminhões estacionados. Esses dois momentos revelam que as pessoas experienciam algumas sensações só em imaginar como seria passar por determinado lugar.

Isso aconteceu também com Yuna, quando ela se referiu a uma calçada parcialmente ocupada por tapumes de obra, com um incômodo de quem parecia ter passado por lá. Algo da mesma ordem aconteceu com um outro voluntário, Bernardo – sua caminhada não aparece nesta seção do texto –, quando ele avistou o retão de Manaíra e decidiu que por ali ele não queria seguir, assim como a rua sem muita iluminação, que se contrapôs ao outro lado da rua, que oferecia mais estímulo luminoso dos estabelecimentos que ali se encontravam – a caminhada dele aconteceu no fim da tarde.

Todas as 10 participações contribuíram para a identificação dos elementos da afetação, que serão apresentados no tópico 4.2, assim como para a identificação de seus afetos

resultantes. Essa contribuição se deu pelas entrevistas, segundo estrutura apresentada na tabela 1, presente no capítulo de metodologia. Algumas pessoas me responderam claramente quais sentimentos os elementos da afetação de suas caminhadas foram capazes de lhes causar, nomeando-os; outros eu precisei interpretar pela maneira como falavam, mas todos contribuíram para a construção das correlações presentes neste trabalho.

## 5.2 ÁREA OBJETO DE ESTUDO EM TERMOS FÍSICO ESPACIAIS

As categorias para a caracterização do ambiente construído foram definidas previamente e tiveram as caminhadas sensíveis como contribuintes para a decisão do que seria registrado no mapa físico-espacial-sensível, apresentado na figura 67, presente no fim deste tópico. A experiência do outro contribuiu para a construção deste mapa na medida em que, a partir dela, me foram fornecidas mais informações sobre que elementos também são capazes de influenciar a experiência do caminhar.

Manaíra é um bairro denso e de lotes maiores em relação a outras áreas da cidade de João Pessoa, o que significa dizer que este bairro, como pudemos ver a partir da pesquisa de Alonso (2021), oferece uma maior densidade acessível por *walking distance* em trajetos de até 1500 metros (dimensão aproximada das caminhadas da pesquisa), em uma menor quantidade de lotes acessíveis, dentro de trajetos com esta dimensão, quando comparado com outras áreas da cidade.

Desse modo o sujeito pode alcançar em sua caminhada uma maior variedade de tipos de ambiente construído em uma menor quantidade de lotes, devido ao fato de Manaíra possuir grande variedade de uso do solo. Essa variedade cria a possibilidade de que o pedestre tenha contato com diferentes tipos de tratamento do ambiente construído ao caminhar nas calçadas, pois cada uso dado ao lote demanda ou gera um tipo diferente de ambiente construído no seu entorno. E isso pode ser constatado no mapa físico-espacial-sensível da área objeto de estudo (Figura 67), onde pode ser vista a grande variedade de qualidade do ambiente construído ao longo de toda a área estudada.

Os lotes de comércio e serviço são aqueles que mais possuem recuo. Isso foi constatado *in loco* e concorda com o que foi afirmado na tese de Alonso (2021), com resultados trazidos no gráfico de número de lotes com e sem recuo por uso do solo, (Figura 41) da caracterização de Manaíra. Esse padrão se dá pelo tipo de uso do solo, que demanda uma necessidade de estacionamento. Logo, a maioria das áreas de recuo desses lotes são

usadas como estacionamento, assim como também apontou Alonso, com dados no gráfico da figura 40, que traz informações sobre os tipos de uso do recuo por número de lotes. Esse uso por vezes pode tornar-se um problema para o pedestre, quando o recuo não possui dimensão suficiente para abarcar as funções de estacionamento e passeio público juntas.

A questão do recuo tornado problemático pode ser vista no mapa físico-espacial-sensível da área objeto de estudo (Figura 67) através da categoria C.C. destacada nele em alguns pontos. Tal categoria refere-se à presença de carros na calçada de maneira problemática, que atrapalha o caminhar. Já a categoria C.R. marca locais em que a presença de carros não compromete o caminhar e esta refere-se a carros no recuo. Esse tipo de classificação também fala sobre a qualidade da calçada, visto que se ela é usada também como estacionamento, para ser considerada de boa qualidade, deve acolher além disso o corpo do pedestre de maneira segura e confortável.

A maioria das fachadas dos lotes estudados por Alonso (2021) são de interface fechada, que não permite troca entre público e privado, correspondendo a 61% dos 645 lotes estudados. A autora não estudou todo o bairro, mas sim seis áreas dele, que conseguem mostrar um panorama do bairro. Tal informação corrobora o que foi encontrado nesta pesquisa, de que há uma predominância de lotes com edificações de interface fechada nas ruas por onde os(as) voluntários(as) caminharam. Essa predominância pode ser percebida pela presença de linhas cheias marcando a testada dos lotes. As figuras 60, 61 e 62 demonstram, respectivamente, exemplos de fachadas de interface aberta, semi aberta e fechada encontradas na área objeto de estudo. A Figura 63 representa uma variação do tipo de interface, que pode ser lido como uma variação da interface semi aberta, onde a troca entre público e privado acontece entre a rua e o primeiro andar da edificação.

**Figura 60:** Exemplo de fachada de interface aberta.



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 61:** Exemplo de fachada de interface semi-aberta.



Fonte: Acervo pessoal.

**Figura 62:** Exemplo de fachada de interface fechada.



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Figura 63:** Variação de tipo de fachada, com troca entre público e privado acontecendo entre rua e primeiro andar da edificação.



**Fonte:** Acervo pessoal.

As calçadas do recorte estudado foram classificadas em três tipos: calçada boa; calçada básica e calçada ruim, representadas nas figuras 64, 65 e 66, respectivamente. As calçadas que são consideradas de boa qualidade (Figura 64) são aquelas largas, com pavimentação íntegra, sem áreas quebradas, com pouco ou nenhum desnível, obstáculo ou irregularidade. Geralmente estão ao lado de fachadas com vegetação como tratamento paisagístico, o que melhora a imagem do lugar e aumenta o prazer em transitar por ali, ou fachadas de interface aberta. São calçadas planas, que permitem o ir e vir dos pedestres sem que um atrapalhe o outro. Muitas vezes sombreadas e, se existir a presença de carros, eles são comportados pelo recuo e ainda assim a calçada oferece suporte e segurança ao pedestre. Áreas de maior incidência de calçadas de boa qualidade são: a orla, principalmente a calçada da praia; a área ao redor do Mag Shopping; e a área das quadras ao redor da Praça Robson Duarte Spinola, ponto de início das caminhadas.

A calçada básica (Figura 65), destacada como calçada “ok” na legenda do mapa, é uma calçada que oferece passeio íntegro no quesito pavimentação. Geralmente não é muito larga, não possui paginação de piso, nem vegetação na fachada adjacente como tratamento paisagístico. Pode por vezes estar muito exposta ao sol e possuir alguns poucos obstáculos, mas que não comprometem demais o caminhar. É uma calçada que oferece o mínimo de conforto, não é ruim o suficiente para ser considerada de má qualidade, nem boa o suficiente para ser considerada uma calçada de boa qualidade. Tal tipo de calçada se espalha pela área objeto de estudo, sendo esta a classificação mais comum da área estudada.

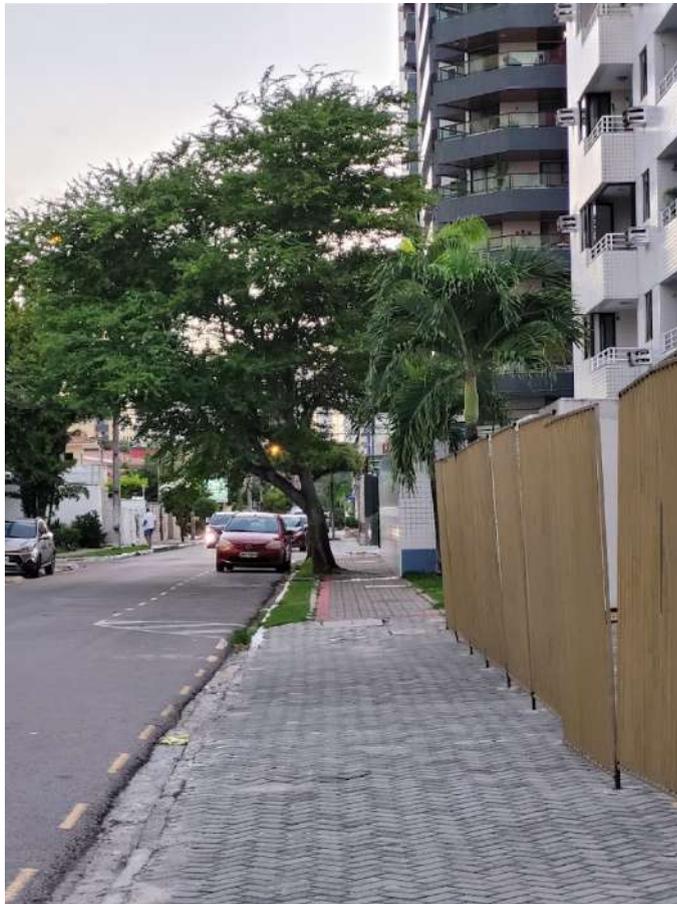
Calçadas ruins ou de má qualidade (Figura 66) são aquelas que possuem muitos desníveis ou obstáculos, podem ter pavimentação quebrada, estarem deterioradas ou não possuir nenhuma pavimentação. Pode ser uma calçada muito inclinada, que oferece muito desconforto ao caminhar, inclusive um desconforto físico. Muito expostas ao sol, geralmente pertencente a um lote de interface fechada ou contornado por tapumes. O uso ou não uso do lote influencia a qualidade da calçada. Calçadas adjacentes a terrenos baldios tendem a ser de baixa qualidade. Calçadas largas que são ocupadas por carro e cuja área remanescente não dá suporte ao pedestre, que muitas vezes também são quebradas pela presença frequente de carros, também são consideradas de baixa qualidade. Calçadas de baixa qualidade se espalham por trechos de diferentes ruas do recorte, mas há uma concentração na Av. Euzely Fabrício de Souza.

**Figura 64:** Exemplo de calçada de boa qualidade.



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Figura 65:** Exemplo de calçada de qualidade mediana.



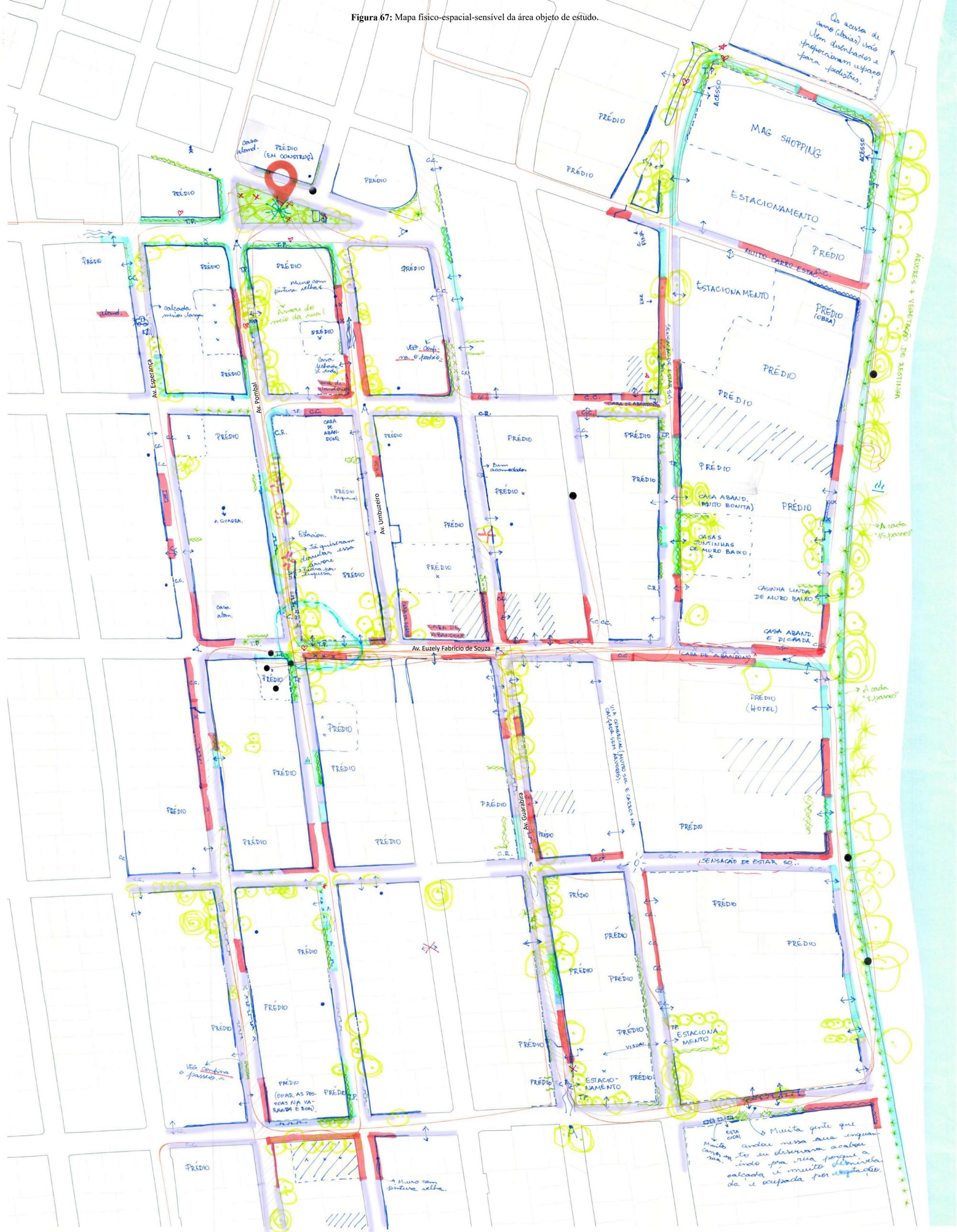
**Fonte:** Acervo pessoal.

**Figura 66:** Exemplo de calçada de má qualidade.



**Fonte:** Acervo pessoal.

Figura 67: Mapa físico-espacial-sensível da área objeto de estudo.



Legenda:

- Início das caminhadas
- Fim das caminhadas
- Caminhos
- Praça
- Interface fechada
- Interface aberta
- Interface semi-aberta
- x Obstrução da calçada
- x Vegetação destruída a calçada
- Árvores ○ Árvores muito altas
- Direção do vento/brisas
- ~ Vegetação "mizurica" (KKK)
- \* Variação: ↔ Vista entre ruas e 1º andar

- Calçada boa
- Calçada "ok" → física
- Calçada ruim
- Vazio/terreno baldio
- Ambientes mencionados (locais de aplicaç. clara).
- - - Calçada desmurchada e/ou com pequenos degraus
- C.C. Carro na calçada (atrapalhando)
- C.R. Carro no meio (ok)
- Tapume
- Pontos para conferência
- ⊗ Pessoa em situação de rua
- T.P. Tratamento paisagístico
- ↘ Calçada inclinada

- Anotações:
- ↔ Vistas bonitas/interessantes
  - ⊗ Mau cheiro
  - ⊞ Parada de ônibus
  - \* Palmeiras
  - Colocar um outro mapa.

- \* As mesas da Feijoadá Maranhã ocupam a calçada mas é bom de passar. Passamos na rua e vemos a vida que o bar/restaurante traz.
- \* Distanciamento do corpo e o fluxo de carros, proporcionado pela calçada.



Tiver fotos dos lugares marca dos cores mais interessantes.

Algo que vai ficar melhor se eu colocar uma linha grossa de verde para a pintura as caminhadas.

Assim, quando elas se soltarem, vai ficar mais fácil de ver que elas foram mais utilizadas.

Em outros mapas, colocar um que ilude da rua as pessoas com um nome e ouça com o dados de Patrícia Alonso.

### 5.3 RELAÇÃO DE AFETAÇÃO ENTRE PESSOA E AMBIENTE CONSTRUÍDO URBANO NA ÁREA ESTUDADA

Como tentativa de sintetizar as várias camadas de resultados, construídas acerca dos afetos gerados nas pessoas pelo espaço e produzidas na busca pela resposta à questão problema da pesquisa – Como as características espaciais do ambiente da rua, configuradoras de suas ambiências, influenciam as escolhas de percurso na prática do caminhar? –, este tópico relaciona os afetos sentidos pelos participantes com as características e qualidade do ambiente construído urbano do recorte espacial estudado, do bairro de Manaíra, na cidade de João Pessoa-PB.

As relações aqui apresentadas entre afetos e ambiente construído atendem ao objetivo geral da pesquisa, que é o de identificar elementos e características do ambiente que influenciam as escolhas do sujeito ao caminhar nas ruas. Para tanto, o primeiro objetivo específico da pesquisa foi explorado, o qual consistiu em identificar o rebatimento da estrutura espacial de Manaíra nas experiências do caminhar dos voluntários, e assim foram encontrados os elementos do espaço responsáveis por gerar afetos nos sujeitos.

Desse modo o segundo objetivo específico da pesquisa também foi atingido, o qual consistiu em relacionar os resultados das experiências do caminhar dos voluntários, em termos de afetos, com a estrutura espacial de Manaíra. A partir da realização da intenção contida no segundo objetivo, foi possível espacializar os afetos no mapa, possibilitando a leitura dos diferentes afetos nos lugares capazes de gerá-los, entendendo também que características espaciais foram responsáveis por sua emergência.

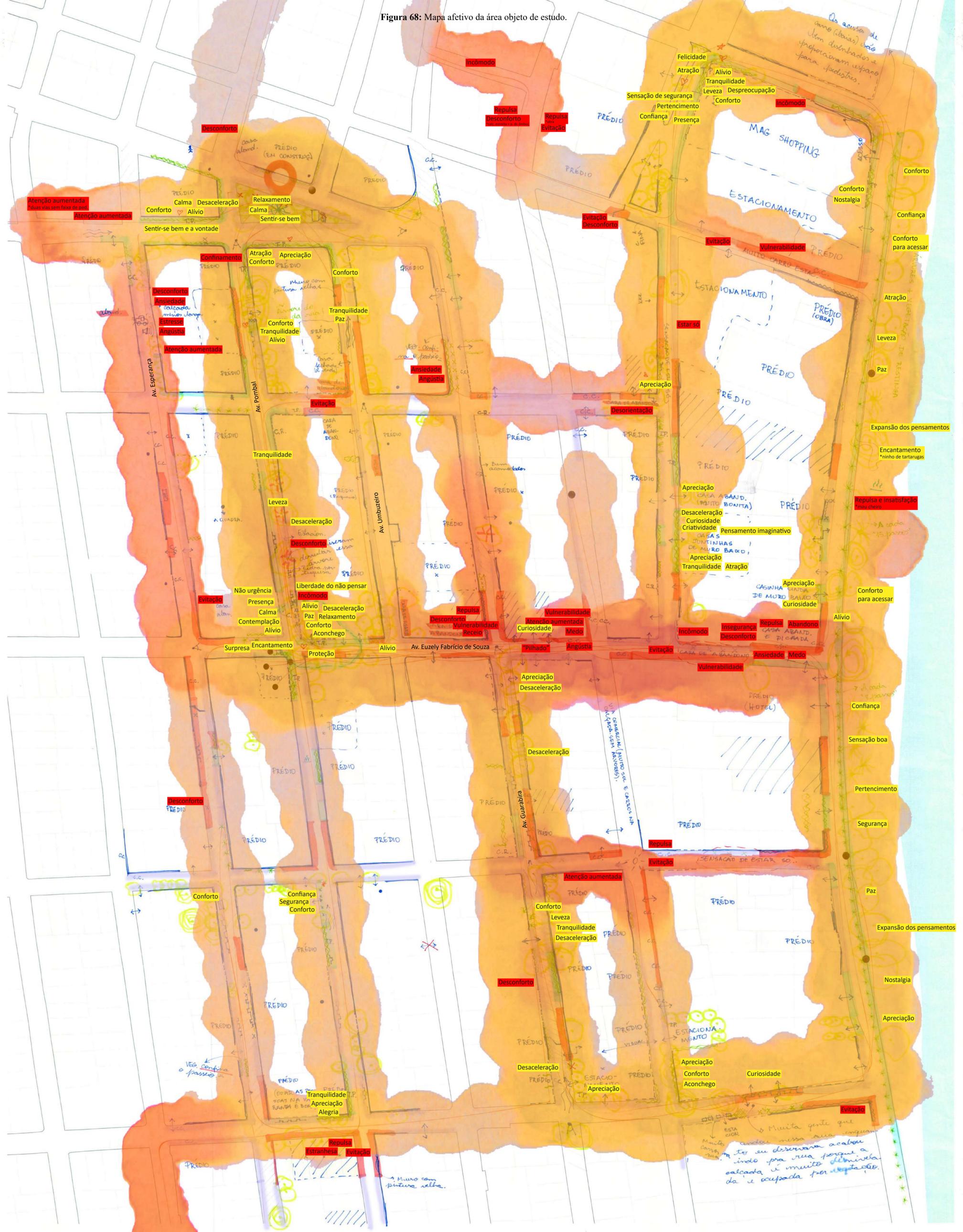
O mapa da Figura 68 consiste na materialização dessa síntese. Afetos aparecem espacializados no mapa e podem ser lidos junto com os elementos do ambiente construído urbano geradores destes afetos. A camada de afetação, expressa pelas cores amarelo, vermelho e laranja em aquarela, compila as impressões levantadas pela observação da experiência das caminhadas do outro e vividas com o outro – de todas as dez –, originalmente registradas nos meus mapas mentais, e assim consiste na espacialização desses afetos. Assim, há uma sobreposição de áreas de afetações positivas e negativas referentes a todas as caminhadas.

A intensidade das camadas de aquarela, somada aos afetos espacializados através de palavras, trazem uma leitura sobre os afetos gerados pelas ambiências existentes e vividas na área de estudo, principalmente daquelas ambiências mais pulsantes, seja no aspecto positivo

ou negativo. As ambiências mais pulsantes se revelam pela sobreposição de trajetos e são também os trechos onde são geradas uma maior variedade de afetos nos sujeitos de maneira semelhante, mostrando sua capacidade de afetação similar em indivíduos distintos. Essa sobreposição de trajetos revela o potencial de atração que o espaço tem sobre os participantes, influenciando a tomada de decisão de suas caminhadas, bem como o potencial de afetação destes espaços, pela possibilidade de experimentação de afetos semelhantes em momentos distintos.

O fato de não haver afetos escritos em vários espaços do mapa não significa dizer que nessas áreas não houve afetações. Sarah Williams Goldhagen (2017) afirma que o ambiente construído nos afeta o tempo inteiro, não somente quando escolhemos prestar atenção nos efeitos causados, e mesmo quando não os mencionamos ou conseguimos expressar em palavras aquilo que foi sentido. Logo, todas as áreas em que os sujeitos voluntários da pesquisa caminharam os afetaram de alguma maneira, porém algumas se destacaram mais do que outras, apenas por serem mais legíveis, tanto para os sujeitos da experiência quanto para mim, a pesquisadora.

Figura 68: Mapa afetivo da área objeto de estudo.



Legenda:

- Início das caminhadas
- Fim das caminhadas
- Caminhos
- Praça
- } Interface fechada
- } Interface aberta
- } Interface semi-aberta
- x Obstrução da calçada
- x Vegetação destruída a calçada
- Árvores
- Árvores muito altas
- ⇒ Direção do vento/úberiza
- ~ Vegetação "mizurica" (KKK)
- \* Variação: ↔ Vista entre ruas e 1º andar
- Calçada boa
- Calçada "ok" → ótima
- Calçada ruim
- ▨ Vazio/terreno baldio
- Ambientes mencionados (locais de aplicação clara).
- Calçada desmontada e/ou com pequenos depósitos
- C.C. Carro na calçada (atrapalhando)
- C.R. Carro no meio (ok)
- Tapume
- Pontos para conferência
- ⊥ Pessoa em situação de rua
- T.P. Tratamento paisagístico
- ↘ Calçada inclinada

Anotações:

- \* As mesas da Feijoadá Maranhã ocupam a calçada mas é bom de passar. Passamos na rua e vemos a vida que o bar/restaurante traz.
- \* Distanciamento do corpo e o fluxo de carros, proporcionado pela calçada.



Tiver fotos dos lugares marcados com setas ou pontos interessantes.

Ado que vai ficar melhor se eu colocar uma linha grossa de verde para as pinturas as caminhadas.

Assim, quando elas se soltarem, vai ficar mais fácil de ver que elas foram as utilizadas.

Em outros mapas, colocar um que ilude da rua as pessoas com um nome e ocupar com o dados de Patrícia Alonso.

Além da concentração de caminhos em uma área, houve também uma sobreposição de escolhas de trajetos. Tal recorrência de escolhas se deu inicialmente pelas opções disponíveis de início de caminho, dadas pelas visadas das esquinas a partir da praça. Os voluntários escolheram principalmente uma região para o início do seu caminhar, o que aumentou a possibilidade de escolha de trechos semelhantes também além deste ponto inicial, pelas atrações que se apresentaram nos caminhos em seguida.

As áreas que mais tiveram sobreposição de caminhos foram a rua do Garden, incluindo aqui a porção à sua frente, onde ficam os arcos formados pelas árvores, bem como a rua da sua lateral, que vem da Praça – trecho da Av. Pombal; a Av. Euzely Fabrício de Souza, no trecho que vai do Garden até a orla marítima; a própria orla, no trecho que a área de estudo engloba e a Av. Guarabira, no trecho a partir do Arts Gastrobar. Tais trechos tiveram sete, seis, seis e quatro voluntários passando por eles, respectivamente.

Na praça Robson Duarte Spinola, onde se iniciaram as caminhadas, eu procurei me posicionar em diferentes pontos, de modo que as caminhadas tivessem a possibilidade de serem iniciadas por caminhos diferentes, evitando assim o condicionamento que poderia acontecer se todas tivessem sido iniciadas de um mesmo lugar. Apesar disso, todas as caminhadas se desenvolveram inicialmente seguindo no sentido sul do bairro, mesmo com a possibilidade de se partir para outras direções.

Bernardo e João foram duas pessoas que evitaram nitidamente o Retão de Manaíra. Mas a mesma coisa pode ter acontecido de maneira menos explícita com a caminhada dos demais voluntários. Nenhuma das caminhadas foi direcionada inicialmente para o sentido norte, onde a avenida se encontra. Aquelas caminhadas que passaram por tal avenida não se prolongaram ali, principalmente as que aconteceram ao redor do Mag Shopping, que foram conduzidas contornando-o, onde as calçadas são mais acolhedoras e diminuem a sensação de vulnerabilidade – apesar de ter um trecho onde há uma loja de conveniência construída na calçada, o que aproxima demais o corpo do caminhante do fluxo dos carros, deixando uma faixa mínima de calçada para que o pedestre utilize. As caminhadas que por este espaço passaram foram as de Yuna, Clara e Amanda.

A não escolha das opções de início de trajeto na direção norte, após a observação das opções disponíveis, se deve também ao fato de a porção sul do ambiente construído ao redor da praça, enquanto conjunto, oferecer melhor qualidade formal. Há um prédio localizado em uma quadra ao sul da praça que influenciou fortemente a tomada de decisões inicial dos

voluntários. Isso se deve ao fato de o tratamento do ambiente construído em seus arredores oferecer a melhor qualidade no nível do pedestre do entorno da praça.

Sua calçada não possui obstruções, é larga e sem irregularidades, desníveis, inclinação ou obstruções. Sua fachada tem amplo tratamento paisagístico em toda a testada da quadra, com variadas espécies de vegetação, trabalhadas de maneira escalonada e harmônica, abrangendo também suas laterais – todo esse trecho de quadra é ocupado por um só prédio (Figura 69). O conjunto pertencente a esse prédio aparece como influência do início da caminhada de Helena, e sobre isso ela fala: “Que eu me lembre, quando a gente saiu lá da praça, eu entrei nessa rua que, a princípio, o que eu prestei mais atenção foi nesse prédio que tinha bastante flor e era colorido inclusive”.

Tomando como referência uma pessoa posicionada de frente para o prédio, quatro caminhadas seguiram pela sua direita, pela rua que leva ao Reserve Garden – Av. Pombal; e três pela sua esquerda – Av. Umbuzeiro –, fazendo uso da calçada adjacente a esse prédio. A depender do ponto em que estivéssemos dentro da praça, é possível também perceber que a Av. Pombal possui mais árvores, algo que também tem potencial de influência na tomada de decisões.

**Figura 69:** Ambiente construído em frente ao prédio da porção sul da Praça Robson Duarte Spinola.



**Fonte:** Google Street View.



os estímulos oferecidos por ela não foram o suficiente para convencer os sujeitos a permanecerem nela por mais tempo.

A Av. Pombal é a via que leva ao Reserve Garden, e essa região, esse conjunto de ambientes, é o que mais causou afetos positivos nos voluntários. No total, oito caminhadas passaram por essa região, cinco pela própria Av. Pombal e duas cruzando-a, de modo a passar pela frente do Restaurante Garden. Foram elas as de Amanda, Joaquim, João, Theo, Yuna, Laura, Helena e Clara. As duas últimas passaram pela frente do restaurante.

Na Av. Pombal, as pessoas se sentiram tranquilas, confortáveis, principalmente no que diz respeito ao conforto térmico, sentiram-se leves, presentes, calmas, aliviadas, relaxadas. Experienciaram sensações de desaceleração, aconchego, abriram espaço para a contemplação, encantamento. Elas foram surpreendidas principalmente pelo conjunto arbóreo do restaurante Reserve Garden. Os afetos positivos, assim como as menções a esse trecho, aumentaram à medida que as pessoas se aproximavam do ambiente do restaurante.

Nessa rua também houve afetações negativas, mas a frequência desses afetos foi incomparavelmente menor. No início dela, Theo sentiu uma sensação de confinamento, pela presença de prédios dos dois lados da rua. E Yuna se sentiu desconfortável com a qualidade da calçada, por conta de obstáculos, e com a sujeira presente no trecho mais próximo ao Garden, como pôde ser visto na análise da sua caminhada.

Theo menciona que, por ser da cidade, percebe as mudanças acontecidas ao longo do tempo. Ele destaca que Manaíra não tinha tantos prédios quanto tem agora e diz que isso muda a impressão que ele tinha desse bairro, apesar de não caminhar por dentro dele com frequência. Quando perguntado “muda como?”, ele respondeu o seguinte:

Muda que você se sente num ambiente um pouco mais preso. Andando. A vista que eu tive andando, você não consegue ver a parte mais alta, né, e acaba se tornando um ambiente mais preso, é... pra pessoa que tá caminhando naquela região. Só que passou, não é em todo canto de Manaíra que é assim, né, só alguns pontos específicos nessa caminhada.

Passado esse trecho em que ele se sentiu confinado, Theo diz que se sentiu à vontade, e resgata na memória o túnel formado por árvores já em frente ao Garden. Sobre esse trecho ele diz: “e aí eu voltei a pensar um pouco na praça, que também é um ambiente arborizado”, o que é algo importante para ele, visto que inclusive no momento da caminhada ele destaca que vegetação o relaxa.

Amanda expressa satisfação ao entrar na Av. Pombal, pela arborização ali presente, e sua atenção se volta para a árvore do meio da rua, a mesma que chamou a atenção de Yuna. Durante a caminhada Amanda comentou: “ai, que lugar bonito!”, “ah, que respirar bom”, e

lembra, em nossa conversa, do que sentiu nesse trecho o que de certa forma a faz reviver isso, expressando no corpo novamente a sensação experienciada nesse lugar.

A massa arbórea do Reserve Garden marcou a memória e a experiência de quase todos os que por ela passaram. A quantidade de árvores desse lugar chamou a atenção de Rui, e ele diz: "Interessante perceber muitas árvores em pé num bairro residencial em um restaurante", como algo incomum em bairros residenciais e interessante em um sentido positivo.

Clara fala que foi notável a diferença sentida ao trocar de calçada, principalmente para ela que vinha de uma experiência negativa vivida na Av. Esperança, passar em frente ao Garden lhe gerou grande alívio. Ela diz que ao vir aquela massa verde a partir da esquina da avenida de onde queria sair, disse para si mesma "ali dá certo!", e seguiu pelo interesse nas árvores dos dois lados da rua que "meio que se abraçam". Sobre esse trecho, Clara se refere de uma maneira que mostra que ela começou a experimentá-lo antes mesmo de nele estar, dizendo: "Até o próprio aconchego, você visualiza e você já sabe que você vai tá bem, você vai tá tranquila".

João destaca que o fechamento gerado pelas árvores em frente ao Garden gera muita sombra e deixa o ambiente tranquilo. E foi nesse ponto que ele desacelerou ainda mais o passo e prestou atenção até mesmo no cheiro das plantas. Helena menciona a beleza do lugar e sua arborização como as responsáveis pela sensação boa e pela tranquilidade por ela experienciadas ali.

Joaquim havia iniciado o seu caminho pela Av. Umbuzeiro, mas após um quarteirão decidiu mudar de rota e, ao ver que, se seguisse em frente, atravessando a Av. Pombal, chegaria à Av. Esperança, que é uma via de alto fluxo, a mesma em que Clara se sentiu angustiada. Percebendo isso e vendo a rua que leva ao Garden a sua disposição, Joaquim escolhe seguir por ela, por perceber que lhe ofereceria uma caminhada mais tranquila. Este é outro exemplo claro da influência das ruas de alto fluxo na concentração das caminhadas nessa parte do bairro.

Sobre sua chegada ao Reserve Garden, Joaquim fala: "Aqui no Reserve Garden me chamou atenção a arquitetura mesmo, assim, das árvores, a maneira que tava, né, a paisagem assim em si, que tava... De formar aquele túnel, achei bem interessante.". E destaca também que esse arco formado pelas árvores, essa espécie de cobertura natural criada, fez diferença para ele e lhe ofereceu uma espécie de proteção, considerando que estávamos caminhando em um dia relativamente quente – no momento de sua caminhada, fazia 29°.

A figura 71 a seguir traz imagens que ilustram brevemente como é esse primeiro recorte e ajuda a demonstrar um pouco da imagem da Av. Pombal bem como da área de início de caminhada mais escolhida pelos voluntários.

**Figura 71:** Imagens ilustrativas do ambiente construído do recorte da Av. Pombal.



**Fonte:** Acervo pessoal e Google Street View. Produzido pela autora.

A Av. Pombal, no seu primeiro trecho, tem predominância de calçadas de boa qualidade e trechos com calçadas básicas ou de qualidade mediana, as quais oferecem um caminhar despreocupado, mas não são tão diferenciadas pela sua largura, paginação de piso ou tratamento paisagístico adjacente. Por vezes essas calçadas consideradas básicas possuem alguns desníveis neste trecho, ou obstáculos, mas que não são suficientes para as tornarem uma calçada de baixa qualidade. Nesse primeiro trecho, há bastante arborização, poucos desníveis e obstruções na calçada, tratamento paisagístico em alguns lotes, principalmente os

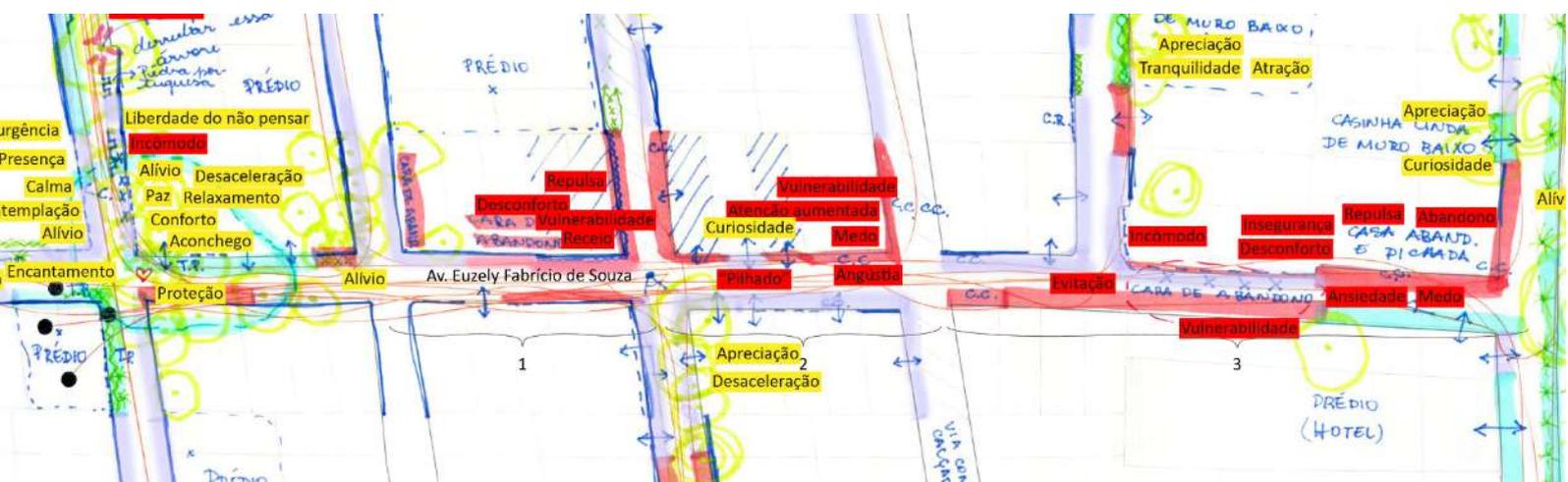
de prédios. Tem predominância de lotes com interface fechada entre público e privado, com apenas um de interface aberta.

O segundo trecho da Av. Pombal, o mais próximo ao Garden, oferece mais oportunidades de olhar para dentro do lote, com várias edificações com interface semiaberta e um lote com interface aberta. Possui calçadas com desníveis e obstruções, inclusive obstruções causadas por vegetação na calçada, e quebras de calçada por raízes superficiais de árvores maiores. Mas essas questões não foram suficientes para tornar estas calçadas componentes do ambiente construído de péssimo estado. Nesse trecho não há calçadas de má qualidade, apenas calçadas boas a básicas. Tal conjunto de elementos da afetação justifica os bons afetos gerados nos sujeitos neste segundo trecho, o qual se aproxima do Restaurante Garden. Apenas em frente ao Garden, do outro lado da rua, que há uma calçada ruim, bastante quebrada, com pedras soltas e ladeada por um muro alto.

O trecho em frente ao Reserve Garden, na Av. Euzely Fabrício de Souza, tem calçada de boa qualidade, lotes com interface aberta ou semiaberta, bastante arborização e geralmente microclima ameno. Isso só muda à medida que a distância a partir do restaurante aumenta, quando no fim do mesmo quarteirão aparece um lote com vegetação que obstrui a calçada, atrapalhando o caminhar, frente a um lote de interface fechada.

## Destaques sobre as ambiências geradoras de afetos negativos da Av. Euzely Fabrício de Souza

**Figura 72:** Recorte Av. Euzely Fabrício de Souza.



**Fonte:** Produzido pela autora.

Na Av. Euzely Fabrício de Souza, quanto mais se afasta do Garden em direção à orla marítima, mais estímulos geradores de afetos negativos se fazem presente no ambiente construído. Por esse motivo, foi o trecho da área objeto de estudo que mais gerou afetos negativos nos sujeitos, fazendo-os sentirem-se ansiosos, vulneráveis, desconfortáveis, com sentimentos de receio de atravessar as ruas, angustiados e por vezes com medo. A atenção dos voluntários se torna obrigatória, fazendo-os mantê-la em níveis elevados, aumentando os incômodos causados pelo lugar.

Em alguns pontos, sentimentos de repulsa foram gerados, bem como de receio ou hesitação, obrigando pessoas a trocarem de calçada ou mudarem decisões de caminho por evitarem uma rua e decidirem adentrar em outras. No trecho da Av. Euzely Fabrício de Souza, mais próximo da praia, houve sensações de ansiedade, sentimento de vulnerabilidade, incômodos e desconfortos, influenciados também pela impressão de abandono do lugar, além da própria estrutura oferecida pelo espaço, que será detalhada mais à frente.

Apenas um afeto positivo foi registrado nesse trecho: o da curiosidade gerada pela possibilidade de visualização do interior do lote oferecida pela interface aberta do restaurante Amaz. O mar exerceu influência sobre algumas caminhadas, por despertar o interesse em alguns voluntários de ir até ele, mas não gerou afetos positivos que se sobressaíssem tanto sobre o negativos vividos nesse ponto.

Seis caminhadas passaram por esse trecho da Av. Euzely Fabrício de Souza, que vai do Reserve Garden até a orla, mesmo que não inteiramente, às vezes passando apenas por alguns quarteirões. Foram elas as caminhadas de Joaquim, Helena, Theo, Clara, Yuna e Amanda, sendo essas duas últimas as únicas que enfrentaram até o fim do trecho os estímulos negativos provenientes do ambiente construído, em nome da vontade despertada de ir até a orla. Amanda fala sobre esse trecho de caminhada da seguinte maneira: “quando eu dobrei eu fiz 'achei!', aí eu fui nessa direção mesmo com sol, mas eu tava indo sempre pelo lugar que me traria mais vento”.

A caminhada de Clara nessa avenida começou quando ela percebeu a região do Garden, como mencionado anteriormente. Passado esse trecho, ela também percebeu o mar, mas experienciou vários afetos negativos à medida que se afastava do Garden e seu desejo de ir até a orla foi alterado por sensações de vulnerabilidade, medo, ansiedade, algo que ela chamou também de “pilhado”, principalmente nas travessias de vias com muito fluxo. E quando ela viu uma possibilidade de caminho mais calmo e com melhor estrutura espacial, alterou sua intenção de trajeto, desistindo de seguir em frente e chegar à orla pelo trecho que ali se apresentava. Sobre essa alteração de intenção, Clara fala o seguinte:

E eu ia seguir, quando eu tava nessa faixa \*se referindo à faixa de pedestre da Av. Edson Ramalho\*, a gente ia seguir mais pra perto do mar, só que eu vi a rua arborizada e com as casas, e tava na sombra, aí eu quis entrar também, e... eu acho que foi isso, porque o mar se tornou um objetivo nessa parte aqui porque você consegue visualizar ele a cada esquina, você tem um referencial, então, posso dizer também que ele foi chamando, né, a orla em si, com as copas, foi chamando também.

Mesmo que a orla estivesse lhe convidando, ela ainda preferiu mudar de caminho. E esse desvio aconteceu por conta dos seguintes elementos da afetação vistos na nova rua, “calçada larga, com o muro cheio de pontinhos amarelos das flores e o muro baixo com as casas mais antigas” (Clara). De fato a nova rua em que Clara decidiu entrar possui ambiente construído melhor do que o trecho onde ela se encontrava. A nova rua tem calçadas de melhor qualidade, mais lotes de interface aberta e mais vegetação ao alcance da visão, com possibilidade rápida de alcance.

Theo teve dois momentos da caminhada vivenciados nesta avenida; o primeiro foi saindo de frente ao Garden e entrando na avenida do Arts Gastrobar – Av. Guarabira –, e o segundo foi próximo ao fim de sua caminhada, saindo da orla e entrando na malha do bairro pela Av. Euzely Fabrício de Souza. No primeiro momento, Theo quis testar um novo caminho, evitando seguir para a orla naquele ponto e testando algo novo, visto que não conhecia a avenida do Arts. Nessa nova rua, ele se sentiu confortável, acessou algumas lembranças

antigas, visto que uma residência com muitas árvores o fez lembrar de seus pais, se sentiu tranquilo e desacelerado. Principalmente quando começou a chover, momento em que ele mencionou que a chuva realçou os sentimentos bons. Mas no segundo momento de contato com a Av. Euzely Fabrício de Souza, agora saindo da orla, Theo experiencia uma série de estímulos negativos, e responde o seguinte sobre o único lugar em que ele diz ter se sentido mal:

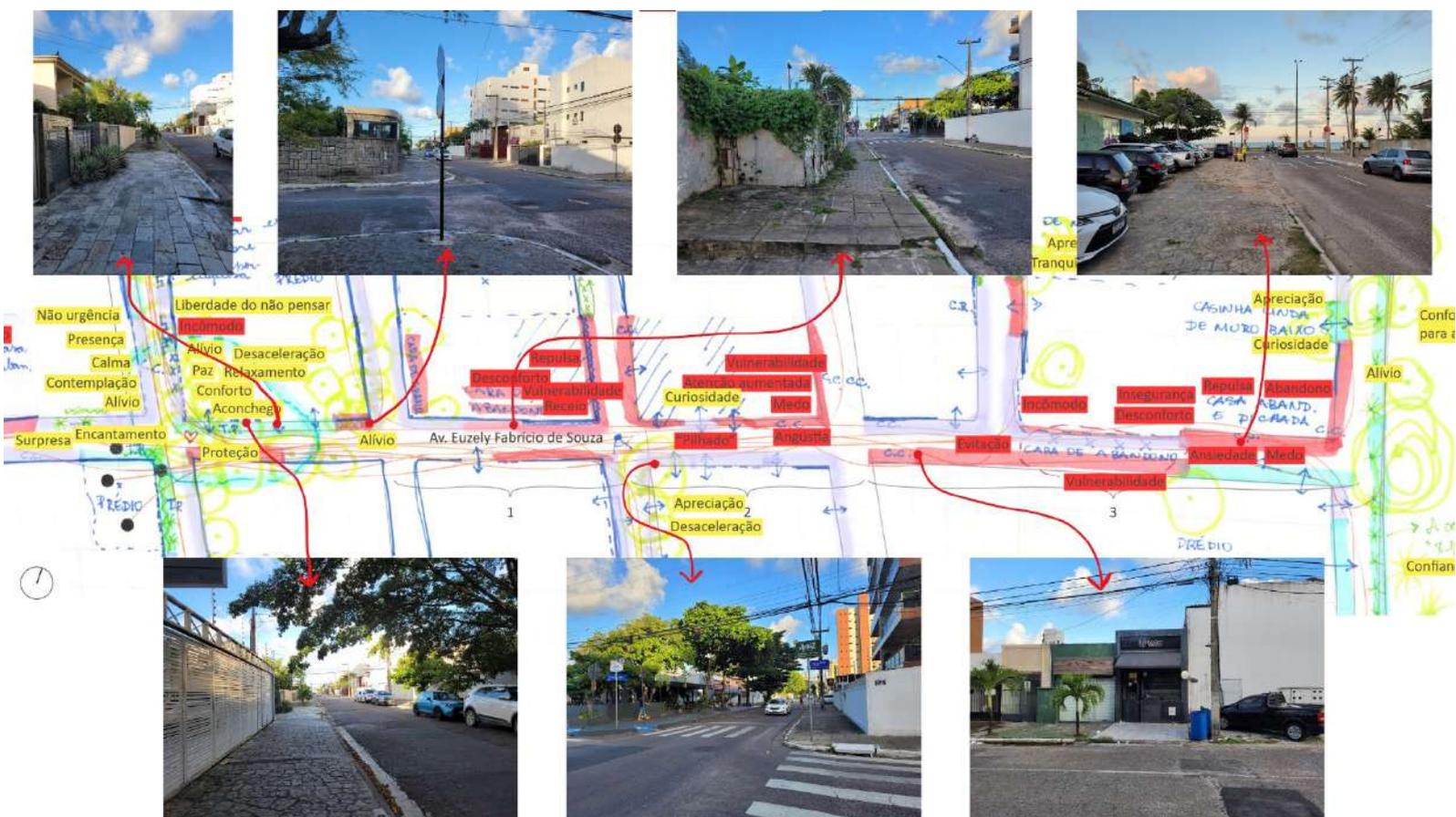
Mas o único foi a mudança total de ambiente, que a gente tava seguindo ali na orla, e quando viu tinha uma edificação destruída \*falando com uma certa intensidade e com um pouco de insatisfação\*, com várias pichações, e algumas pessoas que estavam chegando que eu não me sentiria confortável. Então assim, pode ser um prejulgamento meu dessas pessoas, claro, óbvio, mas assim, foi a junção desses fatores todos, entendeu? Que me fez ter esse desconforto, e gerado um sentimento um pouco de ansiedade mesmo.

Tanto o ponto da desistência de seguir o caminho, quanto o trecho em que experienciou afetos ruins estão entre a Av. Guarabira e a Av. João Maurício, indicando que passar por esse trecho para Theo foi ruim e esse mesmo trecho foi evitado por ele antes. Joaquim também acabou não seguindo seu caminho pela Av. Euzely Fabrício de Souza nesse trecho e teve a experiência da sua caminhada atrapalhada pelo cruzamento dessa avenida com a Av. Guarabira – a do Arts Gastrobar – que tem muito fluxo de carros. Joaquim destaca também um estado recorrente de atenção elevada, que ele experiencia enquanto está dirigindo, que em outro momento ele explica que não é algo muito forte, mas que não é tranquilo. Sobre a saída da avenida e mudança de caminho seguindo agora no sentido do Arts Gastrobar, Joaquim fala:

Pronto, aqui no Arts Gastrobar, né, tinha muito carro, aí... Isso de certa forma acabou influenciando, porque eu decidi vir por uma faixa de pedestre, mudar, né, a direção, e aí quando eu atravessei essa faixa eu decidi não atravessar a outra e seguir numa rua diferente. E, enfim, eu percebi que a presença de muitos carros, de certa forma, foi até rápido, mas atrapalhou um pouco o deslocamento e trouxe um pouco daquele *stress* que a gente tá meio que habituado a viver quando tá dirigindo, quando tá no trânsito, isso me remeteu. Foi um momento que eu saí um pouco da caminhada, meio que voltei um pouco pra esse normal, que é quando eu tô dirigindo e tal.

Para a explicação mais focada na estrutura espacial desse trecho gerador de afetações ruins da Av. Euzely Fabrício de Souza em termos de composição do ambiente construído, ele foi dividido em três trechos, indo do quarteirão após o Reserve Garden até a orla, como pode ser visto na figura do recorte da Av. Euzely Fabrício de Souza, na figura anterior. Para ilustrar um pouco de como é esta área, a Figura 73 a seguir traz imagens desse segundo recorte com identificação dos pontos em que se encontram.

**Figura 73:** Imagens ilustrativas do ambiente construído do recorte da Av. Euzely Fabrício de Souza.



**Fonte:** Acervo pessoal. Produzido pela autora.

No primeiro trecho predominam lotes com interface fechada, com uma grande área fechada por tapume, o que compromete ainda mais a qualidade visual e afetiva do ambiente. É apenas na quadra sul desse trecho que tem fachadas com interface aberta e semiaberta, com apenas uma de cada. Esse trecho tem um ar de abandono e a maioria das suas calçadas é de baixa qualidade. Além disso, não possui vegetação que proporcione sombreamento do passeio, aumentando a sensação térmica do local, o que se soma ao fato de a calçada da quadra norte ser de pedra e ficar ao lado de um muro de pedra, tornando o ambiente ainda mais quente em dias ensolarados.

O segundo trecho é o da esquina do Arts Gastrobar, na quadra sul, e do restaurante Amaz, na quadra norte. Na quadra norte, predominam calçadas de má qualidade, inclusive com área em que há carros na calçada, recorrentemente, com recuo suficiente para comportá-los – quando pequenos, carros mais compridos não cabem bem –, mas o que sobra de espaço para o pedestre não se caracteriza nem como uma calçada básica. Por ser de pedra portuguesa, a presença frequente de carros prejudica com mais facilidade sua pavimentação, deixando para o pedestre uma calçada quebrada em diversos pontos. Três dos quatro lotes

possuem interface aberta, mas dois deles eram terrenos vazios no momento da elaboração desta pesquisa; o fato de a área não estar em uso compromete o ambiente ao redor, bem como os sentimentos vivenciados nele.

A quadra a sul possui calçadas básicas, ou de qualidade mediana, com lotes predominantemente de interface aberta e semiaberta. Desse lado também há a presença de carros na calçada em um trecho, mas desta vez eles podem ser mais bem comportados, o que contribui para a classificação da calçada nesse tipo. Além disso, a região do Arts Gastrobar é bastante arborizada, o que é um aspecto que pode amenizar os sentimentos ruins experimentados neste trecho e justificar a escolha de alguns voluntários de dobrar nesta esquina, que também possui interface aberta em sua lateral.

O terceiro trecho possui duas quadras ao norte e uma só ao sul. Esse longo trecho gerou diversos afetos negativos por diferentes motivos. São eles: não possuir vegetação que gere sombreamento do passeio, ter longos trechos de calçadas de má qualidade, somados à presença de carros na calçada, e haver trecho com vários obstáculos em uma calçada básica. Além disso, esse trecho tem um aspecto de abandono, que é fortalecido pela presença de uma casa desocupada na esquina, de frente para a orla, casa esta que possui várias pichações e componentes quebrados. Esse aspecto de abandono é corroborado pela presença de sujeira, o que fortalece os sentimentos de desconforto, repulsa, ansiedade e incômodo experienciados ali. Ao longo de todo esse trecho de avenida, há pouquíssima presença de vegetação, sendo o Arts Gastrobar o único ponto em que há concentração de árvores.

Sendo assim, são vários os aspectos que colaboram para o receio ou hesitação dos sujeitos de caminhar por este trecho da Av. Euzely Fabrício de Souza, ou mesmo de escolher continuar a caminhar por ele e serem geradas em si afetações negativas, prejudicando a sua experiência do caminhar livre no urbano.

## Destaques sobre as ambiências na orla marítima e as escolhas de ir até lá

No total, seis caminhadas passaram em algum momento pela orla – Av. João Maurício –, mesmo que por um curto trecho, como a de Rui. Dessas seis, três tiveram o momento de ida até a orla postergado exatamente depois do trecho mais gerador de afetos negativos do conjunto estudado, o trecho laranja/vermelho da Av. Euzely Fabrício de Souza. Foram elas as caminhadas de Clara, Theo e Joaquim. Yuna e Amanda acabaram seguindo em frente neste trecho gerador de afetos negativos e alcançaram a orla sem alterar decisões de trajeto.

As caminhadas de Clara, Theo e Joaquim tiveram a decisão de seguir até a orla postergada, porque novas visadas indicaram caminhos com estímulos mais interessantes, como foi o caso da rua do dedal de ouro, mencionada na caminhada de Clara, e da rua do Arts Gastrobar – Av. Guarabira –, por onde seguiram as caminhadas de Theo e Joaquim, que oferece uma linha de visada que indica que há bastante árvores à frente, além do fato de os primeiros quarteirões vistos a partir dessa esquina terem poucos trechos de calçada ruim, apresentando-se assim como um trecho mais interessante do que o da Av. Euzely Fabrício de Souza desse cruzamento até o mar.

Chegando à orla, os sentimentos mais comuns foram os gerados por afetos positivos. Foram eles sentimentos de confiança para acessar, pela presença de pessoas, o que é algo comum na região, pela possibilidade de prática de esportes proporcionada pelo ambiente construído, com ampla calçada de boa qualidade, tanto de pavimentação quanto paisagística, somado à presença das árvores da praia e do próprio mar. Outro afeto relacionado à presença de pessoas é o conforto. Mas nesse ponto o conforto tem dois significados, o causado pelo número de pessoas no lugar e o conforto térmico, devido às sombras que o ambiente oferece e à brisa que sempre está passando ali.

Uma série de outros afetos positivos foram causados pelo ambiente da orla; são eles: o encantamento, tanto pelo ambiente, quanto pela vida que ele abriga – como no caso de Amanda e Clara, que tiveram seus trajetos marcados pela presença de um ninho de tartarugas –, atração; curiosidade – gerada por uma casa de interface aberta –; leveza; paz; expansão dos pensamentos; nostalgia, alívio; pertencimento – por poder se sentir parte, tanto por conta das pessoas quanto pelo fato de o ambiente permitir uma estada mais prolongada e confortável –; segurança e apreciação.

Apesar da predominância de afetos positivos nessa região, Amanda mencionou afetação negativa gerada a partir do cheiro que ela notou ao chegar à orla, e Yuna relatou incômodo com a presença de obras em lotes na avenida da praia, devido à presença de tapume e ao contraste de imagem existente entre obra e praia. Mas sua experiência na orla também pôde ter afetos positivos. Sobre sua vivência nessa região, Yuna relata:

Não fica visualmente muito confortável e, como é um prédio, ou algo que ali tá inacabado, não passa segurança nem... E dá o contraste com a praia, né! Não era aquilo ali que a gente queria tá vendo. Seguindo pela avenida da praia, próximo ao Mag Shopping, o que mais marcou é porque, como vem a calçada do shopping e tudo, fica a calçada me... um pouco melhor *\*se corrigindo\**, tem muita planta... é bem florido por ali, né (...) aí isso passa um certo conforto, e fica já interessante, e combinando com a praia, né, a questão da natureza traz um conforto pra mim, eu já me sinto melhor. E também o fato de estar um pouco mais movimentado.

Amanda diz que o cheiro que sentiu nesse trecho não condiz com o que ela esperava do local, e que a sua beleza fica prejudicada pelo desconforto sentido. Sobre a questão do mau cheiro sentido por Amanda, ela diz:

Não combina o cheiro com aquela beleza. E aí a beleza cai. (...) A beleza não vale tanto. Porque no ônibus eu achei mó bonito! Eu 'nossa, como tá bonito aqui!', aí desci 'uuuh!'.

A praia de Manaíra passa por períodos em que está própria para banho e outros em que não, principalmente após chuvas. Há um despejo inadequado de esgoto em alguns pontos da praia, o que compromete a qualidade da água e por vezes pode gerar mau cheiro. Testes são feitos de maneira recorrente para informar à população se o mar está ou não próprio para banho.

Quando Clara fala sobre sua caminhada na orla, ela menciona o movimento na forma de presenças que lhe marcaram, bem como de mudança de clima, e como o espaço proporciona tanto esse movimento quanto a proteção, seja do sol ou da chuva leve – pudemos nos proteger dos dois ficando embaixo de árvores em momentos diferentes, mesmo que tenhamos feito uso de guarda-chuva por um período. Além disso, Clara destaca o seguinte sobre a presença de pessoas: “as pessoas sempre me fazem me sentir mais segura e mais confortável”, apontando outro fator que influenciou positivamente sua experiência na orla. Sobre esse trecho de caminhada na orla, ela fala:

e eu marquei essas duas instâncias porque o sol tava forte, essas duas instâncias das árvores, e aqui a passagem da chuva, mais a ideia de casas fofas, brisa, a ideia do cachorro, de conseguir pausar, beber água, de ver o casal lá na canga, e, sentados, que eu já vi várias vezes, as pessoas tipo, se sentindo de boas e compartilhando essa mesma sombra.

Percebeu-se, nos relatos dos participantes, que na região da praia existiu uma retomada de experiências da memória. Isso parece se explicar pelo significado que têm as

praias para as experiências pessoais e pela sua ligação com acontecimentos da sua vida. Joaquim, ao chegar à região da orla, relatou várias memórias vividas nesse tipo de ambiente e expôs o seguinte em nossa conversa:

E aí na orla, é... Eu tive lembranças de várias coisas, de momentos onde eu corri, onde eu andei de bicicleta, fiz funcional por ali naquela área com um amigo que é professor, e me remeteu a bons momentos, a boas lembranças assim. E deu uma sensação boa, apesar de ter os carros passando, mas eu me senti bem, bem tranquilo assim. Nem parei pra notar muito os carros. Assim, eu realmente fitei mais o mar e a areia e tal, e aí depois a gente voltou, voltou por trás do hotel Hardman e terminou no Reserve Garden.

Esse trecho da narrativa de Joaquim demonstra que um conjunto forte de elementos geradores de afetos positivos, no sentido de variedade e combinação de elementos geradores de afetações afins, fortalece a possibilidade de uma boa experiência. Sendo essa experiência positiva forte o suficiente, ela é capaz de mascarar os possíveis desconfortos que possam surgir pela presença de elementos geradores de afetos negativos em determinado lugar.

#### 5.4 ELEMENTOS DA AFETAÇÃO E SEUS AFETOS RESULTANTES

A análise das dez experiências do caminhar gerou duas grandes tabelas. A primeira, chamada Tabela de Sensibilidades, carrega todas as informações extraídas de cada experiência de caminhada em relação aos elementos que configuram o ambiente construído, colocados em cada entrevista correspondente. Essa tabela traz dados sobre: elementos aos quais os voluntários são sensíveis, negativamente e positivamente; quais são os locais de afetação positiva e negativa, citados por eles e/ou identificados durante a caminhada; traz informações sobre respostas sensíveis ao ambiente; indicações sobre o que marcou o seu mapa; e, por fim, anotações gerais sobre a experiência.

A segunda tabela, que deriva dessa grande tabela inicial, traz informações sobre os inputs ambientais – informação de entrada –, que são os elementos da afetação, pois o espaço é entendido como estímulo; e os outputs sensíveis – informação de saída; resultado –, que são as respostas sensíveis do corpo ao estímulo proveniente do ambiente construído.

As duas tabelas são as grandes bases de dados tratados desta pesquisa e encontram-se na íntegra nos Apêndices B e C. Tais tabelas identificam a qual voluntário ou voluntária cada informação se refere, bem como consistem em um compilado de todas as informações identificadas a partir da experiência da pesquisa incorporada, do pesquisador com o outro.

Os elementos da afetação que serão apresentados nesta seção são aqueles capazes de causar afetos mais pulsantes, mais perceptíveis. Estes também possuem influência mais clara na formação da ambiência, no sentido de ser mais notável a sua participação e o grau de influência que possuem na constituição da ambiência do lugar. Essa percepção sobre quais elementos são mais facilmente identificados como definidores da formação das ambiências se deu pela leitura do corpo e sensações do outro, o que elucidava quais são as partes do todo que mais se destacam na composição do ambiente. Sabe-se que a construção das ambiências se dá pela participação do ambiente e do sujeito, sendo assim, o ambiente construído urbano é parte constituinte daquilo que gera as ambiências nas cidades.

Os gráficos em forma de lista, apresentados nas figuras 74 e 75 a seguir, apresentam um compilado de todos os elementos aos quais os voluntários são sensíveis. Tais gráficos foram construídos com as informações da tabela de sensibilidades (Apêndice B) que tratam de coisas a que cada voluntário(a) é sensível, seja positiva ou negativamente.

A primeira figura traz aqueles aos quais eles são sensíveis positivamente, e a segunda os que os afetam negativamente. Tais elementos foram identificados através da camada da

fala e da camada do corpo, o que significa dizer que sua maioria foi listada por menção direta do voluntário e outros foram incluídos pela forma que seu corpo reagiu à presença desses elementos no momento da caminhada. Aqueles que foram citados podem ser identificados nas entrevistas.

Figura 74: Elementos que cada participante é sensível positivamente.

Elas(es) são sensíveis à:  
(Positivamente)

Presença de pessoas					
ARBORIZAÇÃO	VEGETAÇÃO	O MAR	SOMBREAMENTO DO PASSEIO	PESSOAS TRABALHANDO	PESSOAS PASSEANDO
Amanda	Amanda	Amanda	Clara	Bernardo	Bernardo
Bernardo	Bernardo	Clara	João	Clara	Clara
Clara	Clara	João	Joaquim	Helena	Helena
Helena	Helena	Joaquim	Laura	Laura	Rui
João	João	Rui	Rui	Theo	
Joaquim	Joaquim	Theo		Yuna	
Laura	Laura				
Rui	Theo				
Theo	Yuna				
Yuna					
Qualidade da calçada					
FLORES	INTERFACE ABERTA	QUALIDADE DA CALÇADA	LARGURA DA CALÇADA	TRATAMENTO PAISAGÍSTICO	CALÇADAS "DESENHADAS"
Bernardo	Amanda	Bernardo	Bernardo	Bernardo	Bernardo
Helena	Clara	Clara	Clara	Helena	Laura
Laura	Joaquim	Laura	Yuna		
Yuna	Laura	Yuna			
MICROCLIMA AMENO	FAIXA DE PEDESTRE	SONS AMENOS (MAR)	CHEIRO DE PLANTA	CASAS ANTIGAS ARBORIZADAS	SILÊNCIO
Amanda	Amanda	João	João	Theo	Joaquim
Clara	Laura	Theo			
João	Clara				
Theo					
BAIXO FLUXO DE CARROS	ESTAR ACOMPANHADA	MOVIMENTO DE CARROS	COMÉRCIO NAS RUAS	BARES	CORES COLORIDO)
Joaquim	Clara	Helena	Helena	Laura	Laura

Fonte: Caminhadas sensíveis. Produzido pela autora.

Os inputs ambientais aos quais os usuários são mais sensíveis positivamente são aqueles que se ligam diretamente à natureza, tais como arborização, vegetação e mar. Seguidos pela presença de pessoas, que é algo que deriva da estrutura espacial do ambiente

construído, bem como da configuração formal, de calçada, rua e edificações. A presença de pessoas é algo que depende de diversos fatores, como a hierarquia viária, os tipos de uso do solo, a interface da edificação, a quantidade de lotes presente em um trecho de rua; esses são aspectos que influenciam essa variável. Além desses elementos ambientais que se ligam à natureza, outros relacionados ao grande grupo “qualidade das calçadas” são também muito recorrentes na enumeração daqueles que interferem na experiência sensível do caminhante, por serem algo que está diretamente conectado à qualidade do caminhar e gerar frequentemente um grande número de afetos.

A presença de pessoas se aproxima dos aspectos naturais que nos influenciam positivamente, principalmente enquanto realizam atividades de trabalho e lazer. Isso porque somos seres da natureza, e aquilo que nos remete a ela frequentemente nos faz bem. Essa presença muitas vezes é estimulada pelo próprio ambiente construído urbano e, quando existente, transmite maior confiança a quem o observa, funcionando como validação da atratividade de um ambiente e também como um convite para adentrar a rua.

Fachadas com interface aberta são outra forma de estímulo positivo para o caminhar. Mesmo que as pessoas não as citem com tanta frequência, isso influencia na qualidade do caminhar, principalmente quando combinadas com outros elementos de afetações positivas. Quando um ambiente soma a presença de vários inputs ambientais capazes de gerar diversos bons afetos no sujeito, o potencial de afetação positiva da ambiência que esse espaço ajuda a constituir é fortalecido.

O sombreamento do passeio é algo que também deriva da forma do ambiente urbano. Tanto no que concerne à orientação das vias (norte-sul, leste-oeste), no que diz respeito à própria forma das edificações, bem como do uso ou incorporação da vegetação e arborização na constituição do ambiente construído urbano. A presença de áreas sombreadas influencia as pessoas positivamente, principalmente quando esse sombreamento é feito por árvores. Metade dos participantes citaram o sombreamento do passeio, mas certamente isso afetou todos – pois todos foram afetados pela presença de árvores.

O microclima ameno é originário do sombreamento do passeio, principalmente aquele associado à presença de vegetação de porte médio a grande. Essa presença puxa também um outro elemento da estrutura ambiental de afetação positiva, o cheiro de planta, citado por João. São muitos aspectos que funcionam como estímulos e eles nos atingem através dos nossos sentidos. São cheiros, luzes e sombras, temperaturas, cores, sons, formas que nos obrigam a adaptar o caminhar. E tudo isso também constitui ambiência. Muitos desses

aspectos têm origem no ambiente construído urbano, por isso este ambiente tem grande participação na conformação das ambiências. O segundo gráfico, apresentado na figura 75 abaixo, traz os elementos das estruturas ambientais identificados como geradores de afetos negativos.

**Figura 75:** Elementos que cada participante é sensível negativamente.

Elas(es) são sensíveis à:  
(Negativamente)

ALTO FLUXO DE CARROS	BARULHO DE CARRO	EXPOSIÇÃO AO SOL	OBSTRUÇÃO DA CALÇADA	LARGURA DA CALÇADA	CALÇADA QUEBRADA
Amanda Bernardo Clara João Joaquim Rui	Clara João Joaquim Theo	Clara João Joaquim Laura Rui	Laura Rui Theo Yuna	Bernardo Clara Yuna	Amanda Bernardo
Qualidade da calçada					
ESTREITAMENTO DO PASSEIO	CALÇADA "CRUA"	INCLINAÇÃO DA CALÇADA	IRREGULARIDADE DA CALÇADA	CALÇADA SEM PAVIMENTAÇÃO	PROXIMIDADE DO CORPO C/ OS CARROS
Bernardo Yuna Clara	Bernardo Yuna	Bernardo	Yuna	João	Clara
CARROS NA CALÇADA	PICHAÇÕES	LIXO NA RUA	CONFINAMENTO DO PASSEIO	MAU CHEIRO	PESSOA EM SIT. DE RUA
Bernardo Clara	Theo Yuna	Theo Yuna	Clara Theo	Amanda Yuna	Bernardo Yuna
PESSOA SOZINHA EM AMBIENTE DESCONFORTÁVEL	VEGETAÇÃO COMO BLOQUEIO VISUAL	MONOTONIA	ESTACIONAMENTOS	BAIXO FLUXO DE PESSOAS	
Bernardo Theo	Bernardo Helena	Bernardo	Clara	Clara	

**Fonte:** Caminhadas sensíveis. Produzido pela autora.

As estruturas ambientais de maior potencial de afetação negativa entre os voluntários são duas, e ambas se relacionam com a presença de carros. São elas o alto fluxo e o barulho de carros. Por sua vez, a presença de carros se relaciona diretamente com a hierarquia viária, o que revela que os elementos relacionados a essa categoria derivam da morfologia urbana, ou seja, da forma do ambiente construído urbano, a nível de malha urbana.

Seguindo para uma escala menor de nível de constituição formal do ambiente construído, enquadram-se as estruturas físicas ou infraestruturas pertencentes ao grande grupo Qualidade da Calçada. Essa calçada e sua qualidade fazem parte do que se entende como casca que define o vazio. Na arquitetura seria piso, parede e teto. No urbanismo são: piso, parede e às vezes teto, quando algum elemento se apresenta como tal.

A qualidade das calçadas está diretamente ligada à qualidade da experiência vivida no ambiente construído, por exercer um importante papel no aumento ou diminuição da qualidade do ambiente urbano e conseqüentemente influenciar o potencial de afetação da ambiência em que se insere como agente constituinte. A forma desse elemento influencia toda e qualquer experiência que dela faça uso. Calçadas demasiadamente inclinadas, com obstruções, irregularidades na superfície, ou estreitas demais, são exemplos de estados da forma que geram afetos negativos nos sujeitos.

Tais características, somadas aos inputs relacionados à presença de carros, agravam ainda mais aquilo que é sentido por quem experiencia o urbano. Isso inclui carros estacionados na calçada. Logo, uma boa calçada, principalmente em vias de alto fluxo, é de extrema importância quando se produz um ambiente com a intenção de que ele preze pelo bem-estar psicológico do pedestre. Afinal, uma calçada com qualidade formal que garante proteção ao pedestre, protege e afasta seu corpo do fluxo de carros diminui a sensibilidade do sujeito aos estímulos negativos provenientes da passagem dos carros.

Bernardo e Yuna são aqueles que mais expressam a influência que a qualidade das calçadas tem em seu caminhar. São os dois que mais citaram coisas relacionadas a essa categoria. Bernardo principalmente, pois aparece como afetado tanto por aspectos geradores de afetações positivas quanto negativas.

Pode parecer que estou falando da mesma coisa quando destaco largura de calçadas e estreitamento do passeio como elementos da configuração espacial geradores de afetos negativos, mas não estou. O primeiro refere-se a calçadas estreitas, e o segundo a calçadas com potencial de serem largas, mas que foram estreitadas, seja por grama ao redor, com direcionamento do caminho por algum tipo de pavimentação; por alguma edificação que avança sobre a calçada; ou até mesmo pela presença de carros ou coisas que diminuem a faixa caminhável. A obstrução espacial gerada pelos carros na calçada e confinamento do passeio – que neste caso se refere ao confinamento causado pela soma de grandes veículos estacionados ao lado da calçada e fachada adjacente de interface fechada, tornando a calçada uma espécie de corredor – se conectam por serem originados também pela presença de veículos.

É possível perceber como a presença de veículos pode ser problemática de diversas formas, seja por sua passagem ou permanência. Yuna, Amanda, Bernardo, Theo e João são pessoas que tiveram sua experiência afetada negativamente de alguma forma por estímulos provenientes de veículos durante suas caminhadas.

Pichações, lixo nas ruas e mau cheiro são estímulos que geram afetos negativos semelhantes, principalmente por conferirem, ou realçarem, um aspecto de desordem em determinados ambientes urbanos. Podem funcionar como intensificadores de afetos negativos em ambientes que já oferecem algum potencial de afetação negativa. É como se existisse uma propensão, no seguinte sentido: se um ambiente já oferece vários elementos capazes de gerar impactos negativos, ele tende a ser mais negligenciado ainda, se tornando mais vulneráveis a ações que levam à presença desses três elementos da afetação citados, aumentando seu potencial de afetação negativa.

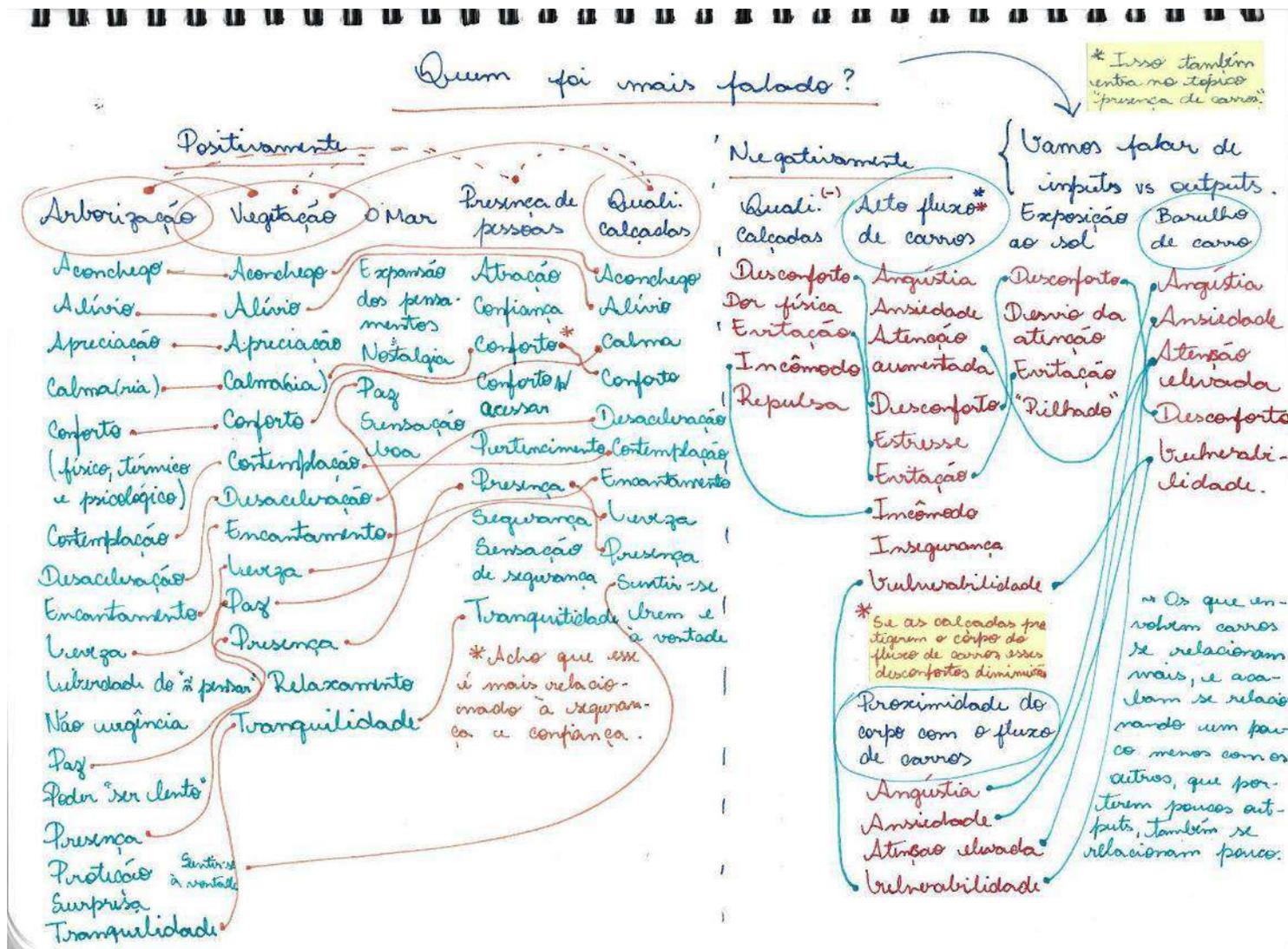
Estacionamentos e monotonia se relacionam pelo fato de haver monotonia formal em ambientes com área de estacionamento que se prolonga no caminhar. Há monotonia em espaços ladeados apenas por estacionamentos, assim como há em áreas em que predominam um uso. Mas a monotonia citada por Bernardo foi a monotonia formal de uma rua com muitas edificações de interface fechada. Algo que deixa a rua monótona no sentido formal e no sentido de acontecimentos nela, tornando-a um ambiente de poucos estímulos. Isso acontece com mais frequência em vias em que predominam o uso residencial.

A presença de pessoas é comprometida em ambientes urbanos que não oferecem atrativos comerciais e de serviço, mais ainda se o ambiente não oferece grande variedade de elementos que são estímulos para afetações positivas. Dessa forma não existem convites para que pessoas transitem por trechos assim por opção. Provavelmente os traspassariam aqueles que tivessem esse trecho como parte do caminho de modo a torná-lo mais eficiente, no sentido de diminuição de trajetos.

A Figura 76 a seguir traz uma importante relação, entre os elementos da afetação e os afetos que eles são capazes de gerar no sujeito, chamados de outputs sensíveis. Além de trazer os afetos gerados por esses elementos da afetação, que são os estímulos do ambiente, traz uma relação entre diferentes estímulos que são capazes de gerar os mesmos afetos. Logo, se combinados em um espaço, seja ele existente ou projetado para o futuro, tal espaço potencializará a sua capacidade de afetação, aumentando a garantia de que aquele estímulo possa ser gerado em alguém que deste espaço faça uso, passando ou permanecendo. A figura a seguir traz os cinco elementos da afetação mais recorrentes como geradores de afetos nas

caminhadas da pesquisa, tanto os que geram afetos positivos quanto aqueles que geram afetos negativos:

Figura 76: Elementos da afetação e seus afetos resultantes.



Fonte: Caminhadas sensíveis. Produzido pela autora.

Os elementos de estímulo do ambiente que mais geram outputs sensíveis nos sujeitos são: arborização, vegetação, o conjunto qualidade das calçadas, a presença de pessoas e o mar, e são apresentados aqui em uma sequência que condiz com a quantidade de afetos que são capazes de gerar. Os três primeiros se relacionam entre si, pois a presença de vegetação tem potencial de melhoramento da qualidade da calçada, e a presença de árvores de porte maior podem melhorar a qualidade do caminhar nestas calçadas – apesar de às vezes comprometer a qualidade de sua pavimentação, quando utilizadas árvores inadequadas para o plantio em calçadas, possibilitando a sua quebra por raízes superficiais.

Esses três elementos da afetação influenciam a intensidade de presença de pessoas, que é o quarto elemento mais influente como gerador de afetos positivos. Ambientes que oferecem boa qualidade das calçadas, com arborização que melhora a ambiência do local, e vegetação presente como tratamento paisagístico, têm maior possibilidade de atrair mais pessoas, logo, fomentam a presença de pessoas, gerando um ciclo virtuoso de promoção de afetos positivos.

O mar aparece como quinto elemento gerador de afetos positivos mais importante, mas é curioso perceber que, apesar da sua dimensão e importância conhecida – o que nos leva a pensar que ele seria mais citado como influenciador das experiências – ele aparece como coadjuvante, depois de muitos outros elementos da afetação que se mostraram ainda mais influentes e importantes. Dessa forma, a pesquisa conseguiu mostrar resultados muito mais relacionados ao ambiente construído, sem se desviar tanto pela presença do mar nas proximidades, mesmo que ele tenha influenciado decisões de caminho.

Arborização e vegetação são os elementos da afetação mais influentes e geram no sujeito muitos afetos semelhantes, mas a arborização é aquela que mais tem capacidade de afetação quando presente no ambiente. Lembrando que essa diferenciação foi feita justamente porque existem diferenças entre os afetos causados por árvores de grande porte, que são capazes de gerar sombra, e vegetação de menor porte, utilizada como tratamento paisagístico de calçadas e fachadas. Os afetos provenientes de árvores de grande porte são mais intensos, principalmente quando agrupadas. A seguinte fala de Laura ilustra um pouco a diferença existente entre esses dois elementos da afetação:

Aqui seguimos, e em algum momento eu reparei também, é... Nas flores, nas folhinhas, (...) de umas folhinhas que tavam no chão assim, de um, é... Nada demais, também assim, *nada tão elaborado quanto o Garden*, mas alguma coisa que me chamou atenção por ter essa coisa natural (...), que eu achei bonito, achei bom de passar. E aí seguimos, e aí aqui eu coloquei esse outro ponto aqui, como aquele brechó que eu mencionei, que também tem esse elemento das florzinhas assim, tipo, que eu achei bonita a fachada, e que seria um lugar que também foi gostoso de passar e observar, tipo, a beleza do lugar através da rua, assim sabe? Tipo, eu achei bonito.

Os afetos em comum entre essas duas categorias são a sensação de aconchego; de alívio; necessidade sentida de apreciação do lugar; calma ou calmaria; conforto, no caso do gerado pela arborização, é algo físico, térmico e psicológico, e este último é no sentido de, por a arborização ser capaz de gerar tantos sentimentos relacionados à desaceleração, proporciona bem-estar psicológico quando incorporada ou utilizada como componente do ambiente construído. Outros afetos são a citada desaceleração, encantamento, leveza, contemplação,

paz, tranquilidade e presença. Estes são afetos compartilhados pelos elementos arborização e vegetação.

Esses últimos citados se relacionam fortemente com os afetos que aparecem como exclusivos da arborização, e alguns deles foram citados não necessariamente como um nome de sentimento, como tantos outros identificados na pesquisa, mas como frase que descreve o afeto. Nem sempre palavras são suficientes para descrever o que se sente e por isso às vezes é tão difícil o exercício de informar aquilo que foi experienciado na sua subjetividade. Os afetos exclusivos do input arborização são: liberdade do não pensar; não urgência; poder ser lento; proteção e surpresa.

A liberdade do não pensar foi um afeto que eu achei curioso. A arborização dos espaços abre tanto espaço para a presença, de estar ali, sem urgências, com interesse em contemplar aquele ambiente, de desacelerar o passo e o pensamento – com isso tudo proporcionando conforto ao corpo e à mente –, que as pessoas sentem ali, e o pensamento se coloca no agora, livre e desprendido de pensamentos de preocupação que muito comumente nos acompanham, seja com relação ao próprio trajeto ou a outras questões da vida.

Quem mencionou esse afeto foi Amanda. Quando ela fez essa menção, falou da seguinte maneira: "Olha, foi uma coisa boa porque eu não tava pensando em nada, e isso é difícil, eu não pensar em nada, porque eu penso demais! Então eram lugares que me davam uma sensação agradável, e me convidavam pra estar naquele respirar", mostrando o quanto esse input foi importante para seu bem-estar naquele momento. Amanda é uma pessoa muito ativa e por vezes passa uma leitura de ser acelerada, então essa sensação despertada nela pelo espaço me parece ser uma coisa muito importante.

O poder ser lento também me soa como algo curioso. E dentro dessa frase tem muito conteúdo. Por que se pode ser lento em um ambiente com arborização? É como se o corpo pedisse por essa pausa. Nesta área de estudo, também foram encontrados muitos inputs ambientais de afetações negativas, então esses ambientes que combinam elementos geradores de afetos positivos funcionam como ambientes de descanso, de descarga do que lhe sobrecarrega em outros ambientes, possibilitando um novo respirar, mais leve e mais tranquilo, abrindo a possibilidade para as pessoas se sentirem mais à vontade no urbano.

O único afeto que aparece como exclusivo da vegetação foi o relaxamento, mas, considerando tudo que foi dito a respeito da arborização, muito provavelmente esse sentimento também faz parte dos afetos gerados por ela. Na caminhada de Theo, houve um

momento em que começou a chover e nós paramos embaixo de uma árvore e ficamos um pouco ali. Quando comentando sobre esse trecho em nossa conversa, Theo fala o seguinte:

O ambiente (...) mais relacionado a árvores e tudo, já me dá uma tranquilidade pelo fato de ter um clima um pouco diferente, eu acredito que o próprio ambiente repleto de árvores já traz um clima diferente de quando você está num ambiente mais aberto \*se referindo a ambientes sem vegetação\*, entendeu? Então esse clima que às vezes eu acho um pouco mais frio e tudo, mais aconchegante, me dá um pouco mais de tranquilidade, é como se ele quisesse que você estivesse ali naquele lugar.

Apesar de ter feito essa observação logo depois de ter falado do trecho em questão, esse comentário pode servir para muitos outros locais com a mesma característica que desperta sentimentos semelhantes.

Todos os afetos gerados pela boa qualidade das calçadas são compartilhados com a vegetação e a arborização, mas, quando relacionados às calçadas, eles acabam significando outras coisas; esse sentimento tem outro conteúdo em alguns casos. Por exemplo, temos o caso da contemplação, que está associada à qualidade das calçadas. Esse afeto está aí porque uma boa calçada oferece a possibilidade de parada para um momento de contemplação daquilo que nos envolve, então ela também gera esse afeto de necessidade despertada de contemplar aquilo que nos faz bem.

Existe também o caso do conforto, desaceleração, aconchego, calma e leveza. Tais afetos são causados por esse input ambiental justamente por sua qualidade. Uma calçada sem obstáculos, com pavimentação íntegra, ampla e que protege o pedestre diminui o nível de preocupação do sujeito, fazendo-o também não sentir a necessidade de sair rapidamente daquele trecho por motivos provenientes do estado em que se encontra a calçada. Então o conforto que aparece como afeto desse estímulo se relaciona diretamente com o conforto do caminhar, a despreocupação da pisada, a liberdade do caminho.

Passando para o estímulo denominado “presença de pessoas”, tem várias sensações associadas apenas a ele. E também alguns que são compartilhados trazem um outro conteúdo afetivo, um outro motivo de afeto. Os exclusivos dessa categoria são: atração de pessoas para o lugar, pois pessoas chamam pessoas; confiança, pela validação que a presença de pessoas em um lugar traz àquele que cogita acessá-lo; conforto para acessar, pelo mesmo motivo anterior; pertencimento, pelo sentido de poder fazer parte dos acontecimentos do lugar; segurança e sensação de segurança.

O conforto que aparece como fruto da presença de pessoas se relaciona diretamente à sensação de segurança transmitida ao pedestre e à confiança que essa sensação gera no sujeito, o convidando, e às vezes o encorajando a adentrar em uma rua ou em um ambiente

urbano. Logo, percebe-se que este conforto é diferente do conforto gerado pela arborização ou pela vegetação, e também é diferente do conforto gerado pela boa qualidade das calçadas.

O único afeto que o mar, enquanto elemento da afetação, compartilha com outros é a paz. Tal afeto é também gerado pela arborização e pela vegetação. A paz, como sentimento gerado pelo mar, se assemelha à paz gerada por esses outros dois elementos, pela sua característica de ser proveniente do natural. Mas também se relaciona com um outro afeto gerado pelo mar, que é o da expansão dos pensamentos, proporcionado pela abertura dos horizontes e também pela sensação de liberdade que ele frequentemente traz.

Clara menciona também que se sentiu bem na orla; e que, apesar de o ambiente ser tão amplo e prolongar demais o seu olhar, ela não se sente só, mesmo que as pessoas estejam distantes ou tenha poucas pessoas no lugar, mesmo que para ela a presença de pessoas e o caminhar acompanhada seja algo muito importante para a tranquilidade do seu caminhar. A sua terceira afetação é citada como “sensação boa”, provavelmente enquadrando-se na questão do não saber nomear que tipo de sensação boa havia sido essa. Às vezes é apenas isso, não sabemos nomear, mas sabemos que algo bom aquilo nos causou.

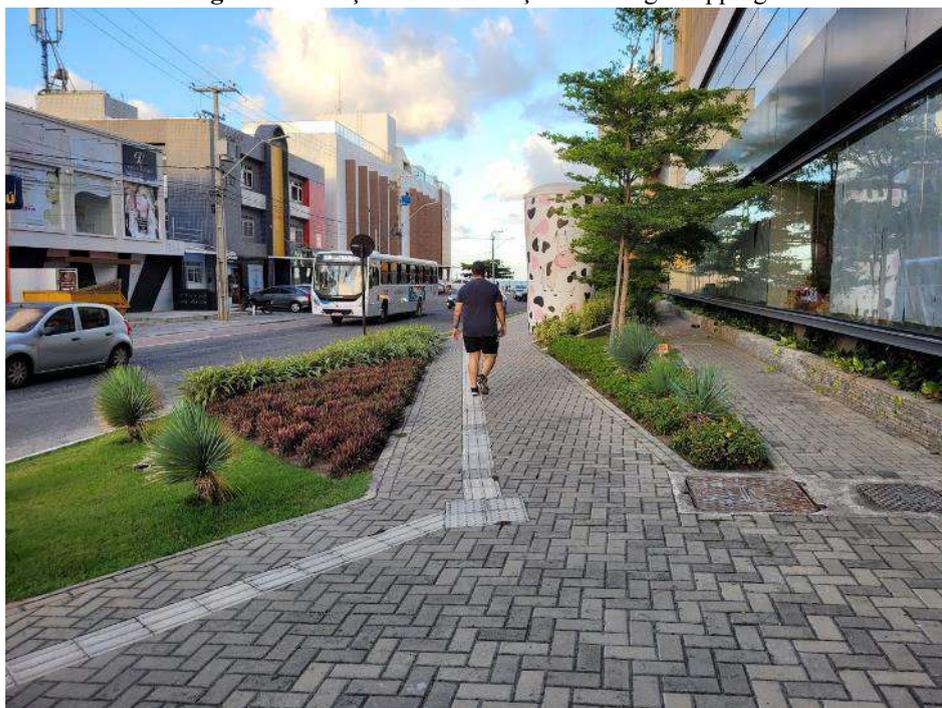
Quando um ambiente combina vários elementos da afetação que oferecem a possibilidade de geração de um mesmo *output* sensível, de um mesmo afeto, esse ambiente abre a possibilidade de expressão desses afetos de diversas formas, pois, como pudemos ver anteriormente, alguns afetos aparecem repetidos com a mesma nomenclatura, mas, por serem provenientes de elementos da afetação diferentes, são experienciados de maneiras distintas. Se um ambiente detém vários bons elementos positivos juntos em um só lugar, a experiência de um mesmo tipo de afeto, enquanto nomenclatura, pode se dar de diversas maneiras, ampliando assim a capacidade de sua abrangência, pela possibilidade de experimentação desse afeto em seus vários significados.

Como exemplo temos um trecho de calçada do Mag Shopping, vista na Figura 77, que possui tratamento paisagístico associado a uma forma que afasta o corpo do fluxo de carros, boa largura do passeio, configuração de piso sem obstáculos ou desníveis, em uma área que atrai pessoas, tanto pelo seu uso quanto pela qualidade do ambiente. Além dessa área, temos também a calçada da praia (Figuras 78 e 79), que possui qualidade com características semelhantes, associadas à presença de arborização de grande porte, que proporciona mais afetos positivos ainda.

Como exemplo de mesmo afeto com possibilidade de ser experienciado de maneiras distintas em um mesmo espaço, temos o conforto, que pode vir da vegetação, tornando o

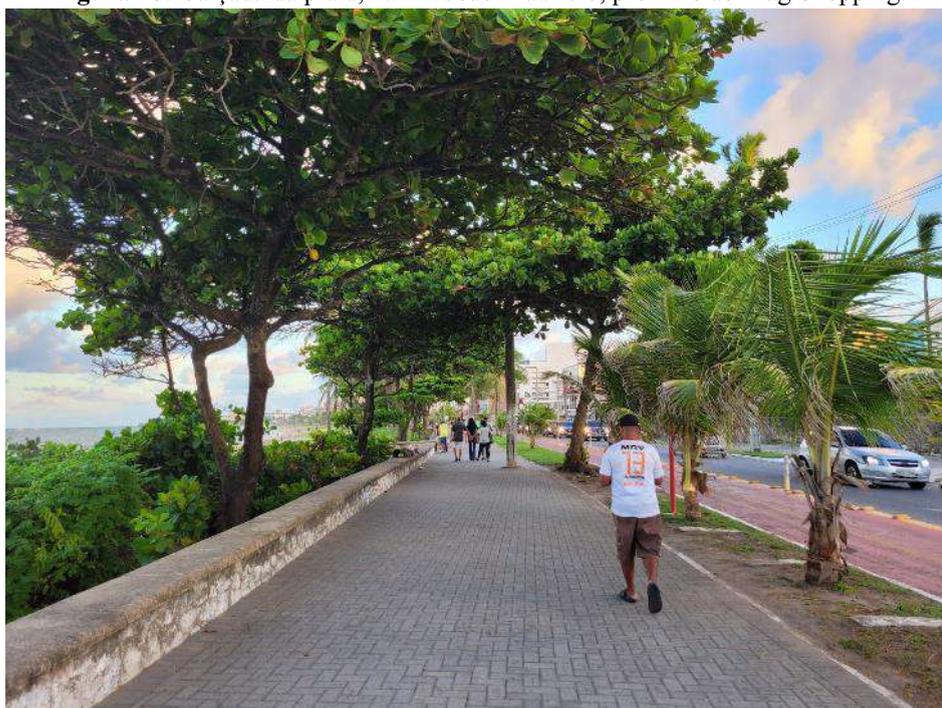
ambiente mais agradável; o conforto proveniente da qualidade da calçada, que proporciona um caminhar tranquilo e sem preocupações com a integridade física, tanto pelo tipo de piso, quanto pelo fato desta calçada afastar o corpo dos carros; e o conforto proveniente da presença de pessoas, que consiste naquele que oferece confiança para acessar ou transitar pelo espaço, pela validação que a presença de outras pessoas nos dá.

**Figura 77:** Calçada nas imediações do Mag Shopping.



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Figura 78:** Calçada da praia, na Av. João Maurício, próximo ao Mag Shopping.



**Fonte:** Acervo pessoal.

**Figura 79:** Calçada da praia, na Av. João Maurício, em frente ao Mag Shopping.



**Fonte:** Acervo pessoal.

Os elementos da afetação mais geradores de afetos negativos são, em primeiro lugar, o alto fluxo de carros; em segundo lugar, o barulho de carro e baixa qualidade das calçadas, compartilhando a mesma posição com cinco afetos negativos cada, e a exposição ao sol e a proximidade do corpo com o fluxo de carros em terceiro lugar, com quatro afetos cada. Alto fluxo de carros, barulho de carro e proximidade do corpo com o fluxo de carros se relacionam muito entre si, em termos de compartilhamento de afetos negativos gerados a partir desses inputs ambientais. Todos têm o carro como componente na sua constituição enquanto elemento da afetação, mas a proximidade do corpo com esse fluxo tem a ver também com a categoria qualidade das calçadas, que agora neste quesito entra como má qualidade ou baixa qualidade.

Exposição ao sol e qualidade das calçadas acabam tendo relações em comum, tanto no que diz respeito ao compartilhamento de outputs sensíveis, quanto quando observados no resultado da experiência vivida no próprio espaço. Para o afeto positivo, a arborização e a vegetação contribuem para uma melhor qualidade do caminhar desenvolvida na calçada e, como conjunto, acabam por influenciar na consideração de uma calçada como boa ou mediana. Com o afeto negativo funciona do mesmo jeito. Calçadas localizadas em ambientes de alta exposição ao sol acabam por ter as experiências nelas vividas um pouco comprometidas; quando essa exposição é combinada à baixa qualidade da calçada, a experiência nela vivida tem muito mais potencial de ser negativa do que o contrário.

O movimento de carros gera dois inputs ambientais distintos, mas que estão fortemente relacionados. Os dois são aqueles que mais são capazes de gerar afetos negativos: são eles o alto fluxo de carros e o barulho desses automóveis. O alto fluxo de carros é derivado da hierarquia viária, ou seja, tem relação com a morfologia urbana e o funcionamento dos fluxos urbanos. Tal input ambiental compartilha os seguintes outputs sensíveis com o input barulho de carros: angústia; ansiedade; atenção elevada ou atenção aumentada; desconforto e vulnerabilidade. Esse conjunto de afetos dão um panorama do que é a experiência de transitar por ou atravessar avenidas de alto fluxo em Manaíra.

Além dos afetos citados, o alto fluxo de carros também gera os seguintes afetos negativos: estresse; receio ou hesitação; incômodo e insegurança. É por esses motivos, e pelo fato de que o sujeito vivencia experiências mentais de um espaço em que ele não necessariamente já esteja inserido – podendo experienciar coisas a distância quando se percebe um outro ambiente –, que várias vias de maior hierarquia no bairro de Manaíra, e de importância para a cidade, foram evitadas. O que também influenciou na definição da área objeto de estudo, pela contenção dos caminhos “dentro do perímetro” definido pelo Retão de Manaíra e Av. Esperança. Vias de alto fluxo entre a Av. Esperança e a orla marítima também foram evitadas, ou foram capazes de gerar afetos negativos quando transpostas, um exemplo é a Av. Gen. Edson Ramalho.

Isso é mencionado por Clara e João, quando se mostram desconfortáveis, vulneráveis e com sensação de insegurança por não confiarem nos motoristas, mesmo que haja uma faixa de pedestre, o que revela uma necessidade de atenção obrigatória, em níveis elevados, pois o outro naquele momento é quem detém maior poder sobre o que lhes poderia causar mal.

O estímulo “qualidade da calçada”, dessa vez se referindo à sua má qualidade, inclui características como largura, obstruções, pavimentação em mau estado de conservação ou sem pavimentação, estreitamento do passeio, inclinação excessiva, entre outros. Tal input é capaz de gerar os seguintes afetos negativos: desconforto; dor física; receio ou hesitação, fazendo o pedestre caminhar mais rápido pela rua ou decidir não adentrar em determinada rua; incômodo e repulsa. Esses afetos têm a ver com a experiência física de passar por calçadas de baixa qualidade, seguindo seu caminho por elas ou começando e mudando posteriormente, e também com experiências mentais de vê-las e evitá-las, criando um novo caminho.

A exposição ao sol é um aspecto bastante importante para uma cidade como João Pessoa e afeta fortemente a experiência do caminhar do sujeito na cidade, devido ao seu clima. Não aparece com grande variedade de afetos gerados nos sujeitos, mas sua influência é

frequentemente percebida, o que significa dizer que se experiencia muitas vezes o mesmo afeto, por pessoas diferentes. As respostas sensíveis geradas pela exposição excessiva ao sol são: desconforto; receio ou hesitação; desvio da atenção, no sentido de colocar o foco do sujeito apenas no desconforto (será detalhado no próximo parágrafo); e uma sensação de “estar pilhado”, que pode ser traduzida como uma forma de estresse.

O afeto desvio da atenção é mencionado no sentido de colocar o sujeito muito presente naquela sensação de desconforto, tirando a atenção dele de qualquer outro aspecto ou pensamento que possa lhe fazer bem. Dessa vez a questão da presença não é experimentada de uma maneira boa, mas sim de um modo que coloca o sujeito em estado de evasão, de necessidade de procura por um ambiente de mais acolhimento.

O somatório de elementos geradores de afetações positivas pode gerar um fortalecimento dos bons afetos. Assim como o somatório de inputs ambientais causadores de respostas sensíveis negativas pode criar um ambiente com mais propensão a experiências negativas. A Figura 80 a seguir traz um exemplo de ambiente com vários estímulos capazes de gerar afetos negativos. Esta é a área da Av. Euzely Fabrício de Souza, que está mais próxima ao mar. Tal ambiente possui uma calçada de má qualidade, muitas áreas de fachadas de interface fechada e uma casa abandonada, o que torna o ambiente um lugar propício para o surgimento de uma variedade de afetações negativas.

**Figura 80:** Ambiente próximo à casa desocupada da Av. Euzely Fabrício de Souza.



**Fonte:** Acervo pessoal.

Já a mistura de elementos causadores de boas ou más afetações é um pouco mais imprevisível e o afeto resultante, ou predominante, vai depender do sujeito e daquilo que mais chamar sua atenção e tomar conta da sua experiência, seja para o lado positivo ou negativo.

Exemplo disso são as caminhadas de Amanda e Yuna, que, em um mesmo ambiente, o trecho mais arborizado que leva ao Garden, e a área do próprio restaurante, vivenciaram experiências completamente diferentes. Amanda menciona que esse foi o melhor trecho do seu trajeto; diz que, por ela, caminharia muito mais por ali, e que sentiu a diferença no corpo e gostaria de ficar “dentro desse respirar”. Já Yuna, na mesma rua, começou sua experiência sentindo afetos positivos pela presença de árvores no início da rua, mas, à medida que foi se aproximando do Garden, experimentou afetos negativos pela presença de obstruções na calçada que a fizeram caminhar pela rua, presença de lixo e uma pessoa em situação de rua, aspectos tais que a fizeram esquecer completamente que tinham outros elementos de afetações positivas presentes ali; sobre isso ela menciona que o que ali foi sentido por ela a fez não perceber ou lembrar o que aquele espaço tinha de bom para lhe oferecer.

Dessa forma, a identificação dos elementos da afetação e seus afetos resultantes não é uma garantia de que todas as pessoas que passarem por um mesmo lugar experienciarão as mesmas coisas, os mesmos afetos, mas sim um entendimento de que espaços com determinados tipos de elementos, com determinada forma e características das estruturas construídas, têm um potencial de afetação; além disso, indica que existe grande probabilidade de pessoas distintas possam experienciar os mesmos tipos de afetos no ambiente construído urbano.

Com a leitura do ambiente e dos afetos gerados por ele, mostrada neste capítulo, é possível afirmar e reforçar que o espaço nos afeta, e nos afeta de determinada maneira. Através de pesquisas como esta e da própria observação dos afetos diários gerados em si próprio, é possível conseguir ler e chegar a esse resultado sentido pelo corpo a partir dos estímulos que vêm do espaço.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa pude encontrar respostas a respeito do que a influência exercida pelo ambiente construído urbano sobre nós é capaz de nos causar, em termos de afetações geradas pelo espaço em nós como sujeitos. Foram identificados os principais elementos do ambiente construído urbano capazes de gerar os diversos tipos de afetos encontrados na pesquisa, dentro do recorte espacial estudado no bairro de Manaíra, na cidade de João Pessoa, Paraíba. Tais resultados apontam que ainda há muito o que ser explorado acerca daquilo que o espaço é capaz de produzir em nós.

Os aspectos que me sensibilizaram para a construção da metodologia, apresentados no capítulo **Sensibilidades no urbano, entendendo a relação pessoa-ambiente**, juntamente com toda discussão teórica apresentada no capítulo intitulado **Corpo e Cidade, uma relação sinestésica**, me ajudaram a identificar e escolher/reconhecer/selecionar as categorias temáticas de investigação da pesquisa. Os parágrafos a seguir recapitulam tais categorias e discorrem brevemente sobre sua relevância para esta pesquisa.

Através do conjunto de sentidos empregados no ato do movimento, **o ato de caminhar** coloca o sujeito em contato direto com as fontes de estímulo que geram afetações, algo que, por consequência, guia suas escolhas de trajeto. O que chamo aqui de fontes de estímulo são a variedade de características do ambiente construído urbano (a calçada, o muro, a vegetação, entre outros) onde o caminhante se insere, bem como aquilo que deriva dele. Foi por esse motivo que o meio de contato com o ambiente construído urbano escolhido para a produção dos dados desta pesquisa foi a caminhada. Locomover-se pela cidade a pé, de bicicleta, de moto, carro ou outro meio de transporte proporciona experiências espaciais distintas, e aquele que mais permite troca entre sujeito e espaço é a caminhada, devido à velocidade do deslocamento, bem como ao jogo e troca direta entre corpo e lugar.

**A deriva e a errância** são formas de agir no espaço através da caminhada, e foi o conhecimento sobre esses tipos de relação entre sujeito e espaço que guiou e inspirou a escolha do modo de caminhada proposto para a pesquisa. Dessa forma, a síntese daí extraída gerou o produto entendido como meio de observação do outro e de obtenção de dados para a pesquisa, a caminhada sensível, que acontecia de maneira livre, guiada apenas pelas afetações dos sujeitos, pelas solicitações do seu corpo e consequentes decisões, tomadas pelos voluntários.

E é nessa escolha que reside a importância do **conceito de ambiência** para este trabalho. É através das ambiências que se percebe o mundo, e dentre os vários componentes que a constituem está o ambiente construído. No campo da arquitetura e urbanismo, o espaço é o objeto de interesse; ele é determinado por toda a matéria construída e pensada para sua conformação e é neste espaço que a ambiência toma lugar. Para entender a resposta sensível do corpo a esse ambiente construído, é de fundamental importância estudar a **ressonância entre corpo e ambiente, entre corpo e ambiência**.

É sabido que o ambiente construído, de maneira geral, possui a capacidade de influenciar o sujeito que a ele se expõe ou nele vive, ou que ele vivencia, mas esse trabalho buscou relacionar essa influência com aquilo que é gerado por ela, em termos de afetações e sensibilidades, enquadrando esta pesquisa no campo da subjetividade.

**A ação do ambiente sobre o sujeito** pode se dar por diferentes fatores: pode se dar através dos ventos, da insolação, dos cheiros, das temperaturas, entre outras variáveis. Pela geração de sensações internas ao sujeito, o ambiente construído é o estímulo-base que guia nossas escolhas, pois é ele que determina como os ventos serão canalizados, é ele que fornece sombra – seja ela através de vegetação ou de edificações – e ele também que oferece experiências auditivas e olfativas, pelas atividades que suporta e pela estruturação que possui. Logo, além de influenciar o sujeito pelas suas características materiais em si, ele interfere também através daquilo que dele deriva.

Esta pesquisa se propôs a identificar a relação entre **a gama de afetações vivenciadas e expressas pelo corpo ao caminhar livremente pela cidade e os componentes do ambiente construído urbano** – tratando-se de um ambiente específico, no bairro de Manaira, em João Pessoa. Mesmo com o amadurecimento do pensamento investigativo, ainda existiam alguns receios quanto ao acesso às subjetividades dos participantes, bem como da expressão desse campo por eles. Tendo isso como inquietação, encontrei em Sarah Williams Goldhagen uma espécie de resolução, mesmo que de pensamento e convencimento de que seria possível.

Em seu livro *Welcome To Your World: How the built environment shapes our lives*, Goldhagen (2017) discorre sobre um caso de uma *blindsighted woman*, uma mulher que sofria de uma condição chamada negligência do hemisfério esquerdo, que dizia que não via nada no lado direito do seu campo de visão. Essa mulher participou de um experimento no qual os pesquisadores mostravam-na duas fotos de uma mesma casa, idêntica, porém uma delas tinha sua metade direita completamente em chamas. Essa parte da imagem era mostrada apenas para seu campo de visão direito, sendo assim não era visualizado pelo esquerdo, que seria o

lado que ela seria plenamente capaz de enxergar. Quando perguntada sobre as imagens, informava que as duas eram completamente idênticas, porém quando pressionada a escolher uma delas como seu lar, a mulher, com uma certa consistência, escolhia a casa intacta, mesmo sem saber explicar qual a razão de sua escolha (Goldhagen, 2017). Ainda dentro desse assunto, a autora explica:

Quando se trata de como percebemos o ambiente construído, cada um de nós, mesmo sendo um profissional, é mais ou menos *blindsighted*: majoritariamente alheios a como nosso cérebro processa os lugares que habitamos, quase totalmente sem consciência de como integramos essa informação em nossas experiências, e em grande parte sem noção sobre como isso orienta nossos movimentos, afeta nossas cognições, nossas emoções e nossas escolhas. No entanto, há uma diferença. Pacientes *blindsighted* são neurologicamente incapazes de serem persuadidos a se tornarem conscientes das informações visuais que seus cérebros registram. O resto de nós tem muito mais sorte: podemos aprender a enxergar. (Goldhagen, 2017, p. 44, traduzido pela autora).

Esse trecho de Goldhagen refere-se especificamente à visão, mas sei que a experiência do ambiente construído, seja ele urbano ou não, engloba todo o corpo, com todas as suas capacidades perceptivas. Sabendo disso, e com a noção de que ainda assim é difícil ter consciência das influências causadas pelo ambiente, essa passagem me levou a pensar o que poderia ser passado ao participante de forma que eu conseguisse dar informações suficientes para que todos pudessem tentar ficar atentos ao que sentiam durante as caminhadas.

Resgatando os conceitos e categorias deste trabalho, é possível traçar uma relação entre todos eles tendo o ambiente construído urbano como base. O ambiente construído tem participação na construção das ambiências – o que não elimina o papel que o sujeito tem nessa construção –, e na pesquisa foi percebido como a qualidade dos seus componentes afetam a experiência do sujeito. O conjunto de elementos da afetação distribuídos no espaço influencia diretamente os tipos de afetos gerados nos sujeitos; tais afetos servem como guia para a tomada de decisões das pessoas e, conseqüentemente, das ações desempenhadas por eles. Considerando o que foi encontrado, percebe-se que o espaço possui influência sobre as emoções vivenciadas nele, reforçando que elas não são isoladas e interagem com o meio em que o sujeito está inserido.

Durante a pesquisa, constatei como a forma do ambiente construído tem influência em uma série de características do espaço, e/ou definem ambiências que influenciam nossa experiência neles. Por exemplo, a forma e disposição do parcelamento urbano e os volumes das edificações conseguem guiar os ventos dentro da cidade, gerando brisas mais perceptíveis em algumas áreas do que em outras. A forma da malha viária e suas conexões com o todo

urbano, com a cidade, também influenciam os fluxos de pessoas e, principalmente, de carros, e isso incide sobre quais ruas terão mais intensidade de circulação em relação a outras.

Essas ruas, quando há um grande fluxo de automóveis, são geralmente as mais causadoras de afetos negativos nos pedestres, gerados pelos estímulos do barulho de carros e a própria frequência/velocidade com que passam. Isso quando não dispõem de calçadas de boa qualidade, que seriam aquelas largas, que distanciam o corpo do fluxo de carros, protegendo o pedestre em seus trajetos, além da presença nelas de outros elementos, encontrados na pesquisa, que também trazem afetos positivos para os sujeitos. Quando vias que causam afetos negativos não possuem elementos que geram afetos que se contrapõem aos negativos, estes serão os afetos que prevalecerão.

A orientação da malha urbana também influencia quais áreas serão mais sombreadas por prédios, devido à trajetória solar. Considerando cidades de clima quente, como as do nordeste do Brasil, se as áreas não forem sombreadas, o ambiente construído na escala da rua deve oferecer essa sombra, seja pela forma da edificação ou pelo uso de arborização. Em João Pessoa isso é muito importante, devido ao seu clima. Mas a presença de vegetação e arborização se mostrou de grande importância e influência para e sobre a experiência do sujeito, até mesmo em dias de temperaturas amenas ou dias de chuva.

Um grande descaminho desestabilizador na condução deste trabalho foi a pandemia de Covid-19, que me fez duvidar da viabilidade da pesquisa e estar à mercê do que iria acontecer. Depois de muito tempo, de finalmente me encontrar no processo de pesquisa e de o mundo começar a oferecer possibilidades de novo, houve a necessidade de adaptação da pesquisa ao momento em que estávamos vivendo. Todo o método foi adaptado para garantir segurança aos voluntários e a mim. Após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética, pude então seguir para a realização da pesquisa de campo, que me deu os dados necessários para a construção dos resultados.

Conheci a pesquisa de Christian Nold, me apaixonei pelo método e pela possibilidade de construção de resultados que tal método oferecia. Tentei ter acesso ao dispositivo, consegui contato com o autor mas ele não poderia compartilhar o aparelho comigo. Mas compartilhou conhecimento. Sobrou então a possibilidade de adaptações.

Eu queria registrar caminho e afeto. Então para isso foram realizadas derivas com os voluntários, guiadas por eles, as quais chamei de caminhadas sensíveis. Durante elas usei um aplicativo que registrou o caminho realizado e estive presente junto de cada voluntário para ler, ouvir e registrar afetos. Após a experiência da caminhada sensível, fiz uso do método de

registro da experiência chamado de mapa mental, tanto para meus registros quanto para os que solicitei aos voluntários.

Os registros dos voluntários sobre suas experiências se aproximam do momento de concepção, do espectro da experiência de Yi-Fu Tuan. O autor destaca a experiência como algo que envolve sensação, percepção e concepção, onde a emoção está mais presente no momento da sensação, ou seja, no momento em que as coisas acontecem; e o pensamento está mais fortemente relacionado à concepção daquilo que aconteceu, no sentido de entendimento e elaboração. A narrativa dos voluntários, por estar baseada na memória, se aproxima do momento de concepção da experiência, e a vivência da caminhada em si, se aproxima do momento da sensação, envolvendo ainda mais emoções.

Dessa forma minha pesquisa difere da empreendida por Christian Nold também pelo momento de registro da experiência. O *biomapping* registra o momento das sensações, onde as emoções estão mais presentes, e faz uso da memória depois, quando os participantes falam sobre suas experiências – momento da concepção. Como eu não pude ter acesso à tecnologia utilizada por Nold, optei por caminhar com os voluntários para vivenciar a experiência junto com eles, e poder registrar melhor o momento das sensações, o qual envolve uma maior gama de emoções.

Vendo essa decisão de longe, com os olhos de quem terminou a pesquisa, hoje entendo a riqueza de detalhes percebidos por mim sobre o outro, caminhando com cada um, e expressas por eles em nossas conversas. Maior do que teria sido caso as experiências tivessem acontecido em um único dia de caminhada, com todos caminhando livremente, como eu havia idealizado inicialmente.

Na caminhada empreendida nesta pesquisa, os(as) voluntários(as) não tinham a necessidade de traçar objetivos e seguiam de acordo com as solicitações do seu corpo e do que fosse sentido por eles(as) no momento. Essa opção por uma caminhada sem roteiro ou criação de objetivos se deu por saber que quando uma caminhada passa a ter um objetivo é muito mais provável que se enfrente coisas que não lhe agradam para chegar aonde se quer chegar.

Considerando este entendimento, e sabendo que os trajetos do dia a dia são quase sempre realizados com um objetivo, seria interessante para as cidades que queremos construir e desfrutar, que o ambiente construído oferecesse oportunidades de realização desse caminhar de maneira mais leve e confortável, tornando as opções mais eficientes de trajeto também opções capazes de oferecer bem-estar. Assim as experiências do caminhar no urbano podem

se tornar mais prazerosas e o caminhar com um objetivo pode ser tão prazeroso quanto o de escolher por onde ir pelas solicitações do corpo.

Eu sei que existe uma ampla variedade de sensações e afetações vividas na experiência do caminhar, que vai além da dualidade entre afetação boa ou má. Mas neste trabalho eu escolhi registrar na forma de polos por querer ressaltar esses opostos, relacionando características espaciais a eles. Somado a isso, existe a dificuldade que reside na identificação de todas as afetações existentes no campo da subjetividade do sujeito, beirando o impossível. Pois, como afirma Sarah Williams, o ambiente construído está toda hora a nos influenciar, mesmo que não percebamos. Mas isso não invalida a identificação daquelas afetações que são passíveis de leitura.

Manaíra é um bairro muito diverso, no que diz respeito aos tipos de uso que oferece, e também aos tipos de edificações que possui. É o bairro mais verticalizado de João Pessoa, mas possui grande variação de altura de edificações. Essas características do bairro geram diferentes possibilidades de configuração de ambiente construído com o qual o pedestre tem contato, devido às diferentes demandas que cada lote e uso do lote gera. Isso é também algo que depende muito do tratamento dado às imediações das edificações.

Por esses motivos, não existe uma padronização de qualidades do ambiente construído no bairro. Há uma mistura de tipos de qualidade de calçada, de tipos de interface entre público e privado oferecidas pelas fachadas e de presença de vegetação. A área estudada possui trechos de concentração de arborização e só possui uma homogeneidade dessa presença na orla marítima, onde todo o trecho estudado é bem servido de árvores de grande porte.

O tipo de troca permitida pelo fechamento do lote foi classificado de três formas: fachadas de interface aberta, semiaberta e fechada. Isso diz respeito ao grau de acessibilidade visual entre interior e exterior do lote permitido pela fachada. Apesar de haver uma mistura de tipos de interface de fachada encontradas no recorte estudado, há uma predominância de lotes ou edificações de interface fechada na área.

Na maior parte da área, os três tipos de calçada encontrados – calçadas de boa, média e baixa ou má qualidade – se misturam. Apesar de haver uma mistura, é possível identificar áreas com concentração de calçadas de boa qualidade e de má qualidade através do mapa físico-espacial-sensível da Figura 67.

As áreas de maior incidência de calçadas de boa qualidade são: a orla, principalmente a calçada da praia; a área ao redor do Mag Shopping; e a área das quadras ao redor da Praça Robson Duarte Spinola, ponto de início das caminhadas. O tipo de calçada considerada

básica, ou de média qualidade, se espalha pela área objeto de estudo, sendo esta a classificação mais comum da área estudada. E há uma concentração de calçadas de baixa qualidade na Av. Euzely Fabrício de Souza.

Após trazer considerações sobre o método de investigação utilizado na pesquisa, e uma breve apresentação do que é a área objeto de estudo aos olhos desta investigação, trago algumas considerações sobre os resultados encontrados por meio do estudo realizado.

Vegetação e arborização também são considerados elementos que configuram o ambiente construído, visto que compõem a forma dos lugares e são pensadas em projeto ou incorporadas nele. Desta forma tais elementos se encaixam nessa categoria. Elas juntas são os elementos da afetação que mais geraram afetos positivos nos sujeitos, e compartilham muitos dos afetos gerados. Elas produziram sensações/sentimentos de calma, alívio, aconchego, conforto, apreciação, contemplação, encantamento, leveza, desaceleração, paz, "liberdade do não pensar", presença, não urgência (no sentido de desacelerar e não ter a urgência de seguir ou sair daquele lugar), surpresa, proteção, tranquilidade, entre outros. Com todas essas possibilidades de afetos positivos no sujeito, elas foram as que mais criaram possibilidades de se sentir bem e à vontade no ambiente urbano.

Os elementos identificados como geradores de afetações positivas foram também chamados de inputs ambientais, que são o dado, o estímulo sensitivo e emocional proveniente do ambiente, que atinge o sujeito, gerando reações na forma de afetos, configurando-se como respostas sensíveis, que foram chamadas algumas vezes de outputs sensíveis. Essa denominação foi dada pelo entendimento que tive de que às vezes o estímulo não é exatamente um elemento palpável, mas sim um som, um cheiro, uma brisa, então isso é mais bem classificado como fator gerador de afetações proveniente do ambiente, por isso então a denominação input.

Os principais elementos da afetação geradores de respostas sensíveis positivas são: a arborização; a vegetação, como tratamento paisagístico; a boa qualidade das calçadas, que inclui largura, a integridade da pavimentação, configuração da forma que protege o sujeito dos carros, entre outros quesitos; a presença de pessoas; e o mar. Quando combinados diversos elementos como estes em um ambiente da rua, que foi o tipo de espaço analisado, o potencial de afetação positiva do espaço sobre os sujeitos é aumentado.

O estímulo presença de pessoas é influenciado diretamente pela qualidade do ambiente, pois trechos com mais elementos de afetação positiva convidarão mais as pessoas a acessá-los do que aqueles com mais elementos de afetações negativas.

Os elementos da afetação que mais geraram afetos negativos foram: o alto fluxo de carros; o estímulo barulho de carros; a má qualidade das calçadas; a proximidade do corpo com o fluxo de carros; e a exposição ao sol. Os afetos negativos mais recorrentes na pesquisa, que são comuns à alguns desses elementos de afetação negativa apresentados aqui são: sentimentos de vulnerabilidade; de receio ou hesitação; de atenção aumentada, que pode vir a gerar estresse e ansiedade, quanto mais se prolonga a presença em ambientes com estímulos capazes de gerar esse tipo de afetação; incômodo; angústia; desconforto, entre outros.

Os quesitos que aparecem com mais frequência como geradores de afetação negativa envolvem carros. Sejam eles parados ou em movimento. Como exemplo de vias onde este quesito teve maior influência temos o Retão de Manaíra, e as Avenidas Gen. Edson Ramalho e Esperança. É nessas vias que a proximidade do corpo com o fluxo de carros se torna um problema, e isso tem relação direta também com a forma que se constitui a calçada. A forma da calçada nestes pontos é crucial para a definição do tipo de experiência que o sujeito pode vivenciar. Em calçadas que permitem uma proximidade do sujeito com o fluxo de carros, os sentimentos de angústia, ansiedade, atenção elevada e vulnerabilidade se fazem presentes. Seja essa proximidade permitida pela calçada ser estreita, ou por ser ocupada por carros, não tendo dimensão suficiente para comportá-los ao mesmo tempo em que oferece espaço seguro para o pedestre. Nesse ponto a presença de carros é tão problemática quanto a dimensão desta calçada.

A atenção elevada ou aumentada traduz um pouco da obrigação colocada sobre o sujeito de se forçar a estar muito presente naquele momento, muitas vezes por tomar a responsabilidade somente para si de manter a sua integridade física. Isso vai além da estrutura espacial e entra no campo da cultura, tocando as formas de agir no trânsito, no que concerne à frequente não priorização do pedestre. Isso acontece em algumas cidades mais do que outras, mas neste ponto a não priorização não é feita apenas pelo ambiente construído, mas também pelas atitudes dos condutores.

Como a presença de carros em João Pessoa é algo necessário, assim como em outras cidades, e se não há outra forma de se desvencilhar, o ambiente precisa de adaptações para que essa demanda seja atendida sem comprometimento das experiências cidadinas, ou pelo menos não grandes comprometimentos. Se não há outra maneira, e o ambiente precisa de muitos carros para ser vivido (considerando uma ótica que leva em conta a cidade como um todo), ele precisa ser adaptado à demanda de estacionamento, de forma que não ocupem espaços destinados ao pedestre. Assim como as calçadas precisam de melhor tratamento de

constituição formal para a diminuição da quantidade de afetos negativos causados diariamente nas pessoas pela presença dos carros.

Uma outra opção, que não eliminaria o melhoramento formal das calçadas, seria o aumento e enriquecimento das possibilidades de uso de outros modais. Essa combinação é algo que tem potencial de diminuição de sentimentos de ansiedade, atenção elevada, medo e estresse experienciados com tanta força e frequência em ambientes urbanos.

Os afetos gerados pelos cinco elementos de afetações positivas e os cinco de afetações negativas podem ser vistos na Figura 76, no capítulo de resultados. Foram escolhidos os cinco elementos da afetação positiva, bem como os cinco da afetação negativa, que geraram maior variedade de afetos para aparecerem em destaque na pesquisa. Existem muitos outros elementos da afetação identificados na pesquisa, mas esses se destacaram. Todos os estímulos identificados nesta investigação como capazes de afetar os sujeitos, e todos os afetos que eles causaram estão listados na tabela de elementos da afetação (ou inputs ambientais) e afetos resultantes (ou outputs sensíveis) presentes no Apêndice C da pesquisa. Essa é uma das maiores contribuições desta investigação. A escolha de destacar apenas cinco no corpo do texto se deu para que este não se prolongasse demais.

Esta pesquisa demonstra que, mesmo que as cidades sejam diferentes, e que as experiências nelas sejam, conseqüentemente, diversas, um mesmo elemento da afetação pode gerar afetos semelhantes em ambientes pertencentes a cidades distintas. Sejam aqueles responsáveis pelo surgimento de afetos positivos ou aqueles relacionados a afetos negativos. Mesmo que isso aconteça em intensidades diferentes.

Vale ressaltar que, apesar de os resultados aqui encontrados serem generalizáveis, eles são para cidades, ou trechos de cidades, que compartilham contextos análogos ao de Manaíra, em João Pessoa. Logo, tal generalização pode ser feita para cidades semelhantes a João Pessoa em porte, clima e região. Essa observação deve ser feita por entender que cidades de outros contextos geográficos proporcionam experiências distintas. Como por exemplo, o mesmo sol capaz de causar tanto desconforto em João Pessoa, pode ser procurado para proporcionar conforto em outras partes do mundo.

Apesar disso, entendo também que dentro dos elementos da afetação destacados na pesquisa, alguns possuem maior possibilidade de generalização do que outros, funcionando de maneira semelhante em diferentes contextos, como por exemplo a qualidade das calçadas e o tipo de interface das fachadas, assim como a presença de vegetação e arborização. E aquele que mais tem potencial de variação de tipo de afetação, quando comparado cidades em

contextos geográficos distintos, é o sombreamento do passeio. Desta forma, quando se pretende fazer uma generalização dos resultados, deve-se sempre avaliar aquilo que foi encontrado e o contexto para onde se pretende generalizar.

A partir do que foi construído nesta pesquisa, novos caminhos podem ser traçados. No início eu tinha interesse em trabalhar com o recorte de gênero porque entendo que mulheres experienciam o espaço de uma maneira diferente da dos homens. E isso se repete com outros grupos. Então outros caminhos possíveis de pesquisa é realizar uma investigação semelhante com uma ampliação no número de voluntários, aumentando a possibilidade de comparação de afetos. Um caminho seria trabalhar com vários recortes diferentes, como mulheres, homens, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência. Chamei de um caminho, mas, dentro desses citados, existem uma infinidade de caminhos diferentes, resultando em possibilidades de pesquisas distintas. Outra possibilidade é a de aplicar o mesmo método em cidades diferentes, criando assim a possibilidade de comparação de experiências em ambientes construídos de origem distintas. Sendo assim muitas outras portas podem ser abertas a partir desta, basta escolher o caminho.

## REFERÊNCIAS

AGREST, Diana. À margem da arquitetura: corpo, lógica e sexo. *In*: NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: CosacNaify, 2006.

AGUIAR, Wellington; OCTÁVIO, José (org.). **Uma cidade de quatro séculos, evolução e roteiro**: uma edição. João Pessoa: Editora GRAFSET, 1985.

ALMEIDA, José Américo de. Novas avenidas e corrida para o mar. *In*: AGUIAR E OCTÁVIO (org.). **Uma cidade de quatro séculos, evolução e roteiro**: uma edição. João Pessoa: Editora GRAFSET, 1985. p. 165-166.

BOMFIM, Zulmira; DELABRIDA, Zenith; FERREIRA, Karla. Emoções e afetividade ambiental. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (org.). **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G.Gili, 2013.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

COSTA, Frederico Carvalho. A vida hoje é melhor do que no passado.. *In*: AGUIAR E OCTÁVIO (org.). **Uma cidade de quatro séculos, evolução e roteiro**: uma edição. João Pessoa: Editora GRAFSET, 1985. p. 203-205.

CRUZ, Alana; SILVA, Keila. A abertura da avenida Epitácio Pessoa, da cidade da Parahyba à cidade João Pessoa: olhando para o mar e esquecendo-se do Rio Sanhauá. *In*: XXVII Simpósio Nacional de História. **Anais [...]**. Natal, 2013.

DUARTE, Waldemar. TAMBAÚ DE OUTRORA NA LÍRICA DE SEUS POETAS. *In*: AGUIAR E OCTÁVIO (org.). **Uma cidade de quatro séculos, evolução e roteiro**: uma edição. João Pessoa: Editora GRAFSET, 1985. p. 245-251.

ELALI, Gleice; PINHEIRO, José. Wayfinding. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (org.). **Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2018.

GOLDHAGEN, Sarah Williams. How Architecture Affects Your Brain: The link between Neuroscience and The Built Environment, by Martin Pedersin. **COMMONEDGE**, 2017. Disponível em: <https://commonedge.org/sarah-williams-goldhagen-on-how-the-brain-works-and-what-it-means-for-architecture/>. Acesso em: 05 jul. 2020.

GOLDHAGEN, Sarah Williams. **Welcome to your world: How the built environment shapes our lives**. Editora: HARPER, 2017.

GONZAGA, LUIZ. **Estrada de Canindé**. Letras.mus.br. 2017. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47087/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

GÜNTHER, Hartmut. *Affordance*. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

IBGE. Panorama de João Pessoa. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joao-pessoa/panorama>. Acesso em: 17 maio 2023.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LEITÃO, Deusdedith. Uma cidade revolucionária e a atual denominação. In: AGUIAR E OCTÁVIO (org.). **Uma cidade de quatro séculos, evolução e roteiro: uma edição**. João Pessoa: Editora GRAFSET, 1985. p. 144-149.

LEITÃO, Lúcia. **Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos**. Recife: Editora UFPE, 2014.

MELLO, Oswaldo de Albuquerque. De João Machado a Camilo – Os impulsos para o progresso. In: AGUIAR E OCTÁVIO (org.). **Uma cidade de quatro séculos, evolução e roteiro: uma edição**. João Pessoa: Editora GRAFSET, 1985. p. 134-136.

NASCIMENTO, Bárbara. Errâncias Sensíveis: analisando a Empatia Espacial em contextos urbanos. In: DUARTE, Cristiane; PINHEIRO, Ethel (org.). **ARQUITIVIDADES subjETURAS - metodologias para a análise sensível do lugar**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

NÓBREGA, Flávia Dantas da. **O processo de verticalização e a (re)produção da cidade: um estudo do bairro de Manaíra em João Pessoa, Paraíba**. Orientador(a): Doralice Sátyro Maia. 177 folhas. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/303>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

NUNES, Karla. **A Urbanidade do Parque Evaldo Cruz à Luz da Intervisibilidade**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2017.

OCTÁVIO, José. JOÃO PESSOA – UMA CIDADE DO PATRIARCALISMO À URBANIZAÇÃO (1946/55). In: AGUIAR E OCTÁVIO (org.). **Uma cidade de quatro séculos, evolução e roteiro: uma edição**. João Pessoa: Editora GRAFSET, 1985. p. 256-267.

OLIVEIRA, Ton. Paraíba joia rara. Letras.mus.br. 2021. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ton-oliveira/paraiba-joia-rara/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

RODRIGUES, Janete Linz. Acumulação de capital e produção do Espaço: o caso da grande João Pessoa. *In: AGUIAR E OCTÁVIO (org.). Uma cidade de quatro séculos, evolução e roteiro*. Uma edição. João Pessoa: Editora GRAFSET, 1985. p. 49-51.

SABOYA, R. **Sintaxe Espacial**. 2007. Disponível em: <https://urbanidades.arq.br/2007/09/03/sintaxe-espacial/>. Acesso em: 5 jul. 2021.

THIBAUD, Jean-Paul. Ambiência. *In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (org.). Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2018.

THIBAUD, Jean-Paul. Ambiências de passagem - figuras, condutas, medidas. *In: DUARTE, Cristiane e VILLANOVA, Roselyne. Novos olhares sobre o lugar* ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 101-127.

TINEM, Nelci; CARVALHO, Juliano; MARTINS, Carla. **Para além da dicotomia Cidade Alta/Cidade Baixa**: um estudo historiográfico da forma urbana em João Pessoa (PB). *In: XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional-ANPUR. Anais [...]*. Salvador, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **ESPAÇO E LUGAR**: A perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

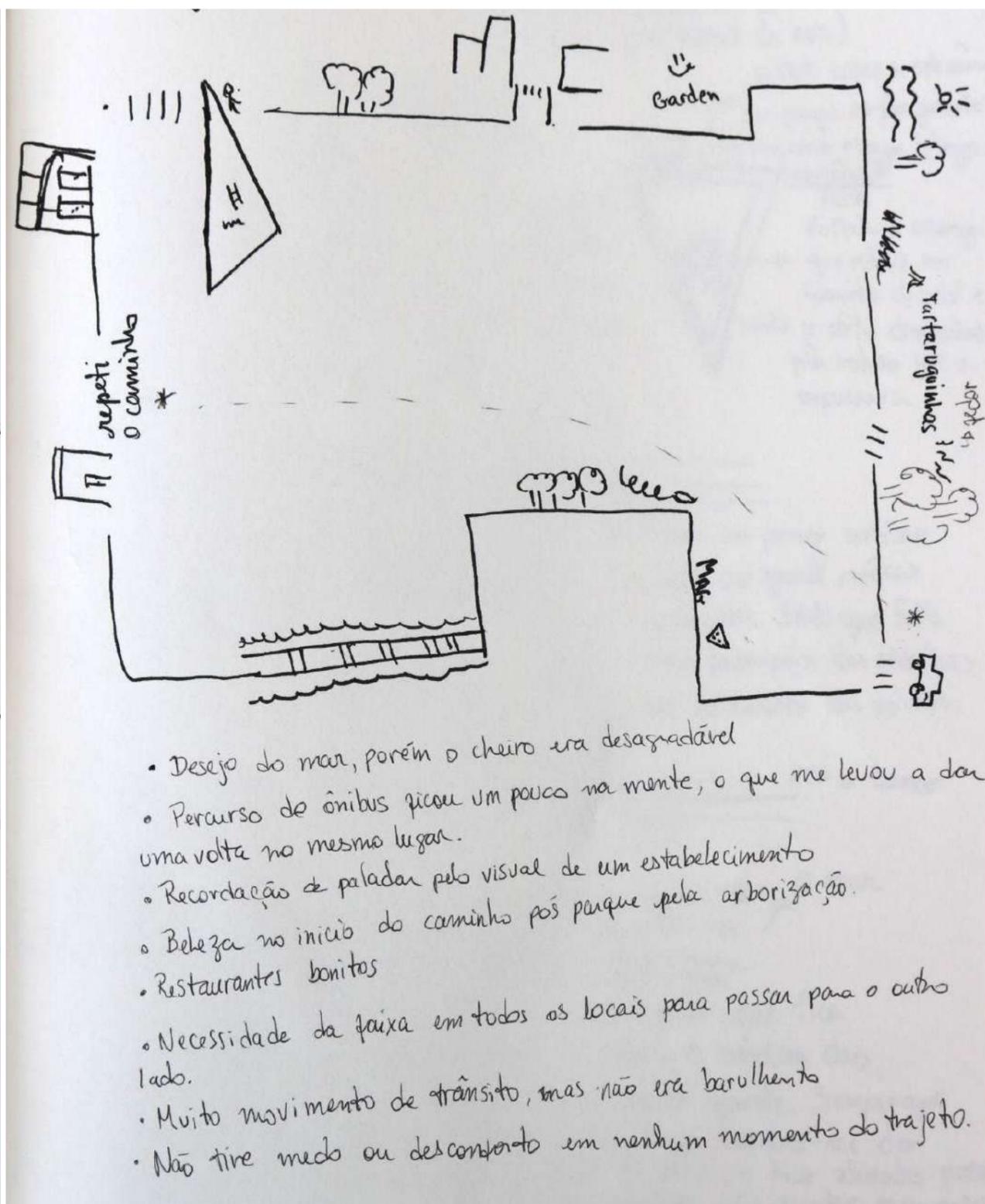
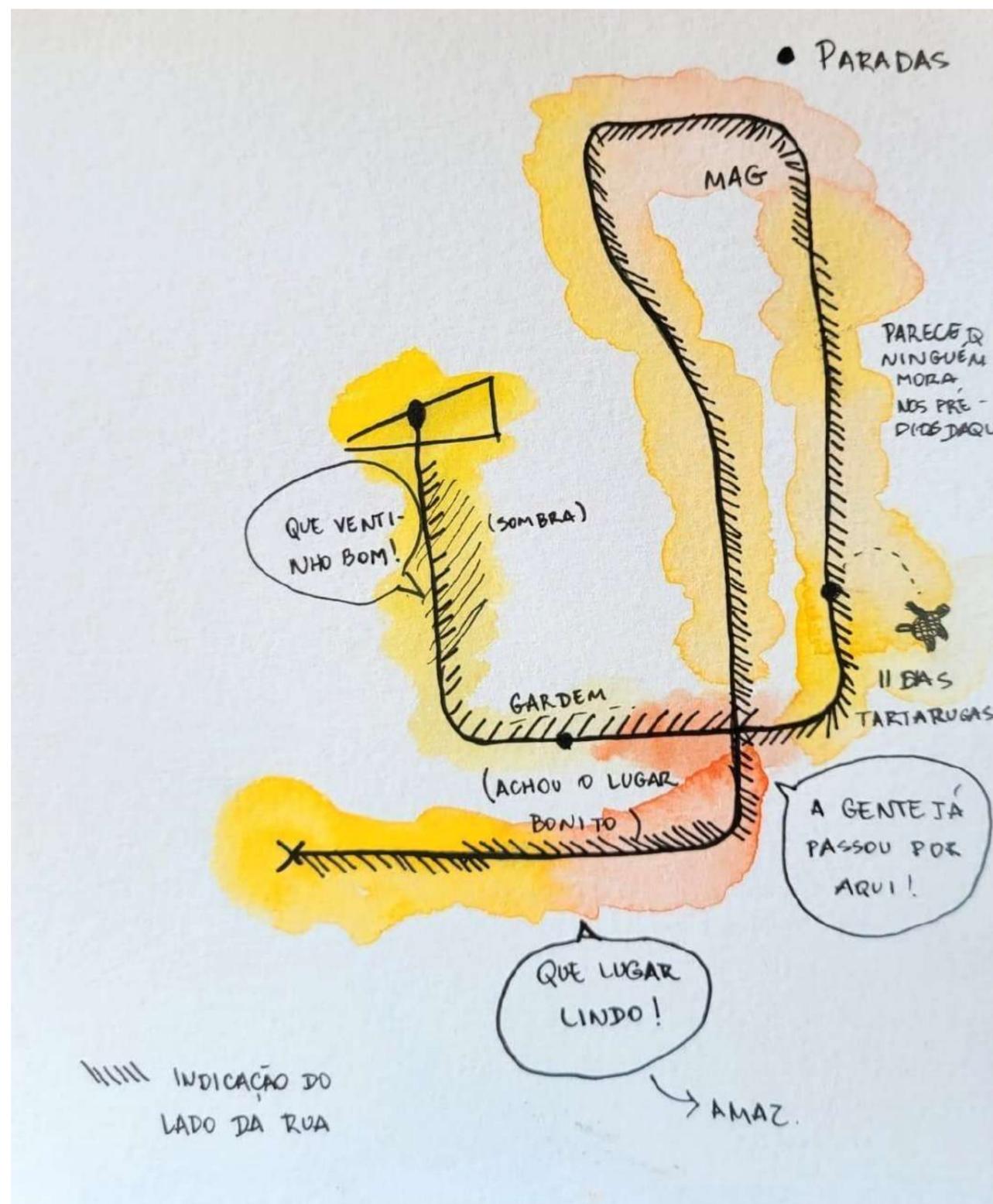
VIHANNINJOKI, Vesa. Atmospheric Affordances and the Sense of Urban Places. **Contemporary AESTHETICS**, Special Volume 8, 2020. Disponível em: [https://contempaesthetics.org/2020/07/16/atmospheric-affordances-and-the-sense-of-urban-places/#\\_ednref7](https://contempaesthetics.org/2020/07/16/atmospheric-affordances-and-the-sense-of-urban-places/#_ednref7). Acesso em: 10 de jul. 2021.

VILLAR DE AQUINO, Aécio. O século XIX e a cidade. *In: AGUIAR E OCTÁVIO (org.). Uma cidade de quatro séculos, evolução e roteiro*: uma edição. João Pessoa: Editora GRAFSET, 1985. p. 75 -76.

## APÊNDICE A - MAPAS MENTAIS

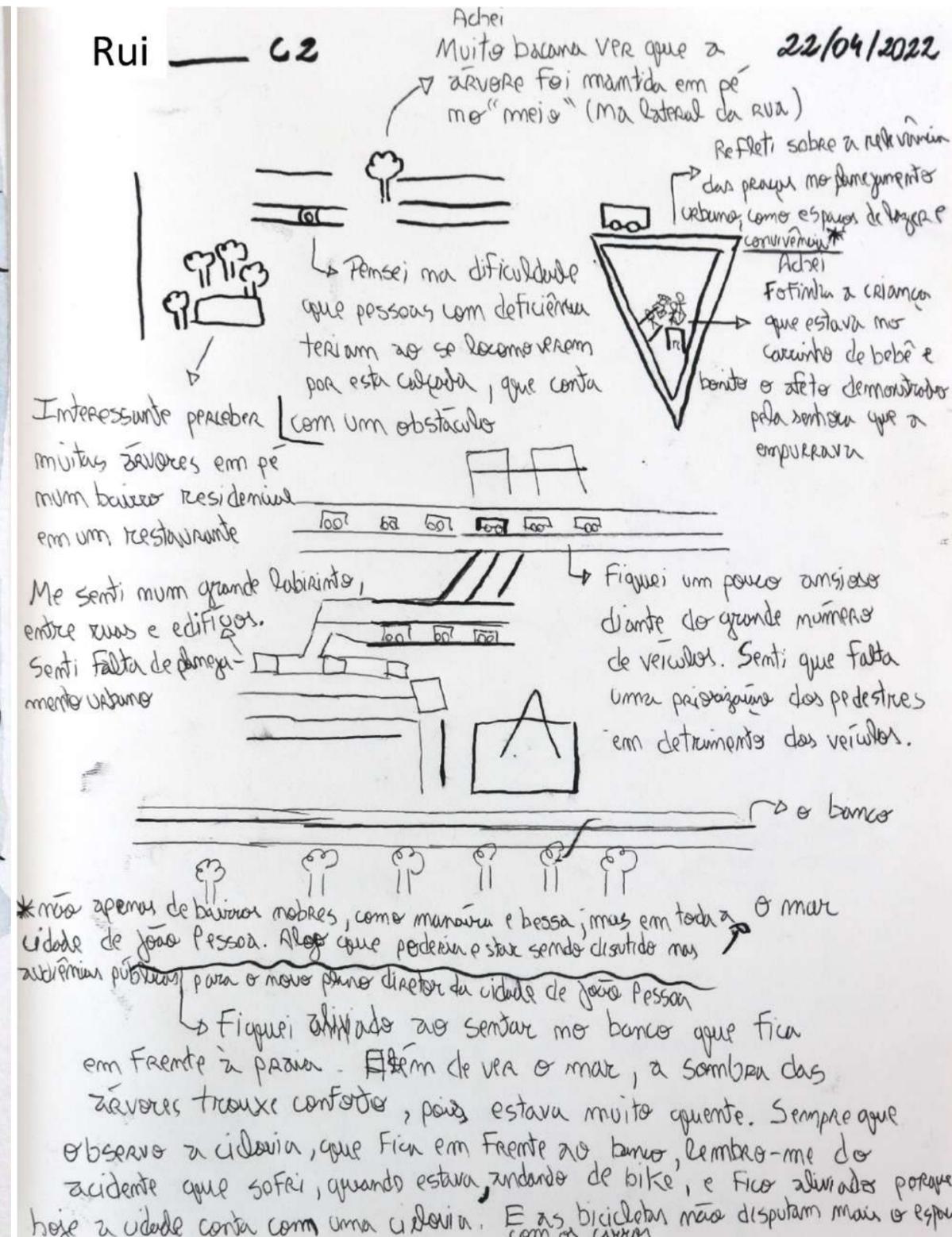
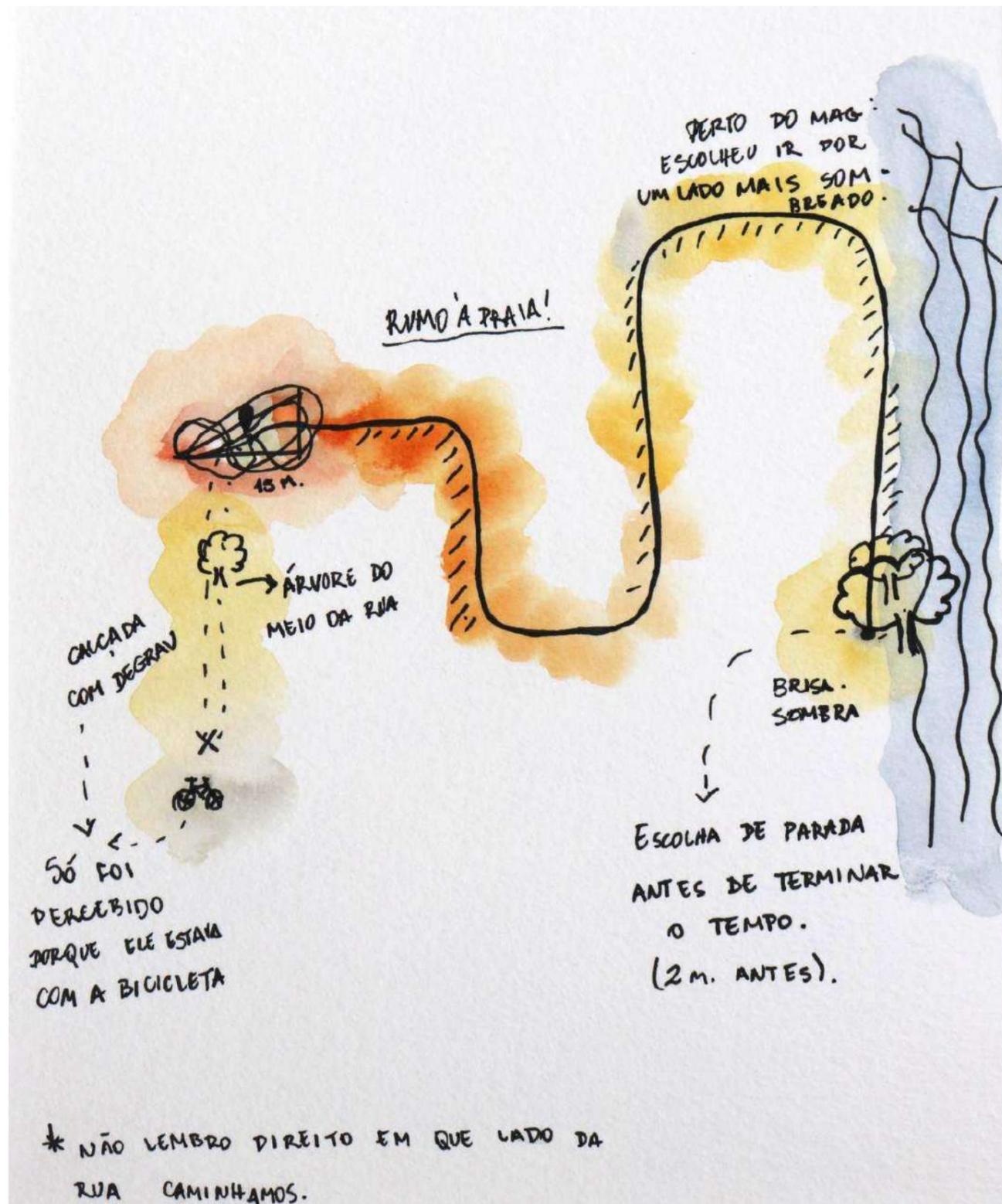
Amanda

20/04/2022 - 08:13h



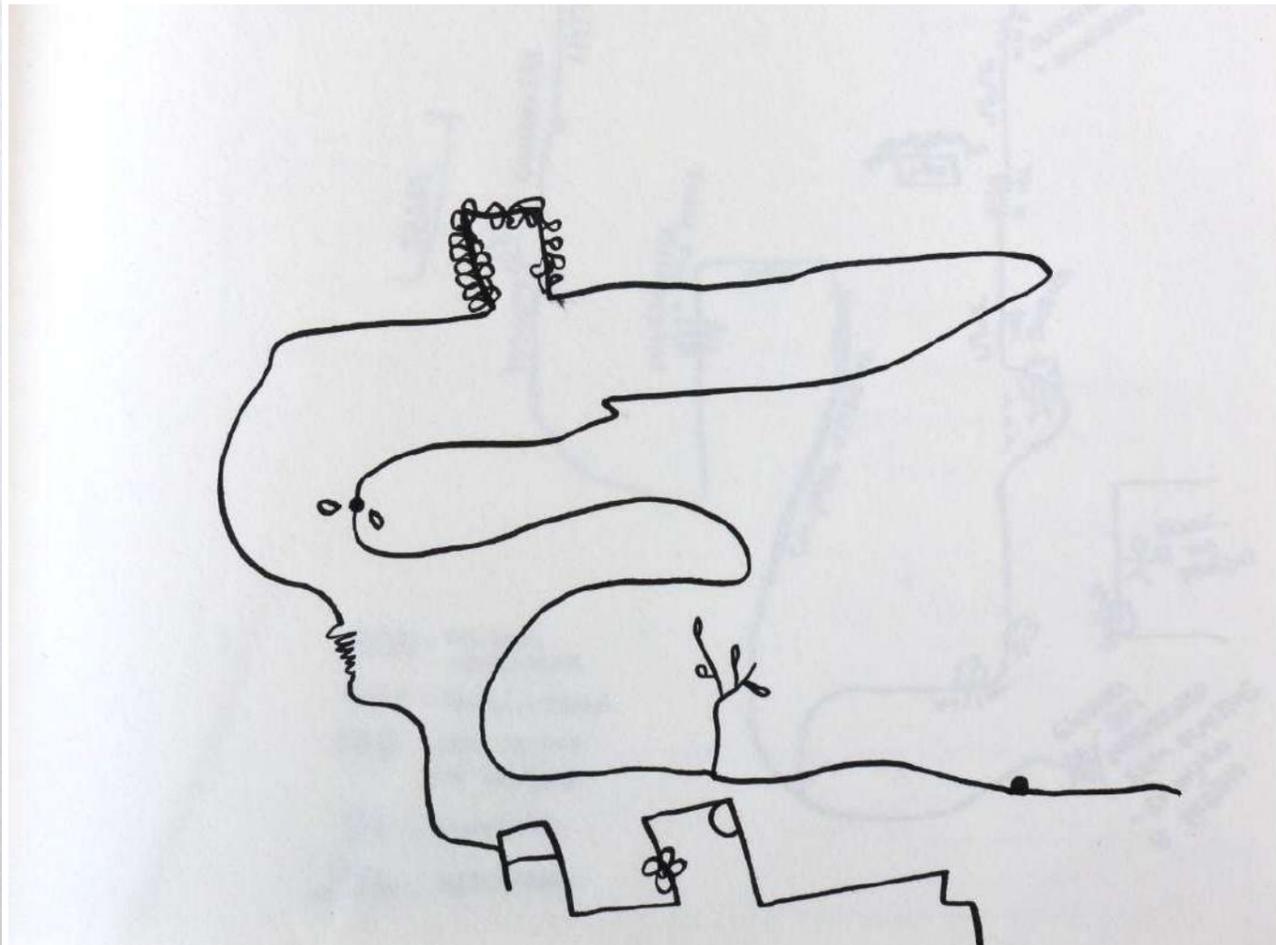
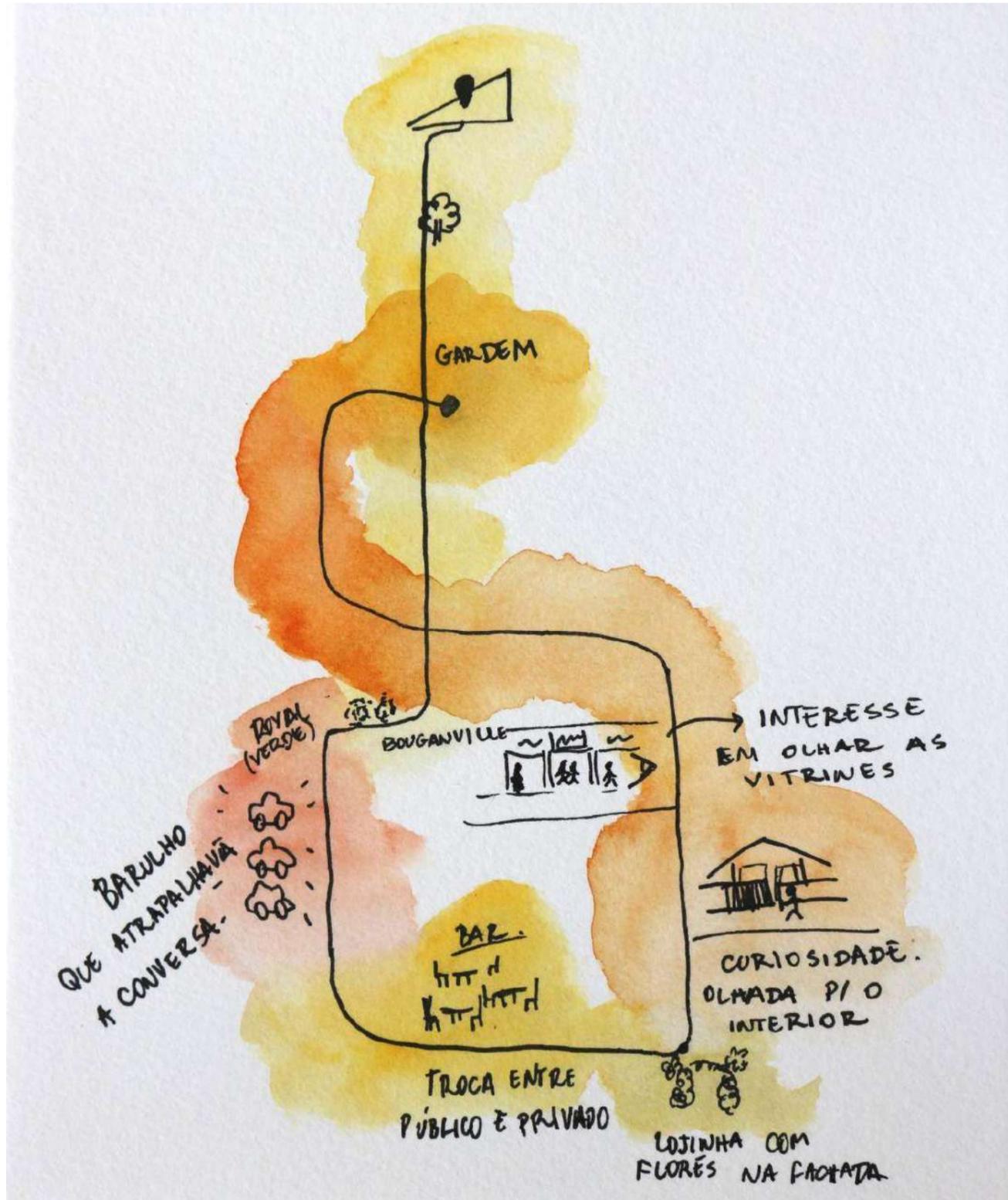
Rui

22/04/2022 - 08:20h



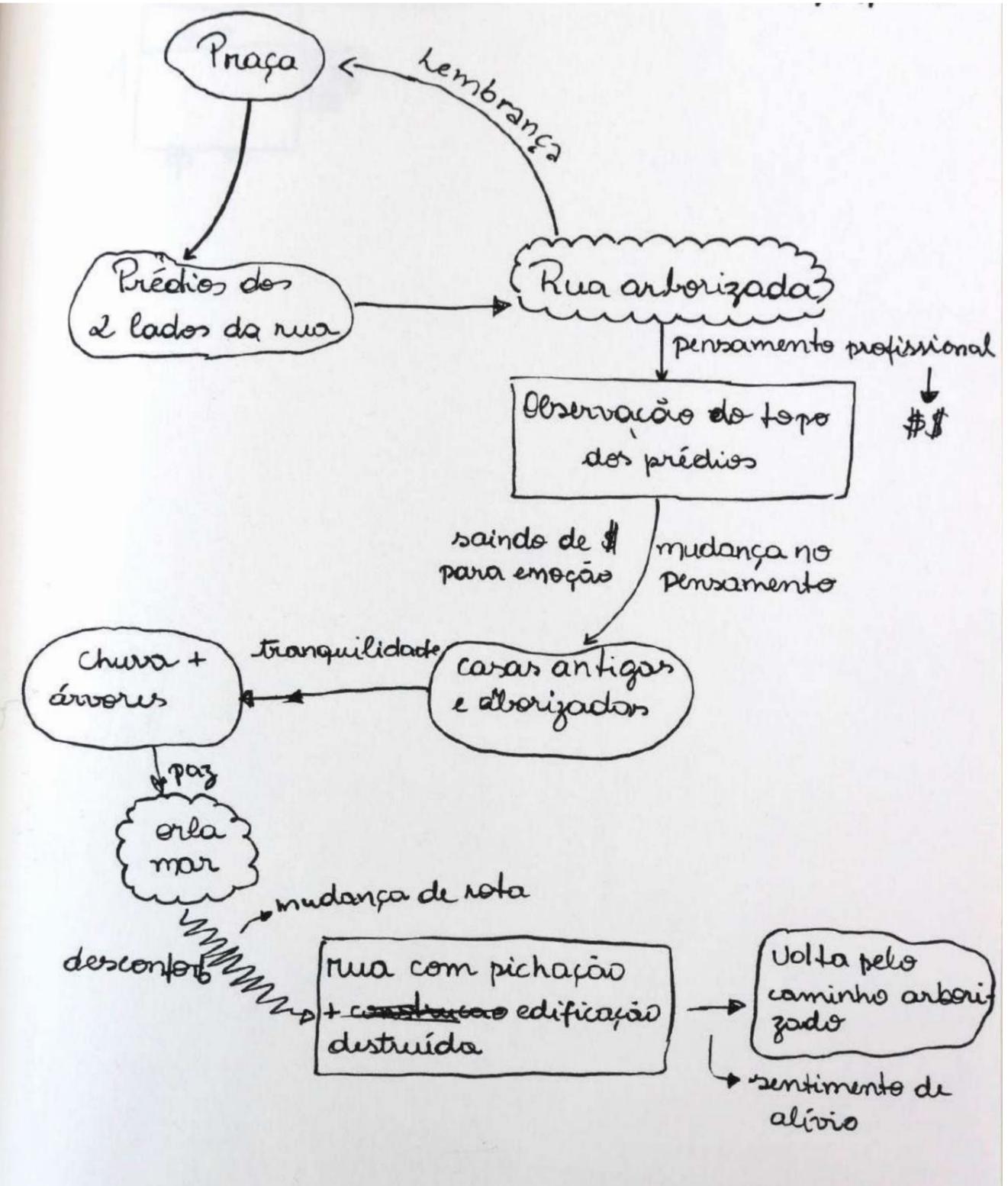
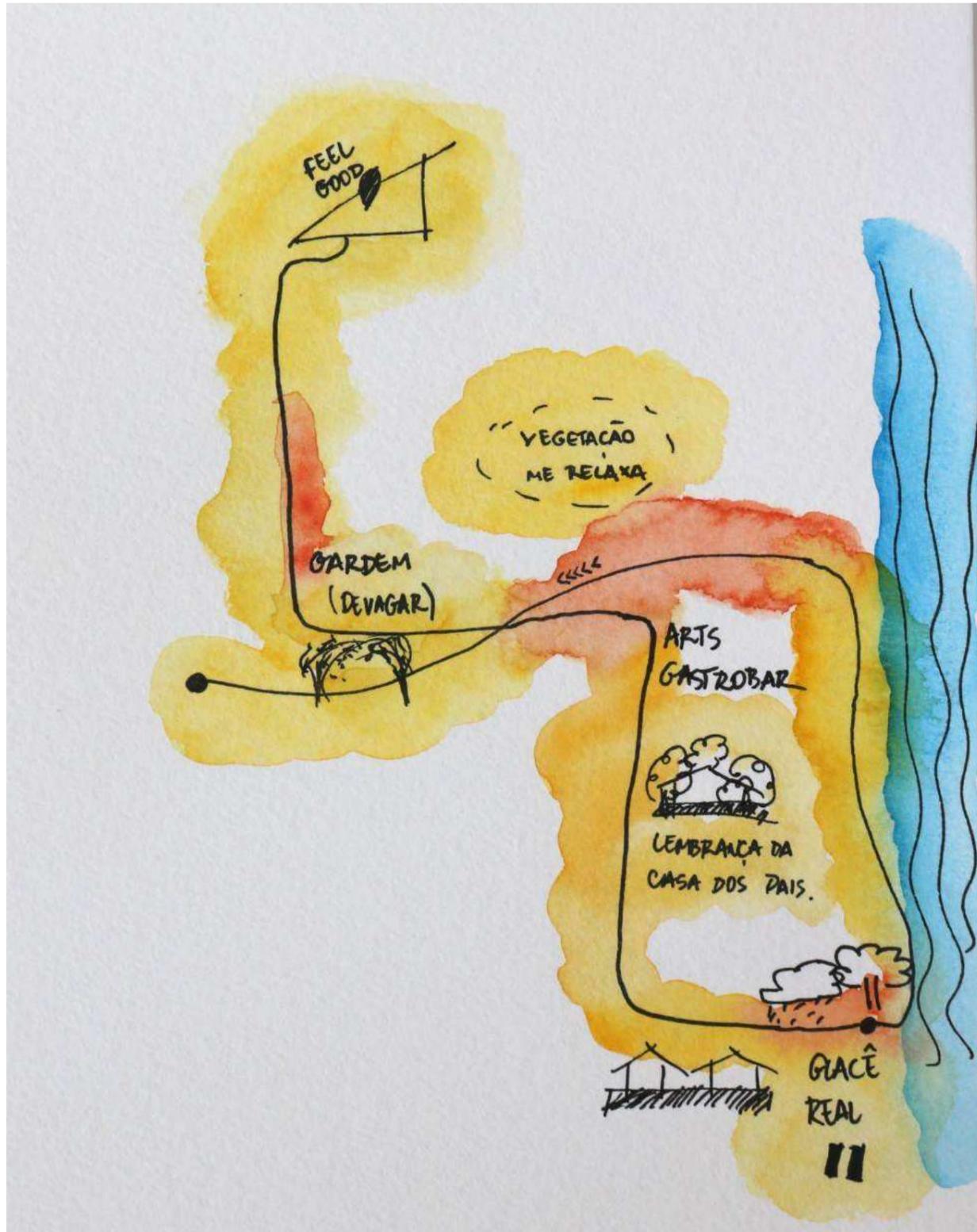
Laura

22/04/2022 - 15:30h



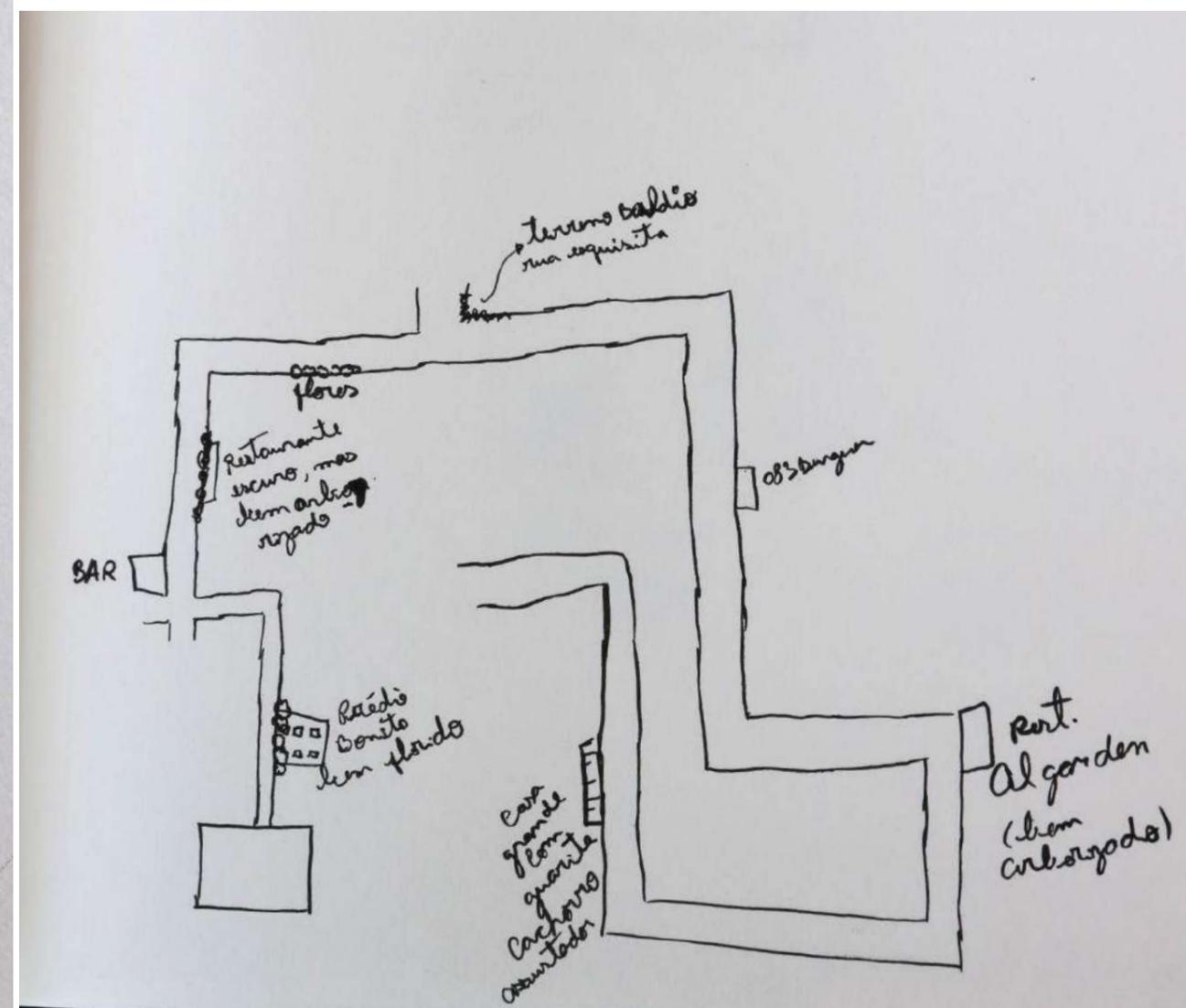
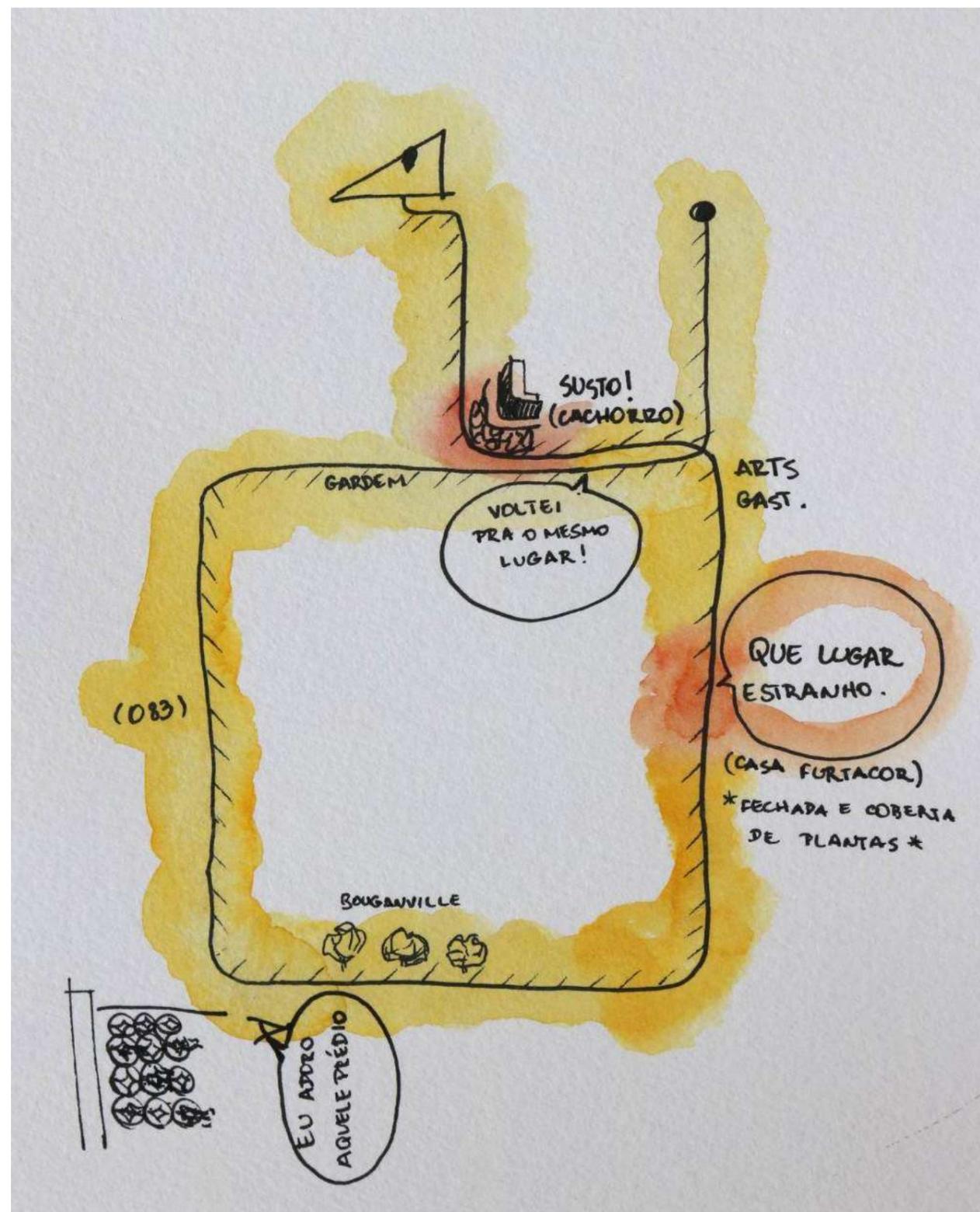
Theo

28/04/2022 - 15:25h



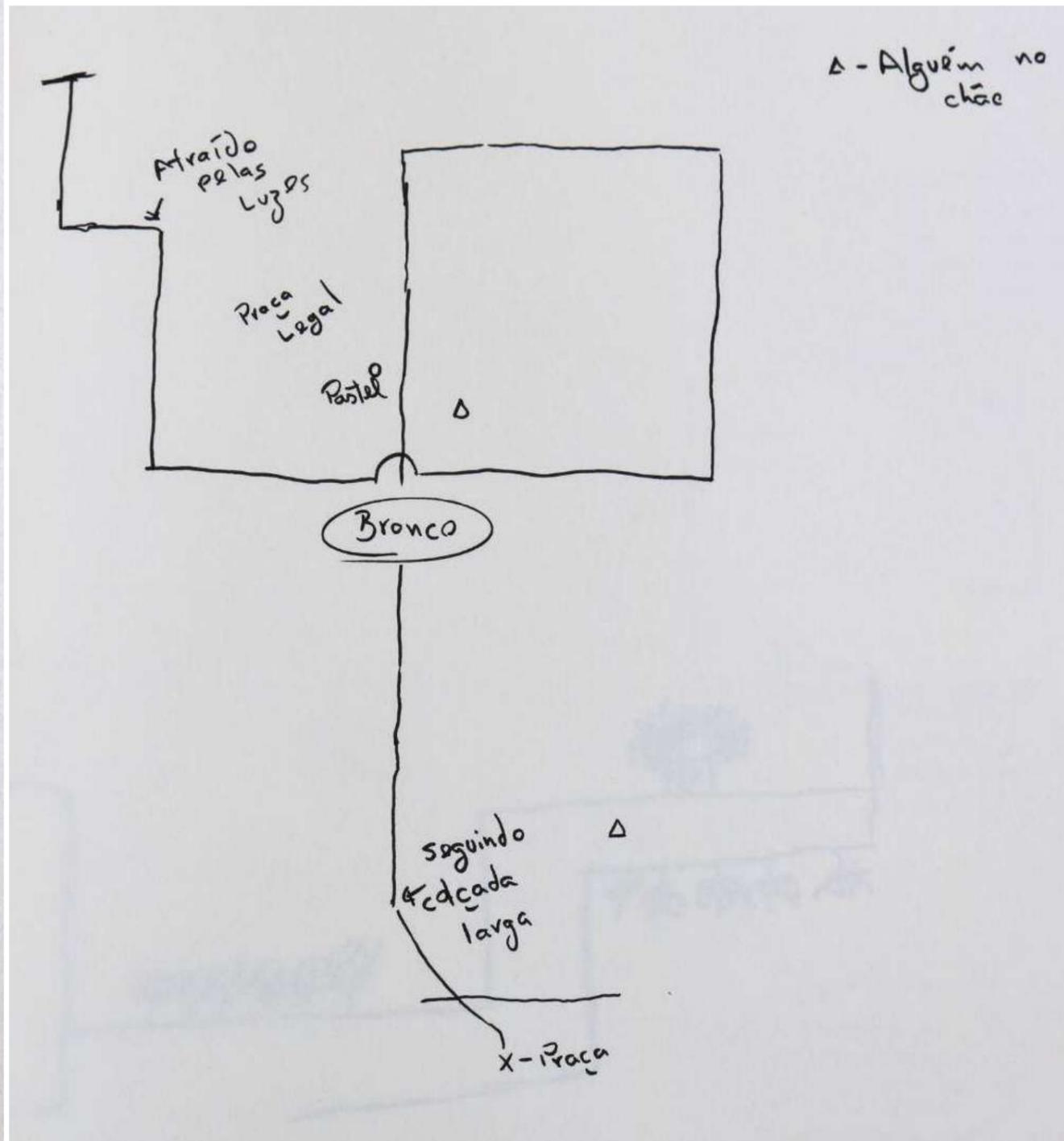
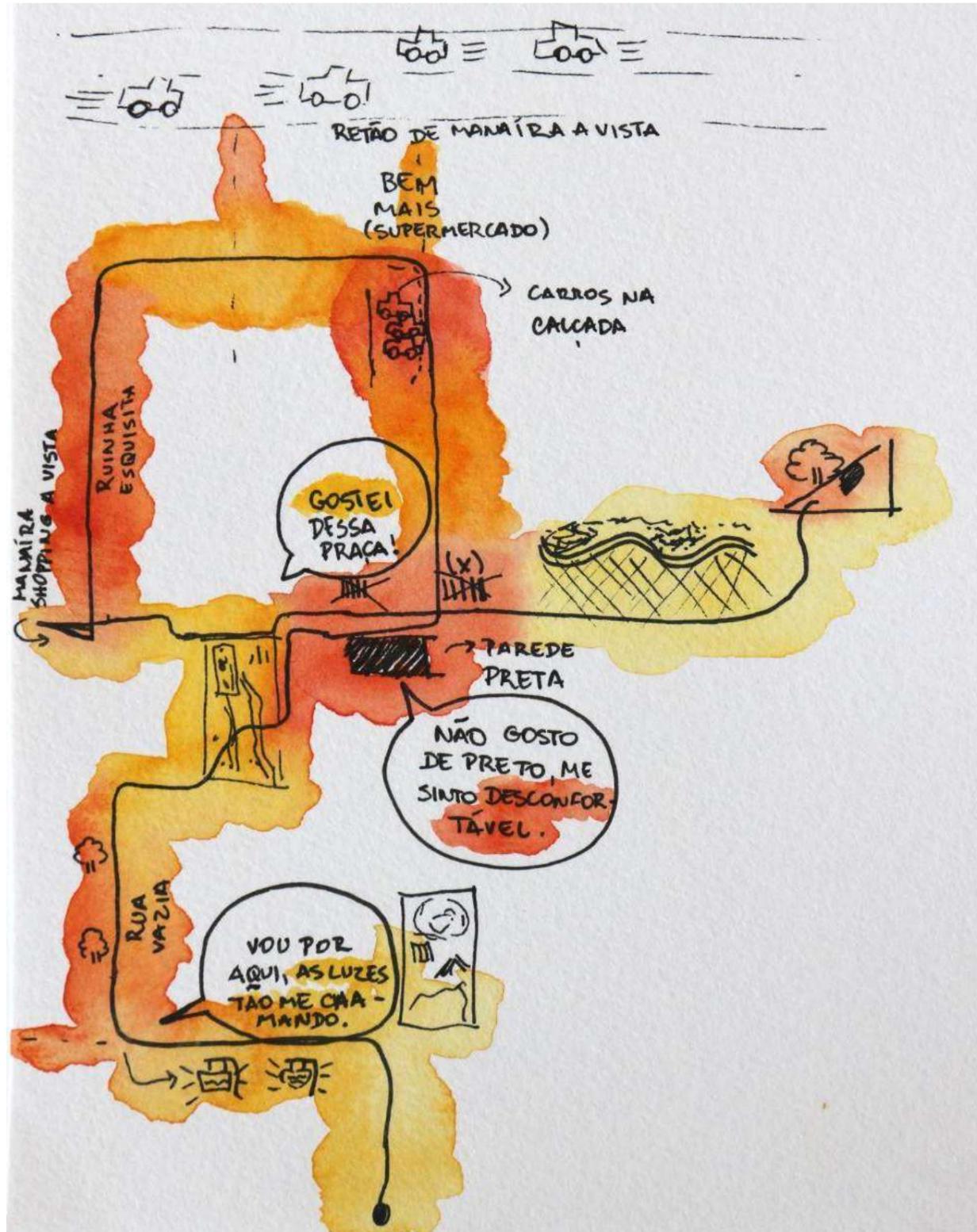
Helena

02/05/2022 - 15:35h



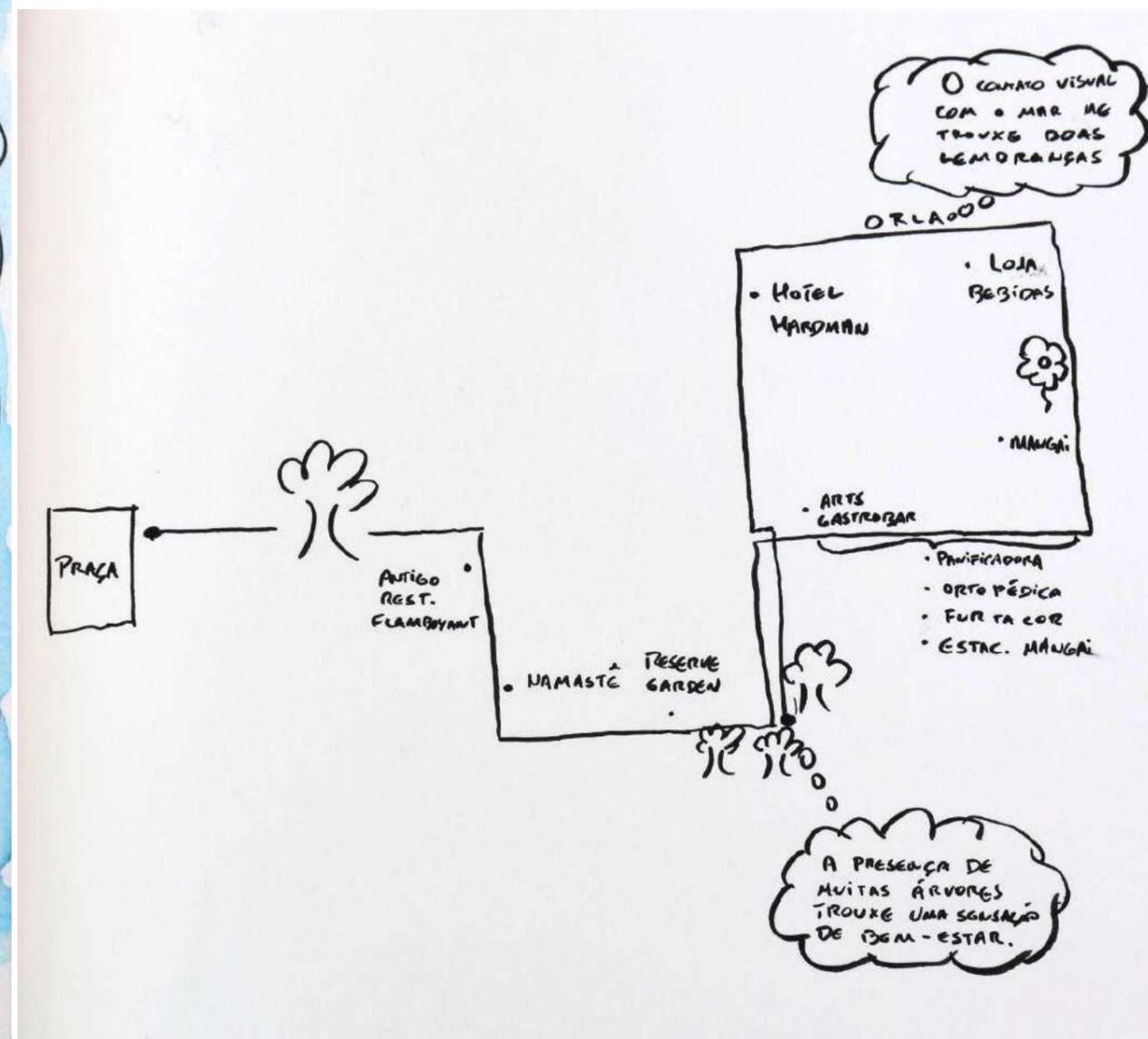
Bernardo

03/05/2022 - 16:52h



Joaquim

04/05/2022 - 15:44h



## APÊNDICE B -Tabela de sensibilidades

Voluntário(a)	É sensível à:		Locais de afetação		Resposta sensível ao ambiente		O que marcou o seu mapa	Anotações gerais sobre a experiência
	- Positivamente (+)	- Negativamente (-)	Locais onde se sentiu melhor (e/ou se sentiu atraída(o))	Locais onde se sentiu mal (e/ou se sentiu repelida(o))	Input ambiental	Output sensível		
Clara	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vegetação;</li> <li>- Arborização;</li> <li>- Sombreamento do passeio (tudo isso relacionado ao microclima que é gerado) "Ah! Tem sombra adiante, vamos!";</li> <li>- À companhia de alguém;</li> <li>- O mar;</li> <li>- Pessoas trabalhando;</li> <li>- Presença de pessoas;</li> <li>- Largura das calçadas;</li> <li>- Possibilidade de visualização do interior do lote (Interface aberta);</li> <li>- Pessoas passeando com cachorros (que acho que procuram lugares mais tranquilos pra isso);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sons (ruído/barulho) de carro;</li> <li>- Proximidade do corpo com os carros (ou proximidade do corpo com o <i>fluxo possível</i> de carros);</li> <li>- Alto fluxo de carros;</li> <li>- Confinamento do passeio (por veículos maiores);</li> <li>- Possibilidade de assédio (questão mencionada quando falou sobre a impossibilidade de visualização do ambiente ao passar por algum local confinado);</li> <li>- Exposição excessiva ao sol;</li> <li>- Carros estacionados na calçada, obstruindo ou estreitando o passeio;</li> <li>- Calçadas que aproximam o corpo do fluxo de carros;</li> <li>- Largura das calçadas (calçada estreita ou com faixa caminhável remanescente insuficiente);</li> <li>- Baixo fluxo de pessoas;</li> <li>- Ruas com usos do solo que não atraem o fluxo de pessoas (Ex: estacionamentos);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Restaurante Garden (se sentiu <i>convidada</i> pela "massa verde que se abraça". se sentiu bem e caminhou mais devagar para apreciar);</li> <li>- Nas pausas perto do mar (embaixo das árvores);</li> <li>- Na rua da casa com o muro das flores de dedal de ouro, R. Dr. Seixas Maia (mais precisamente perto dessas casas. sentiu-se <i>convidada</i> e se sentiu bem);</li> <li>- O mar. Disse que ele "também foi chamando", mas os outros pontos a atraíram e ela foi ver eles antes de ir pro mar (o que é bom, pois eles a chamaram/convidaram mais que o mar naquele momento. não sei se por conta da "oportunidade, porque o mar está sempre ali);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avenida do Meat Up, Av. Esperança (não se sentiu bem lá);</li> <li>- Rua entre os estacionamentos do Mag Shopping, R. Juvenal Mário da Silva (com os caminhões estacionados) Esta rua a <i>repeliu</i>;</li> <li>- Em determinado ponto na calçadinha da praia, mas não pelo lugar, e sim por ter dois homens sentados, e pelas pessoas serem homens. Ponto que a <i>repeliu</i>;</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Barulho de carro;</li> <li>2) Proximidade do corpo com o fluxo de carros;</li> <li>3) Fluxo elevado de carros (cias principais);</li> <li>4) Possibilidade de visualização do interior do lote (interface aberta; muro baixo);</li> <li>5) Vegetação;</li> <li>6) Calçada larga e livre, sem obstruções;</li> <li>7) ~Confinamento do passeio por veículo longo~;</li> <li>8) Presença de pessoas;</li> <li>9) Presença de pessoas do sexo masculino em grande quantidade;</li> <li>10) Companhia;</li> <li>11) Caminhada desacompanhada;</li> <li>12)Clima (Quente, com exposição ao sol demasiada);</li> </ol> <p><small>**Inputs espaciais, sociais e climáticos (que também entra no espacial, por se tratar de questões de sombreamento e insolação); *** Input circunstancial representado por: ~(...)~.</small></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1, 2 e 3) Ansiedade, vulnerabilidade, angústia, atenção elevada ("você ter que calcular o passo");</li> <li>4) Curiosidade, uma espécie de criatividade (imaginação criativa);</li> <li>5 e 6) Aconchego, calma, conforto, alívio, desaceleração, leveza;</li> <li>7) Vulnerabilidade, medo de assédio;</li> <li>8) Segurança, conforto;</li> <li>9) Desconforto;</li> <li>10) Mais tranquilidade;</li> <li>11) Automatismo mais acionado e maior atenção com os arredores;</li> <li>12) Desvio de atenção, "pilhado".</li> </ol>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensações térmicas;</li> <li>- Faixa de pedestre;</li> <li>- Flores;</li> <li>- Casas "que se deixam ver" (interface aberta);</li> <li>- Qualidade da calçada;</li> <li>- Mar/praias;</li> <li>- Pessoas passeando;</li> <li>- Cachorros;</li> <li>- Ausência de arborização;</li> <li>- Carros;</li> <li>- Barulho de carros;</li> <li>- Qualidade da calçada;</li> <li>- Insolação;</li> <li>- Sensações térmicas;</li> </ul> <p><b>** Positivamente e negativamente.</b></p> <p>Fez destaque pro restaurante Garden.</p>	<p>Ambientes calmos permitem-na pensar em outras coisas, viajar nas memórias, pensar em alguém, se demorar no lugar. Ambientes mais caóticos lhe arrastam obrigatoriamente para o presente, para o "aqui e agora", pela atenção exacerbada que ela é obrigada a ter.</p> <p>Gostou da experiência do caminhar livre.</p> <p><b>Sobre o mapa mental:</b> Lendo o mapa de Clara você quase consegue sentir o que ela sentiu durante sua experiência. Ela conta pra gente o que aconteceu. Passa por um momento de angústia, e aos poucos a experiência vai se transformando em algo leve, que pode ser lido pelas árvores, flores, brisas e casas que se mostram pra rua. É bom de ver, é bom de sentir uma experiência com tudo, positivo e negativo.</p>
Helena	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vegetação;</li> <li>- Arborização;</li> <li>- Flores;</li> <li>- Movimento de pessoas;</li> <li>- Movimento de carros (ela procura ruas onde tenha mais pessoas, apesar de não ter se sentido mal nas outras, mas não sei dizer se o alto fluxo de carros faz ela se sentir bem ou mal);</li> <li>- Presença de comércio nas ruas;</li> <li>- Fachadas com vegetação (como tratamento paisagístico e que não "fecham a edificação");</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vegetação fechando a edificação;</li> <li>- Vazios urbanos não urbanizados/utilizados (terrenos baldios);</li> <li>- Ruas com pouca interface entre o público e o privado;</li> <li>- Acesso da edificação "escuro" (o ponto citado foi uma casa com fachada muito coberta por plantas, o que deixava o ambiente escuro e um pouco difícil de visualizar o interior);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O restaurante Garden;</li> <li>- O prédio com flores na fachada (na primeira esquina do trajeto, ao lado da praça do ponto de partida);</li> <li>- As avenidas principais, Av. Esperança e Av. Gen. Edson Ramalho, pelo movimento de pessoas (ela falou das lojas, mas isso culmina no movimento de pessoas, já que ela não pretendia comprar nada);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A CasaFurtacor (achou estranho. essa foi a casa mencionada por ter muita vegetação na fachada quase que fechando tudo);</li> <li>- O terreno baldio da Av. Eutiquiano Barreto (sentiu repulsa e esse terreno a <i>repeliu</i>, impedindo que ela entrasse na rua ao lado dele);</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Arborização;</li> <li>2) Terreno baldio;</li> <li>3) Flores;</li> <li>4) Vegetação que obstrui muito a visão da edificação;</li> <li>5) Movimento de pessoas;</li> </ol> <p><small>**Inputs espaciais e sociais</small></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1) Tranquilidade;</li> <li>2) Repulsa, estranheza, abandono (do lugar);</li> <li>3) Alegria, tranquilidade, apreciação;</li> <li>4) Estranheza;</li> <li>5) Confiança, tranquilidade, conforto para acessar;</li> </ol>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Flores;</li> <li>- Arborização;</li> <li>- Edificação que se deixa ver (Bar);</li> <li>- Terreno baldio;</li> <li>- Edificação que não se deixa ver (pouca interface entre público e privado);</li> </ul> <p><b>** Positivamente e negativamente.</b></p> <p>Fez destaque pro restaurante Garden.</p>	<p>Ellem achou estranho uma casa ter uma guarita. Creio que ela tenha dito que se sentiu bem, ou atraída, pelas avenidas principais por se sentir mais segura em ruas mais movimentadas, seja por pessoas ou até mesmo carros. Acho que no fim das contas ela pode se sentir confortável em ambientes mais tranquilos e, às vezes, aconchegantes existentes no interior do bairro, mas que prefere a agitação das avenidas para garantir que tenha alguém lhe vendo.</p>
	É sensível à:		Locais de afetação		Resposta sensível ao ambiente			

Voluntário(a)	- Positivamente (+)	- Negativamente (-)	Locais onde se sentiu melhor (e/ou se sentiu atraído(o))	Locais onde se sentiu mal (e/ou se sentiu repelido(o))	Input ambiental	Output sensível	O que marcou o seu mapa	Anotações gerais sobre a experiência	
Joaquim	- Baixo movimento de carros; - Arborização; - Vegetação; - Sombreamento do passeio (feito por árvores); - O mar; - Silêncio; - Possibilidade de olhar pra dentro (interface aberta);	- Exposição ao sol; - Aparência de descuido de casas fechadas; - Barulho; - Muito movimento de carros;	- Restaurante Garden (a curva). Disse que foi surpreendido positivamente, mencionando o túnel* de árvores. - A orla (o mar); - A primeira rua, por ter sentido tranquilidade e paz (a Av. Umbuzeiro); - A rua do restaurante Flamboyant, porque ficou surpreso quando viu que chegou lá e decidiu passar pra ver como estava (R. Francisco Claudino Pereira); - A CasaFurtacor. Mencionou que nunca ia notar passando de carro (o que é verdade, aconteceu comigo e com Bernardo). Ela é muito fechada por vegetação;  *Mencionou que sentiu uma espécie de proteção quando passou pelo túnel de árvores em frente ao Garden.	- O cruzamento do Art's Gastrobar, disse que achou difícil de atravessar a rua e que ficou levemente estressado.	1) Muito movimento de carros; 2) Silêncio; 3) Arborização; 4) Possibilidade de olhar pra dentro (interface aberta); 5) A orla/o mar; 6) As árvores do Garden (o túnel);  **Inputs espaciais.	1) Desconforto, incômodo com o agito, stress, atenção aumentada. Disse que gosta de lugares mais tranquilos e que não foi tão prazeroso transitar por lugares com essa característica; 2) Tranquilidade, conforto, sentiu-se à vontade; 3) Desacelerar, sensação boa, "proteção", conforto térmico, tranquilidade; 4) Curiosidade, possibilidade de apreciação do que se vê; 5) Sensação boa, lembrança de antigas vivências; 6) Surpresa, paz;	- Arborização; - Orla/mar; - Flores; - Apontou pontos de referência.  ** Positivamente.  Fez destaque pro restaurante Garden.  Sobre o mapa mental:  As boas sensações apontadas foram todas relacionadas à elementos da natureza, como as árvores e o mar. As árvores são parte do ambiente construído, já que são plantadas por nós ou incorporadas nas partes construídas, compondo os ambientes e construindo ambiências.	Sobre o baixo movimento de carros e a tranquilidade que Joaquim mencionou: ele destacou o tipo de pavimentação (como rua "calçada"), creio que isso tenha relação com a escolha pelo baixo movimento de carros. Passam menos carros em ruas calçadas. Joaquim fugiu também de áreas muito movimentadas e mencionou a ausência de barulho como algo positivo. Gostou da experiência do caminhar livre.	
Voluntário(a)	É sensível à:		Locais de afetação		Resposta sensível ao ambiente		O que marcou o seu mapa	Anotações gerais sobre a experiência	Pensamento extra, sobre percepções minhas
	- Positivamente (+)	- Negativamente (-)	Locais onde se sentiu melhor (e/ou se sentiu atraído(o))	Locais onde se sentiu mal (e/ou se sentiu repelido(o))	Input ambiental	Output sensível			
Laura	- Flores; - Vegetação; - Arborização; - Calçadas com desenhos ("que deixam o caminhar bonito entre a forma do chão e as flores". tratamento das calçadas. Entra aqui a qualidade das calçadas); - Cores (colorido); - Presença de pessoas; - Bares (conjunto de pessoas reunidas); - "Fachadas interessantes, ou que me chamassem atenção" (creio que tenha a ver com interface aberta e que mostre algum conteúdo);  Obs: Decidir se chamo de interface aberta ou de fachada ativa.	- Obstrução da calçada (obras ou lixo); - Exposição ao sol; - Dificuldade da fluidez do trajeto, seja por dificuldade de atravessar ruas ou por obstrução da calçada;	- O restaurante Garden; - O Brechó das Margaridas, na Av. Monteiro de Franca, que tinha flores compondo a fachada (achou a fachada bonita); - O ponto das Flores, do bougainville, na Av. Eutiquiano Barreto;	- Ponto em que tinha uma obra na calçada, que interrompeu o fluxo do caminhar (na Av. Esperança); - Pontos em que estive exposta ao sol;	1) Vegetação, arborização; 2) Calçada com vegetação e desenho de piso; 3) Exposição ao sol; 4) Obstrução da calçada (obra); 5) Bares abertos para a rua; 6) Presença de pessoas (esse aqui é espacial e social, por envolver a influência da composição, uso e qualidade do espaço no número de pessoas que por ali passam, e social por simplesmente envolver pessoas e trocas, mesmo que apenas de copresença);  **Inputs espaciais.	1) Apreciação, presença, calma, encantamento, contemplação; 2) Contemplação; encantamento, presença, calma; 3) Desconforto; 4) Desconforto; 5) Sentir-se bem ao ver pessoas reunidas (gostava); 6) Pertencimento, presença, sensação de segurança;	- Vegetação; - Arborização; - Flores; - Locais conhecidos (seja online ou de outras experiências);  ** Positivamente e negativamente.  Fez destaque pro restaurante Garden.	Laura disse que seguiu os caminhos mais pelas atrações e menos por alguma rua a ter repellido. Falou que seguiu pelas "facilidade", de não atravessar ruas e tal. Apontou que gostou de descobrir os lugares, gostou também de descobrir onde ficavam lugares que ela conhecia apenas pelo instagram, que seguia mas nunca tinha visto onde eles ficavam. Tem tendência a seguir por caminhos que tenham mais movimento. Gostou da experiência do caminhar livre.	Tenho pensado muito sobre a importância de ambientes de alívio, de conforto, de descarga de tensão (que às vezes nem percebemos ter guardado), na cidade. A cidade precisa de vias de alto fluxo, e o pedestre se estressa muito estando presente nelas e estando exposto a isso, mas elas não necessariamente devem ser ambientes de altos níveis de tensão para eles. As pessoas precisam de ambientes amenos na cidade, ambientes em que a tensão do seu trajeto possa ser liberada e a energia para continuar seja renovada. Além disso, existe também a possibilidade do distanciamento entre o corpo e o fluxo de carros, com o uso de elementos posicionados entre o passeio e as avenidas, que possibilitem um caminhar mais seguro, confortável e ameno. Isso sempre acompanhado de vegetação, o que tem aparecido como um dos elementos principais capazes de trazer paz para o ato de experienciar a cidade.
	É sensível à:		Locais de afetação		Resposta sensível ao ambiente				

Voluntário(a)	- Positivamente (+)	- Negativamente (-)	Locais onde se sentiu melhor (e/ou se sentiu atraída(o))	Locais onde se sentiu mal (e/ou se sentiu repelida(o))	Input ambiental	Output sensível	O que marcou o seu mapa	Anotações gerais sobre a experiência
João	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cheiro de plantas;</li> <li>- Vegetação;</li> <li>- Arborização (principalmente arborização contínua);</li> <li>- Sons (amenos, como o do mar);</li> <li>- Sombras;</li> <li>- Temperatura/sensação térmica amena;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Calçada sem pavimentação (qualidade da calçada);</li> <li>- Exposição demasiada ao sol;</li> <li>- Ausência de árvores;</li> <li>- Alto fluxo de carros;</li> <li>- Barulho de carros</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O restaurante Garden (a curvinha. viu, gostou, foi. achou interessante e quis passar por lá. <b>convite</b>);</li> <li>- Os caminhos arborizados em geral. "um clima melhor, mais fresco, e sombra, né";</li> <li>- A calçada do Mangai, pela vegetação e pela sombra (não gostou tanto da calçada, por ser estreita - com o mínimo que se deve oferecer -, mas disse que o fato de ter sombra e vegetação o deixou mais confortável);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A calçada do lado do terreno baldio, perto do Art's Gastrobar (não foi mencionada por ele, mas a informação foi percebida pela <b>camada do corpo</b>);</li> <li>- Na travessia perto do Mangai, no cruzamento anterior (por não se sentir confortável em atravessar ruas largar apenas com a presença da faixa de pedestre. <b>camada da fala</b>);</li> <li>- A rua que levaria à praia nesse cruzamento, Av. São Gonçalo, pois não tinha nenhuma árvore e o sol vinha de frente nessa hora (<b>camada do corpo</b> e <b>camada da fala</b>);</li> <li>- A rua depois do Garden, R. Francisco Claudino Pereira, que ele disse que não ia entrar porque "a rua estava feia" (<b>camada do corpo</b> e <b>camada da fala</b>);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1) Arborização;</li> <li>2) Alto fluxo de carros;</li> <li>3) Sombras (que podem ser de árvores, de elementos construtivos ou dos próprios prédios);</li> <li>4) Calçada mal conservada;</li> <li>5) Exposição demasiada ao sol;</li> <li>6) Barulho de carros;</li> </ul> <p><b>**Inputs espaciais.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1) Tranquilidade, conforto, conforto físico, "um respirar melhor";</li> <li>2) Insegurança, Evitação;</li> <li>3) Conforto;</li> <li>4) Evitação;</li> <li>5) Desconforto, Evitação;</li> <li>6) Desconforto;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vegetação;</li> <li>- Arborização;</li> <li>- Praia (ou mar, ou orla. padronizar);</li> <li>- Carros;</li> <li>- Insolação;</li> <li>- Faixa de pedestre;</li> </ul> <p><b>** Positivamente e negativamente.</b></p> <p>Fez destaque pro restaurante Garden.</p> <p>Sobre o mapa mental: No mapa de João não dá pra perceber muito o que lhe gerou sensações boas ou ruins, mas dá pra interpretar que os lugares que mais lhe marcaram foram aqueles que ele se dedicou a detalhar mais, tais como o Garden e a Av. do Mangai, os quais (a partir do seu discurso) foram positivos e negativos, respectivamente.</p>	Destacou a diferença da experiência entre andar de carro, moto e andar a pé. Disse que nesses outros veículos dá pra perceber as diferenças em áreas mais arborizadas, mas que andando a pessoa tem mais tempo para apreciar o lugar, sentir o cheiro, andar mais devagar, perceber mesmo essa mudança no corpo. Gostou da experiência do caminhar livre.
Voluntário(a)	É sensível à:		Locais de afetação		Resposta sensível ao ambiente		O que marcou o seu mapa	Anotações gerais sobre a experiência
Voluntário(a)	- Positivamente (+)	- Negativamente (-)	Locais onde se sentiu melhor (e/ou se sentiu atraída(o))	Locais onde se sentiu mal (e/ou se sentiu repelida(o))	Input ambiental	Output sensível	O que marcou o seu mapa	Anotações gerais sobre a experiência
Theo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vegetação;</li> <li>- Arborização;</li> <li>- Casas antigas arborizadas (vestígio de uma Manaíra mais horizontalizada);</li> <li>- Sensação térmica amena alterada/gerada pelas árvores (microclima ameno);</li> <li>- A chuva;</li> <li>- Barulho da chuva;</li> <li>- O mar;</li> <li>- A orla;</li> <li>- Presença de pessoas trabalhando;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vegetação obstruindo a calçada (ou obstruções da calçada em geral);</li> <li>- Pichações;</li> <li>- Muitos prédios;</li> <li>- Edificação destruída;</li> <li>- Lixo na rua;</li> <li>- Pessoa sozinha em ambiente desconfortável;</li> <li>- Confinamento do passeio por veículos maiores;</li> <li>- Construções pela metade;</li> <li>- Barulho de carros (o desligou de pensamentos mais tranquilos e desprendidos do espaço e o trouxe para o agora, para aquele lugar);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Se sentiu bem na praça onde iniciamos (Praça Robson Duarte Spinola);</li> <li>- O túnel de árvores em frente ao restaurante Garden como algo que o remeteu à praça e a como ele tinha se sentido lá (conforto ambiental e contemplação da beleza do lugar);</li> <li>- A orla (Olhando pro mar teve uma noção de coletividade, de não estar sozinho, por imaginar o que se tem além dali);</li> <li>- Na casa antiga arborizada, da Av. Guarabira;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A esquina da casa azul destruída e pichada (rua do Garden, esquina com a avenida da orla);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1) Vegetação;</li> <li>2) Arborização;</li> <li>3) Muitos prédios;</li> <li>4) Casas antigas e arborizadas;</li> <li>5) O mar;</li> <li>6) Edificações destruídas;</li> <li>7) Pichações;</li> <li>8) ~Confinamento do passeio por veículos maiores~;</li> <li>9) ~Pessoa sozinha em ambiente desconfortável~;</li> <li>10) Chuva;</li> </ul> <p><b>**Inputs espaciais, sociais e climáticos</b> (que também entra no espacial, por se tratar de questões de sombreamento e insolação);</p> <p><b>*** Input circunstancial</b> representado por: ~(...)~.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1) Tranquilidade e paz ("vegetação me relaxa");</li> <li>2) Tranquilidade, paz, aconchego, sensação de estar à vontade;</li> <li>3) Sensação de confinamento, de estar preso (por não conseguir ver as partes mais altas. mais do céu);</li> <li>4) Nostalgia (talvez), lembrança do passado, tranquilidade ("volta no tempo");</li> <li>5) Expansão dos pensamentos, paz;</li> <li>6) Desconforto, ansiedade, não compatibilidade com o ambiente da praia (ao lado);</li> <li>7) Desconforto;</li> <li>8) ~Desconforto, vulnerabilidade, atenção aumentada~;</li> <li>9) ~Medo, ansiedade, sensação de insegurança~;</li> <li>10) Realçador de emoções positivas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Arborização;</li> <li>- Casas "que se deixam ver" (interface aberta);</li> <li>- Clima ameno;</li> <li>- Mar/orla;</li> <li>- Prédios;</li> <li>- Pichações;</li> <li>- Edificação abandonada (que ele chamou de destruída);</li> </ul> <p><b>** Positivamente e negativamente.</b></p>	"Quando a gente chegou na orla, já tava encaminhado por esses sentimentos anteriores" >> Ou seja, ambientes acolhedores podem potencializar experiências positivas que possam vir a acontecer na sequência, após a vivência de tais ambientes :).
Voluntário(a)	É sensível à:		Locais de afetação		Resposta sensível ao ambiente		O que marcou o seu mapa	Anotações gerais sobre a experiência
Voluntário(a)	- Positivamente (+)	- Negativamente (-)	Locais onde se sentiu melhor (e/ou se sentiu atraída(o))	Locais onde se sentiu mal (e/ou se sentiu repelida(o))	Input ambiental	Output sensível	O que marcou o seu mapa	Anotações gerais sobre a experiência

Amanda	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sombra;</li> <li>- Vegetação;</li> <li>- Arborização;</li> <li>- Possibilidade de olhar pra dentro (interface aberta);</li> <li>- Presença de faixa de pedestre;</li> <li>- O mar (Sua beleza. mas disse que essa beleza perde um pouco o valor pra ela por conta do cheiro que lhe gerou desconforto);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mau cheiro vindo do mar (ao caminhar na orla);</li> <li>- Alto fluxo de carros;</li> <li>- Calçada com pedras soltando (calçada quebrada);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A primeira rua, Av. Pombal (a da árvore no meio da rua);</li> <li>- O restaurante Garden (e a rua dele. disse que ficou com vontade de visitar);</li> <li>- A parte por trás do Mag Shopping, trecho da rua Dr. Seixas Maia (pelas pessoas vivendo o lugar, pela vida e a impressão de pouco fluxo de carros);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A orla (achou ela feia e destacou pedras soltando na calçada. lembro que ela comentou que não gostou de umas edificações abandonadas, ou em obra. além de não ter gostado, principalmente, do cheiro);</li> </ul> <p>(ela não se sentiu vulnerável em lugar nenhum)</p>	<p>1) Possibilidade de olhar pra dentro (restaurantes. interface aberta)</p> <p>2) Arborização;</p> <p>3) ~Cheiro desagradável do mar~;</p> <p>**Inputs espaciais;</p> <p>*** Input circunstancial representado por: ~(...)-.</p>	<p>1) Curiosidade, interesse em conhecer;</p> <p>2) Alívio, liberdade do "não pensar", presença (aproveitar o momento), paz*;</p> <p>3) ~Repulsa (vontade de passar logo), desconforto, incômodo (incomodada com a incompatibilidade entre cheiro e imagem (do mar)~;</p> <p>*a paz era o convite, o chamado &gt;&gt; Porque a pessoa começa a experienciar um lugar antes mesmo de entrar nele. Temos impressões e a partir disso é que decidimos experienciar um lugar com todo o corpo ou não. (IMPORTANTE).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vegetação</li> <li>- Arborização;</li> <li>- Faixa de pedestre;</li> <li>- Carros;</li> <li>- Cheiro ruim;</li> <li>- Sol;</li> </ul> <p>** Positivamente e negativamente.</p>	<p>Gostou de conhecer uma nova parte da cidade e meio que fez uma lista de lugares para conhecer/visitar. Disse que seu trajeto foi gerado por atrações, não por repulsas ("na verdade me atraía ir para o outro lado, porque tinha mais sombra"). Ressaltou que o caminho ali na Av. Pombal até o Garden é meio acidentado, mas que é bem agradável (o ambiente, ou a ambiência). Falou que foi mais interessante andar por dentro do bairro do que na própria orla, e achou o bairro bem servido de faixas de pedestre (essa parte mais a leste é mais bem servida que a oeste). Gostou da experiência do caminhar livre.</p>	
Voluntário(a)	É sensível à:		Locais de afetação		Resposta sensível ao ambiente		O que marcou o seu mapa	Anotações gerais sobre a experiência	Pensamento extra, sobre percepções minhas
	- Positivamente (+)	- Negativamente (-)	Locais onde se sentiu melhor (e/ou se sentiu atraída(o))	Locais onde se sentiu mal (e/ou se sentiu repelida(o))	Input ambiental	Output sensível			
Bernardo	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Largura da calçada;</li> <li>- Qualidade da calçada;</li> <li>- Vegetação na calçada (no sentido de tratamento paisagístico);</li> <li>- Arborização;</li> <li>- Iluminação (no fim da tarde);</li> <li>- Flores;</li> <li>- Presença de pessoas;</li> <li>- Pessoas passeando com cachorro, com crianças (ou com roupa de caminhada; ou velinhos);</li> </ul> <p>Atraído pelo movimento de pessoas nas ruas: "Eu seguia também pessoas nas ruas, assim, se fosse uma rua que num lado tinha gente caminhando e no outro não tinha ninguém, aí eu ia no que tinha gente caminhando".</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pessoas em situação de rua;</li> <li>- Largura da calçada;</li> <li>- Inclinação acentuada na calçada;</li> <li>- Estreitamento do passeio (por vegetação, por exemplo);</li> <li>- Cores escuras em fachadas (na verdade foi falado sobre o preto na parede);</li> <li>- Árvores no nível do olhar, que obstruem a visão da rua;</li> <li>- Calçada quebrada (qualidade da calçada);</li> <li>- Rua escura (no fim da tarde);</li> <li>- Monotonia (ruas muito iguais);</li> <li>- Calçada "crua" (aquelas com o mínimo que se tem que oferecer. pavimentação e mais nada);</li> <li>- Muito movimento de carros;</li> <li>- Carros estacionados na calçada;</li> <li>- Pessoas ouvindo música muito alta;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os trechos do início, da calçada larga;</li> <li>- Na praça (não a do início, ao que ele passou depois, ao longo do trajeto. esse foi o lugar que o fez se sentir melhor, de longe o que mais o afetou positivamente);</li> </ul> <p>O que o fez sentir-se bem na praça: "O da praça é a vida que tem na praça, as pessoas caminhando, os lanchinhos lá que tem, as crianças brincando".</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rua com arborização que atrapalha a visão (que obstrui a visão da rua);</li> <li>"Teve um que era... que tinha muita vegetação, que cobria a rua e ficou muito escuro".</li> <li>- Rua com calçada muito inclinada (o que acaba causando dor no pé";</li> <li>- A praça inicial, por não ter ninguém (não gostou muito. e também: "que eu fui por um caminho e desisti, por causa do morador de rua na calçada");</li> </ul>	<p>1) Calçada larga;</p> <p>2) Arborização;</p> <p>3) Inclinação da calçada;</p> <p>4) Árvore obstruindo a visão;</p> <p>5) Muito movimento de carros;</p> <p>6) Carros na calçada (atrapalhando a passagem);</p> <p>7) Pessoas passeando;</p> <p>**Inputs espaciais e sociais;</p>	<p>1) "bom de passar", sentir-se bem, conforto, sentir-se à vontade;</p> <p>2) Desacelerar, poder "ser lento", não urgência, tranquilidade;</p> <p>3) Desconforto, leve repulsa, Evitação, dor física;</p> <p>4) Evitação, sensação de não liberdade, desconforto por perder a visão do céu (uma espécie de claustrofobia);</p> <p>5) Evitação;</p> <p>6) Desconforto, Evitação;</p> <p>7) Conforto, atração;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Praça;</li> <li>- Qualidade da calçada;</li> <li>- Pastel (lanchonete móvel);</li> <li>- Iluminação pública (fim de tarde);</li> <li>- Pessoas em situação de rua;</li> <li>- Deu destaque para o que esqueceu (Branco);</li> </ul> <p>** Positivamente e negativamente.</p>	<p>Sobre o que o atraía: "Se fosse pra fazer um geral, seria uma combinação da calçada, que foi o ponto de partida, de pra onde eu fui interessado em caminhar, que é a calçada, a vegetação e, à medida que foi escurecendo, a iluminação".</p>	<p>Quando as tipologias edilícias são principalmente daquelas que distanciam o pedestre daquele que está dentro, a maneira que a rua acolhe o corpo atua como atenuante das sensações ruins que podem ser experienciadas ali.</p> <p>Sobre a evolução do pensamento ao longo da pesquisa: No início eu pensava que ia ser só sobre a influência do ambiente construído sobre o que sentimos, depois percebi que vai além do físico, entram os cheiros, as pessoas, os sons, os microclimas. Tudo isso é construído pelo físico, mas não é necessariamente só ele.</p>
Voluntário(a)	É sensível à:		Locais de afetação		Resposta sensível ao ambiente		O que marcou o seu mapa	Anotações gerais sobre a experiência	
	- Positivamente (+)	- Negativamente (-)	Locais onde se sentiu melhor (e/ou se sentiu atraída(o))	Locais onde se sentiu mal (e/ou se sentiu repelida(o))	Input ambiental	Output sensível			

Rui	- Pessoas passeando (pessoas com criança); - Arborização; - Presença de pessoas; - Sombreamento; - O mar;	- Obstáculo na calçada; - Qualidade da calçada; - Alto fluxo de carros; - Pouca priorização do pedestre; - Calor;	- O restaurante Garden; - A praça inicial; - A calçadinha da praia (a orla);	- Calçada ao lado do Garden (obstáculos); - Travessia da rua (A Av. Guarabira ou a Edson Ramalho. acho que foi a Guarabira); - A rua atrás do Mag, pro lado direito, o repeliu, por ele ver que o caminho era mais longo;	1) Alto fluxo de carros; 2) Arborização; 3) Presença de pessoas;  **Inputs espaciais;	1) Ansiedade, insegurança, despriorização; 2) Conforto, alívio; 3) Conforto;	- Arborização; - Pessoas passeando; - Sensações térmicas; - Qualidade das calçadas; - Carros;  ** Positivamente e negativamente.  Fez destaque pro restaurante Garden.	Mencionou a árvore "do meio da rua" como um símbolo de resistência/persistência. Mencionou o Garden como um oásis no meio da cidade. Disse que não faria a caminhada sozinho kkkk; Lembro que Rui pouco andou, e o pouco que andou já o fez se sentir dentro de uma espécie de labirinto. Lembro que perto do estacionamento do Mag ele escolheu ir pela rua entre os estacionamentos porque ela estava mais perto e oferecia um caminho mais curto para o mar que a outra.	
Voluntário(a)	É sensível à:		Locais de afetação		Resposta sensível ao ambiente		O que marcou o seu mapa	Anotações gerais sobre a experiência	Pensamento extra, sobre percepções minhas
	- Positivamente (+)	- Negativamente (-)	Locais onde se sentiu melhor (e/ou se sentiu atraída(o))	Locais onde se sentiu mal (e/ou se sentiu repelida(o))	Input ambiental	Output sensível			
Yuna	- Arborização; - Vegetação; - Presença de pessoas; - Pessoas trabalhando; - Qualidade da calçada; - Flores; - Largura da calçada; - Limpeza;	- Irregularidade na calçada; - Qualidade das calçadas; - Obstrução da calçada; - Sujeira nas ruas (de vegetação ou de lixo em geral); - Edificações fechadas; - Paredes longas; - Pichações; - Tapumes; - Construções; - Poluição visual (propagandas nos tapumes); - Calçadas "cruas"; - Mau cheiro (cheiro de sujeira); - Estreitamento do passeio (ex. citado: parada de ônibus ocupando a calçada); - Largura da calçada;	- "onde tivesse planta"; - Na primeira esquina, perto da praça ("a fachada do prédio tinha muitas plantas"); - Em frente e ao redor do Mag Shopping ("tinha muita planta e tinha a questão da praia, e também a calçadatava mais nivelada"); - Na esquina que dobramos na orla, pela praia;	- Na esquina depois da "árvore do meio da rua", por ter uma pessoa em situação de rua; - Calçadas que tinham sujeira e/ou bloqueios que nos obrigavam a andar pela rua (Calçada do Garden); - Locais com tapumes, construções e pichações; - Esquina com muitas motos estacionadas por trás do Mag Shopping;  Ruas que repeliram: "Ruas que não passavam pessoas, que não tinha prédio que tivesse alguém perto da rua (porteiro, por exemplo) e que não tivesse planta". Essas ruas não tinham nada que a convidasse.	1) Arborização e/ou vegetação; 2) ~Sujeira~; 3) Pessoas em situação de rua; 4) Obstrução da calçada; 5) Pichação; 6) Obras/construções; 7) Mau cheiro; 8) Muitas pessoas na calçada (parada de ônibus); 9) Presença/fluxo de pessoas; 10) ~Limpeza/vegetação bem cuidada~;  **Inputs espaciais e sociais; *** Input circunstancial representado por: ~(...)-.	1) Paz, conforto, contemplação, calma; 2) Desconforto, incômodo; 3) Incômodo, medo (assustada); 4) Incômodo, Evitação; 5) Insegurança, desconforto; 6) Insegurança; 7) Desconforto; 8) Atenção aumentada, preocupação, ansiedade; 9) Conforto, segurança; 10) ~Conforto, relaxamento, felicidade, "estar à vontade"~;	- Vegetação; - Arborização; - Praia/mar; - Pessoa trabalhando; - Qualidade da calçada; - Tapumes; - Pichações; - Construção; - Pessoa em situação de rua; - Sujeira; - Rua esquisita/baixo movimento;  ** Positivamente e negativamente.	Sujeira na calçada, pichações, tapumes e construções aparecem como coisas que incomodaram Yuna, mas, pela intensidade colocada nas tremulações em seu mapa, nada disso chega a incomodar mais do que a ausência de pessoas e a baixa possibilidade de presença delas. Os dois lugares com as tremulações mais intensas eram lugares com pouca possibilidade de encontro. Um era atrás do Mag, logo perto dos estacionamentos, que eu também tive a sensação de solidão lá, e o outro era uma rua sem amenidades, sem movimento e apenas prédios (isso contradiz um pouco a fala dela sobre os porteiros dos prédios residenciais, mas a ausência de movimento na rua parece ter incomodado mais que outras coisas.  A árvore do meio da rua chamou sua atenção, ela deu uma risada quando falou dela, como se fosse uma surpresa inusitada.	A fala de Yuna sobre o incômodo dela com relação à sujeira e à qualidade da calçada ao lado do Garden indica um incômodo tão grande que fez ela esquecer completamente das árvores que tem nessa rua, que é uma das mais frescas e arborizadas do trajeto/da área.  A calçada que a gente passou não foi a que tinha o tapume da obra tomando parte dela, mas na fala dela ela fala como se tivesse sido; ou seja, só a percepção dessa tal calçada do outro lado da rua foi o suficiente pra gerar desconforto, apenas por imaginar como é passar por ali, ou pensar em outras pessoas passando.  Sobre o movimento de pessoas e ausência de construções: Interessante ver como alguns confortos e desconfortos são capazes de nos fazer passar por cima de outras coisas, sejam elas boas ou ruins. Aqui foi o bom deixando o ruim em segundo plano, na rua do Garden foi o ruim deixando o bom em segundo plano.

APÊNDICE C - Tabela de resposta sensível ao ambiente				
	Input ambiental	Output sensível		Filtrando outputs
	Positivos			
Espaciais	Arborização	Aconchego, calma, conforto, alívio, desaceleração (de corpo e pensamentos), leveza; Tranquilidade; Desaceleração, proteção, conforto térmico, tranquilidade, "sensação boa", paz (surpresa > túnel do Garden); Apreciação, presença, calma, encantamento, contemplação; Tranquilidade, conforto, conforto físico ("um respirar melhor"); Tranquilidade, paz, aconchego, sensação de estar à vontade; Alívio, paz, liberdade do "não pensar" (acho que é tranquilidade, mente quieta?); Desacelerar, poder "ser lento", não urgência, tranquilidade; Conforto, alívio; Paz, conforto, contemplação, calma;	Aconchego (2); Alívio (3); Apreciação; Calma; Calmaria; Conforto (4); Conforto Físico ("Um Respirar Melhor"); Conforto Térmico; Contemplação (2); Desacelerar (2); Desaceleração; Encantamento; Leveza;	Liberdade do "Não Pensar" (acho que é tranquilidade, mente quieta?); Não urgência; Paz (4); Poder "Ser Lento"; Presença; Proteção; "Sensação boa"; Sensação de estar à vontade; Surpresa; Tranquilidade (5);
	Vegetação	Aconchego, calma, conforto, alívio, desaceleração (de corpo e pensamentos), leveza; Apreciação, presença, calma, encantamento, contemplação; Tranquilidade, paz, relaxamento ("vegetação me relaxa"); Paz, conforto, contemplação, calma;	Aconchego; Alívio; Apreciação; Calma (2); Calmaria; Conforto (2); Contemplação (2);	Desaceleração; Encantamento; Leveza; Paz (2); Presença; Relaxamento; Tranquilidade;
	Sombreamento (por edificação e por vegetação/arborização)		Conforto	
	Possibilidade de visualização do interior (Interface aberta)	Curiosidade, imaginação criativa (pensamento imaginativo); Sentir-se bem em ver pessoas reunidas (bar); Curiosidade, interesse em conhecer (restaurante);	Curiosidade (2) Pensamento imaginativo	Interesse em conhecer
	Flores	Alegria, tranquilidade, apreciação;	Alegria; Apreciação;	Tranquilidade
	Silêncio	Tranquilidade, conforto, sentir-se à vontade;	Conforto; Sentir-se à vontade;	Tranquilidade
	O mar/A orla	"Sensação boa", lembranças de antigas vivências (uma espécie de nostalgia?); Expansão dos pensamentos, paz;	Expansão dos pensamentos; Nostalgia;	Paz; Sensação boa;
	Calçada larga e livre, sem obstruções (Qualidade da calçada)	Aconchego, calma, conforto, alívio, desaceleração (de corpo e pensamentos), leveza; Conforto, sentir-se bem, sentir-se à vontade, ("bom de passar". seria uma certa satisfação então?);	Aconchego; Alívio; Calma; Conforto (2);	Desaceleração; Leveza; Sentir-Se à vontade; Sentir-Se Bem;
	Calçada com vegetação e desenho de piso (Tratamento paisagístico/Qualidade da calçada)	Contemplação, encantamento, presença, calma;	Calma; Contemplação;	Encantamento; Presença;
	Casas antigas e arborizadas	Nostalgia (talvez), tranquilidade, lembrança do passado;	Lembrança do passado; Nostalgia;	Tranquilidade;
	~Limpeza/vegetação bem cuidada~	~Conforto, relaxamento, felicidade, "estar à vontade"~;	Conforto; "Estar à vontade";	Felicidade; Relaxamento;
	Muitas pessoas na calçada (parada de ônibus)	Atenção aumentada, preocupação, ansiedade;	Ansiedade; Atenção aumentada;	Preocupação;
Sociais	Presença de pessoas/Movimento de pessoas/Pessoas passeando	Segurança, conforto; Confiança, tranquilidade, conforto para acessar; Pertencimento, presença, sensação de segurança; Conforto, atração; Conforto; Conforto, segurança;	Atração; Confiança; Conforto (4); Conforto para acessar; Pertencimento;	Presença; Segurança (2); Sensação de segurança; Tranquilidade;
	Companhia	Mais tranquilidade;		

Climáticos	Chuva	Realçador de emoções positivas;	Realçador de emoções positivas	
		Negativos		
Espaciais	Barulho de carro (Som; ruído; barulho)	Ansiedade, vulnerabilidade, angústia, atenção elevada; Desconforto;	Angústia; Ansiedade; Atenção elevada;	Desconforto; Vulnerabilidade;
	Proximidade do corpo com o fluxo de carros	Ansiedade, vulnerabilidade, angústia, atenção elevada;	Angústia; Ansiedade;	Atenção elevada; Vulnerabilidade;
	Fluxo elevado de carros	Ansiedade, vulnerabilidade, angústia, atenção elevada; Desconforto, incômodo ("com o agito"), estresse, atenção aumentada; Insegurança, evitação; Evitação; Ansiedade, insegurança;	Angústia; Ansiedade (2); Atenção aumentada (2); Desconforto; Estresse;	Evitação (2) (ou receio ou hesitação); Incômodo; Insegurança (2); Vulnerabilidade;
	Exposição demasiada ao sol (acho que isso entra na categoria "espacial")	Desvio da atenção, "pilhado" (creio que seja um aspecto gerador de estresse); Desconforto; Desconforto, evitação;	Desconforto (2); Desvio da atenção;	Evitação (ou receio ou hesitação); "Pilhado";
	~Confinamento do passeio por veículos maiores~	Vulnerabilidade, medo de assédio; Desconforto, vulnerabilidade, atenção aumentada;	Atenção aumentada; Desconforto;	Medo de assédio; Vulnerabilidade (2);
	Terreno baldio (vazios urbanos)	Repulsa, estranheza, abandono (do lugar);	Abandono; Estranheza;	Repulsa;
	Vegetação/arborização que obstrui a visão (seja da edificação ou da própria rua)	Estranheza; Evitação, sensação de não liberdade, desconforto por perder a visão do céu (uma espécie de claustrofobia, isso referente a árvores no nível do olhar, que obstruem a visão da rua e do céu);	Desconforto; Espécie de claustrofobia;	Estranheza; Evitação (ou receio ou hesitação);
	Obstrução da calçada (obra ou obstáculos)	Desconforto; Incômodo, evitação;	Desconforto; Evitação (ou receio ou hesitação);	Incômodo;
	Calçada mal conservada e/ou sem pavimentação (Qualidade da calçada)	Evitação;	Evitação (ou receio ou hesitação).	
	Calçada inclinada (Qualidade da calçada)	Desconforto, repulsa, evitação, dor física;	Desconforto; Dor física;	Evitação (ou receio ou hesitação); Repulsa;
	Pichações	Desconforto; Insegurança, desconforto;	Desconforto (2);	Insegurança;
	Edificação destruída/abandonada	Desconforto, ansiedade; (incompatibilidade com o ambiente em volta);	Ansiedade; Desconforto;	
	Muitos prédios	Sensação de confinamento, de estar preso;	Confinamento;	
	Mau cheiro (Seja por sujeira ou ~Cheiro desagradável do mar~)	~Repulsa (vontade de passar logo), desconforto, incômodo, insatisfação;~ Desconforto;	Desconforto; Incômodo;	Insatisfação; Repulsa;
	Carros na calçada (atrapalhando a passagem)	Desconforto, evitação;	Desconforto;	Evitação (ou receio ou hesitação);
Obras/construções	Insegurança;	Insegurança		
Sociais	Presença de pessoas do sexo masculino em grande quantidade	Desconforto;	Desconforto;	
	~Pessoa sozinha (homem) em ambiente desconfortável~	~Medo, ansiedade, sensação de insegurança~	Ansiedade; Medo;	Sensação de insegurança;
	Pessoa em situação de rua	Evitação; Incômodo, medo (assustada);	Incômodo; Medo;	Evitação (ou receio ou hesitação);
Legenda	Clara; Helena; Joaquim; Laura; João; Theo; Amanda; Bernardo; Rui; Yuna. **Inputs espaciais, sociais e climáticos (que também entra no espacial, por se tratar de questões de sombreamento e insolação); *** Input circunstancial representado por: ~(...)~.			

## APÊNDICE D - REGISTROS DAS CAMINHADAS SENSÍVEIS

**Observação 1:** Todos os entrevistados concordaram com a gravação da entrevista, com autorização gravada, e com o posterior uso dela para fins de pesquisa.

**Observação 2:** Algumas entrevistas tem marcações vermelhas e amarelas, as vermelhas significando que tais trechos foram falados com conotação negativa, e as amarelas representando frases ditas de modo positivo. Tal identificação foi feita a partir da escuta do áudio acompanhada da leitura da transcrição da entrevista, porém esse tipo de análise foi deixado de lado posteriormente.

### Caminhada 01 - Amanda

09:13h - 20/04/2022



Começamos na praça, ela fez uma caminhada bem tranquila, num ritmo às vezes um pouco rápido, mas não acelerado por medo. Admirou espaços verdes e sombreados, assim como a interface aberta entre rua e edificação do Amaz. Teve a vontade de ir em direção à praia explicitada, porém quis sair logo de lá pelo cheiro incômodo. Gostou da parte por trás do Mag Shopping, disse que lembrou o calçadão da Cardoso Vieira lá de Campina Grande. Falou que essa parte tinha “a cara da cidade”, creio que porque ali tinha vida acontecendo com maior intensidade e poucos carros passavam por lá, deixando o pedestre mais livre para ocupar. Nossas travessias de ruas foram guiadas pela presença de faixa de pedestre e pelo sombreamento das calçadas. Começamos pela sombra, continuamos pela sombra onde tinha, atravessamos onde havia faixa, e aí a gente se mantinha no lado da calçada que esses dois quesitos haviam nos levado a estar. O clima estava meio quente, incomodou um pouco mas não chegou a atrapalhar demais.

### Transcrição da entrevista

**Karla:** Eu acho que a gente podia começar pelo comentário do mapa, porque aí eu acho que isso já vai riscar algumas perguntas que eu tenho para fazer. Aí tu me explica ele, por que tu colocou essas coisas aqui, o que é que te incomodou, deixa eu ver aqui: “Desejo do mar porém cheiro era desagradável; percurso de ônibus que ficou um pouco na mente e me levou a dar uma volta no mesmo lugar; recordação de paladar pelo visual em um estabelecimento”, foi o Amaz?

**Amanda:** Foi o Mag.

**K:** Ah, sim, beleza. \*Leitura das anotações que ela fez no mapa (...)\*

**K:** Então vamos lá, me explica aí esse teu mapa;

**A:** Então, basicamente aqui é onde nós saímos, tipo aqui é como se eu tivesse descido daqui do ônibus, e aí eu cheguei estava você aqui na praça, e aí tinha um escorreguinho né, tal, aí a gente seguiu, e aí eu lembro da gente entrar à esquerda, só que aí eu fiz “poxa, não era para ter começado, aqui era para ter começado embaixo, porque aí faria sentido meu movimento” mas aí enfim, então você vai desconsiderar, porque tipo, o que ele deveria seguir pra lá, eu fiz ele pra frente, né. E aí logo depois que a gente passou,

tanto é que eu acho que foi o caminho mais fresco, que era o mais de sombra Era isso começo né, que aí foi onde a gente passou pelo Garden, que eu fiz “**ai que lugar bonito**” e tu falou “ aqui que é o Garden, não sei o quê”, E aí veio a referência que o lugar é muito bonito, e a árvore de lá era muito bonita, então me deu tipo \*inspirou\* “Ah, que respirar bom”. E sempre, sempre todos os momentos que a gente tinha que tá passando pelas faixas porque senão a gente não conseguia atravessar em canto nenhum, porque né, ninguém para, nem na faixa, quanto mais aleatório. E aí eu não lembro o que a gente fez aqui no meio e chegou no mar. Lembro que aí eu rodei rodei cheguei na frente, e...

**K:** A frente que tu diz é o mar?

**A:** É a frente que eu digo é o mar. Tipo, a gente foi em frente, assim, deu uma volta no quarteirão entrou para frente, porque eu sabia que a direção de malha para frente, eu lembrei do ônibus. E aí, o mar tava mó bonito, mas o cheiro desse mar aqui, em específico, no Manaíra é horrível, e aí foi onde eu botei, tipo, Onde as tartaruguinhas estariam, que foi legal ver onde elas estavam mas ao mesmo tempo não dava muito para ficar ali por causa realmente do mal cheiro do mar.

**K:** Essa tremulação é isso? \*apontando no mapa a linha trêmula colocada por ela no desenho\*.

**A:** É. Tipo que aqui fedia, aqui ó, fedeu, fedeu \*apontando\* (risadas). Onde as tartaruguinhas estavam, fedeu. Isso aqui é um fedor. E aí depois a gente passou lá pelo Mag, eu lembrei da primeira pizza que eu comi na minha vida, e foi muito bom essa recordação, Mas a gente não lembrava o nome do lugar. Eu botei esse carrinho, só esse, mas o tempo todo tinha muito trânsito, E aí foi onde eu percebi que eu estava indo para o mesmo caminho que eu tinha vindo né. Eu não sei, eu acabo ficando condicionada a sempre andar pelo caminho do ônibus porque, como eu tento aprender todo lugar que eu vou, então eu pego muita referência, e acaba que eu, quando eu me perco eu bato onde o ônibus tá pra eu me achar. Então é meio que, acho que meu cérebro fez essa referência.

**K:** Sem querer, tu se bateu nesse lugar sem querer?

**A:** Foi, quando eu vi eu fiz “oxe, eu tô repetindo o lugar do ônibus”, porque eu fiz ”ó, foi aqui que eu desci “. Foi que eu lembrei que eu tava nesse mesmo lugar. Isso acontece naturalmente assim quando eu tou nos lugares, porque como eu me perdi no primeiro dia aqui, aí eu sempre faço referência do lugar, para eu saber para onde voltar.

**K:** O primeiro dia “hoje”?

**A:** O primeiro dia em João Pessoa. Eu me perdi. Depois a gente chegou e muitos cantos de árvores, isso daqui era para ser aquele negocinho lá do Mag. Tipo, o MAG tá aqui, e olha, isso aqui é a frente do Mag, nada a ver, né? Mas aqui é como se fosse o Magão. Isso aqui é aquele negocinho que tem aquela pracinha lá, aquela praça que tem os táxis que é bem...

**K:** Atrás do Mag?

**A:** É, atrás do Mag. Tipo, aqui é a frente assim, por que o mapa não tem nada a ver. A gente deu a volta e seguiu nesse negocinho. E aí eu percebi, né, eu botei aqui que eu repeti o caminho, Mas foi tipo meio que por aqui, mas quando eu lembrei dele foi aqui \*apontando no mapa\*. por isso que o mapa não tem nada a ver.

**K:** Esse “repetir o caminho” foi quando tu...

**A:** Foi, depois da praia. quando eu vi. E aí também que você disse que a gente não podia sair do bairro. Aí eu voltei tipo eu fiz “Ah eu sei como voltar”. e aí eu voltei pelo caminho do ônibus eu acho que foi essa referência que aconteceu. e aí pronto aí a gente voltou já deu meia hora e a gente veio para esse prédio.

**K:** Pronto, aí então eu vou pegar as perguntas que eu tinha feito. Então, depois dessa explicação toda de uma maneira geral como é que foi essa experiência para tu? Tipo, como é que tu definiria essa experiência?

**A:** Então, conheci o bairro de Manaíra, né. É o bairro que eu acho, como eu tava falando o bairro que eu menos conheço aqui, então de fato eu não sabia onde era nada. lembro do Mag, lembro da Feirinha bababá, mas não é um lugar que eu sei andar. Então tudo era novo. E foi massa andar aqui e ver a quantidade de lugares bonitos que tem, inclusive só nesse quadradinho que a gente andou, né. Acho que a gente só fez, sei lá, uns dois quarteirões nesse rolê todinho. acho que a gente nem andou muito não. Assim, de ter seguido muito em frente, acho que a gente só fez quase meio que só uma voltinha, inconscientemente assim. Como era pouco tempo, né, então ficou naquela redondeza. E aí foi agradável e inclusive saber que aqui tem cantos interessantes né, eu já penso em \*palminhas indicando interesse\*, né, em tipo “Lugares para conhecer”. Os rolezinhos. E... é, realmente, de fato, a praia daqui eu já sabia que ela era desse jeito, não muito atrativa. não viria para esta praia. Nem pra orla mesmo em si, assim, a orla não é bonita, não é como as outras que são bem cheias de coisa. a daqui não tem nada, é só o caminho mesmo e bem ruim de andar, tipo, tem pedra soltando. É... basicamente isso. Assim, foi bom conhecer o bairro.

**K:** Por dentro então, no miolo da malha Urbana, foi melhor do que na própria orla?

**A:** Foi melhor do que na orla, sim.

**K:** Certo.

**A:** Eu achei bem, como diria assim, tem muita faixa, tipo, independente de para onde você quer ir tem a faixa, pra você ir no lado certo e o carro realmente parar. Então, todo lado que você tinha, independente, ou você atravessava pra ir pro outro lado, pra pegar a faixa, ou você corria, né. Mas todos os lugares são bem desenhadinhos, digamos assim. O que faz com que você evite, na verdade, um acidente. Algo do tipo.

**K:** Certo. Aí... Tem aqui a pergunta de “quais foram os lugares que você se sentiu melhor durante a caminhada?”

**A:** Basicamente no Garden, que foi o lugar mais bonito de fato e assim, eu quero vir aqui, que eu quero vir, que eu quero ir lá. Num café da manhã, que eu sei que tem. E... Ah! Teve um lugar também que foi antes de chegar lá, onde tinha um tronco no chão \*na verdade tem uma árvore bem grande no meio da rua\*. É depois da praça, não sei que lugar é esse, mas eu acho que foi onde eu \*soltando o ar em forma de alívio\* dei uma respiradona boa \*indicando alívio na fala\*. É cheio de árvore assim, o caminho é bem acidentado, mas é bem agradável. Que eu queria ficar era rodando por lá assim, que é bem fresquinho. É, acho que foi, um dos mais agradáveis foram esses.

**K:** No quesito sensação e aquilo que tava acontecendo dentro de tu, tu consegue descrever o que você sentiu nesses lugares que tu se sentiu melhor?

**A:** O primeiro foi um desejo de conhecer né, então foi aquele “oh, novidade!”, “bonito, hum!”, tipo isso assim. E no outro foi mais um respirar mesmo assim de “nossa, tava precisando desse ar puro!”, desse tipo de arborização específica \*respirando mais profundamente como quem lembra como foi o momento\*, tava precisando. Eu fui até o mar também nessa busca, né, que eu fiz “amanhã eu preciso ir ao mar”, e pff, não foi legal. Tanto é que eu fiz tipo assim “ah meu Deus, tenho que sair logo dessa orla”. Porque não foi legal estar ali perto do mar, de fato. Eu não me senti no mar! Parecia que eu não estava no mar, por causa do cheiro, né, que não era o cheiro do sargasso, essa coisa assim que acontece ali, mas um cheiro mesmo ruim, de esgoto. Basicamente é isso.

**K:** Só pra deixar mais claro depois pra mim, o primeiro que tu falou era o Garden...

**A:** Foi o Garden, e o segundo foi antes.

**K:** Que é a rua arborizada?

**A:** Foi a rua arborizada. Ela é bem depoizinho da praça.

**K:** Logo em seguida né?

**A:** É, você vê logo o tronco caído no chão.

**K:** Tem uma árvore também enorme plantada na calçada. Talvez seja perto desse tronco \*não tinha tronco, creio. acho que eram restos de planta (palhas)\*.

**A:** É, um monte! É, isso, um monte. Que a gente até teve que desviar assim.

**K:** Uhum. É... Tu disse já um pouco, mas eu vou repetir a pergunta. Que é assim, você consegue dizer o que causou essa sensação, que foi essa coisa boa?

**A:** É, basicamente foram as árvores, a vegetação.

**K:** Aí, em que lugares você se sentiu mal durante a caminhada? Desse seu mapa aqui.

**A:** Lá no fedozinho das tartarugas.

**K:** No fedozinho das tartarugas, que é...

**A:** Foi. Que eu não me senti mal assim, foi... que o cheiro dali não era agradável e não sei como as pessoas estavam ali por perto, tomando banho inclusive. Eu fiquei “pô, eles não tão sentindo essa catimba?! E é agradável pra elas?!”. Não entendi. E as pobrezinhas das tartarugas vão nascer ali, né.

**K:** É, eu fico com pena também \*o mar de Manaíra em vários momentos ao longo do ano é avaliado como impróprio pra banho\*.

**A:** Mas, foi tipo isso assim, não foi desagradável nada em si, mas esse cheiro específico, que eu esperava que eu não sentisse. Assim, eu sei muito, né, do depósito aqui na praia, mas eu achava que não ia ser tão, assim, discrepante o cheiro. Porque em nenhum momento na caminhada em si, você questionou né, se eu me senti desprotegida, nenhum momento. Nem antes de eu lhe encontrar, eu não me senti vulnerável, em nenhum momento mesmo, assim, de fato, não me senti. Como às vezes eu me sinto em outros lugares, tipo assim, que eu tenho que ter mais cuidado. Não que eu não tenha que ter, mas eu me senti bem.

**K:** Aqui em João Pessoa os que tu se sente assim é mais ou menos aonde?

**A:** Ah, onde eu pego... Onde eu vou... Perto da minha casa, né. Mas foi por causa das pessoas que falaram tão mal da rua, que eu tenho muita atenção no lugar, né. Então eu não ando devagar, eu ando mais rápido. E eu chego muito tarde em casa, então tem todo esse porém, né. E eu chego só, depois das dez, então.

**K:** Aí aqui tu não sentiu a necessidade de andar rápido em nenhum momento?

**A:** Não, em nenhum momento. Eu vim, tipo, aproveitando, e focando né, “eita, tenho que dobrar tal canto, pra chegar em Karla, blablablá”. Essas coisas assim, só pra eu não me perder. E não, eu não me senti mal por ter errado o ônibus, esse tipo de coisa assim. Eu não me senti mal, de tipo “nossa, perdi o ônibus, Jesus, tô perdida!”. Não, me senti tranquila, é... Realmente, em nenhum momento eu... Eu achei que eu ia ficar meio tensa porque eu errei, né, o ônibus, mas não, não me senti não.

**K:** De boa?

**A:** Foi, foi tranquilo.

**K:** Aí sobre os lugares que tu se sentiu mal, é... Tu consegue descrever o que sentiu de ruim nesses lugares, além de cheiro, tipo assim, de sensação. De tipo... Porque isso aí é uma captação pelo teu sentido né, o cheiro, aí o que esse cheiro te causou dentro?

**A:** Aí, eu me senti muito incomodada, no quesito sujeira. Né, tipo assim, aquilo não era pra estar assim, não era pra ter aquele cheiro. É tipo isso, assim, esse cheiro não pertence a esse ambiente! Tá errado! \*risos\*, tipo isso. Foi basicamente esse sentido, assim, de que aquele cheiro não devia estar ali. Então eu

me senti incomodada por “tá errado”, assim, na minha cabeça aquele cheiro ele não fazia parte daquele ambiente.

**K:** Não combina as duas coisas né?

**A:** Não combina o cheiro com aquela beleza. E aí a beleza cai.

**K:** Não vale mais.

**A:** A beleza não vale. Tanto. Porque no ônibus eu achei mó bonito! Eu “nossa, como tá bonito aqui!”, aí desci “uuuh!”.

**K:** Outra experiência né, quando você tá direto no lugar.

**A:** É, quando você \*mini inspiradinha\*, sente. Aí minha visão chega ficava “ai, nossa... tão bonito”.

**K:** Aí você acabou de responder, tipo “você consegue dizer o que causou essa sensação em você?”. Basicamente foi o cheiro?

**A:** Foi o cheiro. Foi. E pobe das tartarugas.

**K:** Nesse trajeto tu consegue identificar algum momento que tu tomou tal direção porque alguma rua te repeliu? Ou tipo, só foi andando...

**A:** Na verdade não me repeliu, mas me atraiu mais ir pra o outro lado, porque tinha mais sombra. Meio que isso assim, eu não me senti repelida em direção... Primeiro que teve uma hora que eu estava focada em vir em uma direção mesmo, e aí eu seguia ela, mas não porque algo me repeliu, mas foi porque eu preferi tomar algumas direções pela sombra, né. Por como tava o lugar.

**K:** Essa hora que tu diz que “eu vim mais determinada em ir em uma direção” foi o início?

**A:** Foi quando eu tava indo pra praia. Assim, quando eu dobrei eu fiz “achei!”, aí eu fui nessa direção mesmo com sol, mas eu tava indo sempre pelo lugar que me traria mais vento.

*\*quando você traça objetivos pra sua caminhada, você acaba enfrentando coisas que não lhe agradam só pra chegar onde se quer chegar. então, como os trajetos do dia a dia são quase sempre realizados com um objetivo, seria interessante que o ambiente construído oferecesse oportunidades de realização desse caminhar de maneira mais leve e confortável, assim as experiências vividas seriam mais prazerosas e o “caminhar com um objetivo” pudesse ser tão prazeroso quanto escolher por onde ir apenas porque aquele outro lugar oferece mais elementos geradores de afetações positivas do que outro.\**

**K:** Sim, mais bem estar físico, né?

**A:** É, num foi por causa de nada me repelindo não, assim, a escolha, foi mais a atração pelo lugar.

**K:** É... Pois é! Aí agora vem justamente o que tu já tava falando, tipo “que ruas te convidaram pra entrar?”.

**A:** As ruas com muita sombra.

**K:** As ruas com muita sombra, então foi a primeira...

**A:** É, não, no caminho... É porque depois a gente já não tem tanta sombra né, porque quando a gente pega a avenida já não tem tanta sombra, na verdade, e aí no miolinho mesmo é que tem sombra.

**K:** No miolinho daqui de dentro do bairro?

**A:** Daqui dentro do bairro, ele tem bastante sombra.

**K:** Certo. Então vou pular pra próxima. Tu já tá respondendo além das perguntas \*risos\*, que é “o que essas ruas te fizeram sentir pra que fosse considerado por você como um chamado?”.

**A:** Vixe, o que é que me fez sentir... Olha, foi uma coisa boa porque eu não tava pensando em nada, e isso é difícil, eu não pensar em nada, porque eu penso demais! Então eram lugares que me davam uma sensação agradável, e me convidavam pra estar naquele respirar. Porque, pensar assim, eu não pensei em nada não. E foi bom! Porque é difícil eu não pensar. Então meio que isso, foi uma sensação de que eu não precisava pensar. Tipo, essa liberdade que você me deu, na verdade, “não preciso pensar, só ir”

então isso não me fez “nossa, tenho que ir por ali, tarará, eu tenho que saber o caminho”, então isso eu acho que tirou essa coisa do pensar no caminho. E aí foi bom, porque qualquer canto que eu olhava e “ah, vou por aqui, agradável, posso me perder, tá tudo bem! sei chegar no canto que eu saí!”, se algo acontecer, mas foi meio que isso, não ter que pensar, e o lugar trouxe isso.

**K:** Então, tipo, era... tu via um lugar agradável que, tu falou uma coisa interessante, “que ele me convidava a estar naquele respirar”, então era um lugar que, tipo, te permitia um respirar tranquilo.

**A:** Um respirar tranquilo, e sem pensar em nada.

**K:** E esse respirar tranquilo te mostrava uma carga de não pensar, e isso te convidava.

**A:** De não pensar, tipo, fico em paz aqui.

**K:** Ok, então isso te fazia se sentir em paz e essa paz era o teu chamado?

**A:** Isso.

**K:** Ok. Consegui \*entender\*. Resumidamente, os lugares que mais te atraíram nessa caminhada, foi a rua primeira; o Garden...

**A:** Basicamente quase a mesma rua, acho que foi um quadradinho que eu fiz assim. Um quadrado não, um L, aí isso aqui não seria reto, ele seria tipo assim.

**K:** Além desse óbvio, teria algum que tipo, que te atraiu além desses dois primeiros, ao longo do resto do trajeto?

**A:** Por mais que ali seja um lugar muito turbulento, que é a área onde fica os táxis na frente do shopping, é um lugar muito agradável de se passar. Porque ele é... é como se os carros não passassem ali. Ele tem o espaço do carro passar, mas parece que nenhum carro passa.

**K:** Atrás do Mag, né?

**A:** Atrás, que é onde tem a bifurcaçãozinha, e aí tem duas ruas né, uma aqui e uma aqui. E aí essa era que subia pra cá e essa daqui foi a que a gente pegou, que aí aqui tem um estacionamento. Parece que não passa carro nenhum, mas passa! E tem um monte de gente lá e... É uma rua agradável! Eu fiz referência dela em Campina, eu fiz “bicho, o calçadão”, eu lembrei.

**K:** Ah, o calçadão da Cardoso, né?

**A:** É, eu lembrei desse lugar assim. Tem muita gente, mas é muito bom você passar por lá. Parece, tipo assim, é a cara da cidade, sabe aquele lugar ali. Você passar por ele.

**K:** É, e “quais foram os lugares que mais te repeliram?”, tem o óbvio, que foi o do mar...

**A:** É, só esse mesmo. Só a praia mesmo.

**K:** Pronto.

**A:** Que não deveria ter sido.

**K:** É, pois é! Que geralmente não é. Tu se sentiria mais ou menos confortável em fazer essa caminhada sozinha.

**A:** Não, eu acho que acompanhada foi mais interessante. Eu acho que eu não faria ela sozinha, tipo, aleatória. Tipo assim, “vai, anda aí!”, aí eu “hm?! andar pra onde?!”, tipo isso! \*risos\*. Eu acho que se eu não estivesse acompanhada não teria sido interessante, e talvez eu não fizesse o tempo que você pediu. Eu ia tipo, queria acabar logo.

**K:** Uhum, tu consegue dizer porque?

**A:** Por que ela não teria sentido. Eu caminhar aleatório, sozinha, e pra depois, sei lá, falar alguma coisa assim. Não tendo uma pessoa do lado pra pelo menos passar aquele tempo, e aí conversar sobre coisas aleatórias, independente de você estar prestando atenção no caminho ou não. Mas sozinha eu não veria sentido de caminhar sem direção, tipo “ah, caminha aí, Amanda, sei lá, quinze minutos”, aí eu ia ficar toda hora no relógio “já deu quinze minutos? já deu quinze minutos?”. Seria tipo isso a sensação.

**K:** \*risos\* Ok!. Eu acho que a gente conseguiu atingir o que eu precisava, aí eu vou ter que observar tuas palavras depois e tirar as coisas de sensações aí. Vixe, a gente falou vinte minutos!

**A:** Isso aí vai dar pelo menos umas quatro horas de transcrição.

**K:** \*risos de preocupação\* Vou parar.

### Caminhada 02 - Rui

08:20h - 22/04/2022



Saímos da praça pra deixar a bicicleta dele lá em Felipe, e no caminho, na calçada do Garden, ele foi incomodado pelas irregularidades da calçada, que fizeram ele ter dificuldade de transitar por ali. Tenho certeza que se ele tivesse feito todo o trajeto empurrando a bicicleta nós teríamos notado muito mais obstáculos no caminho. Voltamos para a praça e ele ficou dando muitas voltas lá até eu dizer que não estávamos presos a ela (ele não parava de falar e eu não queria interromper). Dito isso, ele traçou um objetivo, chegar à praia! Isso me fez dizer em todas as outras caminhadas que ela ou ele não precisava traçar objetivos, que fosse caminhando de acordo com as solicitações do corpo e de suas escolhas imediatas ao longo da caminhada.

Saímos então rumo à praia. Atravessamos uma avenida com ele bem atento. Passamos por uma ruinha perto da casinha “encanto” (a que lembra a casinha do filme Encanto da Disney), onde ele parou e decidiu seguir pelo lado esquerdo, que era o que oferecia um caminho menor até a próxima rua que iria em direção ao mar. Isso me fez perceber o quanto caminhos mais curtos para o pedestre podem influenciar o seu trajeto final. Ele mencionou essa parte como “um grande labirinto”. Foi um pequeno trecho no trajeto dele e já foi capaz de despertar esse tipo de sentimento. Não sei se pelas escolhas que ele teve que fazer pra chegar no objetivo que ele tinha traçado (o mar), e pelo fato de ele ter ficado um pouco ansioso e atento demais na hora de atravessar a rua. Somado também ao ato de raciocinar sobre como chegar à praia. Achei curioso isso, porque só caminhamos pelo desconhecido por cerca de 15 minutos. Fiquei imaginando como teria sido se a gente tivesse caminhado os 30 minutos por áreas desconhecidas. Como ele teria descrito. Fomos pra praia por uma ruinha que tem estacionamento de um lado e do outro. Acho que os dois são estacionamentos do Mag shopping. Caminhamos um pouco pela calçada da praia e paramos embaixo de uma árvore pra fazer o registro da caminhada. Demorou um bocadinho, e só ficamos aquele tempo todo ali, com certeza, pela presença da árvore e da sombra gerada por ela.

### Caminhada 03 - Laura

15:30h - 22/04/2022



Começamos na praça, ali eu soube que ela morava em Manaira e já havia morado bem pertinho daquele lugar. Falou que vez ou outra procura fazer percursos diferentes do que geralmente faz, mas que não costuma andar muito por dentro do bairro. Lembro que Laura mencionou sempre a vegetação como um fator que influencia positivamente a experiência dela. Chamou a atenção para o desenho de calçadas como algo que foi interessante pra ela, e uma coisa que deixava o espaço mais agradável. Falou de fachadas legais e destacou que as pessoas talvez entrassem mais nas lojas se andassem mais a pé. Descobriu alguns lugares que ela seguia no instagram mas não sabia onde ficavam. Apontou um bar que se abria pra rua como um lugar que lhe causou algo bom, disse que se sentiu em paz passando por ele. E mencionou a presença de pessoas usando as calçadas em mesas de restaurante

passava uma sensação boa pra ela. Lembro dela olhando com interesse pra fachadas que se abriam pra rua, e olhando com interesse revestido de vergonha pra dentro de uma casa que o portão estava entreaberto, e que se estivesse fechado, nós não veríamos nada do que estava ali (o muro era fechadão e o portão também). Me juntei a ela nesse quêzinho de curiosidade e olhei junto. Ela mencionou as quebras na fluidez da caminhada como algo que lhe causava desconforto, seja por conta de obras nas calçadas, seja por necessidade de atravessar a rua. Talvez o ato de atravessar a rua seja um fator de aumento de tensão. Disse que muitas vezes seguia por um caminho somente pela facilidade, aparentemente. Pela não vontade de atravessar ruas.

### Transcrição da entrevista

**Karla:** Vamos lá, deixa eu ir praí pra tu me explicar melhor.

**Laura:** Tá, aqui, começando da praça onde a gente saiu, marquei aqui esse ponto redondinho como ponto de... uma localização conhecida, né, que, como eu falei, era o prédio que eu morava, então eu marquei aqui. E aí a gente saiu aqui, e aí eu, na hora assim eu até fiquei “meu Deus, será que eu estou imaginando que passamos?”, mas eu acho que sim, a gente fez esse caminho por aqui, num foi? Pelo Garden?

**K:** Uhum. Foi.

**L:** Tá, então acertei! E é um lugar que eu sempre gosto de passar, assim, que eu reparo sempre, assim, que eu gosto.

**K:** Uhum.

**L:** E aí seguimos, seguimos, seguimos...

**K:** Essa árvore representa o Garden todo, né?

**L:** Uhum, é \*risos\*.

**K:** Certo.

**L:** E aí seguimos, aqui seguimos, e em algum momento eu reparei também, é... Nas flores, nas folhinhas, assim, tipo, daquela que você mencionou, da folha, e em algum momento também, um

pouquinho depois, eu acho, de umas folhinhas que tavam no chão assim, de um, é... Nada demais, também assim, nada tão elaborado quanto o Garden, mas alguma coisa que me chamou atenção por ter essa coisa natural assim no chão, que eu achei bonito, achei bom de passar. E aí seguimos, e aí aqui eu coloquei esse outro ponto aqui, como aquele brechó que eu mencionei, que também tem esse elemento das florzinhas assim, tipo, que eu achei bonita a fachada, e que seria um lugar que também foi gostoso de passar e observar, tipo, a beleza do lugar através da rua, assim sabe? Tipo, eu achei bonito.

**K:** Isso é aquele cantinho que tu falou que as pessoas...

**L:** Do brechó, é... O Brechó das margaridas, aquele que tinha uma fachada bonitinha que eu pensei assim, nessa coisa, tipo “ah, acho que as pessoas entrariam mais se tivessem caminhando também, conheceriam mais, prestariam mais atenção nessa fachada que tá bonita” \*o brechó era numa avenida principal e sua calçada era ocupada na maior parte por vagas de carro\*.

**K:** Uma bem de esquina, acho que eu lembro dela.

**L:** Isso. E aí voltando, voltando, voltando, eu coloquei aqui uma tremidinha, que você falou, que me veio a lembrança assim da gente passando por uns... uma obra, um cimento, assim, uma coisa que a gente teve que se... né, desviar, e parar, assim, o fluxo foi interrompido por esse tumulto assim, da obra, do cimento, do lixo assim, né. E aí vindo aqui, aí aqui eu coloquei também essa outra fachada que me chamou atenção, que foi da hamburgueria, que eu falei “ah, se eu estivesse com fome, eu entraria aqui agora”, assim, muito mais facilmente do que se eu tivesse com fome dentro do carro, acho que eu não ia parar o carro pra... Mas aqui, tipo, eu olhei, e aí mais a frente, um lugar conhecido também, que eu não sabia onde ficava e “ó, é aqui!”, me deparei, que eu também jamais repararia, assim, poderia até reparar, mas seria mais difícil \*passando de carro\*, é... Foi mais propenso pelo fato de eu tá caminhando livremente assim, enfim. Aí voltamos! A gente ficou aqui sentada.

**K:** Essa coisinha é aquela bolinha? \*me referindo a sinalização do estabelecimento\*.

**L:** Uhum! \*gargalhando\*

**K:** Certo, aí aqui foi onde a gente chegou.

**L:** E aqui onde chegamos, é.

**K:** Certo. Aí então depois eu vou tirar uma fotinha disso aqui e riscar por cima pra não riscar ele.

**L:** Uhum, tá.

**K:** Aí eu tenho umas perguntas guias da conversa, que aí, acho que vai se desenrolar mais fácil com elas.

**L:** Uhum.

**K:** É, de maneira geral, como é que foi essa experiência pra tu, é, sobre o que tu sentiu, sobre o que aconteceu dentro de tu durante essa caminhada?

**L:** Eu achei muito interessante é, essa questão das fachadas, assim, de conseguir visualizar comércio de forma geral assim que, dentro do contexto da rua, eu achei bonito, eu entraria, assim, num olhar mais calmo, um olhar menos pretensioso, tipo, “ah, eu quero... vou na padaria, vou no mercado, vou em tal lugar” assim, que já é o comum dentro da minha rotina quando eu saio de casa, principalmente se for a pé, e aí eu achei interess... é... legal de ver assim, de sentir essa leveza de poder tá numa cidade, caminhando e encontrando pontos de interesse de coisas que eu quero, de comida de roupa, de alguma coisa que não seja necessariamente, que eu saiba, tipo, descobrir esses lugares assim, de ambientes de lazer, de enfim, acho que, que é isso. Pelo menos nessa caminhada, assim, também é comum em outros momentos, assim como essa que eu falei, de que eu fiz essa semana, e vim assim, eu gosto muito também de observar pontos de natureza, assim, uma árvore bonita, as folhinhas no chão, essas coisas assim, mas especificamente nessa, de agora, eu sinto que isso me chamou atenção de um jeito que eu acharia muito legal, assim, simplesmente sair na rua e ver o que eu queria viver, se sentar no bar, ou que

eu queria comer um hambúrguer, ou que eu queria entrar na loja das flores lá, sabe? Acho que esse tipo de coisa.

**K:** Uhum, as possibilidades.

**L:** Isso, isso!

**K:** Certo. Aí quais foram os lugares que tu se sentiu melhor durante a caminhada?

**L:** Me veio muito essa, aqui do Garden, mas eu acho que o do Garden eu tô juntando muito, assim, a outros momentos também, porque é um ponto que eu gosto. Nem sei dizer se foi desse ou se já tá na minha cabeça assim. Mas me veio agora assim de primeira aquele ponto das flores, das folhas, que você falou “ah, não é flor, é folha”.

**K:** Sim.

**L:** Aquilo, assim, eu lembro também da calçada, porque pra além do, como é que chama? Do canteiro?

**K:** Da vegetação.

**L:** É, daquela parte da natureza, assim, e dessa beleza, eu lembro do, da calçada, que tinha uma... Um desenho assim, o azulejo e tal, tinha um desenho. Não lembro exatamente o que, mas era uma coisa geométrica, quadrada, e meio laranja, que também deixava esse caminhar bonito, assim, e um complemento bonito entre a forma do chão e as flores, né, eu lembro desse.

**K:** Uma composição interessante.

**L:** É, é. Uhum!

**K:** Tu consegue descrever o que tu sentiu nesse lugar? Que tu se sentiu melhor. O que aconteceu dentro de ti.

**L:** Eu, acho que eu gosto dessa sensação das cores, da... Porque eu acho que tem essa relação assim de eu ver aquilo, achar bonito, tal qual um museu, assim, uma sensação de tá num lugar contemplando uma arte, assim sabe? Tipo, e ter um sentimento de contemplação, encantamento, simplesmente por achar aquilo bonito. Ponto. Assim, tipo, eu sinto dessa forma. Teve o mais, tipo, que também teve um conhecimento extra, que você falou aí tipo já foi “ah, que legal, que interessante!” \*risos\*.

**K:** Sim, entendi!

**L:** Então também teve essa noção, assim, mas tipo, acho que essa coisa da contemplação... que também puxa pra presença, né, assim, pra tipo, a partir do momento que eu olhei e achei bonito e reparei, e olhei o chão e achei bonito, e vi as cores e tudo mais assim, eu me abstraio do resto, e eu foco naquilo que eu tô vendo ali assim, que também é uma calma, né, acho que seria isso, uma calma, uma presença.

**K:** Uhum. Ótimo. É... Você consegue dizer... Ah, você já respondeu, que era “você consegue dizer o que causou essa sensação em você?”. Foi a planta, foi a forma da calçada, as cores.

**L:** É, é, é, as formas, as cores, isso.

**K:** É... Em que lugares, agora o oposto, tu se sentiu mal durante a caminhada? Eu lembro daquela da calçada...

**L:** É, a da calçada, do ter que desviar, do ter que trocar assim, e eu acho que também em alguns momentos, eu não vou lembrar exatamente o ponto, assim, mas essa coisa do sol também \*falando com lembrança de desconforto\*, do sol assim, do desconforto de querer, tipo “não quero tá aqui, quero estar ali que tem a sombra”, acho que isso, e que eu me lembre agora... Isso.

**K:** Certo, aí... Você consegue descrever o que você sentiu de ruim nesses lugares? Tipo, além de calor, qual era o desconforto, qual era a sensação interna? Não precisa nomear em uma coisa, pode tentar descrever o conjunto.

**L:** Eu acho que seria como se fosse o oposto daquilo que eu achei bom, que é... Eu acho que essas partes que eu não lembro, essas partes que não me chamaram atenção, são lugares assim, acho que... menos,

esteticamente, atraentes, assim... menos bonitos no sentido de que não teve um olhar pra transformar aquele espaço, aquele recorte, aquele espaço urbano em algo atraente. Acho que esses lugares me causam um desconforto.

**K:** Queria até perguntar uma coisa. Que aí entra um pouco no que é o atraente. A gente passou por um canto que ele tinha um desenho de piso, tinha vegetação, mas eu senti uma coisa que eu não sei se foi a mesma coisa que tu sentiu, que era uma calçada que tinha um caminhozinho branco de pedrinhas, e tinha uma palmeiras que a gente tinha que passar assim \*fazendo gestos de se esgueirar/desviar e afastar\*.

**L:** Gente...

**K:** Que era do dado de uma principal que tava passando carro assim e tinha umas palmeirinhas no canto, perto da calçada, e tinha outra vegetação assim no muro, que tipo, meio que a gente poderia se bater, se furar, não furar de fato, mas na folha. A gente passou assim desviando. Acho que tu não lembra, né?

**L:** Não lembro...

**K:** Ah, então tá, então já não teve importância. Porque aí entram duas coisas que, geralmente, estavam sendo apontadas como bom, que era o desenho da calçada e a vegetação. Aí nesse caso, nesse ponto, pra mim foi ruim, porque era muito \*sonzinho de agonia\*, me sufocando. É, então já que você não lembra, não cabe a pergunta.

**L:** É...

**K:** Mas tem nada não. O lugar que tu falou que se sentiu mal foi os cantos do sol e a calçada, né?

**L:** Uhum.

**K:** Você consegue dizer o que causou essa sensação em você, além do sol e da falta de tratamento estético?

**L:** Eu acho... Talvez eu não esteja lembrando o suficiente. Mas eu acho que essa, usando esse exemplo que eu lembro, né, dessa ruptura da fluidez da caminhada, desse ter que parar, desviar, e aí, vai pra um lado que não foi necessariamente uma escolha, mas uma necessidade para não cair, ou sabe, alguma coisa tipo me sujar, ou, enfim, pisar em algo que não deva, ou é... Então eu acho que isso, essa ruptura do meio do caminho. Acho que seria isso, nesse exemplo, talvez tenha outras coisas.

**K:** É, chegou a perceber alguma rua que te repeliu? Que tu ia entrar e tu fez “hm, não, vou não, vou por aqui”.

**L:** Sim, agora lembrar o porque... Não sei mesmo, assim, mas eu acho que, que eu me lembre, as minhas mudanças assim não foram necessariamente porque um lugar, ou o outro lado me repeliu, mas porque eu queria descobrir o que tinha no outro, assim, no geral, que eu me lembre, era mais tipo assim “não, por ali eu não quero ir agora”, sem grandes motivos, assim, terríveis! Só quero ver o que é que tem aqui, era mais por isso.

**K:** Esse “ver o que é que tem aqui” aconteceu só por curiosidade ou chegou a ver tipo um convitezinho da rua, tipo assim, você se sentiu convidada em algum momento a virar nessa rua que você tinha curiosidade de ir?

**L:** Não, provavelmente sim, agora lembrar... São outros quinhentos.

**K:** Acaba sendo muita coisa em trinta minutos.

**L:** É... É, e como a cabeça vai pra outros cantos assim também... Como é, tipo, o porque que eu escolhi ir pra tal caminho, se alguma coisa me chamou atenção, né?

**K:** É, te convidou. Se essa ida foi só por ir, por querer ver o que é que tinha, ou se chegou a ver tipo um convite, não assim, um convite de fato, mas tipo “é, achei legal isso aqui, vou por aqui.”

**L:** Não vou lembrar.

**K:** Então vamo pular essa.

**L:** E eu também não sei se eu, é num sei. Acho que eu fui muito por um caminho assim, tipo de facilidade das dispo... tipo assim, não atravessar ruas, acho que eu fui mais por essa facilidade do caminho.

**K:** Ah sim, menos rupturas né.

**L:** É, acho que sim.

**K:** Se manter na calçada e tudo mais. É... A presença de outras pessoas te fez sentir de que maneira? Internamente também. Tipo assim, o que é que essa presença de outras pessoas te causou, se foi bom ou se foi ruim.

**L:** Bem, é bom. Assim, me causou uma coisa boa, tanto é... Na mesma lógica da presença, que eu falei assim, tipo, das plantas, de ver e tá presente assim tipo, de observar o comportamento de outras pessoas e aquilo atrair meu olhar, minha atenção, pras pessoas, pra onde elas estão, como elas estão, o que é que elas estão fazendo, e também dá uma sensação de pertencimento, de não estar sozinha caminhando na rua, né. Dá uma sensação boa, de segurança até. É, foi isso.

**K:** É... Esse tu já respondeu, mas eu vou repetir, vai que surge algum novo pensamento, que é “quais foram os lugares que mais te atraíram nessa caminhada e porque?”

**L:** É, acho que é essa relação do... Elementos naturais, fachadas interessantes ou que me chamassem atenção por algum motivo, e pessoas também, assim, a movimentação de pessoas, eu tendo a ir por caminhos onde tenha mais movimento. Gosto de, tipo assim, os bares que a gente passou assim, eu gostava de passar, me sentia bem de ver as pessoas reunidas, de ver um conjunto de pessoas, assim, gostava. Então eu acho que é, não lembro exatamente se alguma escolha de rua foi por causa disso, mas eu sei que eu gostei. Gostava de tá passando ali.

**K:** Certo. Aí não teve uma rua que te repeliu de fato, mas tipo, quais foram os lugares que mais te repe... Então não cabe essa pergunta. Já que não teve.

**L:** É, eu, é... Eu realmente não me lembro assim.

**K:** O que repelia era a dificuldade da fluidez, só isso.

**L:** Isso, é. Por algum desconforto. Acho que isso, pelo menos que eu me lembre.

**K:** Tu se sentiria mais ou menos confortável em fazer essa caminhada sozinha? E porque? Tipo, tu preferia fazer sozinha ou do jeito que foi feito?

**L:** Acho que dos... Do jeito que f... Assim, eu faria sozinha de uma forma que eu me sentiria segura, resposta um assim, mas é... Acho que a companhia acrescenta uma outra camada, eu não sei se vai ter a ver assim, mas assim a camada do pensamento, entendeu? Assim, do não... De ter a atenção desviada pra conversa, pra outra pessoa, pra, enfim, e o corpo seguir nesse movimento sem pensar tanto. Sem tipo, acho que talvez se eu tivesse ido sozinha, prestando atenção, eu conseguiria, por exemplo “ah não, não vou por essa rua porque isso e isso e isso”, mas tipo, o corpo em si, ele fazer essa escolha de uma forma não tão consciente assim porque eu tinha essa atenção assim né, esse pensamento, enfim, da própria conversa mesmo...

**K:** Dispersado.

**L:** Isso, mas não num sentido ruim, assim, num sentido bom. Num sentido de... É porque também já vira uma coisa muito assim “não tenho provas”, mas assim uma coisa mais intuitiva, do percurso, do que um pensamento prático de porque eu vou pegar essa e porque que eu vou virar à esquerda ou à direita, simplesmente fui, porque? não sei \*risos\*. Tipo, e é isso assim.

**K:** Não sei dizer!

**L:** É! Então eu acho que eu tenho mais uma lembrança de pontos que eu gostei, ou pontos que chamaram atenção, do que motivações. E eu acho que sozinha eu teria mais essa lembrança das motivações.



tem que se preocupar em onde você tá andando. Ah... Construções! De novo. Passa um certa insegurança, construção.

**K:** Por causa da permeabilidade visual?

**Y:** É. Assim, não fica visualmente muito confortável e, como é um prédio, ou algo que ali tá inacabado, num passa segurança nem... E dá o contraste com a praia, né! Não era aquilo ali que a gente queria tá vendo. Seguindo pela avenida da praia, próximo ao Mag Shopping, o que mais marcou é porque, como vem a calçada do shopping e tudo, fica a calçada me... um pouco melhor \*se corrigindo\*, tem muita planta, muita... é bem florido por ali, né. Muita planta, aí isso passa um certo conforto, e fica já interessante, e combinando com a praia, né, a questão da natureza traz um conforto pra mim, eu já me sinto melhor. E também o fato de estar um pouco mais movimentado. Aí a gente faz o caminho pelo Mag Shopping, e entra na rua paralela, atrás do Mag. A gente andando...

**K:** O que é isso? Rua o que?

**Y:** Esquisita \*risos\*.

**K:** Ah. Isso é atrás do Mag?!

**Y:** É, antes da gente dobrar a direita, porque tinha muita moto estacionada junta, num tinha muitas pessoas passando \*teve um contraste com a área bem movimentada atrás do Mag com uma parte mais “morta” já no quarteirão seguinte\*, era mais carro, até pra atravessar a rua, não tinha faixa ali onde a gente queria ir, a gente foi só atravessando no meio da rua mesmo, quando abriu espaço. É...

**K:** O que foi que tu sentiu aqui? \*me referindo ao ponto que ela estava falando\*.

**Y:** Dá um misto de medo, insegurança, e meio que bagunça. Porque vê muita coisa estacionada ali, perto da calçada, e tipo, num tem uma faixa de pedestre, você meio que se você for seguir você anda muito mais.

**K:** Isso... Essa tensão aqui \*a tremulação desenhada na linha do mapa mental\*, essa coisa aqui, é logo atrás do Mag ou é um pouquinho mais pra frente?

**Y:** É um pouquinho mais pra frente. Próximo a essa esquina aqui.

**K:** Certo.

**Y:** Porque apesar de ter o Mag aqui, tem a rua e tem ainda o estacionamento que é do Mag, nessa... tem uma rua aqui ainda. Aí, eu achei bastante... fiquei incomodada, né. Mesmo quando eu passo de carro ali, eu fico bastante incomodada, a pé então! Aí dobramos a direita, é... Não tinha planta, nenhuma, era calçada desnivelada, sujeira, até esqueci de marcar umas sujeirinhas nessa rua.

**K:** Chegou a te incomodar essa rua?

**Y:** Sim, por conta da sujeira e, no caso, o cheiro também que gera, a sujeira. Aí, vou até complementar aqui com um negocinho de sujeira \*ela criou uma legenda\*. Aí a gente dobrou na avenida, eu não sei o nome dessa avenida, acho que já era a Edson Ramalho aqui?

**K:** Não sei também.

**Y:** Acho que é a Edson Ramalho, que tem um semáforo, é... Aí o que incomodou: é a calçada estreita, não basta a calçada ser estreita, a construção tomou a calçada, não tem calçada! \*se referindo a uma obra que estava de um lado da calçada que a gente não caminhou, fomos para o outro lado pra seguir o trajeto.\* A pessoa meio que se arrisca a passar mais próximo a pista, ou até pela pista.

**K:** Que é a calçada que a gente viu do outro lado da rua?

**Y:** É, e estreita também do outro lado que a gente passou porque tem a parada de ônibus, aí meio que se você tá só passando, ainda fica muito estreita a passagem. Aí isso incomoda porque você fica pensando “ah, e se eu tropeço e caio na rua?!”, ou um fluxo maior de pessoas fica muito ruim de passar. Aí o resto desse caminho não marcou tanto porque tava bem mais confortável, porque tipo, era movimentado, o

fluxo de pessoas... e sentir essa segurança acabou que eu nem percebi muito se tava sujo, se a calçada tava mais irregular, e como não tinha tanta construção, ficou menos... visualmente poluído, pra mim.

**K:** O resto que tu diz é esse finalzinho?

**Y:** É esse finalzinho. Aí só veio me incomodar novamente na esquina final, que foi quando a gente foi decidir se eu iria seguir direto, no caso a gente decidir, né, fui decidir se seguia direto ou ia pela esquerda. É, me incomodou porque era uma esquina que tava com pouco movimento, não tinha planta nenhuma, era praticamente só muro, prédio, uma calçada, tipo, num era confortável de tá ali, não tinha segurança. E foi isso, o caminho.

**K:** Certo. Então eu vou pegar aqui as perguntas. Algumas coisas já foram respondidas aqui, mas eu vou pegar as perguntas que eu geralmente faço.

**Y:** Uhum.

**K:** É, de maneira geral, como foi essa experiência pra você, com relação às coisas que tu sentiu, que tu vivenciou, tu olhando o todo agora.

**Y:** Foi interessante, apesar de ter tanta coisa negativa pra mim, foi prazeroso porque por um lado eu tava conhecendo a minha cidade, e eu diria que o fato de ter a parte arborizada pelo caminho salvou bastante o caminho que eu escolhi \*risos\*. Porque essa questão de planta me deixa muito mais confortável, mais amigável a cidade, não é só o concreto, concreto, concreto.

**K:** Te cansa quando não tem planta?

**Y:** Cansa. Parece que tudo fica mais quente, fica mais... Eu fico mais impaciente, mais cansada. E a questão de ter plantas meio que acalma, né, dá uma suavizada na cidade.

**K:** Quais foram os lugares que tu se sentiu melhor durante a caminhada? Se puder dizer mais ou menos as características.

**Y:** Então, no geral eu diria que era onde tivesse planta. Na primeira esquina, perto do, do, no desenho aqui onde tem o funcionário no prédio, porque as fachadas do prédio tinham muitas plantas, então isso me agrada bastante. E eu também diria, ali próximo ao Mag Shopping, porque também tinha muita planta, tinha a questão da praia.

**K:** Em frente?

**Y:** É, em frente ao Mag Shopping. E também a calçada tava mais nivelada. É, com sinalização pra pessoas com deficiência \*piso tátil\*, apesar de eu não saber se tá a sinalização correta, mas pelo menos tentaram. Aí foram ao os ápices do caminho que eu escolhi.

**K:** É, tu consegue descrever o que é que tu sentiu nesses lugares que tu mais se sentiu bem? Quais foram as sensações geradas?

**Y:** Sim, eu fiquei feliz! Me senti confortável, à vontade, relaxada. Que nesses pontos acabou que eu nem percebi os problemas que poderiam ter por ali, então é, foi isso!

**K:** Além da vegetação, tu consegue dizer o que, naquele lugar, te causou essa sensação?

**Y:** Ah... Eu diria que a questão de limpeza na rua; nesses pontos a vegetação tava bem cuidada, não tava gerando sujeira por ali; hmm... é.

**K:** Então, tipo... Nessa primeira rua tu lembra se tu se sentiu bem ou mal?

**Y:** No início dela, até a árvore que entra ali um pouco mais na rua, eu me senti bem, porque justamente tinha plantas, aí depois dessa árvore em diante não, porque foi ficando cada vez mais irregular, e com mais sujeira na rua. Alguns pontos a gente teve que sair da calçada, andar pela rua, porque tava bloqueado, ou seja, com pedaço de árvore ou muita sujeira, é... e também bem desnivelada a rua \*acho que se referia a calçada\*. Então, depois que a gente passou dessa árvore, que adentra na rua, eu fiquei um pouco incomodada com o caminho.

**K:** Certo, agora sabendo quais são os lugares que tu se sentiu melhor, já dá pra ver pelas tremulações, mas eu queria que tu falasse sobre os lugares que você se sentiu mal durante a caminhada.

**Y:** Hmm, que eu me senti mal... Na esquina, acho que o primeiro canto, na verdade começa de antes, né, acho que começa incomodando com a questão de sujeira, e calçada desnivelada; em seguida foi na esquina que além desses elementos, tinha uma pessoa em situação de rua dormindo ali, e não era o local ideal pra ela, pra um ser humano estar ali, então isso me incomodou bastante, o fato da pessoa tá vivendo daquela forma; em seguida, a sujeira aumentou bastante, com bloqueios na calçada, logo isso aí a gente começou a ter que andar pela rua, e além disso bloqueios eram coisas do tipo mesa de restaurante, com cadeira, tomando a calçada, aí isso fez com que a gente tivesse que andar pela rua, gerando insegurança também; pichações, na rua que a gente dobrou, porque pra mim não parece ser como arte ou como um grafite, por exemplo, então aquilo passa um certo desleixo, uma certa insegurança naquele local que a gente está passando; a questão de ter tapumes e construções, porque não agrega a beleza do local, incomoda visualmente e não é interessante pra mim, não passa um certo conforto de tá andando por ali; deixa eu ver outro ponto... construções, porque as vezes construções vão além do terreno né, chegam a invadir calçada, sujam calçada, as vezes você vai passar a calçada tá sendo tomada por alguma coisa da construção, e isso me incomoda; e outro ponto, a questão da esquina com muitas motos estacionadas, não tem fluco de pessoas e a esquina ficava com basatante moto ali estacionada e você meio que atravessa entre elas, num tem uma faixa desse lado.

**K:** Aí você apontou os lugares e algumas características que incomodaram, aí isso é algo externo, do espaço, e o que esse algo externo, que te chamou atenção, causou dentro de tu, de mal?

**Y:** De mal?

**K:** É. Ou, como você se sentiu nesses lugares que você identificou que você se sentiu mal? Como que você descreveria aquilo que você sentiu?

**Y:** Hmm... Senti, eu diria que medo, desconforto... É, meio que incomodada com a cidade, com aquele trecho da cidade, não seria um local que eu gostaria de passar novamente, por exemplo. Eu acho que em outro momento eu chegaria a evitar essa rua, procuraria outra rua que eu pudesse passar. Evitar, né, me sentir mal ou a questão da insegurança, o medo.

**K:** Tu consegue identificar nessa caminhada se teve alguma rua que te repeliu e tu decidiu não entrar e passar por ela?

**Y:** Eu acho que sim, quando eu vi ruas que não tava passando pessoas, não tinha, por exemplo, um prédio residencial que a gente sabe que vai ter porteiro, vai ter pessoa. Que eu num vi planta, num vi árvore, então num tinha nada que me chamasse a passar por ali.

**K:** Massa.

**Y:** Aí eu preferia não entrar e só seguir o caminho que eu tava.

**K:** É... Tu consegue identificar alguma rua que te convidou pra entrar? E o que ela fez tu sentir pra que isso fosse considerado como um convite?

**Y:** Eu diria a primeira esquina, pelo fato de tá uma calçada organizada, limpa, a fachada do prédio bem cuidada, ter pessoas limpando, plantas... Acho que essa foi uma, e a outra foi dobrar na avenida a partir do momento que dá pra ver a praia. A questão da natureza dentro da cidade traz uma paz interna.

**K:** Dobrar na avenida da própria praia ou numa avenida que a gente conseguia ver a praia lá na frente?

**Y:** Na avenida da praia, essa daqui.

**K:** Sim, ok. A presença de outras pessoas te fez sentir de que maneira, seja positiva ou negativa?

**Y:** Eu acho que depende. Em locais que tinham uma calçada relativamente larga era tranquilo, tipo, eu não tinha nenhum problema, me sentia bem, né, /parte do áudio que eu não entendi/, num era uma rua

esquisita. Em locais com calçada estreita incomodava um pouco porque você fica sem saber, tipo, “ah, eu passo primeiro, ou a pessoa passa”, ou “será que eu vou passar e bater na pessoa?”, fica o receio né, de causar algum acidente ou algum incômodo ali, né.

**K:** Se for apontar aí uns três ou quatro lugares que mais te atraíram nessa caminhada tu apontaria quais? Eu sei que tu já falou mas, seria as prioridades.

**Y:** É. Eu diria que a primeira esquina; onde a gente dobrou na orla, ali na avenida de frente pra praia; e preferi seguir arrodando o Mag Shopping, né, porque como o Mag Shopping tava passando paz, então, ao invés de seguir direto, eu preferi meio que contornar ele pra ver se seguia a, a...

**K:** Então tu seguiu ao redor do Mag porque aquele espaço te atraiu, e não porque era o limite de Manaíra?

**Y:** Não, é porque me atraiu \*risos\*.

**K:** Tu nem sabia que era o limite de Manaíra ali?

**Y:** Não.

**K:** Pois era ali.

**Y:** Ah é?!

**K:** O retão de Manaíra é o limite.

**Y:** Ah, essa eu não sabia.

**K:** Ah, que bom!

**Y:** Eu segui porque gostei dali, da, da...

**K:** E os lugares... Ai, desculpa.

**Y:** Não, é porque eu gostei dali, tava a calçada melhor, tava a vegetação, tava mais limpo.

**K:** Uhum. E os lugares que mais te repeliram? Pra apontar aí, rapidão. Os piores.

**Y:** \*pensando\* Eu diria que ali, na calçada, ali próximo ao Garden, que acabou que a gente nem passou pela calçada, a gente passou pela rua. Que... no caso que a gente passou ou que a gente não passou? Desses dos “repeliram”.

**K:** Que a gente passou. Que a gente passou e que você queria sair rápido, porque tava te mandando pra fora.

**Y:** Ah, certo. Naquela parte do prédio que tinha o gelo baiano na calçada, que aí eu também penso a questão da acessibilidade, o quanto aquilo ali dificulta, ou até pra um idoso passar, tropeçar, enfim. Não curti; em frente a construções, principalmente construções que acabam adentrando ali na calçada, seja por sujeira ou tomando a própria calçada; e eu diria que na parte da calçada estreita.

**K:** Que era o da parada de ônibus.

**Y:** Isso, da parada de ônibus.

**K:** Aí só pra finalizar, tu se sentiria mais ou menos confortável em fazer essa caminhada sozinha, e porque? Se não fosse comigo, ou não fosse com ninguém, só tu mesmo.

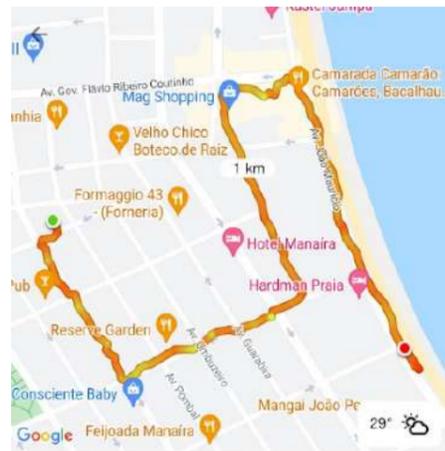
**Y:** Eu acho que eu me sentiria mais incomodada. Porque no caminho, também o fato de tá indo com alguém, de em alguns pontos tá conversando, acaba que a pessoa distrai de tudo isso que meio que repele a pessoa de tá passando ali. Se eu estivesse só, talvez eu desse preferência por andar por avenidas principais. Tentar evitar essas ruas mais internas do bairro. Hm... É!

**K:** Pois é isso! Muito obrigada! Foi...

**Y:** Eu que agradeço, se tiver mais alguma pergunta, só falar!

## Caminhada 05 - Clara

08:30h - 28/04/2022



Clara seguiu por uma calçada larga que dá pra ser vista da praça. É bem confortável caminhar por essa calçada, pela sua amplitude e pela vegetação que tem nela, que deixa o ambiente mais bonito e interessante, junto com o desenho da calçada (Vi que no lado norte deste quarteirão a calçada é do mesmo jeito. Me perguntei se o prédio tomava todo o quarteirão, mas eu acho que não). Seguimos para uma avenida bem barulhenta e um pouco tensa de andar, pela proximidade com os carros. O passo se torna mais acelerado. A caminhada menos prazerosa. Mas pelo menos no início, na tranquilidade que ainda restava do caminhar na primeira rua, ela observou um muro com algumas aberturas diferentes, em frente ao Meat Up, logo na esquina, algo que eu não tinha observado antes, e ela só observou porque estava em um ritmo lento proporcionado

pela rua anterior. Caminhamos pela avenida até ela decidir voltar pra um lugar mais calmo. Lembro vagamente de ela dizer que viu uma massa verde quando olhou pra “dentro” da malha urbana, pra um lado que se distanciava da avenida, e aquilo lhe atraiu. Seguimos então nessa direção, e assim que chegamos nessa massa ela fez uma super expressão de alívio com o corpo e com o respirar, respirando fundo e soltando o ar, e soltando junto os ombros também. Ela expressou esse alívio pela fala também, comentando que era bom caminhar e respirar por ali. Depois disso seguimos numa caminhada mais “normal”, sem muitos acontecimentos interessantes ou que chamassem a atenção. Passamos pelo muro de pedra mencionado por Yuna e quando passamos do Arts Gastrobar ela meio que tinha decidido ir por um caminho, mas olhou pra uma rua e mudou de ideia. Acabou entrando à esquerda numa rua mais calma, que levava ao Mag Shopping lá na frente. Nessa rua algumas coisas lhe chamaram atenção. Primeiro foram umas flores amarelas que ela viu de longe, acho que é pingo de ouro (*é dedal de ouro, na verdade. ela havia feito um trabalho sobre essa flor na infância*), e que foi uma das coisas que lhe convidaram a entrar, depois, a casinha que tinha essas flores no muro. O muro era baixo e nós paramos um pouco pra olhar, tanto as flores quanto as casas. Percebemos que as casas eram “juntas” no mesmo lote. O muro deixava essa parada confortável e boa de olhar. Ao lado tinha uma casa abandonada que ela falou “tão bonita, né?” com um certo arzinho de tristeza, por ela ser tão bonita e estar abandonada. Clara chamou atenção para como a natureza é linda e implacável, porque naquele lugar abandonado ela conseguiu tomar conta de uma maneira bonita e, de certa forma, imponente :). Seguimos por essa rua, que me pareceu deixar as duas confortáveis, passando pela casinha “encanto” (o filme), e também pela área movimentada atrás do Mag. Ela queria ir pra orla, mas quando viu como era a rua entre os estacionamentos, desistiu. Era uma rua árida e tinha um caminhão estacionado, coisa que a deixa com mais sensação de insegurança e vulnerabilidade. Seguimos para dar a volta pelo Mag e ela destacou que gostou do desenho da calçada dele, na esquina, que afasta o pedestre dos carros, pelos canteirinhos de vegetação que tinha por ali. Essa parte da calçada é bem interessante, por isso e pelo banquinho que “se forma” naquele lugar (*se forma porque faz parte do desenho que contém a vegetação*), mas depois já não é mais tanto. Um estabelecimento construído ao lado do shopping leva o pedestre a caminhar por um FIAPO de calçada, beirando a avenida. E depois é mais uma calçada normal. Chegamos na orla, ela andou um pouco mais rápido. Ia parar numa sombra embaixo de uma árvore pra tomar água, mas tinham dois homens e ela decidiu parar na próxima. Acho que esse andar rápido foi pela presença deles.

Seguindo com a caminhada uma casinha com um pilar estampado chamou a atenção dela (é a casinha que tem um muro bem baixinho). No final da caminhada ela ia meio que voltar pro interior da malha urbana, mas não gostou muito da rua e quis seguir em frente na orla (acho que isso era perto da San Paolo). Começou a chover e nós decidimos finalizar a caminhada, porque já estava perto do fim do nosso tempo.

## Transcrição da entrevista

**Karla:** A gente vai começar contigo me explicando o que é que aconteceu aqui, o que é que representa esse mapa, basicamente tu me explicando porque tu destacou essas coisas aqui.

**Clara:** Ok. É... Foi engraçado pensar essa experiência porque como foi uma caminhada mais livre, né, eu... as decisões foram muito tomadas de acordo com, meio de supetão, por exemplo: a gente saiu da praça, a gente entrou (por isso que eu marquei aqui, botei a praça brisa pra meio que contrastar com o que eu senti depois aqui na frente). É... Eu marquei “divertido” por conta do vendedor de vassouras, primeira vez que eu vi com música eletrônica haha \*risos\*. A gente depois entrou numa rua que eu achei mais calma, que tinha um cachorro, tinha um prédio, e eu sempre tenho a tendência de ir pra ruas mais movimentadas, assim, seja de carro, de pessoa, e aí eu pra ir pra essa avenida, sendo que foi ela que me causou mais incômodo no passeio inteiro, assim. A gente tava no mesmo sentido que os carros, né, e como a calçada tava, apesar de larga, tava preenchida de mais carros, a gente tava andando na beira, e aquele ruído, assim perto do ouvido, do carro começou a me... Mais uma angústia, você ter que calcular o passo, de olhar, e... O sol tava forte, não tinha, sei lá, proteção, e por isso que logo depois eu, tem essa descida, né, vem assim quando eu descí, e \*risos\* as tomadas de decisões era eu olhando “ah” tem sombra adiante, vamos”, e eu marquei mais ou menos o meio aqui desse quarteirão que é o quarteirão daquele restaurante, que foi notável trocar de calçada \*já começando a falar com um alívio na voz\* e sentir é... aquela b... sei lá, não tava nem ventando, era mais a sombra, é, ve... eu amo olhar essas coisas, de ver as árvores lá dentro do restaurante, as mesas, perceber, continuar a calçada, eu andei até mais devagar pra poder aproveitar \*risos\*. E... mais na frente, aqui já tem um pouco mais de sombra, aí mais na frente aquela casa que eu disse que eu lembrei que tinha uns cachorros, os cachorros camuflados com suas cabeças cinzas gigantes \*risos\* \*o muro também é cinza, de pedra\*, e... a gente tava na outra calçada, mas eu quis voltar pra essa porque tinha faixa, porque muitas vezes mesmo quando eu tô na faixa eu sinto que eu preciso ter a responsabilidade que o carro não tá tendo, então eu fico meio... me deixa um pouco angustiada, e aquele moço foi muito gentil, ele tava fazendo o que ele deveria fazer \*riso por perceber que estava elogiando algo que é uma obrigação\*, ele parou na faixa pra gente, e isso, foi bom, então por isso que eu marquei medo/segurança, porque a faixa não era pra mais ter a ideia do medo, mas eu sinto mesmo assim. **Obs:** Fazer um comparativo entre aquilo que se é possível pensar e experienciar mentalmente e corporalmente em um ambiente caótico e em um ambiente tranquilo. Pegar essa parte que está sublinhada logo antes da observação e fazer um contraponto com essa parte que se segue. E quando a gente entrou nessa outra rua, pra mim foi a melhor parte da experiência, eu acho, de... era uma rua mais calma, e com as calçadas mais largas, tranquila, quando a gente passou do lado daquelas duas casas, né, no lote, aí tinha o muro de dedal de outro \*a flor\*, tava uma brisa, é me ativou essa memória meio de adolescente, de ter estudado essa planta na escola, e de, como o muro era baixo, de por segundos tentar imaginar como é que vivia lá dentro, o pé de jasmim amarrado, e... foi a parte acho que mais me evocou coisas, assim, não foi tão... A parte mais ativa digamos, da andada \*falando com empolgação\*, e antes eu já tinha pensado em ir pra praia, mas quando eu tinha visto essa rua, eu...

me deu vontade de ir por lá, é... como eu ainda tava na cabeça que eu queria ver o mar, a gente seguiu e dobrou ali perto do Mag Shopping, que agora tá com essa calçada \*falando um pouco feliz\*, com um jardim e com um banquinhos, e, de novo, aqui é outro trecho que teria mais movimento de carro, mas, diferente daquela outra rua, ele tinha... o desenho da calçada tinha uma distância do jardim entre o carro, e as poças \*destacando poças com um ar de riso e como algo que incomoda\*, então era como se eu pudesse focar no meu caminho e não estar preocupada se o carro tava muito perto, se aquilo ia me deixar desconfortável, e a gente dobrou, foi pro mar, “foi pro mar, ó!” \*se corrigindo\*, pra calçada, e eu marquei essas duas instâncias porque o sol tava forte \*rindo\*, essas duas instâncias das árvores, e aqui a passagem da chuva, mais a idéia de casas fofas \*sorrindo\*, brisa, a ideia do cachorro, de conseguir pausar, beber água, de ver o casal lá na canga, e, sentados, que eu já vi várias vezes, as pessoas tipo, se sentindo de boas e compartilhando essa mesma sombra, os ninhos de tartaruga, e essa sensação que... essa calçada e essa extensão que o mar dá, dessa vastidão, traz uma tranquilidade assim, é, por mais que você se sente pequeno, não me dá uma sensação que eu tô só, na verdade, não sei explicar. Me traz tranquilidade, assim, essa prolongação do meu olhar, e aí eu até, a gente finalizou aqui, mas eu tinha pensado em entrar mais pro bairro, mas tinha uma rua que ela tava mais com caminhões assim na calçada, e eu não gosto de andar em rua com, que tem muitos caminhões estacionados, porque... eu me sinto vulnerável! Entre a caçada e aquela superfície, eu não sei...

**K:** Entre o caminhão e a fachada?

**C:** É! Não me sinto confortável, acho que porque por ser mulher já teve situações de algum comentário, alguma coisa, então, estar naquele intervalo em que eu tô só e eu não sei o que pode sair de dentro da caçamba, ou... eu acho que não é o medo, por exemplo, de um assalto, é mais essas outras coisas que a gente já convive \*falando com uma certa tristeza e um pouco de conformismo\*, um possível assédio, alguma coisa. Tanto é que eu já nem cogito, eu já olho e já é uma coisa meio automática, já foi de seguir na praia.

**K:** Pronto, agora eu já sei o que representa tudo nesse seu mapa, e...

**C:** Longe do carro e da poça \*apontando no mapa. as duas riram achando a observação engraçada\*.

**K:** Eu destaquei uma coisa nesse ponto aqui também, mas foi bom que tu destacou isso, que aí eu lembrei de uma coisa que tu falou, que era a distância do pedestre pra rua, e aí você falou depois “ah, ali já não tem”, em seguida, na frente \*se referindo à uma parte da calçada do Mag que uma conveniência se estende e fica bem perto da avenida, deixando apenas uma pequena calçada pro pedestre\*.

**C:** Aham, sim!

**K:** Aí é bom que o seu completa o meu.

**C:** \*Rindo\* Eu tô tendenciada por rua com cachorro. Cachorro, cachorro, cachorro! \*apontando pro mapa\*.

**K:** É mesmo, eu nem lembro de cachorro aqui, ah lembro!

**C:** É o cachorro bebê \*ele tinha um carrinho de passear porque era muito velhinho e cansava\*.

**K:** O velhinho, né? Aí tem algumas perguntas, algumas coisas você já comentou.

**C:** Mas eu respondo de novo, sem problemas.

**K:** De maneira geral, como foi essa experiência pra você? De acordo com o que você sentiu, como você saiu dela, como você passou por ela.

**C:** Tá. É... Foi uma experiência boa, é... \*pensando\*, só que é inegável imaginar, de acordo como o espaço tá, como ele tem uma, um peso na minha tomada de decisão, no meu caminho, que às vezes eu percebo que... tá tão automatizado que provavelmente eu possa fazer trajetos mais longos, justamente

por conta desse desconforto, seja climático, ou dessa angústia, por exemplo, da proximidade do carro, ou... até desse recorte, né, de ser mulher na cidade.

**K:** Sim!

**C:** Que é um recorte bastante importante \*com um ar de riso e uma “puxada de ar” de quem sabe como é\*.

**K:** Aham. É... então, tipo, a forma que tu se sentiu, se fosse pra resumir em uma frase, seria...

**C:** É... Eu me senti tranquila, em boa parte do tempo, salvo por exemplo nessa avenida com o trânsito mais intenso.

**K:** Tá, então eu vou seguir pra próxima aqui. Quais foram os lugares que você se sentiu melhor durante a caminhada? Se for apontar aqui nesse mapa.

**C:** Certo. Foi nessa rua aqui, quando a gente tava perto dessa casa, com o muro das flores, que tava uma brisa, o clima tava mais ameno; e nessas pausas aqui perto do mar, com as copas grandes protegendo.

**K:** Tu consegue descrever o que tu sentiu nesses lugares? Quando tu tava passando, o que é que aconteceu dentro de ti?

**C:** É, eu acho que foi essa saída do automatismo, geralmente tem hora que a gente pega num trajeto da cidade de tipo “ir, ir, ir”. Consegui acessar acho que mais minha subjetividade, coisa de memória, de passar numa árvore e lembrar de alguém, e tipo “ah, eu super conversaria com alguém aqui debaixo dessa árvore”. Eu consegui mais perceber as outras pessoas, perceber mais... a casa lá do pessoal que eu fiquei olhando \*risos\*, os gradis bonitinhos assim. Eu acho que foi essa saída do automatismo, e de se sentir tipo leve, acho que foram essas duas coisas.

**K:** Então foi meio que tipo, o fato de tu se sentir mais leve te abriu possibilidades pra pensar outras coisas?

**C:** Sim! Sim. Sim. Com certeza.

**K:** Sem preocupações. É, tu consegue dizer o que causou essa sensação em você? Do espaço.

**C:** Eu acho que... \*pensando\*.

**K:** Você falou da vegetação já, mas se tiver mais alguma outra característica...

**C:** Acho que foi a vegetação; eu conseguir ver a casa das pessoas, tipo, o muro mais baixo, eu tava conseguindo ver; a calçada que tava larga, sem estar preenchida, então eu tava distante do fluxo possível que tivesse de carros; e... acho que o fator climático também, tava na sombra, tava mais ameno. E... eu acho que não tinha nenhum desses fatores, por exemplo, não tinha um caminhão perto, não tinha nenhum desses outros fatores que seriam bandeiras vermelhas dentro da minha vivência. Então o fato de ter visto a planta que eu conhecia, aquilo me ativou memórias, então aqui já deu uma... uma sensação de casa.

**K:** Sim, um pouco de pertencimento?

**C:** Isso, exatamente, exatamente!

**K:** Certo. É... Em que lugares tu se sentiu mal durante a caminhada? Já sei desse aqui, que foi o principal, aparentemente, o da avenida Esperança, mas poderia apontar mais algum?

**C:** Deixa eu ver, eu acho que foi, é... nessa tomada de decisão, quando eu queria mudar de calçada, e eu fui olhar o fluxo do trânsito, acho que essa aqui é a Edson Ramalho, não tenho certeza \*apontando no mapa\*, e aí eu iria seguir reto, mas eu notei que tava muito forte, e eu dobrei pra outra calçada pra passar pela faixa \*com tom de quem se refere a alguma coisa que deu trabalho\*.

**K:** O fluxo, né, que tava forte?

**C:** É, exatamente. Eu acho que o fluxo e também o fato de saber que em outras circunstâncias os motoristas não me respeitaram enquanto pedestre, então aqui já tá muito forte, entranhado, então você fica, é... A gente passou na faixa, o moço liberou um carro, mas eu fiquei olhando se o outro carro

parava, pra eu conseguir passar. Então isso é um tipo de atenção que eu não que eu tô levada que aqui perto dessa rua eu tava com esses níveis mais tranquilos \*acho que se referindo a parte anterior, perto do Garden\*.

**K:** E agora eu lembrei onde é essa faixa \*me referindo ao mapa\*, porque eu pensava que era outra.

**C:** Não, é a da Edson Ramalho mesmo, que a gente ia atravessar aqui na farmácia, mas a gente veio pra cá pra depois atravessar aqui. Acho que foi isso.

**K:** É... E tu consegue descrever o que isso causou em tu? Internamente.

**C:** Essas duas circunstâncias, né?

**K:** É, o que elas te fizeram sentir. Tem aqui “angústia”, mas se tiver outras coisas, você pode listar, ou discutir.

**C:** \*parte que se refere à primeira avenida em que caminhamos\* É... Quando eu coloco angústia, é porque, particularmente, esse ruído de carro, e muito perto, sempre foi um fator crescendo que me ativava um pouco da ansiedade, me dava a sensação de que eu tava... era algo perigoso! Que eu tava vulnerável. Eu acho essa proximidade e, de novo, esse histórico de que nem sempre eu sou uma prioridade daqueles que tem o maior poder de lhe machucar, eu não sou uma prioridade, não sou enxergada. Então eu acho que essa angústia vem daí, e até somado a esse... tava quente, o abafado, parece que você... essas questões climáticas, parece que ocupam uma parte da sua mente que deveria estar tendo a atenção pra não ser atropelada \*risos\*. E aí você fica mais pilhada em cima, então, por isso que houve a tomada de decisão de mudar de calçada depois, porque...

**K:** De entrar no miolinho? \*me referindo às ruas locais\*.

**C:** Isso! Isso.

**K:** Certo, sair da principal. Você já disse, né, “você consegue dizer o que causou essas sensação em você?”, é a calçada fina, ocupada por carro \*ou seja, a calçada remanescente\*...

**C:** Foi, e a proximidade do carro, esse fluxo mais intenso, e a falta da sombra.

**K:** Certo. Aí quais ruas te repeliram durante esse trajeto?

**C:** Que eu não entrei, no caso?

**K:** É. Ou que você não entrou, ou que você entrou e queria passar logo.

**C:** Certo, é... Teve essa aqui, do lado aqui do, entre o estacionamento do Mag com o próprio Mag, que era a que tinha vários caminhões estacionados, então eu ia entrar pra ela pra ir logo pro mar, mas eu preferi seguir adiante e dobrar mais na frente. Por essa sensação de fluxo menor, eram só dois estacionamentos, então, é... E essa sensação do confinamento maior entre a calçada, entre a grade do estacionamento, e o paredão que é formado por esses caminhões assim. \*parece que as pessoas tem experienciam algumas sensações só em imaginar como seria passar por determinado lugar. Lembrei de Yuna que se referiu à uma calçada parcialmente ocupada por tapumes de obra, com um incômodo de quem parecia ter passado por lá.\*

**K:** Certo. Quais ruas te convidaram a entrar? Que aí foi realmente um convite e você entrou de fato.

**C:** Eu acho que foi essa daqui, quando eu dobre aqui da Esperança \*a avenida\* entrando, que eu até disse que vi aquela massa verde, essa massa verde aqui que tinha dos dois lados do restaurante \*se referindo ao Garden\*, então elas meio que se abraçam assim, e eu olhei e disse “alí dá certo! alí eu tô \*risos\*” \*com um ar de felicidade, e as duas riram\*. Até o próprio aconchego, você visualiza e você já sabe que você vai tá bem, você vai tá tranquila, então acho que foi essa marcação. E eu ia seguir, quando eu tava nessa faixa \*se referindo à faixa de pedestre da Av. Edson Ramalho\*, a gente ia seguir mais pra perto do mar, só que eu vi a rua arborizada e com as casas, e tava na sombra, aí eu quis entrar também, e... eu acho que foi isso, porque o mar se tornou um objetivo nessa parte aqui porque você consegue

visualizar ele a cada esquina, você tem um referencial, então, posso dizer também que ele foi chamando, né, a orla em si, com as copas, foi chamando também. Mas principalmente essas duas, esses dois pontos \*a massa verde do Garden e a rua do dedal de ouro\*.

**K:** Pronto, então tu meio que já respondeu, eu tenho que fundir essa pergunta...

**C:** Tudo bem, pode fazer.

**K:** Quais te convidaram e o que elas fizeram pra que fosse considerado por você como um convite?

**C:** Certo, então essa rua dos restaurantes e essa rua mais calma das árvores, das casas, né. Uma por conta do abraçar das árvores, que fez assim um montão verde assim, vi de longe, com astigmatismo “opa! montão verde” \*risos\*. E, aqui da calçada larga, com o muro cheio de pontinhos amarelos das flores e o muro baixo com as casas mais antigas, que é algo que apela muito pro meu afetivo.

**K:** Ótimo, aí a presença de outras pessoas te fez sentir de que maneira durante esse trajeto?

**C:** Bem, fez me sentir, é... acho que principalmente na praia, você vê pequenas porções de pessoas, assim, o casal junto, a senhora com o cachorrinho, acho que tinha um casal, acho que de pessoas mais velhas que estavam vindo caminhando, teve um que tava com um cachorro que a gente deu bom dia, é... as pessoas sempre me fazem me sentir mais segura e mais confortável. A não ser que seja uma porção muito grande, principalmente do sexo masculino. Teve uma árvore que eu queria parar, mas acho que tinham dois homens sentados, sem máscara assim, e aí eu esperei pra outra árvore pra beber água \*se referindo a parte do trajeto em que passamos pela orla\*.

**K:** Sim, eu lembro onde era essa. É... Quais foram os lugares que mais te atraíram nessa caminhada, e porque? Ah, essa aqui já está respondida, e quais foram os que mais te repeliram também tá respondida. \*pensando\*. Tu se sentiria mais ou menos confortável em fazer essa caminhada sozinha? E porque?

**C:** Assim, eu acho que eu me sentiria... Eu conseguiria fazer. Calma, deixa eu pensar \*risos\*. \*longa pausa\*. Acho que menos confortável porque eu acho que toda vez que você tem uma outra pessoa fazendo o mesmo trajeto próximo sempre lhe dá uma sensação maior de... deixa passar o... \*um carro de som anunciando o espetáculo de um circo\*.

**K:** Vai passar mesmo aqui \*risos\*.

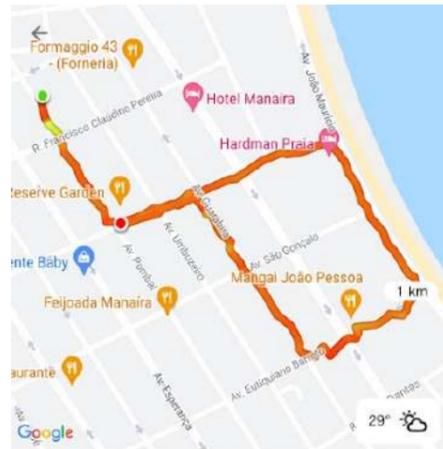
**C:** “A cidade, viva!” \*risos\*. Ok, aí é, tinha me vindo aqui a resposta mas ela fugiu, cinco segundos. Menina, fugiu da minha cabeça! Fui pensar no circo \*risos\*.

**K:** Tu tava falando que sozinha tu conseguiria, mas com uma pessoa nananam...

**C:** É, eu acho que o fato de tá acompanhada faz com que, por exemplo, esses lugares que eu me senti mais confortável, que eu pudesse fazer um trajeto mais lento e apreciar mais. Talvez sozinha eu apreciaria, mas talvez eu mantivesse um ritmo mais rápido, é como se esse automatismozinho que a gente carrega, ele tivesse um pouquinho mais ativado e um pouco mais atento, pros lados essas coisas. Mas eu conseguiria fazer, considerando de dia, né? \*colocando bastante ênfase nessa parte\*. Conseguiria fazer. Mas menos confortável \*aproveitando pra deixar claro novamente a possibilidade do desconforto\*.

## Caminhada 06 - Theo

15:25h - 28/04/2022



Muitos dos bons momentos de Theo foram ligados à vegetação. Uma das primeiras coisas que ele falou foi “vegetação me relaxa”, e ele já apontou que estava se sentindo bem na praça onde nós começamos. Talvez fosse melhor se ele tivesse caminhado falando o que estava sentindo, como ele sugeriu. Bem, seguimos pela rua da “árvore no meio da rua”, mas ele não notou ela. Acho até que ele não se sentiu tão bem nessa rua. Creio que porque a calçada não é tão boa e está cheia de vegetação (mais perto do Garden) e também com algumas palhas que faz tempo que estão ali, e essas coisas nos levam a andar pela rua, indicando baixa qualidade e acolhimento da calçada. Lembro que chegamos no Garden, na parte da frente e ele andou bem devagar. Acho que comentou algo

sobre a vegetação e nós logo passamos por ali. Ele viu o mar e queria ir em direção a ele. Pedi pra que não traçasse objetivos, mas ele queria ir pq se sentiu convidado mesmo. Apesar disso, quando chegamos no Arts Gastrobar, ele se sentiu convidado a entrar naquela rua e decidiu mudar de rota, sempre perguntando “podemos ir por aqui?”, acho que essa era uma forma dele expressar algum interesse, mas sempre com medo de ir e estar meio errado em ter ido. Nessa rua do Arts dava pra ver mais a presença de vegetação. Passamos por uma casa que tinha bastante vegetação, com muro baixo e muitas arvorezinhas. Essa casa lhe trouxe lembranças da casa dos pais dele, e ele comentou um pouco sobre como eles eram, porque tinham várias plantas e tudo mais. Theo também comentou que esse tipo de casa remete à lembrança que ele tem de como era João Pessoa antes, pois ele visitava (ou será que ele é daqui? acho que ele é daqui kkk) esse bairro e ele era bem mais cheio de casas térreas, grandes e de muro mais baixo, com mais vegetação e coisas do tipo. Essa imagem que ele tem provavelmente é de um tempo quando a verticalização ainda não tinha chegado com tanta intensidade. Viramos na rua da Glacê Real, e foi quando começou a chover. Ficamos embaixo de uma árvore e a moça da Glacê nos chamou pra ficar lá, se não me falha a memória. Demos uma pausa lá pra esperar a chuva passar e ficamos conversando sobre várias coisas, e ele comentava que quando anda pela cidade fica observando os prédios pra ver se já tem toda a instalação elétrica que eles precisam (as que são passíveis de identificação apenas olhando pra cobertura), e ele vê esse momento como uma oportunidade de trabalho, acho que ele iria atrás de tentar vender o seu produto pra esses lugares que ainda não tem (*ele trabalhava com painéis solares neste período*). Bem, seguimos pela rua lateral do Mangai e chegamos na orla. Não andamos pela calçada ao lado da praia, seguimos pela calçada ao lado das quadras. A presença do mar parece ser muito marcante pra ele e importante também. Caminhamos devagar por ali, mas não muito, foi mais uma caminhada em um ritmo leve mas normal. Como estava perto de terminar o tempo da caminhada, sugeri que a gente poderia fazer o trajeto de volta lá pra Bernardo, e ele pediu pra eu guiar ele quando precisasse. Chegamos na esquina que leva à rua de Bernardo e eu perguntei pra onde ele iria naquele ponto, e ele respondeu que seguiria em frente. Mas como era ali que a gente deveria dobrar pra ir lá pra Bernardo, a gente acabou entrando. Ele ainda perguntou se poderíamos ir por outro lugar, eu disse que sim, mas que teríamos que voltar depois. Na hora eu não entendi, mas talvez ele tenha feito esse comentário porque já não estava mais se sentindo confortável em entrar ali. Na esquina tem uma casa abandonada, na calçada que a gente passou tinha um caminhão estacionado (ou seria um ônibus? acho que era um ônibus), e

vinha uma pessoa em nossa direção, um homem. Percebi que andamos mais rápido nesse trecho, e depois eu entendi porque. Theo teve algumas lembranças trazidas à tona de quando ele morava em Campina Grande, onde foi abordado (*assaltos*) várias e várias vezes em ambiente um pouco parecidos, e ele relatou que não gosta de passar ao lado de caminhões estacionados pq se sente vulnerável, pois não sabe quem vai sair dali. Veja, o medo dele é parecido com o de Clara. Um medo de passar ao lado de grandes veículos estacionados, que confinam a calçada, gerando um mini beco, só que os medos deles são de coisas diferentes. Clara tem medo de ser assediada, Theo tem medo de ser assaltado/abordado. Espaços de vulnerabilidade despertam medos nas pessoas de acordo com suas vivências passadas e também de acordo com seu gênero. Nos dois casos esses veículos estavam estacionados em trechos que os lotes não ofereciam troca com a rua, no primeiro eram estacionamentos, e desta vez uma casa abandonada, vazia, e do outro lado uma casa fechada, com muro crescente, baixo na testada do lote e alto ao lado do veículo estacionado.

### Transcrição da entrevista

**Karla:** A gente vai começar com uma explicação. Você me explica porque você colocou essas coisas, e como foi seu caminho, a partir disso daí.

**Theo:** Certo. A gente iniciou na praça, né, então já é um ambiente arborizado, um ambiente que já me traz tranquilidade, paz, eu costumo já tá nesses ambientes aqui. E na primeira caminhada o que eu percebi foi uma mudança, que eu já... eu sou da cidade, vim aqui em outros momentos, e percebia que antigamente não tinha tantos prédios como hoje, e hoje eu percebi que, é, Manaira tá cada vez com mais prédios, e muda um pouco a vista que eu tinha em relação ao início mesmo, quando era mais novo, né.

**K:** Muda como?

**T:** Muda que você se sente num ambiente um pouco mais preso. Andando. A vista que eu tive andando, você não consegue ver a parte mais alta, né, e acaba se tornando um ambiente mais preso, é... pra pessoa que tá caminhando naquela região. Só que passou, não é em todo canto de Manaira que é assim, né, só alguns pontos específicos nessa caminhada pra cá. E aí percebi que a gente, passada essa parte, a gente voltou a uma rua arborizada que eu te disse que eu me senti bem a vontade, que inclusive eu reconheci o prédio, né, por essa rua arborizada, que seria a rua que tem como se fosse um túnel formado por árvores \*se referindo ao Garden, e ao prédio de Bernardo, que é amigo dele\*, e aí eu voltei a pensar um pouco na praça, que também é um ambiente arborizado. A gente seguiu por esse caminho, que é, não chega a ser nem um quarteirão, essa rua arborizada, e eu comecei a voltar o pensamento pros prédios, só que com um pensamento mais voltado àquela questão profissional mesmo, a olhar os topos do prédio pra olhar se tá tudo feito da maneira correta, o que dá pra ver de longe, né. Então esse pensamento foi mais pra questão do lado financeiro, já pensando em prestar algum tipo de serviço. Essa observação é mais por questões profissionais mesmo. E aí começa essa parte de observação dos prédios, como aqui tem muitos prédios, é comum que se tenha essa questão do, no topo deles, essas características que eu vislumbrei na parte profissional. Só que quando a gente passou, a gente começou a perceber que tinham casas arborizadas, antigas ainda, que eram resquícios daquelas que eu tinha o pensamento de outros pontos que agora tem prédios. Então voltei a ter essa mudança de emoção, né, antes eu tava mais focado no lado racional de dinheiro, em termos financeiros, mas eu passei, quando eu vi essas casas, a voltar um lado mais emocional mesmo, a algumas lembranças que eu tinha do passado aqui, dessas casas, que ainda tem a estrutura antiga e tudo, e que eram muito mais frequentes antigamente \*colocando intensidade e se referindo a recorrência delas\*, essas casas mais arborizadas. Então, tive uma volta ao tempo, assim, de

coisa de quinze, vinte anos atrás, de como era o bairro, não só esse bairro, como outros bairros daqui de João Pessoa. Então casas grandes e arborizadas, então a gente tinha muito, era bem frequente isso aqui em João Pessoa, então teve essa mudança no meu pensamento, tipo uma volta. E aí esse sentimento de tranquilidade aumentou, quando começou a chover \*destacando a chuva como aspecto que interrompeu a experiência e o sentimento\*, começou a chover e a gente tava numa parte que era um pouco arborizada, e com a chuva mesmo, assim, a gente tendo pausado um pedaço do caminho, do trecho que a ia fazer, mas de todo jeito, a chuva naquele momento, naquele ambiente, um ambiente tranquilo, fez com que essa emoção ela se... ela aumentasse um pouco, né. E aí a gente caminhou, pra o mar, pra orla...

**K:** Essa emoção que tu diz, antes de tu continuar, tu conseguiria descrever o que foi?

**T:** O ambiente de, de, assim, mais relacionado a árvores e tudo, já me dá uma tranquilidade pelo fato de ter um clima um pouco diferente, eu acredito que o próprio ambiente repleto de árvores já traz um clima diferente de quando você está num ambiente mais aberto \*se referindo a ambientes sem vegetação\*, entendeu? Então esse clima que às vezes eu acho um pouco mais frio e tudo, mais aconchegante, me dá um pouco mais de tranquilidade, é como se ele quisesse que você estivesse ali naquele lugar \*que bonitinho hehe\*. E aí, com a chuva a gente teve que parar um pouco, mas até a zuada da chuva, coisas da natureza né, juntou o ambiente com a chuva, pode ficar um pouco abafado as vezes, mas ficou um pouco mais frio até ali enquanto a gente tava caminhando. E quando a gente chegou na orla, aí completou, já tava encaminhado, né, por esses sentimentos anteriores, e aí, toda vez que eu chego, na verdade, na orla, no mar, eu me sinto mais tranquilo, eu me sinto mais em paz, eu gosto desse ambiente de orla, eu vejo o mar e eu começo a pensar em outras coisas, pensar que tipo, o mundo não é só aquilo do trabalho, que a gente tá dentro de um escritório, dentro do seu ambiente de trabalho, na casa de um cliente, no comércio e tudo; não, o mundo é muito mais do que isso, né, então o mar, quando eu chego no mar e olho pra ele eu vejo que só estamos aqui em um local, mas que existe muito mais do que esse local, muito mais do que esse estado, muito mais do que esse país, existe um mundo gigantesco. Então toda vez que eu olho eu fico imaginando até “caramba, então quer dizer que se a gente nadar aqui a gente vai chegar na África? É, a gente chega indo aqui direto” \*risos\*. Então é como se tivesse uma outra cultura diferente, num outro lugar, então eu começo a viajar nessa questão histórica também, como chegaram aqui. Eu começo a perceber que tá, o mundo não é só o que eu tô fazendo agora aqui no meu trabalho, existe uma história muito grande por tais milhares de anos. E aí eu fico, assim, pra entender que... tem muita coisa! Tem muita coisa acontecendo e tudo, e eu não sou a única pessoa no mundo que tem problemas e tudo, acontece, e o mar representa, apesar de não me dizer nada, o mar representa isso pra mim, um sentimento de paz. Quando a gente tava na orla, voltando, aí eu vi uma parte que era uma estrutura destruída, uma edificação destruída e pichações. Tinha até uns cacos de vidro e tudo, aí deu um certo desconforto, tanto que eu até marquei aqui como forma de desconforto, que teve também a mudança de rota, eu pensei em ir direto e a gente mudou pra esquerda, por que era pra vir pro caminho \*nessa hora a caminhada teria acabado e nós estávamos voltando pra o prédio pra fazer a entrevista em um ambiente confortável e seguro\*.

**K:** O desconforto foi justamente na hora da mudança ou foi antes?

**T:** Não, o desconforto foi naquela imagem da pichação e da destruição, entendeu? E assim, acredito que tinha uma pessoa que tava chegando também, então provavelmente ali é um ambiente que reúne um grupo de pessoas que talvez eu não me sentisse confortável, entendeu? Não sei se você percebeu.

**K:** Foi na esquina que a gente dobrou?

**T:** Na esquina, uhum. E tinha um ônibus ali também que tirava a vista de muita coisa \*lembrando repentinamente\*, e aí eu não me senti tão confortável de ficar muito tempo naquele ambiente. Só que

essa rua foi a rua que a gente veio, seguiu, e voltou pelo caminho que era o caminho arborizado, né, fechado. Então já voltou a trazer esse sentimento meio de tranquilidade, porque ali eu já me sinto mais à vontade, né, tinha algumas pessoas ali que estão vistoriando, então uma das coisas que eu me sinto desconfortável em João Pessoa é um ambiente que eu posso ser abordado por alguém. Então isso pode ser que hoje em João Pessoa esteja bem mais tranquilo, mas já tiveram épocas que foi bem mais pesado. Então talvez mesmo daqui a dez anos, se ficar bem tranquilo em João Pessoa, talvez ainda tenha resquícios desses momentos que foram, é assim, bem tensos mesmo. Acontecia muito no meu bairro, acontecia muito aqui na praia também, lá em Campina acontecia bastante.

**K:** Chegou a acontecer contigo?

**T:** Várias vezes, umas sete. Sete vezes, inclusive umas cinco lá em Campina.

**K:** Meu Deus...

**T:** E aí volta aquele sentimento, né, assim, muitos desses sentimentos estão relacionados também ao ambiente no sentido de que eu posso ser abordado por alguém, eu posso sofrer algum tipo de dano por alguma pessoa, andando né \*dando ênfase ao “andando”, como quem deixa claro que assim está mais vulnerável\*. O costume de andar, que eu tinha antigamente, andava tranquilamente em João Pessoa, ele mudou um pouco, mas até que hoje ele tá um pouco melhor.

**K:** Quais são as características físicas do espaço que te trazem essa lembrança?

**T:** Pichações, destruição, ambientes com construções pela metade, porque lá dentro podem ter pessoas utilizando algum tipo de entorpecente e tudo, e podem abordar você na rua. Ambientes que tapam a vista, por exemplo, você botar um caminhão bem grandão em um espaço, então você não tem esse... você passando por trás desse caminhão, as pessoas não estão vendo, você pode ser abordado ali. Que tinha todas essas características \*no trecho ruim da Av. Av. Euzely Fabrício de Souza\*, só que não era um caminhão, era um ônibus. Tinha todas essas características numa dessas ruas que a gente voltou. Mas depois, quando a gente seguiu, a gente volta pra esse caminho que é do túnel, né, e esse caminho já volta a trazer tranquilidade, porque já aparenta, pelo que a gente já viu e tudo, ser um ambiente bem mais tranquilo. Então tem pessoas que estão, tipo, na segurança \*neste dia tinha seguranças no Garden\*. Então essa questão, de segurança mesmo, ao andar, influencia muito meus pensamentos, além do espaço físico \*ou seja, a presença de pessoas, e o que estão fazendo\*. Mas assim, claro que hoje está mais tranquilo em relação a isso, pelo menos pelo conversar com as pessoas aqui da cidade, eu percebo que tá mais tranquilo, tá mais calmo e tudo em relação a isso, mas que acontece. E aí esse sentimento de alívio foi quando a gente chegou, até atravessar ele \*o túnel formado por árvores\*, e chegar ao ponto final, que é aqui no prédio.

**K:** Certo. Aí então eu vou trazer umas perguntas agora, mais de guia mesmo, e a gente pode ir conversando. De maneira geral, como foi a experiência pra você, sobre aquilo que essa experiência te causou internamente?

**T:** Foi uma mudança de pensamentos de acordo com o caminhar, então eu pensei na natureza em uns momentos, pensei na tranquilidade, mas alguns momentos que tavam mais movimentado, por causa do próprio trânsito mesmo, aumenta, assim, a altura né \*se referindo ao volume do barulho\*, e você começa a se desconcentrar em alguns tipos de pensamentos, aí por consequência eu comecei a pensar em outras coisas, como a questão profissional mesmo, mas depois volta o pensamento sobre a tranquilidade que o ambiente, a natureza, causa aqui na cidade \*talvez nessa rua da casa furtacor tenha tido alguma variação de quantidade de vegetação, e ele sentiu isso\*, mas eu vejo que foi muito essa mistura, né, desses sentimentos, durante o caminhar.

**K:** Aham. Quais foram os lugares que você se sentiu melhor durante a caminhada? Se você for apontar aqui nesse teu mapa.

**T:** Na orla, quando a gente entrou na orla, foi um dos ambientes; Nessa parte aqui que tem como se fosse um túnel arborizado; E na casa antiga, na casa antiga também que é a que tinha uma vegetação também.

**K:** Que te lembrou da casa dos teus pais?

**T:** Lembrou da casa dos meus pais e me lembrou também de João Pessoa, da própria cidade como era antigamente. Que era muito mais frequente esse tipo de casa.

**K:** Eu sei que tu já falou um pouco sobre o mar, sobre como ele te fez sentir, mas tu consegue descrever aquilo que você sentiu nesses lugares? Pode não ser uma palavra fixa \*no sentido de um só conceito\*, pode ser discorrido em algumas frases.

**T:** Dos três lugares diferentes?

**K:** É.

**T:** Tá. Aqui, o arborizado, primeiro eu acho muito bonito, primeiro é a beleza, depois é o próprio sentir no seu corpo o fator externo que tá entrando no seu corpo, de tá mais vento, tá mais frio e tudo, então essa questão do próprio ambiente mesmo, o que o ambiente traz, isso foi dessa parte do túnel. Da casa antiga foram lembranças do passado, então eu passei a me lembrar de como era João Pessoa antigamente, tinham muito mais casas. No mar era um pensamento que eu sempre tenho de que eu não sou o único no mundo que tem problemas, o mundo não é só isso que eu tô pensando, o mundo é muito mais. Então esses são os sentimentos, em poucas palavras, né, de cada um desses lugares.

**K:** Certo, aí tu consegue dizer... ah, já falou. A pergunta era “tu consegue dizer o que causou esse sentimento em você?”, foi a vegetação, foi...

**T:** É o ambiente mesmo, as próprias características do ambiente mesmo. O que tem no ambiente, né, os detalhes físicos dele mesmo que me fazem pensar isso.

**K:** Em que lugares tu se sentiu mal durante a caminhada? Tem aquela esquina...

**T:** Isso, a esquina... Eu achei só a esquina, só a esquina mesmo, não teve outro não nesse trecho que a gente andou não teve outro que eu me senti mal não \*camada de análise: a fala. o corpo mostrou ele caminhando pela rua ao lado do garden porque a calçada era bem ocupada. mas essa menção aqui sobre a esquina é mais sobre se sentir mal do que sobre adaptar o caminhar sem se importar demais\*. O único desconforto que eu tive foi nessa que tinha a pichação, né, e a edificação destruída lá.

**K:** Além da lembrança que isso te trouxe, de experiências passadas, tu consegue descrever alguma sensação que tu teve? Tipo, eu tive ansiedade, eu tive não sei o que...

**T:** Tive um pouco... É porque eu já sou por natureza muito ansioso. Eu já tenho uma ansiedade muito grande, inclusive eu tava comentando anteriormente que eu fiquei até sem dormir por causa de uns acontecidos do trabalho, mas assim, ansiedade ela me dá quando eu chego em ambientes que eu não me sinto à vontade, muitas vezes. Ou acontece algo que eu não espero. Como não aconteceu nada inesperado, por exemplo uma batida e tudo, isso aí poderia me causar algum tipo de sentimento desse de ansiedade. Mas o único foi a mudança total de ambiente, que a gente tava seguindo ali na orla, e quando viu tinha uma edificação destruída \*falando com uma certa intensidade e com um pouco de insatisfação\*, com várias pichações, e algumas pessoas que estavam chegando que eu não me sentiria confortável. Então assim, pode ser um prejulgamento meu dessas pessoas, claro, óbvio, mas assim, foi a junção desses fatores todos, entendeu? Que me fez ter esse desconforto, e gerado um sentimento um pouco de ansiedade mesmo. “vamos seguir por aqui pra evitar qualquer tipo de coisa, de risco” \*essa era a vontade dele, mas acabamos entrando na rua da esquina que lhe gerou esse sentimento, pois íamos voltar

pro prédio, pois já estava terminando o tempo de sua caminhada e íamos fazer a entrevista no prédio, e eu não percebi que ele se sentiu assim, apenas notei que ele andou mais rápido\*.

**K:** Tá. Aham. Quais ruas te repeliram? No sentido de não te convidar a entrar, de tu olhar pra ela e não querer entrar, ou de tu ter entrado e querer sair logo dela.

**T:** Não, teve uma que a gente entrou que eu não queria entrar, que foi essa da esquina mesmo, que eu disse “não, vamos direto”, que a gente tinha que entrar porque fazia parte do caminho, né, de volta. \*Nessa hora, antes de entrar, eu perguntei a ele “se fosse pra tu escolher, tu escolheria ir por onde agora?”, e ele disse que preferiria ir direto\*.

**K:** Sim.

**T:** Mas tirando isso a gente fez um roteiro seguindo as ruas mesmo e descobrindo alguns pontos. Nenhum deles, tirando essa rua, eu, assim, queria sair, ou mudar de rota.

**K:** Desculpa por ter enfiado você nessa rua \*risos\*.

**T:** Não! Fazia parte do caminho!

**K:** Mas não era pra fazer, tipo, obrigatoriamente, sabe?

**T:** Ah, entendi, entendi.

**K:** Que ruas te convidaram pra entrar e o que elas fizeram pra ser considerado por você como um convite? Não fizeram, mas o que elas tinham pra ser considerado como.

**T:** Inicialmente eu já tava dizendo “a gente pode ir pela orla”, aí eu fiz “não, vamos mudar um pouco”. A orla já me convida normalmente, independente de onde eu estiver, se tiver uma orla ela, pra mim, já é um convite pra eu conhec... pra eu ir até ela. Mas essa da casa antiga foi uma das principais. Primeiro essa né, assim, esses são os três pontos principais, que eu gostei dessa caminhada. A rua convidativa número um foi a do túnel arborizado, a número dois, que eu até fiz “vamos entrar nessa rua”, pra gente ver até mais de perto como era essa casa, e a orla. Só que a gente mudou só o sentido, no início eu pensei em ir pela orla, a gente mudou, tanto que na mudança eu vi a casa \*falando com uma certa empolgação\*, se não, se a gente não tivesse mudado, eu não teria visto.

**K:** Pronto, a casa apareceu depois da mudança.

**T:** Foi.

**K:** Aí na hora dessa mudança, tu viu alguma coisa que te convidou a entrar nessa rua? Que tu tava indo pra um canto, e decidiu ir pra outro.

**T:** Não, nesse momento eu quis testar a aleatoriedade mesmo, eu fiz “vou mudar! Eu não vou me destinar ao primeiro caminho que tá me chamando”. A orla está me chamando, mas eu fiz “não, nesse momento eu vou seguir um outro caminho pra depois chegar na orla”. E aí nesse meio caminho eu posso descobrir outra coisa.

**K:** Descobriu! \*risos\*. É... A presença de outras pessoas te fez sentir de que maneira? Pode ser algo positivo ou negativo, ao longo do trajeto.

**T:** Dois momentos. O primeiro foi o momento que a gente parou por causa da chuva, que a gente entrou num lugar, no Glac... Pode dizer o nome?

**K:** Pode.

**T:** No Glacê Real, que a gente não consumiu, e nem por causa disso a gente foi maltratado pela, ou deixado de lado, pela recepcionista, né. Então eu gosto muito desse tipo de atitude nas pessoas, né, tipo, independente se você vai querer comer alguma coisa, eu vou te tratar do mesmo jeito de uma pessoa que vai consumir muito.

**K:** Uhum.



caminho de sombra com árvores também, até chegar uma opção que não tava tanto sol pra gente enfrentar, e chegar até a praia. Aí chega na praia, a gente pegou à esquerda, que achei, sei lá o melhor, e acompanhar a vista da praia, o ambiente da praia. Até parar nela.

**K:** Certo. Quer fazer algum acréscimo aqui?

**J:** Vou fazer só pra ficar certinho. Chegou aqui a gente foi a frente... as arvorezinhas...

**K:** Aí tem algumas perguntar guia para a conversa. Deixa só eu pegar aqui. Aí, de maneira geral, como foi essa experiência pra tu, de acordo com aquilo que tu sentiu? Internamente.

**J:** Foi boa, me senti bem à vontade, tranquilo. Foi uma perspectiva diferente em relação à rotina, né, porque a gente anda com um objetivo, tava mais livre e... à interpretar o caminho que eu iria seguir, em relação a me sentir bem, né, em relação ao ambiente. Isso me fez tomar algumas decisões diferentes do que eu tomaria no cotidiano, que provavelmente eu iria procurar mais eficiência em chegar em algum local, ou iria procurar uma rota mais segura, em relação à transito ou até assalto, alguma coisa assim.

**K:** Eficiência no sentido de tamanho de trajeto?

**J:** Tamanho de trajeto. Principalmente quando eu tô de... Não de pé, né, mas como eu ando mais de carro, provavelmente eu iria procurar as rotas melhores em relação ao carro. Quando eu tô a pé, e geralmente também são rotas mais eficientes, a não ser que seja algum passeio, até chegar ao passeio eu também iria procurar rotas eficientes e tal, um caminho mais curto. A não ser que realmente tivesse algum caminho que eu me sentisse bem pra tá caminhando por ele, né. Tipo, porque eu também eu não faço tanto questão de estar a pé, mas como eu te disse em relação à moto, né, quando eu tô pra andar, pra sei lá, eu quero desestressar, eu quero me sentir melhor, eu procuro os caminhos que as paisagens, os ambientes que eu prefira... que eu sei que eu me sinto bem. Quando eu saio com esse objetivo, quando eu saio de moto pra desestressar geralmente eu venho pra praia, eu vou mais pra aquela área do Bessa, Cabedelo.

**K:** Aham. É... Quais foram os lugares que você se sentiu melhor durante a caminhada? \*acrescentando informação: no dia da caminhada de João estava um clima um pouco chuvoso, e nós ainda caminhamos um pouco na chuva, mas depois fez sol e João até precisou tirar o casaco\*

**J:** Me senti melhor nos caminhos que tava mais arborizado, senti um clima melhor, mais fresco, e sombra né, e a praia né. Acredito que a praia por causa do, de todo efeito que a praia traz né, o som, a vista.

**K:** Se fosse apontar só dois específicos assim, sem ser tipo, lugares que tinham vegetação em geral. Tu lembra de algum específico?

**J:** Sem ser eles?

**K:** Não, pode ser dentro deles, mas apontando um lugar específico, pode ser até no mapa.

**J:** Esse com as... que tava bem fechado, realmente muita sombra, bem tranquilo \*o Garden\*; e esse aqui, que eu acho que é até um restaurante aqui.

**K:** É, da calçadinha da fama \*o Mangai\*.

**J:** É, bastante arborizado. É, calçadinha da fama. Bem arborizado. Tipo, tava um pouco apertado, mas... a calçada não era tão ampla, tão espaçosa assim, né. Tanto que a gente tinha que apertar um pouquinho pro lado pra poder passar em alguns cantos, mas... mas compensou o ambiente em questão de ter árvores, ter sombra tal, deixou a pessoa mais confortável.

**K:** Uhum.

**J:** Até por causa que a pessoa tá andando, tá quente e a gente vive aqui em clima litorâneo. E... Eu acho que uma sombra, tal, sempre é bom pra refrescar. É tanto que quando a gente anda muito aqui a gente

procura uma sombra e uma água de côco, né, pra tomar. Quando tá andando muito, tal. Tanto que esses dois pontos ainda foi melhor do que a praia.

**K:** Tu consegue descrever o que foi que você sentiu passando nesses lugares?

**J:** Me senti bem. Bem... bem estar. Até pra respirar acho que a gente \*fazendo o gestinho de um bom respirar\* respira melhor, sei lá, num sei se é intuitivo ou \*mini riso\* é porque realmente traz esse conforto. Num sei.

**K:** Tu meio que já respondeu mas... Tu consegue dizer o que causou essa sensação em você? Além da vegetação. Ou foi só a vegetação?

**J:** Acho que a vegetação e a sombra, véi. Eu acho que... É por causa que... Eu acho que tá ligado à temperatura do ambiente, eu acho que cai muito, a sensação térmica, entre você tá fora de uma sombra e tá na sombra. Quando você tá, e principalmente quando é contínuo. Tipo, teve esses dois caminhos eu acho que foram os mais longos \*do Garden e do Mangai\*. Esses aqui, tanto que eu botei pouca árvore, aqui ficou bem mais expressivo o número de árvores. Tanto por ter mais sombra, e mais longo né \*o trecho sombreado\*, esse sentimento foi mais forte, nesses dois caminhos né, que teve mais sombra, mais... o clima mais fresco, tal. Deu pra até curtir mais e tal.

**K:** É como se, tipo, o ambiente criasse tempo pra você se \*barulho no áudio. não deu pra identificar a palavra\*.

**J:** É. Eu não sei se a gente fez aqui, mas geralmente quando a gente passa por um ambiente desse, a gente até encurta o passo, pra aproveitar mais. Ou pra refrescar mais ou pra aproveitar mesmo o bem estar que ele causa. É tanto que até em carro também, quando a gente tá dirigindo, por exemplo, um sinal fecha, e a gente passa por uma sombra que algum prédio tá fazendo, ou que alguma árvore, porque aqui em João Pessoa tem muitas sombras de árvores, a gente ou para nela, pra esperar o sinal abrir, pra num ficar no quente né, no calor, e às vezes passa até mais devagar pra aproveitar. Tanto andando quanto de carro acontece.

**K:** Em que lugares tu se sentiu mal durante a caminhada? Agora o contrário.

**J:** Que eu me senti mal... Foi no... Aqui na, pra atravessar a rua, que era uma rua muito larga, apesar de ter a faixa de pedestre, não me deixa confortável o suficiente, devido ao fluxo muito grande de carro, pra parar e esperar os carros pararem. É tanto que eu preferi continuar andando, do que seguir um ambiente assim, que seria mais favorável \*favorável no sentido da eficiência do trajeto, porque ele queria ir pra praia e seguindo em frente daria direto na orla, então o fluxo de carros e o sol atrapalharam o trajeto\*. Por questão de bem estar, eu preferi continuar andando, me senti melhor, mesmo não sendo um, acho que tu entendeu o que eu quis dizer, um ambiente mais agradável visualmente. Mas foi um ambiente mais seguro, eu decidi pegar um ambiente mais seguro e continuar andando até esperar o fluxo diminuir e passar.

**K:** Tipo, não seria o caminho que tu andaria se não tivesse que ser obrigado a andar nele pelo fluxo da rua.

**J:** É. Essa opção aí eu faria tanto por questão de... nas duas situações, de tipo, “ah, eu tenho um objetivo a seguir”, como até eu te falei, se meu trabalho fosse... algum trabalho ou algum ponto de encontro fosse aqui, mesmo preferindo atravessar logo aqui, por que eu acho um ambiente mais bonito, tal, eu preferiria ser eficiente, continuar minha trajetória, diminuindo o espaço entre o meu objetivo, e ficar olhando até não ter mais fluxo de carros, e fosse seguro passar né; do que, sei lá, continuasse reto e quisesse sei lá, vir pela praia, aqui seria mais rápido de chegar na praia, mas eu não preferiria esperar o trânsito diminuir, ou esperar a boa vontade de um motorista pra atravessar esse espaço e andar pela praia. Caso tivesse sinal, ainda me sinto mais confortável em passar no sinal vermelho, porque eu vejo os carros parados, tal,

do que passar simplesmente numa faixa numa rua que é muito grande e tem muito fluxo de carro, tá entendendo?

**K:** Uhum. Aí, esse lugar que tu se sentiu desconfortável, tu consegue descrever o que esse desconforto causou internamente, o que esse desconforto te fez sentir? Além de só desconfortável, tipo, não precisa ser um conceito fechado.

**J:** Acho que só essa questão de segurança, né, não confiar no motorista brasileiro \*risos\*.

**K:** E de sensação?

**J:** Tipo, acho que essa sensação não aflorou mais porque eu tomei uma decisão de não enfrentá-la, tá ligado? Eu tomei uma decisão de procurar outra rota, e esperar não ter fluxo de carro, né, que a gente não passou no menor fluxo, a gente passou praticamente não tinha fluxo de carro, tava vindo uma moto lá, mas a gente vê que dava pra passar tranquilo. Mas essa sensação não ficou mais, tipo, chata, porque eu não quis... Com certeza se eu tivesse ficado lá, a gente “ah, bora manter essa rota porque eu escolhi um ambiente”, acho que teria sido mais estressante, ficar lá tendo que, sei lá, acho que no mundo de hoje a gente gosta de ser muito eficiente, né, querer fazer alguma coisa rápido tal, por isso que eu não me sinto confortável, num me sinto seguro, sei lá. E dependendo do conceito que a gente acha do que é uma faixa de pedestre, e não bater com o cara que tá dirigindo, de respeitar esse conceito, podia até trazer um sentimento de raiva, tá entendendo, aí eu prefiro evitar essas coisas, ao ponto de pegar outra rota, né.

**K:** Uhum. Além desse desconforto causado pelo fluxo de carros, teve alguma coisa no espaço, da estrutura do espaço, que te fez se sentir desconfortável? Seja de qualquer plano, de plano de piso ou vertical.

**J:** Não. Acho que só a questão que, nesse ponto que tinha a faixa de pedestre, o espaço até chegar à praia, que era o objetivo que eu tava querendo chegar quando eu tive essa visão de praia, foi tipo, tava muito sol e eu não vi tanta sombra, tal, e acho que foi até, além de procurar uma melhor forma de passar, quando o fluxo tivesse reduzido, foi ter visto esse ambiente aqui que tava com as árvores, é tanto que aqui a gente passou por uma rua que poderia ter entrado logo pra praia, mas eu preferi não entrar também, se não me falha a memória, por causa do sol. Eu preferi continuar aqui na sombra, e quando eu olhei a esquerda e vi que, pelo menos metade do caminho, tava sombra, eu digo “não, vou por aqui”, e o resto do caminho, que eu acho que era até uma conveniência aqui e tal, que não tinha sombra e tal, mas já tava curto pra chegar na praia. Então eu preferi encarar isso.

**K:** Certo. É... Durante o trajeto, tu consegue identificar alguma rua que te repeliu? Seja a não entrar ou seja alguma que a gente tenha entrado e tu tivesse querendo sair logo dela.

**J:** Tiveram algumas ruas que... Pronto, aqui, eu não decidi ir pra nenhuma dessas porque eu tinha a visão que aqui ia pegar a... Não aqui, os prédios fechavam um pouco, mas aqui dava pra pegar a visão que eu estaria quase na principal de Manaíra, aí eu digo “velho, se eu tô querendo um ambiente pra eu me sentir bem, eu num vou querer pegar uma principal com muito trânsito”, tá entendendo?

**K:** Sim. Dentro do mapinha aqui, tu lembra de alguma que tu lembra que te repeliu?

**J:** Não, num chegou nenhuma a me repelir não \*camada da fala, porque na verdade durante a caminhada ele decidiu não entrar em uma rua porque “a rua estava feia”\*, foi mais por questão de atração. Porque eu acho que o que mais me repeliria era o fluxo, o trânsito, muito intenso e tal, a zuada, e aqui as ruas eram bem mais tranquilas, e por todas serem tranquilas, eu decidi ir pelo caminho que trouxesse uma sensação melhor, que foram as das árvores.

**K:** Certo. Aí... Foi pela atração que tu foi seguindo teu caminho, mas tu conseguiria destacar as ruas que te convidaram a entrar e o que elas fizeram pra que fosse considerado por tu como um convite? Eu sei da vegetação, tu pode falar disso também, mas se tiver outra coisa...

**J:** O convite praticamente foi o que eu já disse mesmo. Foram essas aqui, essa que eu me senti convidado. Aqui, se for tirar essa situação dos carros, teve umas situações mais curtas, que a gente poderia ter pegado pra ir pra praia, mas eu preferi continuar mais um pouco aqui, por causa da sombra. Foram essas que me atraíram, essas circunstâncias.

**K:** A presença de outras pessoas te fez sentir de que maneira?

**J:** Não, num me senti incomodado não com as pessoas que a gente viu. Foi bem tranquilo.

**K:** Tu se sentiria mais ou menos confortável em fazer essa caminhada sozinho e porque?

**J:** Mais ou menos confortável? Me sentiria tranquilo, confortável. Independente de tá sozinho ou não.

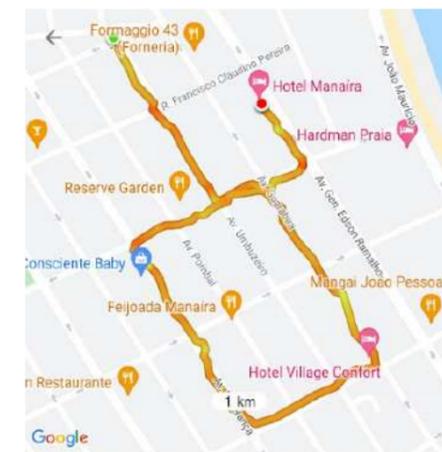
**K:** Certo, porque?

**J:** Porque? Tipo, eu tenho costume tanto de sair com pessoas como sair sozinho, sabe? Então, são situações diferentes, tem situações que eu quero tá acompanhado, e é bom ter alguém pra uma conversa e tal, e tem situações que sozinho traz mais reflexão, traz mais... sei lá, cria um ambiente de... só meu, tá entendendo? Ah, eu tô andando e começo a pensar nas minhas coisas e tal, sei lá, aquelas reflexões que a gente tem quando tá sozinho. E quando tá acompanhado geralmente a gente não tem esse tipo de, pelo menos eu não tenho esse tipo de reflexão pessoal sobre, sei lá, minha vida e tal, geralmente a conversa é mais superficial. Falar do dia a dia, ou de alguma coisa que aconteceu, ou coisas do cotidiano.

**K:** Certo, então eu vou encerrar a gravação. A principal fonte de dados pra pesquisa, é a caminhada, o meu registro dessa tua caminhada, e o teu.

### Caminhada 08 - Helena

15:35h - 02/05/2022



Helena pareceu não se sentir mal na maior parte do trajeto. Lembro que ela se incomodou com a casa furtacor, disse que era um lugar estranho, talvez por estar coberto de plantas e ser muito fechado, o que acaba deixando um aspecto escuro, fechado, misterioso, pra quem passa na calçada. Ela mencionou um terreno baldio, e que esse terreno teria sido a única coisa que a repeliu. A vegetação pra Helena estava ligada a aspectos de conforto e desconforto. De conforto podemos citar a beleza da vegetação nas calçadas, a vegetação presente na fachada de um prédio que ela disse que gostava muito e sempre olhava pra ele no seu caminho para o trabalho (*um prédio que tem um gradil mi redondo, e acho que tem uma clínica veterinária também, com vegetação na fachada*). E o desconforto seria a sua presença escondendo uma casa ou tomando conta de sua fachada, como é o caso da casa furtacor, que lhe causou uma espécie de repulsa. Ela disse que acabava indo pra lugares que ela conhecia, como as avenidas que passava indo pra algum trabalho ou em algum trajeto de passeio que fazia de ônibus. Como mora em João Pessoa há muito tempo, já passou várias vezes nas avenidas principais de Manaíra.

### Transcrição da entrevista

**Karla:** Então, agora tu vai me explicar o que é que aconteceu aqui, o que é que é esse mapa e a gente vai conversar sobre ele.

**Helena:** Uhum. Que eu me lembre, quando a gente saiu lá da praça, eu entrei nessa rua que, a princípio, o que eu prestei mais atenção foi nesse prédio que tinha bastante flor e era colorido inclusive.

**K:** Era o de esquina?

**H:** Era.

**K:** Certo.

**H:** Não ficou na esquina, né, aqui né, mas tudo bem \*risos\*.

**K:** Não, mas tudo bem!

**H:** Aí quando a gente entrou nessa rua aqui... Eu nem coloquei aqui ó, que era o bar.

**K:** Que bar?

**H:** O bar que eu falei “eita, esse bar é legal, só que eu nunca fui, vive cheio de gente”.

**K:** O Arts Gastrobar.

**H:** É? Eu não sei o nome não.

**K:** Bota “bar” ou “Arts” mesmo.

**H:** Aí mais pra frente, que eu me lembre, foi que a gente encontrou a, que eu disse “eita, que lugar estranho” \*se referindo a casa furtacor, que tem a fachada bem coberta por vegetação\*, mas é onde tem o brownie que tu falou. Que eu achei até feio, mas ele era bem arborizado assim. Só que eu achei estranho, meio escuro assim na frente. Não gostei muito não \*risos\*. Aí... Esse caminho aqui eu não me lembro muito não, depois desse restaurante, só sei que aí depois a gente entrou numa rua, e mais pra frente tinha esse terreno baldio.

**K:** Do outro lado da rua?

**H:** Do outro lado da rua, não era do lado que a gente tava passando. Inclusive aqui eram os bouganvilles, hahaaa \*lembrando de mais um detalhe da caminhada\*.

**K:** Se localizou!

**H:** Mais um pouquinho antes dele eram os bouganvilles. Flores \*acrescentando essa informação no mapa\*. Eu acho que era. Ou era na frente, enfim. Só sei que tinha esse terreno baldio, e que entrando nessa rua era até uma rua meio esquisitinha assim, e tinha esse terreno de esquina, inclusive era um terreno grande. Beleza, aí depois a gente entrou, aí eu acho que já foi a principal do 083 Burguer. Aí aqui eu fiquei meio na dúvida se eu tava falando esse caminho mesmo \*se referindo ao desenho no mapa\*, se foi essa volta toda. Só sei que depois a gente meio que voltou quase pro mesmo caminho! \*risos\* E saiu na casa que tinha o cachorro e que tinha a guarita, que nessa ida foi que eu me perdi e eu não me achei onde é que tinha esse cachorro com a guarita \*explicando e mostrando no mapa, pois não sabia se tinha colocado “no lugar certo”\*.

**K:** Certo. Aí aqui a gente terminou? \*apontando no mapa\*.

**H:** É.

**K:** Antes de eu seguir pra umas perguntas que eu tenho, essa rua aqui tu olhou pra ela e não teve vontade de entrar, foi? \*me referindo a rua ao lado do terreno baldio\*.

**H:** É, num... Muito legal não.

**K:** Certo. Então... Deixa eu pegar aqui. De maneira geral, como foi a experiência pra tu? É... Coisas internas, o que é que ela te causou?

**H:** Eu até que achei boa, porque foram ruas bem movimentadas, tanto de pessoas quanto de carros, e lojas, eu não achei ruim não. Achei interessante.

**K:** E o que é que tu sentiu?

**H:** Não senti medo de tá andando nessas ruas, justamente porque elas estavam bem... Com muita gente, com muito carro, e tudo. Me senti à vontade. Acho que é isso.

**K:** Certo. É, quais foram os lugares que tu se sentiu melhor durante a caminhada? Pode usar o mapa pra apontar e pode falar também de algum lugar que tu lembra, mas não lembra onde era.

**H:** Uhum. O que eu gostei mais foi do prédio do início, que foi o que me chamou mais atenção. Aí quando a gente passou pelo restaurante também, o All garden, que eu acabei nem colocando aqui também, porque eu não sei onde é que ele tá nessa lista. É mais ou menos por aqui, né? \*apontando\*. E pelo... O 083 Burguer, que é o lugar que eu já conheço.

**K:** Tu consegue descrever o que tu sentiu nesses lugares? Sempre internamente, o que é que esses lugares te causaram?

**H:** Tá. O prédio, pelas flores, né, que eu gosto de flor, então, sei lá, alegria! Pode ser isso. O restaurante 083 Burguer, porque... Comida, gostosa, prazer! \*risos\*. E... Qual foi o outro que eu disse? Ah, o All Garden, pela beleza do lugar, mais, por ser muito arborizado, ah, eu acho que... traz uma sensação boa, de tranquilidade.

**K:** Certo. Tu consegue dizer o que causou essa sensação em você? Esse aqui você falou das flores...

**H:** Pelas flores; aqui, pelo lugar, que é um lugar que eu frequento e que eu gosto; e o outro, justamente pelo, como é o local, cheio de árvores e plantas e tudo mais.

**K:** Em que lugares tu se sentiu mal durante a caminhada? Pode apontar e pode falar.

**H:** Acho que só nesse mesmo, o do... Ah! No cachorro, porque eu tomei um susto \*risos\*, e nesse do terreno baldio, porque era uma coisa meio esquisita, sem nada, sem casa, sem prédio, sem nada.

**K:** Tu consegue descrever o que essa... essa coisa que tu não gostou causou em tu? Essa aqui eu sei que foi um susto...

**H:** O susto, com certeza. E esse aqui é mais por ser um lugar esquisito, sei lá.

**K:** Aí o que é que essa esquisitice causou em você? Quando tu viu ela, o que é que ela... de que forma ela entrou?

**H:** Nossa... num sei! \*as duas sorrindo\*

**K:** Pode... Não precisa definir em uma palavra!

**H:** \*pensando\*. Não é medo, mas tipo... hm, sei lá, nossa! \*pensando\*.

**K:** Pode tomar seu tempo aí.

**H:** Num sei, é só que...

**K:** É uma espécie de repulsa?

**H:** É, pronto! Uma boa palavra! É, por ser um lugar assim abandonado, estranho, acho que seria isso, uma repulsa.

**K:** Tá. Hmm... “Você consegue dizer o causou essa sensação?”, já falou, né, que é o próprio terreno, e o cachorro...

**H:** E o cachorro, que me deu susto.

**K:** Tem alguma coisa a ver com o muro esse susto também?

**H:** Não, eu acho que foi mais pelo cachorro mesmo, na ida, né, e na volta o que me chamou atenção foi a guarita, que eu tava do outro lado da rua, porque quando eu tava indo, o cachorro tava do meu lado, né. E quando a gente tava voltando eu prestei atenção na guarita, que também me chamou atenção, que eu achei estranho uma casa ter uma guarita \*falando com um tom de estranheza na voz\*.

**K:** Eu também acho estranho \*falando séria, e Helena sorriu\*. É... O que é que isso te passa? É, tipo, o fato da casa ter uma guarita e tu achou estranho, o que é que essa guarita te manda de mensagem?

**H:** Que é um povo rico \*risadas\*, que tem muito dinheiro e tem medo de ser assaltado, sei lá, parece que é isso \*tudo dito em tom engraçado\*.

**K:** Quais ruas te repeliram? No sentido de fazer tu não querer entrar, ou de tu ter entrado e querer sair logo.

**H:** Não, no caso nessa daqui eu não teria entrado, justamente porque era a rua do terreno baldio e era uma rua meio estranha. E... Acho que só, nas outras num...

**K:** Se sentiu bem?

**H:** Foi, me senti bem, de boa.

**K:** Quais ruas te convidaram a entrar? Seria o contrário.

**H:** Ah, as mais movimentadas \*com um ar de certeza absoluta na voz\*, tanto por questões de ter lojas e tudo mais, quanto do movimento mesmo de pessoas e carros.

**K:** Então seriam as principais? As asfaltadas?

**H:** É, as principais. É.

**K:** Ah, e eu deveria ter juntado essas duas perguntas, e o que elas fizeram pra que fosse considerado por tu como um convite?

**H:** É, justamente isso, né, por ter tanto por ter movimento de pessoas quanto de... de locais mais legais, que me chamam mais atenção.

**K:** A presença de outras pessoas te fez sentir de que maneira?

**H:** Mais a vontade \*respondendo imediatamente\*. E com mais... Sem medo né de entrar na rua, porque sabe que tem muita gente, aí é de boa, você se sente mais à vontade mesmo.

**K:** Se for listar dois ou três lugares, quais foram os lugares que mais te atraíram nessa caminhada e porque?

**H:** Atraíram de forma positiva, né?

**K:** É.

**H:** O prédio \*risos\*, eu vou buscar os mesmos três, o 083 Burger e o All Garden. Que eu não botei aqui, mas eu posso colocar logo o All Garden aqui?

**K:** Pode!

**H:** Ele é de esquina, eu só não sei qual esquina. Vou botar que é aqui.

**K:** O que é isso aqui?

**H:** Bem arborizado \*narrando a escrita\*, All Garden, All Garden.

**K:** “All”?

**H:** Num é, All Garden o nome de lá.

**K:** É só Garden.

**H:** All Garden.

**K:** E porque não tem “All”?

**H:** Mas é All Garden! \*eu rindo\*.

**K:** “À la carte” \*Risos. No final das contas, é Reserve Garden kkk\*. Quais foram os lugares que mais te repeliram nessa caminhada, e porque?

**H:** Esse restaurante \*se referindo ao da avenida Guarabira, a Casa Furtacor\* porque eu achei ele, a princip... É porque primeiro eu não olhei ele por dentro, olhando ele por fora, ele era, sei lá, tinha uma porta estranha, escura, aí eu achei ele meio assim. Depois que eu olhei pra dentro tinha umas cadeirinhas diferentes assim bonitinha, eu achei até legal.

**K:** Ah, sim! O da casa furtacor, né?

**H:** Aham!

**K:** Entendi.

**H:** Me chamou muita atenção ele. E... O que mais mesmo?

**K:** Tinha o terreno.

**H:** E o terreno, é. É, só esses dois.

**K:** Tu se sentiria mais ou menos confortável em fazer essa caminhada sozinha e porque?

**H:** Eu me sentiria confortável em fazer ela sozinha, num achei muito... Os lugares que a gente passou eu achei todos bem tranquilos. Faria de boa. Sem medo.

### Caminhada 09 - Bernardo

16:52h - 03/05/2022



Iniciamos nossa caminhada na praça e Bernardo ia por um lado, na direção noroeste, mas acabou mudando o rumo e seguimos na direção sudoeste. Inicialmente eu tinha pensado que ele tinha mudado de rumo por conta da vegetação, que fecha muito a visão ali na praça, ela acaba criando uma espécie de de teto, que dá uma sensação de fechamento que pressiona, como um teto baixo (é tanto que desenhei uma árvore no mapa mental com a área pintadinha de vermelho). Mas acabou que na verdade ele não foi por ali porque tinha uma pessoa deitada no chão naquela direção, e ele sempre evita passar ao lado de pessoas em situação de rua.

Pelo visto as pessoas veem muito mais longe do que eu penso que eles estão vendo (eles acabam observando coisas a distâncias maiores do que eu acho que as coisas seriam capazes de influenciar os caminhos. Muitas vezes são coisas que as pessoas vêm a uma certa distância que as convidam ou as repelem, como por exemplo as massas arbóreas ou uma pessoa sentada no chão bem mais a frente). Seguimos então pela calçada ampla (a mesma que Clara passou), que é boa de caminhar e outras pessoas estavam nela também, passeando com cachorros, e provavelmente escolheram essa calçada por ela ser melhor que a do outro lado da rua. Seguimos reto por muito tempo e era sempre ruim atravessar. Me parece que esse lado de Manáira é menos servido de sinalização que favoreça o pedestre, como faixas de pedestre e sinais de trânsito. Finalmente chegamos em uma praça e foi um respiro. Foi clara a mudança de velocidade da caminhada. O passo ficou mais lento e nós atravessamos a rua pra caminhar pela calçada da praça. Um lugar bem arborizado, cheio de vida na hora que estávamos passando, várias pessoas utilizando, e isso nos convidou a aproveitar por mais tempo, nos demorando com a caminhada lenta. Bernardo não quis entrar na praça e quis seguir a caminhada. Seguimos em uma direção em que conseguíamos ver o Manáira Shopping, mas a parte e a sensação de lugar interessante tinha ficado junto com a praça. Inclusive, pra sair da praça e ir pra calçada do outro lado da rua era ruim, porque não tinha faixa e os carros apareciam de repente, sem que fosse possível ver eles se aproximando, pois o muro de pedra tapava a visão (talvez se ali fosse alguma grade facilitasse o trânsito de pedestre, já que a gente veria os carros se aproximando). Em um dado momento Bernardo decidiu dar meia volta e nós entramos em seguida em outra rua, que era

esquisitinha, não tinha nada de mais e nem ninguém caminhando. Caminhamos sem muito entusiasmo por ela e dobramos a direita, quando surgiu mais movimento e a gente pôde ver que o retão de Manaíra estava ali do lado, perto, mas ele não queria ir pra lá, porque ele sabia que não era uma experiência boa caminhar perto dos carros. Ele soube mais ou menos onde estava por se localizar pelo Bem Mais, mas até então estava completamente perdido. Passamos por uma calçada muito cheia de carros, que ele só passou por ela porque tinha decidido seguir por aquele caminho, e não porque essa calçada específica o tinha convidado. Dobramos numa esquina que nos levou a caminhar ao lado de uma fachada pintada de preto. Eu também não gosto muito de cores escuras muito perto de mim na cidade, parece que elas me empurram pra fora dali, *pra fora da calçada*, e ele comentou enquanto passávamos pela parede preta: Não gosto de preto, me sinto desconfortável. E foi assim que eu me senti também, apesar de não muito. Talvez por eu estar mais longe. Seguimos mais um pouco e acabamos chegando novamente na praça, dessa vez ele quis entrar, e ao chegarmos no final dela, ele achou uma calçada bonita, com grama em canteiros e quadrinhos na fachada. Quis caminhar por essa tal calçada bonita e nós atravessamos a rua. Depois ele me disse que nem foi tão bom assim, porque a área disponível pra caminhada era muito pequena (a grama ocupava muito espaço na calçada e deixava apenas uma pequena faixa livre para caminhada). Passamos por uma rua vazia, que tinha só um cara passeando com uma Golden Retriever (que eu pensei já ter visto algum dia, a cachorra), e talvez alguma outra pessoa a frente. Nessa rua tinham umas árvores baixas, que eram bem densas e atrapalhavam a visão da rua. Elas obstruíam a visão bem na altura que a gente seria capaz de ter uma visão panorâmica da rua a partir da calçada. Ao chegar na esquina (nessa hora já estava um pouco escuro), Bernardo parou e ficou pensando pra que lado iria, e disse: Vou por aqui, as luzes tão me chamando. E então seguiu pra o lado mais movimentado que se apresentava, e nós andamos até chegar em uma outra praça, que ele não teve interesse em entrar, e seguimos na direção sul, quando não tiveram mais grandes acontecimentos e nosso tempo de caminhada acabou.

### Transcrição da entrevista

**Karla:** A gente vai começar pela explicação do que é esse mapa, do que ele significou, e aí tu aproveita pra falar o que aconteceu em cada pedacinho dele.

**Bernardo:** Certo. Eu não consigo me localizar, né, aí eu lembro só de... De rota assim, eu não lembro basicamente de nada. Acho que não é exagero dizer que eu não lembro de nada. Não lembro de nenhuma rua que eu dobrei assim.

**K:** Uhum.

**B:** Agora eu lembro de que eu iniciei seguindo a calçada larga, né, que eu gosto de calçada larga, é melhor pra caminhar, e eu fui seguindo sempre com esse, meio que, raciocínio. Aí eu fui sempre acompanhando, assim, os que não tinha as calçadas muito quebradas, até que a gente chegou na praça. Aí na praça eu ia dobrar, mas aí tinha um pessoal no chão, e aí eu não quis entrar ali. Aí segui direto e eu não quis dar a volta na praça, eu queria andar mais pelas ruas, aí eu entrei em algum momento.

**K:** Tu ia dobrar então, quando a gente viu a praça, tua ia dobrar a direita?

**B:** É.

**K:** Que aí tinha o povo do outro lado da rua?

**B:** É.

**K:** Certo, aí a gente foi pra praça.

**B:** É, aí foi, fomos pra praça, eu achei muito legal. Eu até ficaria caminhando pela praça, mas fui caminhar por outros lugares, e dobrei, eu lembro que eu dobrei, a primeira vez, eu acho que foi por algumas plantinhas que eu achei bonitas, na rua, aí eu entrei, mas a rua nem era muito boa de caminhar.

**K:** Foi aonde isso, consegue apontar?

**B:** Seria aqui, algum lugar aqui \*apontando no mapa\*.

**K:** O pastel, e aqui é a praça, legal. O que é isso aqui?

**B:** Um branco! Num faço a menor ideia do que aconteceu nesse aqui.

**K:** Ah, sim.

**B:** Seria aquela coisinha que tu desenhou.

**K:** Uhum.

**B:** Aí foi algum canto que teve essas plantinhas, mas a calçada acabou que era muito ruim, eu fiquei até com um pouquinho de dor, porque era muito inclinada. Mas... Eu fui seguindo ainda essas plantinhas, até que a gente chegou lá perto do Bem Mais, que é onde tinha aquela parede preta, que achei meio estranho, e eu fui caminhando, eu fui caminhando assim, seguindo o... Quando começou a escurecer eu comecei a seguir a luz também, lugares que tinham mais luzes. Aí... A gente chegou na praça novamente, só que não chegou aqui, eu acho que chegou mais pra trás, não chegou na rua do pessoal. Teve uma rua que eu evitei também, foi justamente essa, eu acho que a gente chegou em um ponto que se continuasse direto ia dar nessa praça, que eu reconheci o rapaz deitado no chão. Aí eu não queria atravessar aqui, aí eu entrei, e eu acho que em dado momento voltou pra praça.

**K:** Na praça do início é? \*me referindo à quando ele falou do rapaz deitado no chão\*.

**B:** É. Aí voltou pra praça, a segunda praça, e pra não fazer a mesma coisa, eu vim por outra parte. Isso aqui no caso então viria antes do branco, seguiria e dobraria de novo.

**K:** Entendi.

**B:** Aí fui caminhando. Muito legal essa praça. Bem frequentada. Eu seguia também pessoas nas ruas, assim, se fosse uma rua que num lado tinha gente caminhando e no outro não tinha ninguém, aí eu ia no que tinha gente caminhando.

**K:** Sim.

**B:** Aí fui seguindo, aí teve aquela calçadinha bonita, tinha uma calçadinha bonita com uns gramadinhos, as paredes do prédio com uns quadros.

**K:** Depois da praça, né?

**B:** Depois da praça, que aí também fui andar nessa calçada. Nem foi tão legal de caminhar nela.

**K:** Porque?!

**B:** Porque a passarela, no fim das contas, era muito estreita, apesar de ser bonitinha.

**K:** Sim... Era muita grama do lado, né?

**B:** Era muita grama do lado. Aí fui caminhando e chegou um momento que tinha, tipo, tanto uma rua escura de um lado... Não, chegou um momento que tinha uma rua escura pra um lado, e bem iluminada pra outro, com comércio, aí foi a hora que eu quis ir pro comércio, que já foi quase no fim.

**K:** Certo. Aí eu tenho umas perguntas aqui pra guiar a conversa. Algumas coisas já vai ter sido dita, por causa disso aqui \*o mapa\*, mas a gente pode acrescentar com outras coisas. Pra iniciar, de maneira geral, como foi a experiência pra tu? Como é que essa experiência bateu internamente no Bernardo?

**B:** Internamente... No que se refere à qualidade da caminhada ou...

**K:** Às sensações, e aquilo que tu sent... Tudo que tu sentiu.

**B:** Foi uma parte monótona, indiferente, assim, num senti nada, meio que tava só caminhando por prédios e ruas iguais. E uma parte foi muito legal, que eram as partes que tinha mais gente, a parte da

praça, a segunda praça. A segunda praça eu achei muito legal. Frequentaria a segunda praça. E as partes que tinham um pessoal com cachorro, as coisinhas do lado, tinha um coisinha assim que era interessante \*creio que se referindo à uma área da praça reservada para cachorros com seus donos\*. Mas no geral num foi... Sem muitos... Teve os trechos que eu achei que eram mais legais de caminhas, das calçadonas. Principalmente os trechos do início, levando em consideração esses trechos que eu tô dizendo que são todos iguais porque são muitos prédios, mas esses que tem calçadona larga eu não me incomodava, eu não achava ruim, eu achava bom caminhar lá. \*É sobre como a rua acolhe o corpo, apesar da possibilidade de confinamento causada pela presença de muitos prédios\*.

**K:** Então, de certa forma, essas partes da monotonia era uma coisa ruim?

**B:** Era, era meio que tipo, é um lugar que eu caminharia pra ir pro meu objetivo, só, e acabou.

**K:** Certo. Não passaria por prazer.

**B:** Não.

**K:** Tá. Quais foram os lugares que tu se sentiu melhor durante a caminhada.

**B:** Na praça \*respondendo prontamente\*.

**K:** Apenas?

**B:** O lugar que eu me senti melhor foi a praça, de longe, assim. Mas os espaços com as calçadas largas eu me sentia bem, eu me sentia à vontade assim.

**K:** Uhum. Certo. Nas calçadas largas tu se sentia bem, à vontade, e nessa primeira, nessa praça aí, que foi a primeira coisa que tu citou, tu consegue descrever o que é que esse lugar te causou? O que é que ele te fez sentir?

**B:** Uhum! Ele me deixou sentindo... Tranquilo, foi tipo a vontade, era uma sensação mais devagar \*risos\*, uma coisa mais devagar, uma coisa mais de tipo... Que você desprenderia tempo... É uma sensação “não urgência”. É uma sensação mais, tipo, tranquilinha. É porque eu não queria dizer tranquilo, mas é como se fosse.

**K:** Uhum. É diferente das calçadas largas?

**B:** É.

**K:** Da calçada larga te causa o quê?

**B:** A calçada larga ela simplesmente me traz um conforto. Ela traz uma sensação de tipo “ah, ok! Esse lugar aqui é bom de passar”, não é um lugar que você vai querer evitar passar, você quer ir pra algum rumo, “não, vamo por aqui! Por aqui é mais legal”, não necessariamente por perigo, simplesmente porque é melhor passar por aqui que por ali, é mais agradável.

**K:** Tu consegue dizer o que no espaço foi responsável por causar essa sensação em tu? Eu sei que tem a largura da calçada, tem algo mais que isso?

**B:** A qualidade da calçada, porque se ela fosse larga e torta, como aconteceu em alguns trechos, não seria tão legal. Essas calçadas tinham mais pessoas também. Não era tanta gente assim a mais, mas tinha um pessoal caminhando com os cachorros. Tem a vegetaçãozinha rasteira nos cantos das calçadas, costumeiramente assim, geralmente não é só a calçada crua, é a calçada larga, e entre a calçada e a parede dos prédios tem alguma vegetaçãozinha também, que dá um... Como se criasse mais espaço assim, porque não tá direto com a parede, eu acho. Mas eu diria que são todos esses fatores: plano; a vegetaçãozinha que costuma ter; as pessoas, que eu acho que também costumam preferir esse lugar que é mais fácil de transitar.

**K:** E o da praça é?

**B:** O da praça é a vida que tem na praça, as pessoas caminhando, os lanchinhos lá que tem \*pra vender\*, as crianças brincando.

**K:** Vamo comer um pastelzinho lá qualquer dia desses?

**B:** \*risos\*

**K:** \*risos\* É... Em que lugares tu se sentiu mal durante a caminhada? Se tu lembrar, tipo, de algum específico, tu pode apontar o que seria ele no mapa, ou falar dele, que eu posso encontrar depois, ou... E também me falar sobre as características no geral.

**B:** Eu me senti mal num lugar que eu tava seguindo a vegetação, num momento que eu tava seguindo lugares mais, mais verdes. Teve um que era... que tinha muita vegetação, que cobria a rua e ficou muito escuro. Eu não sei que lugar era esse, mas basicamente era uma árvore que era meio reta assim, o “teto” dela.

**K:** Cobria a visão da rua.

**B:** Cobria. Aí ficou... Num me senti ali... Num foi muito legal.

**K:** Foi no lugar onde a gente encontrou a cachorra que eu falei... A Golden?

**B:** Se tiver sido, talvez tenha sido um pouco antes.

**K:** Aham, foi isso mesmo. Antes. Também me senti mal ali.

**B:** E teve um trecho que foi muito inclinado, e já foi um se sentir mal fisicamente, assim, meio que foi o pé que começou a doer um pouquinho, que tava andando toda hora dobrado.

**K:** Que já tava de noite?

**B:** Não, foi antes. Foi antes.

**K:** Eu lembro de uma rampa muito inclinadona, que ela tinha umas entradinhas assim no chão, como se fossem uns vincozinhos assim. Era uma rampa pra entrar numa garagem, eu acho. Era isso?

**B:** Eu acho que não. Esses vincos que tu diz... Paralelo à rua?

**K:** É.

**B:** Não, não foi essa não. Eu acho que tinha azulejo \*se perguntando\*, não sei se tinha azulejo. Não, nu sei.

**K:** Certo, depois eu vejo. Tu consegue descrever o que é que esses lugares te causaram de ruim? O que é que tu sentiu de ruim?

**B:** De ruim. Esse trecho do... Da árvore cobrindo, é como... Não é claustrofóbico, mas é como se tapasse um pouco a visão do céu assim, e geralmente uma visão aberta do céu faz eu me sentir melhor, eu gosto muito de coisa aberta, do céu e da visão do céu e tudo mais. Então, eu gosto muito da vegetação, mas de uma vegetação que tá tampando... Não é uma coisa que esteja me dando sombra, é uma coisa que tá tapando como se fosse um teto. Que isso num... É como se...

**K:** É um bloqueio muito próximo à visão.

**B:** É... Num diria que é claustrofóbico assim, mas é como se estivesse fechado. Aí eu não acho... Não fica algo tão livre, fica como se fosse apertadinho assim. Num gostei muito. A calçada, foi a dificuldade de caminhar, que é um desconforto. E se eu fosse apontar outro lugar que eu não gostei muito, foi o ponto de início porque não tinha ninguém.

**K:** A praça, né?

**B:** Tirando um momento que passou uma mulherzinha com um carrinho de bebê. Eu achei ela meio deserta. E teve outro ponto! Certo, mais um ponto aqui que eu lembrei, que eu não me senti muito bem, foi dentro da praça que eu gostei, foi a segunda praça, quando eu fui caminhando por dentro que, apesar do movimento, tinha uma partezinha com um cara escutando música muito alta, funk, deitado lá, deitado não, mas encostadão, que eu já não quis dobrar também por aquele rumo e preferir ir pra outro.

**K:** Uhum. Entendi. Sobre esse bloqueio da visão, foi por esse motivo que tu não foi por um lado na primeira decisão do teu trajeto? Quando a gente tava lá na praça.

**B:** Não. A primeira decisão foi porque tinha gente na rua aqui, no chão.

**K:** Do outro lado, né?

**B:** É. Que eu tava indo pra esse, aí eu vi, e fui pelo outro.

**K:** Ah, ok. E o que causou, fisicamente no espaço material, o que causou essas sensações ruins foi a inclinação, a altura da árvore, e só?

**B:** Não sei se eu diria a altura, mas o campo, a área que ela cobre horizontalmente.

**K:** Sim. Tu consegue identificar alguma rua que te repeliu no sentido de não querer entrar, ou no sentido de ter entrado e querer sair logo?

**B:** Repelir repelir, não, o máximo que aconteceu foi uma me chamar mais atenção do que a outra. Tipo, foi mais uma questão de eu querer ir pra um caminho que eu julguei ser melhor do que algum caminho, do que tipo, esse eu não quero ir de jeito nenhum. O máximo que aconteceu, que eu ia dizer, era a questão de, mais a questão dos moradores de rua mesmo, quando tinha um morador de rua na calçada, aí eu não queria ir por ali.

**K:** Entendi. É... Tu falou do interesse maior, mas tu consegue dizer que alguma dessas ruas que tu se interessou mais pra ir, elas te convidaram? E o que é que elas fizeram pra ser considerado por tu como um convite?

**B:** Cada rua teve convites diferentes, e dependia muito também que enquanto eu caminhava eu meio que buscava coisas diferentes. Mas se fosse pra dar um geral, no finalzinho teve a rua que... Às vezes também tem a relatividade assim, por uma tá próxima de outra que não tá tão legal, acaba sendo mais convidativo. No final teve uma rua que de um lado era bem escuro, do outro lado tinha uns comércios, tinha iluminação e, um pouquinho mais pra frente, tinha uma praça. Então tinha mais vida assim nessa rua, tinha mais luz, então essa me chamou mais atenção. Ali mais pelo início, tinha umas que pra um lado tinham, pra um lado, tinham umas arvorezinhas, umas florezinhas já, umas coisas mais coloridas e tudo mais, enquanto que pras outras era mais a calçada crua \*falando com uma certa intensidade\* assim também me chamava mais pra esse lado. Então se fosse pra fazer um geral, seria uma combinação da calçada, que foi o ponto de partida, de pra onde eu fui interessado em caminhar, que é a calçada, a vegetação e, à medida que foi escurecendo, a iluminação.

**K:** Certo. A presença de outras pessoas te fez sentir de que maneira? Seja bom ou ruim.

**B:** Depende da pessoa. Pessoas com cachorro fazem eu me sentir bem. Pessoas com criança fazem eu me sentir bem. Velinhos fazem eu me sentir bem. Pessoas com roupa de caminhada fazem eu me sentir bem. Agora... A questão de não fazer eu me sentir bem seria morador de rua, ou então grupo de jovem assim, algum jovem, se não for em grupo, que foi o que aconteceu, escutando música muito alta, também me afasta, faz eu me sentir um pouco inseguro, eu prefiro pegar outro caminho.

**K:** Se tu for listar dois ou três lugares que tu mais se sentiu atraído na caminhada, tu conseguiria listar dois?

**B:** Uhum.

**K:** E porque tu escolheria esses dois.

**B:** Uhum. Primeiro foi aquele ponto inicial que tinha... Num sei se eu tô lembrando correto, mas eu acho que tinha algumas pessoas com roupa de caminhada, tipo, uns dois homens assim com roupa de caminhada, e uma pessoa com cachorro.

**K:** Que ponto inicial seria esse?

**B:** Com o cachorro, que seria ali na hora que a gente saiu da praça, que dobrou na primeira calçada.

**K:** Calçadona larga, né?

**B:** Calçadona larga. Que lá tinha um pessoal caminhando, e... Quais são os dois lugares, né?

**K:** É.

**B:** E... No s... Seria a praça, mas o segundo retorno pra praça eu ainda me senti mais à vontade assim, porque teve a primeira vez, na segunda vez eu ainda achei melhor.

**K:** Certo. É, e se for apontar dois lugares que repeliram na caminhada, tu conseguiria apontar? E porque seria eles dois?

**B:** Teve o do início, né, que eu fui pra um caminho e desisti por causa do morador de rua na calçada. E teve um que eu não vou saber descrever direito, que basicamente eu olhei, e tinha uma combinação do que eu falei antes, que era tipo, tinha, logo no início da rua era uma calçada inclinadona assim, de garagem, com uma árvore bem l... Não, num era bem larga, mas era uma arvorezinha pequena, mais larguinha, e eu falei “não, vou praí não”. Aí eu também optei ir por outro caminho.

**K:** Certo.

**B:** E teve os carros que quase me repeliram, mas não me repeliram, porque eu também não queria ir pra avenida, eu preferi ir pro outro canto. Os carros estacionados na calçada.

**K:** Então eles “quase te repeliram” porque esse não seria o teu caminho? Se fosse teu caminho talvez eles tivessem te repelido?

**B:** Não, eles quase me repeliram porque eu queria dobrar no caminho deles, só que o caminho contrário era a avenida, e eu não queria ir pra avenida porque era o movimento um movimento muito grande de carro, mais quente, aí eu decidi enfrentar essa calçada cheia de carro, apesar de ser um caminho mais cheio de empecilhos, do que ir pra avenida.

**K:** Acho que eu lembro dessa parte, é uma de esquina, né?

**B:** Uhum.

**K:** E tu se sentiria mais ou menos confortável em fazer essa caminhada sozinho? E porque?

**B:** Essa caminhada, igual, o mesmo percurso, nas mesmas circunstâncias, com as mesmas situações, eu me sentiria igualmente confortável.

**K:** Certo.

**B:** Porque não teve nenhum evento grande que me deixasse preocupado, com a pessoa que estava comigo.

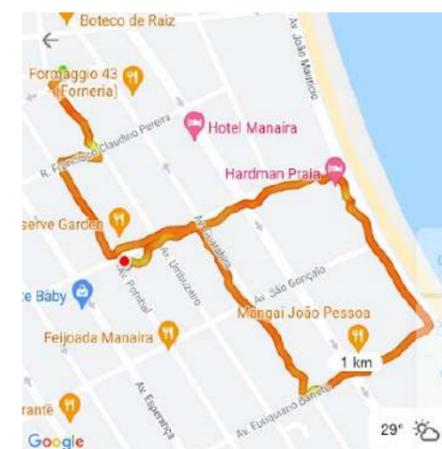
**K:** \*risos\*

**B:** Assim como não teve nenhum evento que, que tipo, “queria tá sozinho aqui pra isso”. Então, eu acho que eu me sentiria igualmente confortável sozinho.

**K:** Certo. Pronto, os principais dados da pesquisa vão ser a sua fala, de acordo com a sua caminhada... \*áudio finalizado\*.

### Caminhada 11(10) - Joaquim

15:44h - 04/05/2022



Joaquim entrou numa rua que dá pra ver a partir da praça, depois de ter dado uma olhadinha em volta pra decidir pra onde ia. Entramos nessa rua por causa de algumas árvores, e dobramos em uma esquina que ele reconheceu uma casa como sendo um antigo restaurante que ele ia com a mãe dele. Parecia algo melancólico, ou saudosos, por ver que ele estava fechado. Andamos bem devagar nessa área por conta da lembrança dele, e depois dobramos na rua do Garden, onde ele andou devagar, talvez por

conta da quantidade de árvores. Passamos pelo arco devagar também, e ele achou bonito que as árvores formavam uma espécie de túnel na rua. Seguimos em direção ao mar, mas ele decidiu entrar na rua do Arts Gastrobar. Muita gente acabou entrando aí, acho que tem alguma coisa que chama a atenção das pessoas nessa rua. Não sei se a vegetação que conseguem ver a distância, preciso observar o que é (*acredito que sejam as árvores do próprio Arts junto com as que são vistas a distância*). Passamos por uma coisa que Joaquim conhecia, um lugar que ele ia sempre que sofria algum acidente no futebol, *uma clínica ortopédica*. Passamos em frente à casa furtacor, e ele ficou com um olhar curioso pra dentro, principalmente na parte da garagem, que é por onde mais dá pra ver o interior (*mesma casa observada por Helena*), então eu disse pra ele o que é que tinha ali e comentei do melhor brownie do mundo. Caminhamos devagar por essa rua até chegar no cruzamento com a rua da Glacê Real. Nada pareceu chamar a atenção dele ali, e nós atravessamos, passamos pela calçada do Mangai, e uma calçada bem apertada logo depois, bem ruim de caminhar (*logo vizinha ao Mangai, depois da esquina da principal*). Ele aparentemente não se incomodou, apenas procurou o caminho dele e seguiu (*pisando nas partes mais retas da calçadas*). Um pouquinho depois eu percebi ele olhando pra dentro de novo, olhando pra uma casa de primeiro andar, branca, com detalhes em madeira e vasos de flores. Acho que o muro era um pouco baixo, o que permitia esse olhar curioso e de apreciação (*nesta casa dava pra ver o térreo com um pouco de esforço, mas a maior troca seria com o primeiro andar, que é o que mais dá pra ver livremente a partir da rua*). Caminhamos perto da orla, na calçada longe da areia, e em frente ao Hardman Hotel tinha algumas pessoas, o que deixou a caminhada por ali difícil, pois, apesar da calçada ser larga, tem partes em grama de um lado e do outro, o que deixa a área para circulação de pedestres bem pequenininha. Eu me incomodei, ele falou que não. Seguimos então para o prédio de Bernardo, e outro ponto que incomodou um pouquinho foi a travessia da avenida, que tem faixa de pedestre mas não tem sinal, e muita gente não pára ali pras pessoas passarem. Bem, pelo menos ali tem faixa!

### Transcrição da entrevista

**Karla:** A gente começa agora contigo me explicando como foi essa experiência aí, me explicando o que aconteceu nesse mapa, o que é que tu sentiu nesses pontos que tu destacou, porque tu destacou por algum motivo. Aí agora você me explica o que aconteceu aí.

**Joaquim:** Sim. Tá. Foi uma experiência ótima, né, foi bem tranquila assim, até porque eu não tô acostumado a parar muito pra caminhar, assim, sem rumo, né, com uma certa tranquilidade. Geralmente já tá predefinido pra onde eu vou caminhar, vou correr, vou fazer minhas atividades. E assim a gente iniciou pela praça, e aí a gente foi por uma rua calçada, tranquila, eu observei que tinha umas árvores, e aí a gente chegou num restaurante, né, um local que era um restaurante que eu frequentava com a minha mãe, de esquina, o Flamboyant, e... enfim. Depois a gente passou, essa rua já é um pouco mais movimentada, mas ainda é calçada...

**K:** Essa aqui?

**J:** É, essa do Flamboyant com o Namastê.

**K:** Uhum.

**J:** E aí eu decidi entrar nessa rua, do Flamboyant com o Namastê, e depois virar na primeira rua, porque na segunda tinha uma principal, né, e já é mais movimentado, como eu já tô muito habituado a andar em principal, em trânsito, essas coisas, eu optei por uma caminhada que fosse mais tranquila, né, e eu senti mais vontade de entrar nessa rua mais tranquila.

**K:** Certo.

**J:** E aí eu acho que eu tava certo, porque eu gostei da rua! \*falando com empolgação e sorrindo\*. Outra rua tranquila, calçada \*pra informar que não é asfaltada\*, com muitas árvores, que eu até coloquei aqui que ela vai até o Reseve Garden, né, até o canto que a gente foi, foi até o Reserve Garden, né. Aí tinha muitas árvores na frente, inclusive assim se tocando né, as árvores de um lado da pista e do outro, assim, meio que fazendo uma cobertura, assim \*gesticulando\*, e... Dá uma sensação boa, assim de, de... enfim... Num sei se é de proteção, mas a pessoa se sente bem, até porque tava fazendo um certo sol e tipo, tava um pouco quente, então ali meio que melhorou o clima e o ar também fica mais puro né. E aí pronto, a gente seguiu, na esquina seguinte a gente dobrou a direita. Eu pensei em ir direto, a gente ficou um tempinho, né, ali, porque eu pensei em ir direto pra praia, mas depois eu decidi dobrar a direita, no Arts Gastrobar.

**K:** O que é que te fez dobrar?

**J:** Ah, eu... Eu optei, assim, achei que tipo, o caminho pra praia tava muito óbvio, assim, e eu decidi meio que mudar, ir pra um trajeto diferente, pra ver, porque aquela rua eu num conheço muito, e a outra ia ser uma coisa mais óbvia, assim, pra mim. Eu já ia dar ali na praia, eu acho que ia ser um trajeto mais conhecido, eu senti vontade mesmo assim de dobrar \*meio que chegando a uma conclusão sobre o que tinha sentido\*, e foi legal que eu vi algumas coisas que eu não tinha costume de ver, não me lembro de ter visto outras vezes, passando de carro, né. Alguns locais. Aí a gente passou por esse Arts Gastrobar, passou por uma panificadora que eu esqueci o nome, acho que é trigo alguma coisa, aí depois foi por uma clínica que eu costumo ir, a Ortopédica \*risos\*.

**K:** Triste, “costumo ir” \*risos\*.

**J:** É, costume ir né, o futebol tem esse lado, né, a gente acaba se machucando de vez em quando \*ar de riso\*. E aí depois a gente passou pelo Furtacor, que eu achei bem interessante o local assim, tipo, nunca ia notar passando de carro, né, parece uma casa normal, assim bem... Mas tem um bocado de coisa lá, e... enfim, depois a gente foi até o estacionamento do Mangai, que eu também tinha o costume de ir no Mangai, e sabia que era o estacionamento lá, tinha um hotel também, de frente, e... Eu gosto desse estacionamento também porque ele tem muito verde e tal, é bem tranquilo assim então... É aberto né, amplo! Aí eu gosto daquela rua ali, aí a gente entrou, cruzou a principal, passou pelo Mangai, e aí a gente chegou num canto \*começando a rir\* que tinha uma árvore que eu descobri que a parte rosa, né, da folha, é folha né, não é flor, que eu achava que era flor, mas enfim, que a flor é só aquela partezinha branca né, lá dentro, pequenininha, e tal, achei interessante isso também, e muito bonita a árvore, e aí depois a gente foi em direção a orla, né, passou por uma loja de conveniência, que ficava na esquina, da orla, de bebidas, que eu nunca fui lá mas já passei muitas vezes de carro. É um ponto conhecido assim pra mim, visualmente conhecido. E aí na orla, é... Eu tive lembranças de várias coisas, de momentos onde eu corri, onde eu andei de bicicleta, fiz funcional por ali naquela área com um amigo que é professor, e me remeteu a bons momentos, a boas lembranças assim. E deu uma sensação boa, apesar de ter os carros passando, mas eu me senti bem, bem tranquilo assim. Nem parei pra notar muito os carros. Assim, eu realmente fitei mais o mar e a areia e tal, e aí depois a gente voltou, voltou por trás do hotel Hardman e terminou no Reserve Garden.

**K:** Pronto, então agora eu vou seguir com algumas perguntas... De que maneira tu classificaria essa experiência pra você, como foi ela, assim, no quesito sensações?

**J:** Ah, foi ótimo! Me trouxe uma tranquilidade, né, foi algo novo assim pra mim, apesar de caminhar ser uma coisa óbvia né, que a gente deveria, tipo, fazer rotineiramente. A gente faz né, caminha, mas não com esse tipo de qualidade, assim, com tranquilidade, né, eu pelo menos não costumo caminhar muito assim. Já caminhei uma época com minha mãe, mas aí é no parque, aí é uma coisa já guiada, né, você faz

aquele roteiro, enfim. E dessa vez não, foi uma coisa bem... E vendo na hora, no improvisado, e sentindo mesmo, então foi bem legal, foi bem diferente, e assim, foi prazeroso, foi prazeroso pra mim.

**K:** É... Quais foram os lugares que você se sentiu melhor durante a caminhada? Se puder listar pelo menos três.

**J:** Tá, a orla foi o que eu gostei mais, enfim, pelas lembranças né, que eu falei que trouxeram e tal, pelo contato com o mar, eu gosto muito do mar; é... Essa primeira rua eu gostei muito pela tranquilidade, e tinha uma árvore bem bonita, eu não sei qual é a espécie, enfim, mas muito linda, e me chamou atenção; e no Reserve Garden também, essa parte aqui, essa curva, porque é diferente do que a gente costuma ver aqui, tipo, a gente não costuma ver árvores assim se cruzando, né, e meio que até cobrindo um pouco o céu assim de certa forma.

**K:** Um túnel.

**J:** É, um túnel! Achei bacana. Essa parte também, do Flamboyant com o Namastê, me chamou atenção, porque eu costumava ver o restaurante sempre aberto e tal, e tava lá a casa pra ser alugada né, vendida...

**K:** Isso te causou alguma coisa?

**J:** É... Uma certa... Uma certa melancolia, num sei, uma certa tristeza por não ter o restaurante lá, mas eu sei que tá em outro lugar e tal... Mas, meio que eu me lembrei, é, voltei no tempo e me lembrei do tempo que a gente ia lá e tava tudo bem organizado, porque a aparência da casa quando tá fechada é diferente, é uma aparência assim envelhecida, meio descuidado, e era bem organizado lá e tal. Aí fica esse contraste assim.

**K:** Essa aparência que tu falou te causa alguma coisa específica? Se não fosse o restaurante, tipo, se fossem outras casas com essa aparência, te causaria alguma coisa, tu acha?

**J:** Hmmé... Eu acho... Eu num gosto muito não, assim, eu acho... uma sensação meio ruim, de coisa que tá fechada, que não tá funcionando mais, e tal, num é “óh! Uma sensação muito ruim!”, mas não é agradável, é um pouco desagradável.

**K:** Então eu pedi pra tu listar esses cantos que tu se sentiu melhor, e eu queria saber se tu consegue dizer o que você sentiu nesses lugares. Eu sei do que você lembrou, eu sei do que te agradou, mas eu queria saber o que é que isso gerou em tu.

**J:** Tá, nessa primeira rua aqui, que tinha a árvore né, até terminou no Flamboyant, no restaurante, eu senti uma tranquilidade, assim, uma paz. Praticamente não passou carro, não tinha muito barulho, achei bem tranquilo. Aqui no Reserve Garden me chamou atenção a arquitetura mesmo, assim, das árvores, a maneira que tava, né, a paisagem assim em si, que tava... De formar aquele túnel assim, achei bem interessante.

**K:** Essa paisagem te causou que tipo de sensação?

**J:** Ah, uma sensação, num sei, de, de, uma certa surpresa, vamos dizer assim. Uma surpresa positiva, de estar surpreendido positivamente, de meio que ver algo que você não tá acostumado a ver. Algo bom, né. Uma surpresa boa. E aqui na orla foi uma mistura de sentimentos, né, eu lembrei, mas todos positivos assim. Lembrei da época que eu fazia outros tipos de exercícios e tal, enfim, e de uma época que foi meio que uma superação, porque eu cheguei eu estava bem sedentário, e aí eu comecei a me exercitar, e quando eu terminei esse período com meu amigo, que era o professor, acho que foram uns quatro meses, cinco meses, eu tava num condicionamento físico muito melhor do que o que eu tinha começado, então foi muito bom, meio que passou um filme do início, quando eu cheguei no primeiro dia, e o último dia né, que eu saí, que eu tava bem condicionado.

**K:** Uhum, certo, vou seguir. É... Tu já respondeu isso, que era “você consegue dizer o que no espaço físico causou essa sensação em você?”, esquecendo a orla, que a orla já foi bem destacada, foi apenas a vegetação que te causou isso?

**J:** Não, foi a tranquilidade da rua também, de não estar passando muita gente, principalmente carro né \*ênfatizando bem\*, então foi um sensação bem de paz, assim, de tá... Porque na cidade a gente, geralmente quando tá em ruas principais, a gente fica mais atento, né, ao trânsito, enfim. E quando a gente tá numa rua que a gente percebe que é uma rua tranquila, a gente também fica mais tranquilo, fica mais à vontade pra apreciar, assim.

**K:** Em algum desses lugares tu percebeu alguma característica específica das edificações, ou do piso, assim, com relação ao material, não “aos materiais”, mas tipo, à concretude da coisa, tu percebeu alguma característica das fachadas, por exemplo, que pode ter influenciado teus sentimentos? Ou só foi passando...

**J:** É... Nessas ruas calçadas eu acho que as casas eram mais... Mais simples mesmo, né, tinham mais casas. Depois que a gente vai pra principal é mais restaurante, e aí muda, muda muito a arquitetura, né, fica aquela coisa mais moderna, assim, mas perde um pouco aquela coisa de, de rua mesmo, de infância, sei lá, que... Pelo menos a minha né, infância, adolescência, que é uma rua mais tranquila e tal, não tinha muitos estabelecimentos comerciais, era mais árvore mesmo e enfim, e não era muito movimentado.

**K:** Eu percebi umas duas vezes tu olhando pra dentro, em algumas casas que permitiam esse teu olhar. Foi um na Casa Furtacor...

**J:** Sim!

**K:** E outra vez foi depois do Mangai, numa casa de primeiro andar. Tu deu uma olhadinha assim.

**J:** Verdade, verdade.

**K:** Essa possibilidade de olhar pra dentro, dessa curiosidade, te causa algo?

**J:** É, me causou... Você diz assim de sensação, se foi positivo, se foi...

**K:** É.

**J:** Foi positivo! Foi a curiosidade mesmo, né, mas eu gostei muito da arquitetura da casa, era de primeiro andar, né, e a maneira que tava construída, pelo menos a fachada eu achei bem bonita, achei, é enfim, num padrão que eu gosto, assim, simples, e ao mesmo tempo bem construída, ao meu ver, né, achei bonita, me chamou atenção. Tinha muita... Tinha madeira né na varanda, o material era mais natural, vamos dizer assim, achei legal, e a outra foi a Furtacor, né?

**K:** Foi.

**J:** Que eu achava que era uma casa normal, mas aí eu descobri que tem um bocado de coisa lá, né \*risos\*, e enfim.

**K:** Pronto, eu pergunto isso porque as vezes eu... Pelas coisas que a gente estuda, a gente sabe que a interação entre o público e o privado influencia a vivência na rua, aí eu percebi que tu teve poucas oportunidades, né, pra olhar pra dentro. É por isso que eu destaquei isso, porque às vezes a gente tem pouquíssimas oportunidades e acaba vivendo a rua de um jeito meio que como se a rua não fosse de ninguém. Sendo que a rua é de todos e essa sensação só se sobressai mais quando a gente percebe esse contato entre o público e o privado. Quando é muito muro, a gente não se sente meio que parte da rua.

**J:** Sim! Verdade, exato.

**K:** A gente só quer ir \*gesticulando a passagem\*.

**J:** Pronto, é essa, a sensação é essa mesmo.

**K:** Pois, eu vou seguir \*risos\*. É... Em que lugares tu se sentiu mal durante a caminhada? Se é que teve.

**J:** \*pensando\* Não teve não nenhum lugar que eu me senti mal não.

**K:** Ou teve teu trajeto atrapalhado por algo.

**J:** Pronto, aqui no Arts Gastrobar, né, tinha muito carro, aí... Isso de certa forma acabou influenciando, porque eu decidi vir por uma faixa de pedestre, mudar, né, a direção, e aí quando eu atravessei essa faixa eu decidi não atravessar a outra e seguir numa rua diferente. E, enfim, eu percebi que a presença de muitos carros, de certa forma, foi até rápido, mas atrapalhou um pouco o deslocamento e trouxe um pouco daquele stress que a gente tá meio que habituado a viver quando tá dirigindo, quando tá no trânsito, isso me remeteu. Foi um momento que eu saí um pouco da caminhada, meio que voltei um pouco pra esse normal, que é quando eu tô dirigindo e tal.

**K:** Que é o normal tenso? Tipo isso?

**J:** É, é. É, na maior parte do tempo. Mas não é aquele tenso tenso, mas não é tranquilo.

**K:** Atento.

**J:** É atento, isso. Não é tranquilo como você caminhar numa rua assim.

**K:** Tem algum outro? Teve esse do Arts Gastrobar, teve algum outro momento?

**J:** Não, não. Foi bem tranquilo.

**K:** Tu consegue descrever o que tu sentiu de ruim nesse lugar?

**J:** Eu senti um certo stress, assim né, um certo desconforto. Porque, sei lá, fica muito agito assim, eu gosto de coisa mais tranquila, mais calma, e naquela rua eu senti assim um certo agito e um pouco... Não foi tão prazeroso quanto nas outras.

**K:** Entendi... Mas passado esse, esse...

**J:** Não, aí sim.

**K:** Foi normal?

**J:** Foi normal.

**K:** Foi mais no cruzamento?

**J:** Isso.

**K:** Eu percebi, na frente do hotel, quanto tinha algumas pessoas ocupando a calçada, e a gente teve que se esgueirar ali pelos ladinhos, isso te afeta?

**J:** Não, não, foi bem tranquilo.

**K:** E teve um também depois do Mangai, que tinha a calçada, mas tinha uma lapa de coisa assim, que tinha uma árvore no meio, aí ficava um palmo de calçada pra gente passar. Isso te incomoda ou não?

**J:** Eu num... Não... Foi aonde isso?

**K:** Foi antes da flor. Tinha um senhor.

**J:** Sim! Tinha dois homens conversando, nera? Com um carro eu acho.

**K:** Era.

**J:** Não, num me incomodou muito não.

**K:** Só foi.

**J:** É, eu desvio com muita naturalidade. Nem... eu procuro a via pra sair, o espaço que tem pra sair. Não me incomoda muito não.

**K:** Uhum. Certo. E quais ruas te repeliram? No sentido de tu não querer entrar, ou no sentido de tu ter entrado e querer sair logo. Teve alguma vez isso?

**J:** Não, teve aqui né, próximo ao Arts Gastrobar, que eu tava pensando em ir adiante, mas aí eu vi que tava difícil de atravessar a rua, certo? Que não tinha uma faixa de pedestre ali, né, tinha que seguir por outro lugar. Mas aí quando eu segui pela faixa de pedestre, eu acabei decidindo mudar o trajeto.

**K:** E que ruas te convidaram a entrar e o que é que elas fizeram pra que fosse considerado por tu como um convite?

**J:** Pronto, a primeira, pela tranquilidade, logo após a praça, me chamou a atenção. Meio que foi mais intuição mesmo, assim, eu decidi começar por lá. E, aparentemente, pelo menos o que eu tava vendo né, no início da rua, que era uma rua tranquila, nem sabia que ia dar no Flamboyant e tal. E aí até isso me causou uma surpresa, né, quando cheguei aqui no Flamboyant. E a rua do Flamboyant eu tive vontade de passar, do Namastê... É... Pra ver assim como é que tava atualmente, e tal, curiosidade mesmo, e aqui eu fiz uma opção por uma rua mais tranquila também.

**K:** Teve alguma coisa nessas ruas que tu viu e viu que não tinha em outras e falou “ah, essa me interessou, eu vou por aqui”?

**J:** É, as primeiras ruas foi mais a, é... assim, o fato de serem ruas que a meu ver eram tranquilas de caminhar, né, que tavam mais no silêncio assim, tinham árvores, essa aqui do restaurante foi por causa do restaurante mesmo. E aí depois, é, deixa eu ver...

**K:** Tu viu o restaurante então antes de chegar?

**J:** Não, eu vi quando eu tava chegando, porque ele não é de esquina? Aí quando eu cheguei nele aí deu vontade de dobrar pra ver o resto assim, porque tinha o Namastê também. Aí isso me atraiu um pouco.

**K:** Ah, entendi. Tá bom.

**J:** E na orla também, eu senti vontade de ir pra lá.

**K:** Então os lugares que mais te atraíram foi a primeira rua; a orla...

**J:** Isso, e a do Reserve Garden.

**K:** E o Garden. Tu se sentiria mais ou menos confortável de fazer essa caminhada sozinho? E porque?

**J:** Mais ou menos confortável do que tendo feito com você?

**K:** Aham. Ou acompanhado de uma maneira geral.

**J:** Ah tá, eu acho que acompanhado... \*pensando\*. Rapaz, é uma pergunta interessante, porque tem, eu acho que tem os benefícios das duas coisas, assim, caminhar sozinho é bom também, mas você ter outra pessoa pra compartilhar, né, pra conversar. Eu acho que quando você caminha sozinho você se concentra mais no caminhar, né, acaba que a conversa distrai um pouco, mas ao mesmo tempo é interessante porque você troca ideias com a pessoa que você tá caminhando, né, que foi o caso da gente hoje, e que eu acho que é igualmente prazeroso, não sei se eu tenho que optar por umas das duas opções.

**K:** Não, era só pra saber como poderia ser.

**J:** Mas eu acho que são prazeres diferentes, vamos dizer assim.

**K:** Eu esqueci de te perguntar uma coisa. É, a presença de pessoas te fez sentir de alguma maneira específica, tipo, se sentir bem ou se sentir mal?

**J:** Não, não interferiu muito não, o que interferiu mais foi os carros mesmo, assim, o agito do trânsito.

**K:** Certo, pronto.